

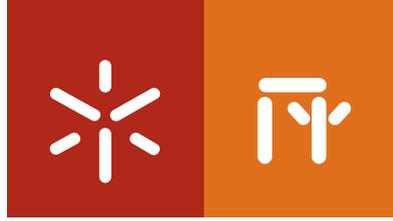


Universidade do Minho

Instituto de Educação e Psicologia

Carla Alexandra Castro Cunha

**Processos Dialógicos de
Auto-Organização e Mudança:
Um estudo microgenético**



Universidade do Minho

Instituto de Educação e Psicologia

Carla Alexandra Castro Cunha

**Processos Dialógicos de
Auto-Organização e Mudança:
Um estudo microgenético**

Tese de Mestrado em Psicologia
Área de Conhecimento em Psicologia Clínica

Trabalho efectuado sob a orientação do
Professor Doutor Miguel Gonçalves

Maio de 2007

DECLARAÇÃO

Nome: Carla Alexandra Castro Cunha

Endereço electrónico: ccunha@ismai.pt

Telefone: 22 986 60 00

Número do Bilhete de Identidade: 11690838

Título tese: Processos Dialógicos de Auto-Organização e Mudança: Um estudo microgenético

Orientador: Professor Doutor Miguel Gonçalves

Ano de conclusão: 2007

Designação do Mestrado: Psicologia, Área de conhecimento em Psicologia Clínica

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

O meu sincero agradecimento aos meus *Interlocutores* durante o este processo de desenvolvimento como aluna, investigadora e profissional, em especial:

Ao Prof. Doutor Miguel Gonçalves, meu orientador, por ser um modelo de questionamento das “verdades” adquiridas e pelo apoio e encorajamento demonstrados ao longo deste processo, lançando-me sempre para o próximo desafio no meu percurso;

Ao João Salgado, pelo impacto que teve na minha formação e no meu pensamento sobre a Psicologia, primeiro enquanto aluna e depois como colega no GEDI e no ISMAI, sendo o promotor constante de novas interrogações;

Ao Professor Jaan Valsiner, que me fascinou com a sua forma de olhar para a experiência humana e para a ciência psicológica e pela sua generosidade para com os investigadores principiantes;

Ao Grupo de Estudos da Dialógica e da Identidade (GEDI) no ISMAI, (Tiago Ferreira, Liliana Meira, Paulo Petracchi e, mais recentemente, Iva d’Alte), por todas as interrogações, discussões e diferentes perspectivas nos nossos diálogos – os ingredientes da inovação e da mudança;

Aos restantes investigadores (investigadoras!) do Grupo de Investigação coordenado pelo Prof. Miguel Gonçalves na Universidade do Minho, pela companhia, participação e intervenção neste percurso que termina e num percurso futuro que começa;

Aos meus Professores durante o Mestrado em Psicologia Clínica, por proporcionarem um belo percurso de aprendizagem;

À Catarina e à Ana, pela ajuda preciosa na recta final;

Aos participantes neste estudo, que me deram o privilégio e proporcionaram a ousadia de tentar o acesso à sua riqueza subjectiva.

Aos meus familiares e meus amigos, todos os que habitam a minha vida e o meu mundo interior, pelos infinitos momentos de ausência causados por este processo.

*Dedico este trabalho aos meus queridos Pais,
de quem herdei a vontade constante de me superar.*

PROCESSOS DIALÓGICOS DE AUTO-ORGANIZAÇÃO E MUDANÇA: UM ESTUDO MICROGENÉTICO

RESUMO

A preocupação de alguns autores com os diversos problemas conceptuais, epistemológicos e ontológicos colocados à Psicologia actual, conduziu à procura de novas soluções teóricas para os desafios da ciência psicológica. Neste âmbito encontramos o Dialogismo, um movimento de contornos irregulares e com ramificações nas mais diversas escolas de pensamento que tem vindo a ser recentemente utilizado para repensar a Psicologia e o Ser Humano. O dialogismo parte da metáfora do diálogo para conceber o ser humano (e os fenómenos humanos) como processos e produtos relacionais e comunicacionais, assumindo que a existência humana é sempre uma existência relacional. A subjectividade é instituída pela partilha e diferenciação com o Outro, que permite a emergência e a experiência de um Eu. Um dos melhores exemplos da aplicação do dialogismo à Psicologia encontra-se na Teoria do *Self* Dialógico, desenvolvida nas últimas décadas por Hermans e colaboradores (e.g. Hermans, Kempen & van Loon, 1992). Neste enquadramento, o *self* surge como processo e produto dialógico resultante de uma polifonia de Posições do Eu, cada uma expressando uma determinada narrativa identitária, a partir da sua perspectiva e de um posicionamento específico de existência. O indivíduo surge, assim, como um autor poliposicionado, constituído por múltiplas vozes em diálogo, apresentando e contrapondo diferentes versões da realidade. No entanto, segundo alguns autores (cf. Valsiner, 2004a), a questão crucial do *self* dialógico não será a reiteração da multiplicidade do *self*, mas sim a tentativa de descrever como a estabilidade identitária é atingida de uma forma dinâmica e relacional.

Este estudo procura atingir uma descrição desenvolvimental dos processos dialógicos de auto-organização e mudança, procurando contribuir para a resposta a velhos dilemas no questionamento filosófico e psicológico: Como mudamos? Como permanecemos os *mesmos*? Com este intuito, foi desenvolvida de raiz uma metodologia de *Análise Microgenética Dialógico-Discursiva* e foram realizados quatro estudos de casos. Os resultados obtidos permitiram discernir diferentes trajectórias desenvolvimentais e padrões de auto-organização específicos ao longo da *Entrevista Posições de Identidade*, concebida para facilitar a mudança pessoal e adaptada para este estudo.

DIALOGICAL PROCESSES OF SELF-ORGANIZATION AND CHANGE: A MICROGENETIC STUDY

ABSTRACT

Some concerns with several conceptual, epistemological and ontological problems that science faces at this time of historical development has lead to the search of new theoretical solutions for the specific challenges facing psychological enquiry. In this position we find Dialogism, a movement with ramifications in several schools of thought that has been recently used to rethink Psychology and the Human Being. Dialogism departs from dialogue as the metaphor to conceive human beings (and human phenomena) as relational and communicational processes and products, assuming that human existence is always a relational existence. Subjectivity is, then, constituted by *sharedness* and differentiation with an Other, that allows for the emergence and the experience of an I. One of the best examples of dialogism applied to the psychological field is the Dialogical Self Theory, developed in the last decades by Hermans and his collaborators (e.g. Hermans, Kempen & van Loon, 1992). In this framework, the self is conceived of as a dialogical process and product, resulting from a polyphony of I-positions, each expressing its own voice and self-narrative from a specific point of view and spatial positioning in the landscape of the mind. Hence, the individual appears as a *polipositioned* author, expressing several voices in dialogue, presenting and contrasting different versions of reality. Some authors (cf. Valsiner, 2004a), however, state that the crucial feature of the dialogical self is not the reiteration of the multiplicity of the self, but the attempt to describe how stability is attained and maintained through relational dynamics between voices.

This study tries to achieve a developmental description of change and organization processes of the dialogical self, attempting to contribute to solve the old dilemmas in psychological and philosophical questioning: How do we change? How do we remain the same? With this aim, a specific methodology was developed – *The Dialogic-Discursive Microgenetic Analysis* – and four case-studies have been investigated. The results show different developmental trajectories and specific self-organization patterns along the *Identity Positions Interview*, conceived to facilitate personal change and adapted to this study.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1: ARGUMENTOS DIALÓGICOS PARA UMA PSICOLOGIA	
RELACIONAL	5
1. As origens históricas do movimento dialógico	7
2. Dialogando sobre Dialogismo	14
2.1. O primado da relação.....	15
2.2. O princípio da alteridade (ou outridade)	16
2.3. O princípio da dialogicalidade.....	19
2.4. O princípio do contextualismo.....	21
2.5. O princípio dinâmico.....	22
3. Implicações do dialogismo para a ciência psicológica: O contraste com outros movimentos	23
4. Identidade e <i>Self</i> Dialógico	28
5. Repensando o <i>Self</i> Dialógico.....	37
CAPÍTULO 2: O <i>SELF</i> EM MOVIMENTO	
1. Desenvolvimento e <i>Self</i>	43
1.1. Nível da microgênese desenvolvimental e método microgenético.....	49
1.2. Um olhar mais de perto sobre a noção de Posição do Eu.....	52
2. Auto-organização e mudança no <i>Self</i> Dialógico	57
2.1. Estabilidade, variabilidade e dinamismo entre vozes.....	61
2.2. Diferença, imaginação e mudança	68
CAPÍTULO 3: ESTUDO EMPÍRICO	
1. METODOLOGIA	73
1.1. Objectivos e questões de partida	73
1.2. Participantes.....	74
1.3. Procedimentos de recolha de dados – A Entrevista Posições de Identidade	75
1.4. Procedimentos de análise – A metodologia de Análise Microgenética Dialogico- Discursiva.....	81
1.4.1. Primeira fase – A elocução como unidade de análise	82
1.4.2. Segunda fase – Análise microgenética das alocações	84
1.4.3. Terceira fase – Identificação de estados do self e dos padrões de auto- organização.....	86

1.4.4. <i>Quarta fase – Foco na emergência de diferença, novidade e mudança</i>	87
2. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	89
2.1. <i>Análise idiográfica da trajectória do participante A (Estudo de caso 1)</i>	90
2.1.1. <i>Fase do Posicionamento Social no participante A.</i>	91
2.1.2. <i>Projeções no futuro durante a entrevista ao participante A.</i>	92
2.1.3. <i>Um olhar microgenético sobre alguns momentos-chave da entrevista 1</i>	94
2.2. <i>Análise idiográfica da trajectória da participante B (Estudo de caso 2)</i>	101
2.2.1. <i>Fase do Posicionamento Social na participante B.</i>	101
2.2.2. <i>Projeções no futuro durante a entrevista à participante B.</i>	104
2.2.3. <i>Um olhar microgenético sobre alguns momentos-chave da entrevista 2</i>	106
2.3. <i>Análise idiográfica da trajectória da participante C (Estudo de caso 3)</i>	111
2.3.1. <i>Fase do Posicionamento Social na participante C.</i>	112
2.3.2. <i>Projeções no futuro durante a entrevista à participante C.</i>	115
2.3.3. <i>Um olhar microgenético sobre alguns momentos-chave da entrevista 3</i>	117
2.4. <i>Análise idiográfica da trajectória do participante D (Estudo de caso 4)</i>	123
2.4.1. <i>Fase do Posicionamento Social no participante D.</i>	123
2.4.2. <i>Projeções no futuro durante a entrevista ao participante D.</i>	125
2.4.3. <i>Um olhar microgenético sobre alguns momentos-chave da entrevista 4</i>	127
2.5. <i>Discussão e síntese comparativa dos estudos de caso</i>	132
CONCLUSÃO	137
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	141
Citações originais	153
ANEXOS.....	155
ANEXO 1: Declaração de consentimento informado	157
ANEXO 2: Guião da <i>Entrevista Posições de Identidade</i>	161
ANEXO 3: Transcrições das entrevistas (e divisão em elocuições seleccionadas e numeradas para análise)	167
ANEXO 4: Análise microgenética das elocuições (e correspondentes posicionamentos do <i>self</i>)	227

ÍNDICE DE FIGURAS, TABELAS E QUADROS

Figura 1: Um exemplo da localização de Posições do Eu no <i>Self</i> Dialógico	35
Figura 2: O ciclo epistémico ou metodológico	46
Figura 3: Relações entre ontogénese, mesogénese e microgénese.....	50
Figura 4: Tipos de relações implicadas na estabilidade dialógica.....	66
Figura 5: Tipo de relações implicadas na instabilidade dialógica.....	67
Quadro 1: Uma apresentação genérica da <i>Entrevista Posições de Identidade</i>	76
Quadro 2: Critérios considerados para a selecção ou exclusão de elocuções	84
Quadro 3: Categorias analíticas desenvolvidas para os cinco parâmetros dialógicos.....	86
Figura 6: Ilustração da trajectória de diferentes vozes ao longo da entrevista do participante A.....	99
Figura 7: Ilustração da trajectória de diferentes vozes ao longo da entrevista da participante B.....	109
Figura 8: Ilustração da trajectória de diferentes vozes ao longo da entrevista da participante C.....	122
Figura 9: Ilustração da trajectória de diferentes vozes ao longo da entrevista do participante D.....	131
Quadro 4: Semelhanças e diferenças nos quatro estudos de caso	132
Figura 10: Tipos de auto-organização no <i>self</i> dialógico.....	133

INTRODUÇÃO

Um dos fascínios que a psicologia exerce sobre as pessoas prende-se com a promessa de nos conduzir a uma compreensão mais profunda e global dos outros e de nós próprios. Não raras vezes aqueles que se iniciam no estudo da psicologia dita científica – a Psicologia, de P maiúsculo – acabam por se sentir frustrados, ao verificarem que tantas das respostas desejadas, afinal não têm resposta. Parte deste problema prende-se com características que eticamente são geralmente consideradas, afinal, positivas: a imprevisibilidade está, por exemplo, muitas vezes associada àquilo que acreditamos ser o livre-arbítrio do ser humano. No entanto, outras vezes esta frustração acaba por ter origem não apenas na dificuldade de descrever de acordo com parâmetros científicos o ser humano, mas também com a forma específica como a psicologia tem tratado este campo. De facto, os nossos manuais estão repletos de dados e números que se aplicam a toda a gente e a ninguém em particular; as investigações acabam muitas vezes por se afastar das pessoas – no sentido de as tratarem como objectos, tomados parcelarmente e de uma forma estática. No entanto, a vida humana é (inter)subjectiva, vivida momento a momento como um todo organizado e tremendamente dinâmica.

Recentemente, têm sido vários os contributos dentro da psicologia que apontam numa outra direcção. Vários esforços são visíveis, que insistem na possibilidade de se perspectivar a psicologia humana de uma outra forma, ou seja, de um modo que, sem querer anular as formas mais habituais de se fazer ciência, crie espaço para uma leitura mais próxima do sentir das pessoas. Uma dessas vozes tem sido o movimento organizado em torno da ideia bakhtiniana (mas não só bakhtiniana) de dialogismo. Este trabalho encontra no dialogismo a sua fonte básica de inspiração. Tal opção prende-se com a procura de contribuir para o desenvolvimento de diferentes formas de estar na psicologia. Note-se: mais uma vez, não no sentido de calar as restantes vozes, mas no de criar espaço para tentar algo de diferente. Projecto talvez demasiado ambicioso ou talvez um pouco ingénuo, mas movido pela curiosidade e vontade de mudança.

Curiosamente, a escolha do tema acabou por recair na mudança. Permitam um pouco de narrativa autobiográfica: ainda decorria o período lectivo do Mestrado, quando o orientador desta dissertação surgiu nas aulas com um exercício escrito onde as pessoas eram convidadas a ocupar diferentes perspectivas sobre um problema pessoal. Primeiro,

definiam o problema, para depois serem interpeladas com a possibilidade de imaginarem como decorreria um diálogo com outras figuras significativas ou com uma projecção de si próprio no futuro. A minha experiência deste pequeno exercício introduziu alguma novidade, e isto levantou a questão sobre o que se passa nos diálogos, reais ou imaginados, e sobre o seu papel na mudança psicológica. Daí a decidir estudar processos de inovação e mudança numa base dialógica foi um passo curto e pouco tempo depois tínhamos já adaptado o questionário a uma entrevista, que parecia poder potenciar ainda mais os efeitos do exercício na sua forma escrita. Rapidamente, porém, isto deu origem a um impasse. Se esta entrevista poderia criar alguma instabilidade e alguns momentos de quase inovação, o problema consistia em encontrar uma forma de estudar o que as entrevistas pareciam proporcionar. Daí que grande parte deste trabalho consista também num empreendimento de carácter metodológico, que procura encontrar formas específicas de estudo dos aspectos dinâmicos do *self*.

Deste modo, existe aqui um duplo objectivo: por um lado, contribuir para a compreensão dos processos de diálogo, reais e imaginados, na mudança (e estabilidade) psicológica; por outro lado, perceber como se pode estudar os processos de emergência de novidade e de organização que ocorrem momento a momento, ou seja, criar um método de análise adequado ao fenómeno em estudo e ao respectivo enquadramento teórico e epistémico. Este trabalho organiza-se, assim, em torno da procura de resposta a estes dois propósitos.

Numa primeira fase estabelecem-se as bases epistemológicas e téóricas deste trabalho (Capítulo 1), onde se começa por esclarecer aquilo que consideramos ser o movimento dialógico, que acaba por funcionar como pano de fundo para todo este projecto. Enquanto epistemologia e mesmo ontologia, trata-se de um movimento de contornos irregulares e com ramificações nas mais diversas escolas de pensamento. Até por isso, optou-se por tentar recuperar algumas das raízes históricas deste movimento (ponto 1 do Capítulo 1), para depois apontar algumas das características que os investigadores deste sector têm sublinhado como cruciais para aquilo que se pode designar “dialogismo” (ponto 2 do Capítulo 2). Trata-se de procurar superar alguns dos velhos problemas filosóficos através da criação de um entendimento relacional do ser humano, nos seus processos psicológicos e dinâmicos.

Porém, a tarefa dialógica não se esgota nos seus propósitos epistémicos, há que se concretizar em diferenças na perspectiva psicológica assumida. Provavelmente, o

melhor exemplo de aplicação dos princípios bakhtinianos à psicologia tem sido a Teoria do *Self* Dialógico (ponto 3 a 5 do Capítulo 1), da autoria de Hubert Hermans (e.g. 2001b). Neste quadro teórico, *self* surge como um processo constante de posicionamento e reposicionamento, no qual múltiplos *Eu* se cruzam e dialogam. Trata-se de recuperar a ideia de que somos constituídos por múltiplas partes ou facetas – mas agora já não para clamar que essa divisão interna representa um estado indesejado ou conflituoso, mas antes para defender que essa condição é base para a nossa própria identidade. Assim, como somos povoados por múltiplos autores ou narradores (múltiplas posições do *Eu*, na terminologia de Hermans), cada um dotado de uma *voz* específica, a unidade é conquistada pelo diálogo (e respectiva tensão). Neste sentido, tensão e unidade são dois pólos da mesma moeda, surgindo o sujeito psicológico como um autor polifónico – ou seja, dotado de múltiplas formas de perspectivar o mundo. Um dos aspectos mais interessantes desta teoria prende-se com a imagem extremamente dinâmica criada: é no processo de constante diálogo com os outros e entre as diferentes posições pessoais que a unidade se conquista. Desse modo, os aspectos processuais são trazidos para a ribalta.

Daqui surge a possibilidade de estudar os processos subjectivos de mudança/ inovação a partir da união entre a perspectiva dialógica em conjunção com o que alguns designam como “ciência desenvolvimental” (ou seja, o estudo das dinâmicas instituidoras dos sistemas auto-organizados). É esse o propósito do segundo capítulo da primeira parte deste trabalho. Começando-se por definir o que se entende por ciência desenvolvimental, rapidamente nos deparamos com múltiplos níveis de análise genética/desenvolvimental. Especialmente apelativo para este estudo é o nível de análise microgenético, que nos permitirá estudar os fenómenos momento a momento. Além do mais, a exploração desta alternativa justifica, a nosso ver, a opção por estudos de casos singulares. Obviamente que sempre que se opta por efectuar estudos de caso estaremos com dificuldades em obter generalizações fáceis – mas, de acordo com os princípios enunciados, todo e qualquer processo de transformação terá que ser sempre baseado microgeneticamente. Além do mais, este tipo de enfoque permite ainda prosseguir com a aproximação entre os dinamismos assistidos no *self* dialógico e as metodologias desenvolvimentais em análise. Outro aspecto coberto nesta parte do trabalho consiste na procura de conjugar as teorias de auto-organização de cariz desenvolvimental/dinâmico com a própria Teoria do *Self* Dialógico (ponto 2 do Capítulo 2).

Este é o pano de fundo para a exploração do problema da mudança e auto-organização, tarefa a que nos dedicamos no terceiro capítulo deste trabalho. Neste momento, apresentamos um estudo empírico baseado na *Entrevista de Posições de Identidade*, já anteriormente referida. O estudo empírico centra-se em quatro estudos de casos, cada um reportando uma reflexão conjunta em torno de uma problemática pessoal relevante para o participante. A metodologia de análise de dados, desenvolvida especificamente para este estudo, e que denominámos de *Análise Microgenética Dialógico Discursiva*, permitiu-nos observar e modelar as trajectórias específicas de cada participante e aceder às dinâmicas de posicionamento e reposicionamento do *self*, envolvidas na sua auto-organização e auto-inovação.

Três padrões de auto-organização distintos foram encontrados. Um deles refere-se ao poder de uma voz que domina e regula a expressão de vozes divergentes no *self* dialógico; o segundo demonstra os efeitos de uma coligação de vozes dominante; e, o terceiro ilustra as dinâmicas de uma dialogicalidade ou multivocalidade aumentada que se perpetua ao longo do tempo, até surgir a oportunidade de uma integração.

Finalmente, as conclusões finais abordam as contribuições específicas que este estudo pode apresentar no desenvolvimento teórico e empírico das abordagens dialógicas.

CAPÍTULO 1

ARGUMENTOS DIALÓGICOS PARA UMA PSICOLOGIA RELACIONAL

“To be is to communicate.”

(Bakhtin, 1984, p. 187)

A preocupação de alguns autores com os diversos problemas conceptuais, epistemológicos e ontológicos colocados a diferentes movimentos de referência na psicologia actual, bem como uma crescente insatisfação perante a (falta de) resposta destes, conduziu a uma interdisciplinaridade e convergência com outras ciências sociais e humanas na procura de novas soluções teóricas e conceptuais para os desafios da ciência psicológica (e.g. Marková, 2003b; Valsiner, 2006a). Neste âmbito encontramos o Dialogismo, um movimento com alguma história na filosofia, ciências da comunicação e linguística, que recentemente começa a ser utilizado para repensar a Psicologia e o Ser Humano.

Assumindo o dialogismo como o movimento teórico em que assenta este trabalho, tanto em termos epistemológicos como em termos conceptuais, será pertinente traçar as suas origens históricas e proceder a uma caracterização, problematizando em seguida o seu contraste instituidor com outros movimentos de referência e as suas implicações para a psicologia.

1. As origens históricas do movimento dialógico

Pretende-se nesta breve análise salientar não só o contributo individual de pensadores cuja criatividade e originalidade de pensamento influenciaram e possibilitaram a emergência deste movimento conceptual original e independente, mas também traçar a história de um conjunto de ideias ou teses centrais que possibilitaram a sua aplicação às ciências sociais e, em particular, à psicologia. As referências que vamos incluir aqui não são, sem dúvida, exclusivas do dialogismo. De facto, este movimento partilha influências com vários outros; no entanto, o que faz do dialogismo uma abordagem particular é, precisamente, a integração específica e simultânea de algumas ideias em torno da centralidade da metáfora do diálogo (Salgado & M. Gonçalves, no prelo).

Segundo a nossa reflexão pessoal, este movimento resulta da convergência de concepções particulares – muitas vezes contrastantes com as ideias socialmente e cientificamente dominantes da época em que surgiram – relativamente aos seguintes quatro aspectos:

(1) Valorização da mudança e dinamismo dos fenómenos (nomeadamente humanos);

(2) reconhecimento do carácter histórico, cultural, situacional e mesmo pessoal do conhecimento (por oposição às perspectivas a-históricas e absolutistas sobre o mesmo);

(3) atribuição de um papel de base à alteridade, tensão e dialéctica na definição e fundação ontológica da existência humana; e,

(4) tratamento da antinomia individual/social como pólos interdependentes, separados mas coexistentes, com a conseqüente valorização do papel da intersubjectividade.

Recorrendo, então, a alguns trabalhos de referência neste domínio (cf. Linell, 1998; Marková, 2003a, 2003b), passaremos a rever sucintamente o percurso deste conjunto de concepções particulares no decurso da sua evolução histórica e filosófica ao longo do tempo.

De acordo com Marková (2003b), poderemos traçar dois grandes eixos filosóficos de pensamento sobre o conhecimento e sobre o ser humano que serão úteis na análise que apresentamos aqui: o eixo Platão–Descartes e o eixo Heraclito–Hegel.

Na revisão do primeiro destes dois eixos, esta autoria propõe-nos o pensamento de Aristóteles como fonte de uma antinomia central em grande parte do pensamento ocidental. Referimo-nos, mais concretamente, às concepções de *mudança* e de *estabilidade* como estados independentes e mutuamente exclusivos dos fenómenos. Perante esta antinomia, Aristóteles enfatiza sobretudo o estudo da estabilidade, ou seja, o estudo da *forma*, que corresponderia à descrição do estado actual das *entidades* e serviria como ponto de partida para o estudo do seu oposto, *matéria*, referente ao estado potencial ou dinâmico dos fenómenos.

Também Platão é considerado por Marková (2003b) como fundamental para o instaurar do estudo da forma (entidades e ideias imutáveis) como base para a filosofia, acabando por desvalorizar o outro lado da antinomia criada, ou seja, menosprezando o estudo do dinamismo processual. Segundo Platão, apenas o estudo de entidades universais contaria como conhecimento verdadeiro, que deveria ser atingido através de

um pensamento axiomático, dedutivo, exacto e definidor, recomendável tanto para a lógica como para a ciência.

O tratamento platónico diferencial dos opostos é mais tarde actualizado por Santo Agostinho, que se concentra nas antinomias dentro/fora, espiritual/corporal, consciência/corpo, valorizando o primeiro pólo em cada antinomia (Marková, 2003b). Santo Agostinho vai mesmo mais longe e estabelece o autoconhecimento e a auto-reflexão como fonte, referência e fundamento do conhecimento e da verdade.

O ciclo destas ideias fica concluído com o pensamento de Descartes que, ao defender uma atitude de dúvida perante o exterior (*res extensa*), também legitima uma fundamentação do conhecimento verdadeiro no indivíduo, mais concretamente na sua racionalidade (*res cogitans*). Para Descartes, somente a capacidade analítica dedutiva e racional (para excluir a dúvida e o erro), aliada a uma atitude imparcial do cientista, poderia ser capaz de atingir conhecimento universal acerca dos fenómenos. Defendendo uma epistemologia positivista para a ciência e partindo de uma ontologia realista acerca da natureza dos fenómenos (pelo estudo destes na suas entidades essenciais), a filosofia cartesiana poderá ser caracterizada principalmente pela oposição mutuamente exclusiva entre mente/corpo e entre *self*/outro, e pela recomendação de uma missão científica orientada para a tentativa de atingir um conhecimento objectivo e universal dos fenómenos (Hermans & Kempen, 1993) – i.e. alcançar *a visão de Deus sobre o mundo* (Putnam, 1992).

Já no segundo eixo (Heraclito–Hegel) apontado por Marková (2003b) poderemos encontrar um tratamento e uma compreensão diferente dos conceitos de *mudança* e *dinamismo* dos fenómenos, bem como uma concepção alternativa acerca do papel da dialética e da alteridade, o que vai acarretar uma inerente valorização da diferença enquanto tensão promotora do dinamismo.

Marková (2003b) refere-se a Heraclito, um filósofo grego pré-aristotélico como “o filósofo da mudança” (p. 36). Com a sua teoria do fluxo, Heraclito enfatiza a continuidade e a mudança, argumentando que tudo no mundo se mantém em mutação (mesmo imperceptível). Conceptualizando que a unidade emerge da diversidade e atribuindo um papel fundamental à tensão e conflito, Heraclito toma por base a noção de mudança como referência para a noção de estabilidade e defende a interdependência de polaridades/dualidades opostas, num tratamento das antinomias claramente contrário às teses posteriores de Aristóteles e Platão. No entanto, a ênfase na interdependência dos opostos e no papel da alteridade na constituição ontológica da existência, não é uma

ideia exclusiva deste filósofo mas, segundo esta autora (Marková, 2003b), claramente enraizada no pensamento oriental. Assim, o tratamento da antinomia particular estabilidade/mudança (tal como, segundo esta concepção, todas as antinomias) é vista como um fenómeno de coexistência e simultaneidade inevitável. Nenhum dos opostos existe de uma forma independente do outro, sendo a estabilidade apenas um momento (mais abstracto do que efectivo) num processo contínuo e cíclico.

De acordo com Marková (2003b), a filosofia kantiana faz uma tentativa de abordar estes dois tipos de tratamentos de antinomias, naquilo que Kant designa de antinomias lógicas (de polaridades mutuamente exclusivas, recuperando o pensamento de Aristóteles) e antinomias reais (de polaridades constituídas por forças mutuamente interdependentes). No entanto, Kant não quebra explicitamente com o pensamento filosófico cartesiano, na medida em que na sua *Crítica da Razão Pura*, apesar de reconhecer as suas dificuldades com as antinomias cartesianas, não se atreve a ir além de uma filosofia estática.

Marková (2003b) afirma que é Hegel quem quebra com a filosofia cartesiana no seu avanço para a dialéctica¹. Este filósofo retoma algumas das ideias já referidas de Heraclito e Aristóteles, concentrando-se na tentativa de fundar uma epistemologia dialéctica da mudança em que as noções aristotélicas de potencialidade e de existência (*actuality*), em vez de serem tratadas como independentes, são concebidas como simultâneas, coexistentes e interdependentes. Assim, nada poderá estar estagnado *ou* em movimento. A noção de estabilidade só adquire sentido perante a possibilidade do seu oposto – movimento – como num contraste figura-fundo, uma vez que os fenómenos vivem de forças contraditórias (asserção recuperada de Heraclito). Deste modo, relativamente à ciência, a rejeição cartesiana da dúvida é refutada por Hegel, na medida em que é assumida, no *Princípio Lógico Geral da Dialéctica*, como um constituinte fundamental do processo de conhecimento – verdadeiro/falso são duas polaridades integradas uma na outra e é dessa interdependência que surge o seu sentido individual. Ao conceber a dialéctica como a unidade dos fenómenos e como princípio dinâmico da realidade e do pensamento, Hegel evoca-a também para o desenvolvimento da racionalidade, da história e dos processos humanos (Marková, 2003b).

Deste modo, quando a ideia de dialéctica (ou de oposição) aparece na psicologia ocidental, os teóricos poderão situar-se numa linhagem hegeliana ou, quando essa

¹ Marková (2003b) assume alguma reserva na sua análise de Hegel, centrando-se nos seus aspectos gerais, uma vez que se trata de um filósofo bastante controverso.

influência é rejeitada (como no caso de Jung) não é raro percebermos, em alternativa, a influência do pensamento oriental nestes autores (por exemplo, no seu tratamento da antinomia individual/colectivo).

Uma outra concepção particularmente central, na nossa opinião, para a perspectiva dialógica, é a assumpção de que o significado é sempre histórico e situacional, numa (re)actualização “aqui e agora” daquilo que é o significado mais abstracto, supra-situacional e supra-individual. Neste ponto, é nítida a convergência do dialogismo com outros movimentos epistemológicos, como o construcionismo social (cf. Gergen, 1985, 1994, 1997), que defendem o carácter histórico do conhecimento, negociado nos “jogos de linguagem” do presente (na terminologia de Wittgenstein). Nesta linha, poderemos mencionar a importante contribuição de Giambattista Vico, que alguns autores retrospectivamente denominam de pai do construtivismo (Mahoney, 1991), enquanto outros o consideram um importante dialógico (Shotter, 1993). Independentemente da sua categorização (que será provavelmente revista e renegociada ao longo do tempo), importa aqui mencionar que foi o primeiro filósofo, já no século XVIII, a realçar o carácter histórico, situacional, social e cultural da linguagem, salientando-a enquanto *praxis* em detrimento da sua estrutura (ao contrário da visão monológica de Saussure sobre a linguagem, coerente com uma abordagem cartesiana e positivista) (Linell, 1998; Marková, 2003b). Ainda no século XVIII, a perspectiva de Humboldt reforça a visão situacional da linguagem e da comunicação como inseparável do seu contexto e da sua *praxis* ao concebê-las como processos vivos, criativos, dinâmicos e permanentemente mutáveis, enfatizando o seu carácter genético (enquanto processo por oposição a produto).

Desta forma, a comunicação e o conhecimento são processos tanto individuais como sociais (Marková, 2003b). Tal como salienta G. H. Mead (1934/1992), qualquer acto ou *projecto* comunicativo não é apenas individual pois depende de um outro que o complete e o valide: “A conversação de gestos é o princípio da comunicação.” (p. 141). É necessário um reconhecimento mútuo e constantemente reactualizado de cada um dos interlocutores para se poder atingir uma inteligibilidade partilhada (Linell, 1998). Assim, este contextualismo salienta a necessidade e a *praxis* da co-construção inerentes ao acto comunicacional (algo que o dialogismo partilha com os movimentos teóricos situados dentro da “viragem discursiva” na psicologia e ciências sociais – Cromby & Nightingale, 1999).

Outro movimento que salienta o “aqui e agora” do acto de conhecimento e do acto comunicacional é a fenomenologia, com os importantes desenvolvimentos de Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty, entre outros (Linell, 1998). Segundo estes autores, o mundo aparece, é experienciado e é apreendido segundo uma determinada perspectiva. Esta perspectiva é, por isso, indissociável do sujeito que a experiencia e dos aspectos que este percebe e nota, seleccionados de um horizonte de outras possibilidades que não chegam a ser desenvolvidas ou notadas. Assim, surge a ideia de que algo, um centro, surge sempre em contraste com um horizonte, uma periferia, constituída por possibilidades igualmente plausíveis e passíveis de serem contempladas e elaboradas (mas que não o são enquanto não forem relevantes para o sujeito de conhecimento naquele momento específico) (Linell, 1998). Esta defesa da existência de inúmeros pontos de vista consoante a posição existencial do sujeito, leva-nos a aceitar a possibilidade de diferentes visões ou versões da realidade (argumento que foi, mais tarde, desenvolvido por autores como Berger e Luckman, 1966/1999; pelo construtivismo e construcionismo social, e.g. Mahoney, 1991; e que também é central no dialogismo, cf. Hermans & Kempen, 1993). Se o experienciar o mundo é feito sempre de uma determinada perspectiva ou posição espaciotemporal, então o acto comunicacional expressa sempre algum tipo de compreensão situada e enraizada na perspectiva e no ponto de vista do respectivo interlocutor.

Poderemos, assim, argumentar que existem vários pontos de contacto entre as perspectivas fenomenológicas e as perspectivas dialógicas que aqui se defendem. No entanto, existem elementos epistemicamente problemáticos na abordagem fenomenológica mais tradicional, dadas as suas raízes idealistas. A este propósito, parece-nos útil lembrar a crítica efectuada por Marková (2003a) à fenomenologia clássica, já que a considera refém de uma ontologia assente no sujeito experienciador, que permanece solitário na sua contemplação do mundo que se desdobra perante os seus olhos. Ora, sem negar tal experiência pessoal, levanta-se o problema de como esta perspectiva subjectiva pode deixar de ficar solipsisticamente fechada sobre si própria e como é possível estabelecer algum tipo de contacto intersubjectivo com o outro.

Para solucionar este problema, poderemos seguir Rommetveit (1992), autor que argumenta que para ser possível criar alguma intersubjectividade é necessário que cada um dos intervenientes ilusoriamente acredite previamente que é possível compreender o outro – aliás, que se está a experienciar a perspectiva do outro (algo que se fundará numa dialogicalidade comunicativa de base, mesmo num período pré-verbal). Existirá,

assim, uma intersubjectividade que, inicialmente é ilusória, mas ilusão essa que depois acaba por criar o espaço de desenvolvimento necessário para que as duas subjectividades isoladas se encontrem. Porém, se seguirmos estas teses, estamos mais próximos de uma ontologia que Marková denominaria de dialógica (Marková, 2003a), ou seja, em que Eu e Outro são elementos coexistentes, unidos numa relação de simultaneidade e de diferença. Conforme argumenta Jacques (1991), a relação com o outro, apesar de fundadora do ser humano, não deixa de albergar uma diferença radical entre o Eu e o Outro.

A discussão do papel da alteridade e da tensão, não é, porém, um assunto novo: já sendo abordado na dialéctica hegeliana, foi retomado no século XX pelo movimento neokantiano que influenciou significativamente o pensamento dialógico sobre a comunicação entre Eu e Outro (Marková, 2003b). O movimento neokantiano alemão, associado à cidade de Marburg, focou-se essencialmente na interdependência entre Eu e Outro (“*I*” vs. “*Thou*”) e na reflexão em torno da intersubjectividade, fundando o princípio dialógico da comunicação e do discurso (Marková, 2003a). Deste movimento, optámos por salientar o pensamento de Rosenzweig (por ser mais coerente com as teorias dialógicas bakhtinianas em que se baseia este trabalho). Este filósofo faz um tratamento mais lato do diálogo, assumindo que a intersubjectividade (na relação Eu-Outro) constitui-se não só na mutualidade e reciprocidade (pela necessidade de algo em comum), mas também na assimetria e tensão dialógica. Rosenzweig admite mesmo que é, de facto, pela constante tensão e disputa entre ideias e antinomias por parte dos interlocutores que o diálogo se constrói: este é animado pela impossibilidade de se chegar a um consenso absoluto² (Marková, 2003a, 2003b). Estes argumentos foram retomados mais tarde por Mikhael Bakhtin e vários autores seus contemporâneos como Voloshinov (e.g. Linell, 1998; Holquist, 1990; Marková, 2003b). Assim, para os dialógicos bakhtinianos, na antinomia Eu/Outro, a alteridade adquire um papel fundamental para a constituição da própria subjectividade. O Outro instala uma tensão instituidora do Eu. No entanto, nenhum dos elementos desta dualidade adquire precedência sobre o outro, assumindo-se a sua simultaneidade³. Desta forma, a visão

² Note-se que é neste aspecto que se renega claramente a ideia hegeliana de resolução absoluta da dualidade entre tese/antítese através da síntese. Para Rosenzweig e, mais tarde, para Bakhtin, as diferenças entre dualidades nunca podem ser resolvidas ou superadas em absoluto e, por isso, o diálogo caracteriza-se pelo seu movimento constante.

³ Este é um aspecto distintivo relativamente a outros autores dialógicos quanto ao tratamento da intersubjectividade, nomeadamente, para Levinas (1969), o Outro toma precedência sobre o Eu – com implicações marcadamente éticas.

dialógica bakhtiniana acerca da subjectividade está marcada por esta simultaneidade entre a simetria e a alteridade, constituintes da intersubjectividade, da comunicação entre Eu e Outro.

As diferentes concepções de intersubjectividade, fruto do pensamento de diferentes neokantianos e respectivos desenvolvimentos posteriores caracterizam o dialogismo, nos dias de hoje, como um movimento polissémico e multivocal em termos teóricos e referenciais. De facto, encontra-se alguma diversidade dentro das perspectivas dialógicas, consoante a sua adesão e fidelidade ao pensamento de determinados autores considerados “dialógicos”, como M. Bakhtin, M. Buber ou E. Levinas, sendo que cada um deles vai privilegiar e iluminar alguns aspectos enquanto necessariamente desvaloriza ou obscurece outros. A aplicação da abordagem dialógica ao campo da psicologia que será apresentada seguidamente assume-se de herança claramente bakhtiniana, podendo não ser consensual para todos os autores, investigadores e teóricos deste domínio.

2. Dialogando sobre Dialogismo

Dada a polissemia deste movimento teórico e o cruzamento de ideias que, como já vimos, são partilhadas por outras perspectivas teóricas, para organizar o território convém começar por reflectir em torno da metáfora de base deste movimento. O dialogismo, enquanto movimento teórico transversal a várias disciplinas de conhecimento, parte da metáfora do diálogo para a caracterização do ser humano e dos fenómenos humanos (como o conhecimento, o discurso, a subjectividade).

Segundo Linell (1998), esta metáfora remete-nos para uma interacção entre indivíduos co-presentes e coordenados através de meios semióticos. Mais especificamente, para a comunicação e o diálogo entre os intervenientes poder ocorrer, tem de existir não só (algum grau de) coordenação, reciprocidade e mutualidade entre eles, mas também alguma complementaridade, inerente às assimetrias entre participantes (na medida em que os aspectos de coordenação e comunhão dialógica nunca serão completos). Porém, estando a troca dialógica a ser mediada por algum meio ou código semiótico (por exemplo, a linguagem verbal), o que se passa no diálogo não se esgota no que se troca. Desta forma, numa “conversação de gestos” (Mead,

1934/1992), um determinado gesto só adquire o seu significado simbólico na sua co-construção entre os intervenientes – assim, é a relação que permite a troca e o significado simbólico.

Dada a importância da relação enquanto enquadramento fundador de tudo o resto, não é de surpreender que Salgado e M. Gonçalves (no prelo), num esforço de apresentação de alguns princípios axiomáticos que orientam e caracterizam o dialogismo bakhtiniano, assumam a relação como primado teórico. Seguindo o trabalho destes autores, caracterizaremos de seguida este movimento salientando: (1) o primado da relação; (2) o princípio da alteridade; (3) o princípio da dialogicalidade; e, (4) o princípio do contextualismo. Acrescentamos também o princípio dinâmico a esta discussão (Salgado, 2006). Depois da elaboração em torno destes pressupostos, iremos reflectir nas implicações do dialogismo para a ciência psicológica.

2.1. O primado da relação

A importância atribuída pelo dialogismo à relação no seu poder constitutivo da comunicação e do indivíduo faz com que este axioma seja não só um princípio (origem), mas também um primado teórico do qual se parte para a leitura dos fenómenos.

O primado da relação – *primum relationis* na terminologia do filósofo francês Francis Jacques (1991) – concebe a vida humana como assente na relação com o Outro e, por isso, pode ser aplicado numa referência à interacção entre diferentes indivíduos, mentes, organismos ou sistemas, incluindo subsistemas da mente individual (Linell, 1998; Salgado & M. Gonçalves, no prelo). Deste modo, o Outro pode concretizar-se especificamente num plano interpessoal (referindo-se a um outro indivíduo ou à relação entre o indivíduo e o social) ou num plano intrapessoal (referente a uma outridade interna, como a relação entre diferentes partes de si).

Ontologicamente, esta antinomia (Eu-Outro ou *Ego-Alter*, segundo Marková, 2003b) é tida como uma simultaneidade necessária para a definição de cada um dos pólos, na medida em que um serve de contraste instituidor ao outro – o Eu não pode surgir sem ser da sua ligação com um Outro (numa relação de figura-fundo). De acordo com Marková (2003a), a concepção desta antinomia como uma díade irreduzível, de elementos interdependentes, caracteriza uma matriz ontológica da intersubjectividade que Bakhtin partilha com outros teóricos (como Baldwin, Mead e Vygotsky, cada um

deles, nos seus próprios termos, referindo-se à interdependência entre o plano interpessoal e intrapessoal).

Assumindo-se esta posição relacional na psicologia, não faz sentido estudar os indivíduos como entidades isoladas (rejeitando-se os dualismos cartesianos), mas antes atender ao seu carácter relacional e dinâmico (Salgado & M. Gonçalves, no prelo). Desta forma, para o dialogismo, tanto a mente humana como o sentido de *self* são compreendidos como processos e produtos da relação com outros indivíduos, pois a existência é sempre coexistência (Holquist, 1990). Assim, “Ninguém existe só – de facto, qualquer ser humano é/está, desde o início, envolvido num processo relacional e comunicacional” (Salgado & Hermans, 2005, p. 8).

No dialogismo bakhtiniano, a existência humana surge como diálogo porque é sempre partilhada e sempre endereçada a um Outro – num plano interpessoal ou intrapessoal. Segundo Bakhtin, o pronome Eu distingue um ponto no espaço “aqui” e no tempo “agora” distinto e diferente de um “outro” (ali e antes/depois) que é evocado nessa distinção, e que surge por contraste, simultaneamente, compelindo-nos ao diálogo (Holquist, 1990). Deste modo, Bakhtin (1993) afirma não termos álibi para a existência – e isto significa que não podemos escolher *não* estar em diálogo: o mundo endereça-nos a todo o momento e nós temos que lhe responder. A nossa humanidade está interligada com a nossa responsividade – somos compelidos a responder e somos (eticamente) responsáveis pela nossa resposta. Recuperando aqui as palavras de Watzlavick, Beavin e Jackson (1967): “Actividade ou inactividade, palavras ou silêncio, tudo possui um valor de mensagem; influenciam outros e estes outros, por sua vez, não podem *não* responder a essas comunicações e, portanto, também estão comunicando.” (p. 45). De uma forma mais simples, relação e diálogo são coexistentes e simultâneas.

2.2. O princípio da alteridade (ou outridade)

O princípio da alteridade enfatiza que uma existência subjectiva é uma consequência da irreduzível e necessária relação de tensão entre Eu e Outro, *Ego* e *Alter* (Marková, 2003b; Salgado & M. Gonçalves, no prelo). Assim, o dialogismo é a celebração da outridade (Sampson, 1993), sendo que a outridade (ou, de uma forma mais lata, a alteridade) assume um papel instituidor da nossa existência relacional. É, por isso, difícil e artificial discutir a relação sem problematizar o Outro, pois é através dele que eu existo e me defino – e é nessa tensão de contraste figura-fundo que vivemos toda a nossa vida. Subjacentes a esta concepção da dualidade Eu-Outro notam-se,

claramente, as influências históricas do pensamento hegeliano e neokantiano que mencionámos anteriormente.

Deste modo, um diálogo implica simultaneidade, reciprocidade e responsividade entre os participantes situados numa localização espácio-temporal específica e irreversível; no entanto, só é possível comunicar, endereçar alguém, na medida em que exista diferença entre os intervenientes dialógicos (Holquist, 1990). Na sua ausência, não existe distinção de elementos e, como tal, não existe possibilidade de comunicação.

Assim, qualquer acto comunicativo surge do pressuposto de que a sintonia, a concordância e o significado conjunto – uma realidade social partilhada – só podem ser conseguidos se os intervenientes agirem de acordo com a crença de que a sua alteridade, a sua diferença existencial, possa ser situacionalmente ultrapassada.

Relativamente à criação de significado conjunto, Rommetveit (1992) conta a interessante história do Sr. Smith e de dois telefonemas atendidos pela sua esposa. O Sr. Smith (que tem estado em casa por estar com uma gripe) finalmente está a cuidar do jardim após grande insistência da esposa. No espaço de alguns minutos, ocorrem dois telefonemas que a Sra. Smith atende. No primeiro, uma amiga da esposa pergunta do outro lado: *O teu preguiçoso marido ainda está na cama?* Ao que a Sra. Smith responde:

Não, ele hoje está a trabalhar. Está a cuidar do jardim.

Num momento seguinte, num segundo telefonema, um amigo do Sr. Smith pergunta: *O seu marido está a trabalhar hoje?* Ao que ela, presumindo um indesejado convite para irem pescar, prontamente, responde:

Não, ele hoje não está a trabalhar. Está a cuidar do jardim.

A imediata “sintonia à sintonia do outro” (*attunement to the attunement of the other* – Rommetveit, 1992) que se vê neste exemplo através da manipulação e co-construção do significado de *trabalhar* é, então, uma das características necessárias para a comunicação poder ocorrer e cria uma dualidade entre partilha e diferença que é considerada como simultânea e coexistente numa versão dialógica sobre a comunicação e a intersubjectividade. Neste sentido, numa perspectiva dialógica, assume-se não só a

coordenação e a reciprocidade dos interlocutores como imprescindível, mas também a assimetria e a tensão do acto comunicacional como inevitável.

Deste modo, o diálogo coloca em jogo forças centrípetas (construção de mutualidade) e centrífugas (existência de diferença). A diferença invoca uma noção de alteridade que implica, acima de tudo, tensão na díade Eu-Outro: “Através da tensão, o *self* não está a tentar fundir-se com o outro mas, pelo contrário, a tentar definir a sua posição e assimilar a estranheza.” (Marková, 2003b, p.257). Iremos discutir, então, duas formas de alteridade: a outridade (ou alteridade relacional, segundo Jacques, 1991) e a alteridade (no seu sentido abstracto, mais abrangente).

Holquist (1990) resume a importância do Outro dizendo que “a própria capacidade de ter consciência é baseada na *outridade*. (...) no dialogismo consciência é *outridade*.” (p. 18). Ao longo da nossa vida, levamos a *outridade* connosco (dentro e fora de nós) e, por isso, ela está implicada ao nível ontológico da existência humana (Cunha, 2007; Valsiner, no prelo). É na relação que estabelecemos com os outros que reside a possibilidade e a capacidade de auto-identificação. Segundo Mead (1934/1992), o auto-reconhecimento, a reflexividade, depende da resposta, do gesto do outro e da validação que este nos faz, enquanto indivíduos, ao responder-nos. Este gesto devolve-nos, assim, um reflexo, uma imagem de nós próprios como objectos – criando um “si” que não seria possível de outra forma, pois o *self* é invisível para si enquanto “o mesmo” (Sampson, 1993).

O Outro permite-me a complementaridade (“*surplus of seeing*”) da minha visão do mundo e da minha existência (presa ao meu posicionamento no aqui e agora), confrontando-me com uma alteridade que não consigo atingir da minha posição existencial e, por isso, criando a tensão e a ambiguidade do diálogo. Daí que o diálogo esteja sempre a ocorrer e nunca termine por não ser possível a construção de uma total comunhão entre Eu e Outro. Poderemos criar pontes de significado com o outro, mas este estará sempre para além do nosso alcance. A alteridade e a diferença residem sempre entre nós, fazendo com que a ambiguidade seja inerente à existência humana (Ferreira, Salgado & Cunha, 2006).

A par desta diferença radical entre os interlocutores, o excesso da visão do outro sobre a minha própria visão complementa a minha capacidade de (me) conhecer (Baxter, 2004). Assim, a *outridade* é possibilitadora da identidade através da pertença (ao Outro – na construção de um Nós) ou da oposição a um grupo, subgrupo, cultura,

discurso específico (estar *contra* o Outro – na construção de um Eles, numa desidentificação).

Complexificando um pouco mais as implicações da alteridade, Bakhtin (1981) refere que existe sempre uma dupla direccionalidade ou duplo endereçamento no diálogo (para um outro concreto e um Outro generalizado, abstracto). Desta forma, a alteridade surge pela relação específica com um endereçado concreto a quem me dirijo (alteridade relacional ou outridade), mas também pelo envolvimento com um “supra – endereçado” (uma alteridade abstracta), que ultrapassa a tirania do aqui e agora e que cria um contraste possibilitador do sentido (re)criado no presente. Para Bakhtin (1981), um signo é sempre metade dado, metade criado no momento comunicacional vivido. Por isso, quando falo de X, também me dirijo à multiplicidade de discursos sobre X que poderiam ser possíveis mas que eu não subscrevo neste momento. Posso, assim, identificar-me com um determinado discurso socialmente dominante ou opor-me a ele. Assim, o meu endereçamento implica também uma responsabilidade autorial por, respondendo a partir de um determinado posicionamento espaço/tempo/outro, subscrever *isto* e não *aquilo* (Holquist, 1990).

Este contraste com um outro concreto que é endereçado e com uma alteridade abstracta que dá relevo específico à relação presente confere uma triangulação entre um Eu/Outro/Nós (ou Eu/Outro/Eles) que faz com que alguns autores (como Marková, 2000b; Salgado & Ferreira, 2005) argumentem que uma relação dialógica é sempre uma relação triádica. Senão vejamos, no caso de G. H. Mead (1934/1992) temos uma triangulação entre *Eu-Outro-Outro Generalizado* (grupo, comunidade, etc.); em Bakhtin (cf. Holquist, 1990) o diálogo ocorre entre *Eu – Não-Eu-em-Mim – Supra-Endereçado* (*I – Not I in me – Super-Addressee*); para I. Marková (2003a, 2003b) temos uma tríade entre Ego-Alter-Objecto (representações sociais) e, finalmente, em Salgado e Ferreira (2005), o *Eu – Outro em mim – Audiências internas* (*I-Inner Alter-Internal audiences*).

2.3. O princípio da dialogicalidade

Durante toda a reflexão anterior temos elaborado em torno de relações dialógicas e, tal como o dialogismo refere, a alteridade esteve sempre à espreita. Assim, é altura de invocarmos o oposto (dia)lógico do diálogo, e problematizarmos a sua relação com o monólogo. Desta forma, perguntamos: podemos ter relações monológicas com um Outro? Por asserção axiomática, um encontro entre dois indivíduos é necessariamente dialógico, pois é um encontro entre dois interlocutores responsivos e a relação é uma

unidade irreduzível e inseparável. No entanto, Salgado e M. Gonçalves (no prelo), referem que o dilema da monologização *versus* dialogicalidade está mais relacionado com o tipo de relação que acontece do que propriamente com o tipo de entidades que se relacionam. Uma das consequências disto é o facto de podermos ter um interlocutor que tenta excluir e anular o outro, objectificando-o e tratando-o como um ser não-respondente, um “*isso*” – desencadeando-se um processo de monologização (Holquist, 1990). No entanto, tal como é possível tratar seres humanos como objectos, também é possível tratar-se objectos como se fossem seres humanos – atribuindo-lhes e agindo como se estes detivessem propriedades humanas (Salgado & M. Gonçalves, no prelo).

Nesta discussão parece ser particularmente interessante problematizar as diferentes atitudes interpessoais teorizadas por um outro autor (dialógico) como M. Buber. De acordo com a leitura de Cooper (2003, 2004) e Bertau (2004), na filosofia buberiana, podemos tratar o Outro como um objecto (uma coisa), ou como um sujeito (de pleno direito e humanidade). No primeiro caso, exerce-se uma atitude “*Eu-isso*” (*I-it*), em que existe um distanciamento do observador relativamente a esse outro (algo/alguém) dirigindo-lhe a sua atenção enquanto objecto de estudo, medida e análise ou então impondo uma atitude autoritária (monológica), na tentativa de suprimir a sua alteridade e de impor uma determinada versão do mundo. O Outro entra, então, no meu domínio apenas como parte da minha experiência e não como meu interlocutor (existindo aqui uma hierarquia de poder do Eu sobre o Outro). Este contacto entre o Eu e o outro (enquanto objecto) é desumanizado e superficial, como numa rotulação estigmatizante (por exemplo, dizer-se “*X é Preto/ Cigano/ Esquizofrénico*”). Note-se, ainda, que este tipo de relação pode ser dirigida para a nossa outridade interna (enquanto estranheza para nós próprios; Cooper, 2004; Cooper & Hermans, 2007).

Pelo contrário, uma relação “*Eu-Eu*” (*I-Thou*) é uma relação dialógica verdadeira, em que existe uma consideração pelo interlocutor enquanto Sujeito, dotado de uma vibrante humanidade, complexidade e alteridade. Numa relação genuína (*I-Thou*), existe um compromisso ético de receptividade e respeito, adoptando-se, por um lado, uma abertura ao Outro que cria a possibilidade do Eu se deixar penetrar e transformar no contacto com a alteridade do seu interlocutor, com as suas crenças e atitudes e, por outro lado, assumindo-se, simultaneamente, que o Outro é bem mais complexo do que a minha descrição dele (e, por isso, sempre inatingível).

Note-se, no entanto, que Buber não considera o primeiro tipo de tratamento da outridade (*I-it*) como absolutamente negativo pois assume que é inevitável que nos

relacionemos com o mundo (e os outros) de uma forma superficial e automatizada (Cooper, 2003). De facto, segundo Bertau (2004), as duas atitudes interpessoais são necessárias para os seres humanos, sendo a atitude objectificante a mais usual. Teremos, no entanto, de estar atentos e conscientes das consequências do estabelecimento de uma relação dialógica ou monológica com os nossos interlocutores (particularmente enquanto psicólogos).

A este nível parece ainda importante fazer um reparo. Aparentemente, Bakhtin e Buber defendem pontos de vista diferentes relativamente a este assunto: para Bakhtin, as relações são sempre dialógicas, mesmo as que se inclinam para a monologização; para Buber, nem todas as relações humanas são dialógicas considerando que, na sua maioria, elas não o são.

Isto prende-se com um aparente paradoxo: como poderemos defender uma perspectiva dialógica e admitir relações monológicas? Aqui poderá ser útil a distinção entre dialogicalidade enquanto condição humana (ou fundamento) e o tipo de relações que se constituem sob essa matriz (d’Alte, Petracchi, Ferreira, Cunha & Salgado, no prelo). Com efeito, para o dialogismo, a relação comunicacional é o molde ou matriz de base da existência. Isso coloca-nos necessariamente em relação, e, por isso, em diálogo. No entanto, isso ainda nada nos diz sobre o tipo de relação, ou seja, o grau de abertura ao outro e à diferença que iremos ter ou que o nosso interlocutor terá (*I-it* ou *I-Thou*).

2.4 *O princípio do contextualismo*

O princípio do contextualismo (Salgado & M. Gonçalves, no prelo) remete-nos para a importância do contexto sócio-histórico-cultural em que estamos imersos em cada encontro dialógico particular e no qual se instauram grelhas de inteligibilidade específicas que dão sentido aos “jogos de linguagem” adoptados (numa terminologia de Wittgenstein). Os diálogos no presente (re)actualizam *praxis* sócio-culturais, símbolos, significados e tradições passadas (d’Alte, Petracchi, Ferreira, Cunha & Salgado, no prelo), notando-se, assim, as influências históricas do pensamento de Vico e Humboldt salientadas anteriormente.

Desta forma, o contexto situa o discurso: não existem mensagens independentes do contexto e vice-versa, os contextos não seriam o que são na ausência de uma dada construção de significados que, por sua vez, os situa também (Linell, em preparação). Neste sentido, o dialogismo partilha com outros movimentos da “viragem discursiva” a concepção de “verdades” locais e “realidades” situadas sócio-histórico-culturalmente – a

construção social dos fenómenos. Linell (2007) defende a noção de “inter-mundo” como referência aos processos de construção de significado: nem os significados são totalmente interiores (subjectividade completa), nem são totalmente exteriores (objectividade radical externa): “os significados são (largamente) intersubjectivos, linguisticamente e pragmaticamente estabelecidos e mantidos nas e através das interacções dentro das nossas comunidades culturais.” (p. 9).

Porém, acima de tudo, admite que estas realidades dialogicamente construídas são subjectivamente apropriadas pelos indivíduos. Consequentemente, nenhuma relação começa do “zero” nem o significado é apropriado da mesma forma pelos intervenientes, na medida em que há uma impossibilidade de chegar a um consenso absoluto – e isto não deve ser ignorado pela ciência psicológica nem pelas reflexões pós-modernas sobre o conhecimento.

2.5 *O princípio dinâmico*

Por seu turno, o princípio dinâmico salienta o processo de mudança que caracteriza a existência humana, a diferentes níveis: bioquímico, biológico, experiencial, semiótico, sócio-cultural (d’Alte et. al., no prelo; Salgado, 2006). Estamos em permanente mutação e movimento – em termos metafóricos, somos todos migrantes (Valsiner, no prelo). Mesmo quando tentamos estar imóveis, os músculos do nosso corpo estão em constante movimento e ajustamento para podermos permanecer estáticos. A transformação contínua da nossa experiência impele-nos a cada momento para o desconhecido: “migramos psicologicamente mesmo no cerne da maioria das nossas actividades mundanas” (Valsiner, no prelo, p. 372). Desta forma, o dinamismo da nossa vida é criado pela irreversibilidade da passagem do tempo e pela sucessão de experiências sempre novas, por muito que sejam repetidas (remetendo-nos para posicionamentos espaciotemporais específicos). Porém, tal dinamismo experiencial lança-nos numa *heteroglossia*⁴, que temos que organizar e regular semioticamente. Consequentemente, a nossa identidade, enquanto processo incompleto e sempre inacabado, permanece com um estatuto de projecto, um esboço em transformação e

⁴ Heteroglossia é um neologismo criado por Bakhtin (1981), podendo ser definido como “aquilo que assegura a primazia do contexto sobre o texto. Num qualquer dado momento, num qualquer dado espaço, existirão um conjunto de condições – sociais, históricas, meteorológicas, fisiológicas – que assegurarão que uma palavra dita nesse lugar e nesse tempo terá um significado diferente do que teria sob outras condições” (Emerson & Holquist, 1981, p. 428). A heteroglossia radica na diversidade de linguagens sociais existentes e no enraizamento social da comunicação, bem como na recriação e novidade que cada acto comunicacional origina.

revisão. Neste sentido, segundo Holquist (1990), podemos encontrar uma semelhança entre o projecto da identidade e o projecto da linguagem: a criação (e constante recriação) de sentido, numa *estabilidade* que é apenas um ponto abstracto do dinamismo ininterrupto dos fenómenos vivos e humanos (note-se aqui a convergência com o pensamento de Heraclito).

3. Implicações do dialogismo para a ciência psicológica: O contraste com outros movimentos

A primeira implicação do dialogismo para a ciência (particularmente para a psicologia) é a subscrição de uma epistemologia relacional – que nos remete para uma convergência com as reflexões pós-modernas (e.g. Gergen, 1997) relativamente à natureza socialmente construída do real e dos fenómenos humanos.

A pós-modernidade refere-se a um conjunto de conceitos e orientações que desafiam a posição positivista tradicional da ciência, na sua preocupação em atribuir a veracidade das explicações científicas pela avaliação da capacidade destas em retratarem a realidade tal qual como ela é (procura de essências). A tradição positivista parte, assim, do pressuposto de que existem verdades objectivas universais, que é relevante e possível conhecê-las cientificamente e que a linguagem representa (espelha) a realidade – argumentos estes que as teorias pós-modernas rejeitam categoricamente (Anderson, 2003; M. Gonçalves & Ó. Gonçalves, 2001). Segundo a nossa perspectiva, a psicologia tradicional (inscrita numa orientação positivista) tem tratado o objecto psicológico (i.e. o ser humano e os fenómenos humanos) de uma forma monológica (numa relação *I-it* segundo Buber), produzindo conhecimento de uma forma distanciada (tomada como objectiva e neutra) e tentando “descobrir” leis universais para populações que, acima de tudo, nos afastam da compreensão da riqueza subjectiva dos indivíduos. Desta forma, a psicologia tradicional tem produzido/acumulado conhecimento que, infelizmente, tem sido cego/surdo para o ponto de vista do sujeito. Neste sentido, tem sido uma psicologia de 3ª pessoa, pretendendo principalmente categorizar e ordenar o real (psicológico), trata os sujeitos como entidades monológicas, numa redução destes ao estatuto de objectos (passivos e não-respondentes – em vez de pessoas) que rapidamente se podem descrever em quatro ou cinco variáveis pertinentes introduzidas numa matriz do SPSS.

Por seu turno, a pós-modernidade tem procurado suscitar reflexões epistemológicas, teóricas e metodológicas dentro das ciências sociais, posicionando-se numa hostilidade para com os objectivos da ciência moderna (de herança positivista). O ênfase pós-moderno na natureza socialmente construída do real, no papel instituidor da linguagem nesta construção e no poder de diferentes facções/grupos na defesa dos discursos que contam como “verdadeiros” e dominantes, tem reunido e convergido diferentes movimentos e correntes teóricas (de aplicação aos mais variados campos de estudo psicológico) que, de uma forma ou de outra, subscrevem estes aspectos. Mencionamos, por exemplo, o interaccionismo simbólico, o construcionismo social, a psicologia feminista, a psicologia narrativa, entre outros. Este *zeitgeist* teórico pós-moderno originou, também em Portugal, importantes trabalhos dentro da psicologia (e psicoterapia) narrativa, nacional e internacionalmente reconhecidos (cf. M. Gonçalves & Henriques, 2000; M. Gonçalves & Ó. Gonçalves, 2001; Ó. Gonçalves, 2000; Ó. Gonçalves, Machado, Korman & Angus, 2002).

Apesar da significativa disseminação das ideias pós-modernas nas ciências sociais e na psicologia em particular, existe ainda algum cepticismo e desconfiança por parte de (alguns) psicólogos na adesão a estas concepções acerca da ciência psicológica e seus objectos de estudo (Martin & Sugarman, 2000). Salientamos, na reflexão sobre esta condição, algumas posições particulares assumidas, principalmente, pelo construcionismo social tal como proposto de forma mais radical por K. Gergen (1985, 1994, 1997).

De acordo com Gergen, a missão do construcionismo social é fazer a análise crítica entre os diferentes jogos de linguagem e os compromissos destes, pelo seu impacto em cada rede de inteligibilidade específica que os institui enquanto “realidade”: “o conhecimento não é algo que as pessoas possuem dentro das suas cabeças, mas antes, algo que as pessoas fazem em conjunto.” (Gergen, 1985, p. 270). A psicologia (de herança positivista), na sua tentativa de estudar a subjectividade e os estados internos fica, deste modo, confrontada com alguns problemas se pretender fundamentar-se numa epistemologia representacionista cartesiana (cf. Salgado, 2003), nomeadamente: a) a introspecção colide com um dualismo sujeito-objecto impossível de superar; b) os mecanismos de auto-deteção não nos permitem captar nenhuma essência interna; c) os estados internos, como conceitos e fenómenos socialmente construídos, têm uma natureza ambígua e desreificada. Desta forma, Gergen conclui que, não sendo possível resolver as questões anteriores, mais vale não fazer do objecto de estudo da psicologia a

observação da “realidade interna”, ou da subjectividade, mas o estudo dos utensílios de *performance* conversacional que são usados como referentes a essa “realidade interna” (Salgado, 2003). Gergen (1997) interessa-se, conseqüentemente, pelas formas de *performance* e de co-construção no cenário relacional – narrativas vivas – que indexam na interacção as performances psicológicas, “vendo as expressões linguísticas como possíveis mas não componentes essenciais de acções que podem requerer padrões de gestos, direcção do olhar, orientação corporal (e possíveis artefactos físicos ou locais) para atingir a sua inteligibilidade.” (p. 741). Assim, “o lugar da *psique*” numa orientação construcionista social orienta os psicólogos para uma reconfiguração do mundo psicológico como um domínio do social e de *performance* relacional (Gergen, 1997).

Deste modo, seguindo a recomendação de Gergen, a psicologia perderia um “mundo interno” para estudar e passaria a ficar centrada, novamente, num mundo externo (de *performance* nas interacções observadas) e numa fragmentação social da mente a ser (re)construída em cada uma das inúmeras interacções do indivíduo. Recuperando as palavras de Fisher, “O sistema é tão radical como o de Skinner” (1995, p. 331). Parece-nos que o construcionismo social, na tentativa de resolver alguns dos “velhos” problemas da ciência, desestabiliza de tal forma os objectos de estudo da psicologia que a leva para um terreno de ambígua definição e distinção com outros campos de saber, não apresentando respostas satisfatórias para os novos desafios que levanta.

Segundo Marková (2003b), na sua tentativa de evitar a todo o custo o solipsismo individual (que enclausura o sujeito), Gergen cai no solipsismo do social (que leva à erosão do sujeito). Por um lado, a rejeição de um fundamento objectivo para os estados internos leva os construcionistas sociais a rejeitar a interioridade como objecto de estudo psicológico – e, assim, a proposta é, novamente, deixar a subjectividade de fora; por outro lado, a redução da *psique* à esfera social faz com que se oscile para um solipsismo social igualmente problemático ao cartesiano (Salgado & Hermans, 2005).

Haverá, então, a alternativa de uma subscrição do real como socialmente construído que mantenha a possibilidade de estudar a subjectividade na psicologia? Segundo Marková (2000a), as perspectivas de Mead, Bakhtin e de Vygotsky, enquadram-se numa ontologia que trata a antinomia individual e social como uma unidade inseparável – sendo impossível falar de um sem falar do outro. Neste sentido, o

dialogismo parece conseguir ultrapassar esta dualidade problemática, através de uma estratégia de “separação inclusiva” dos pólos das antinomias individual/social, Eu-Outro, em vez de uma estratégia de “separação exclusiva” em que um dos pólos é privilegiado sobre o outro (Ferreira, Salgado & Cunha, 2006). A proposta do dialogismo é, então, o assumir-se uma ontologia relacional que permite superar a problemática dissociação entre o Eu e o Outro e passar a estudar-se a existência e os fenómenos humanos como processos e produtos relacionais. Assim, a construção de conhecimento sob uma perspectiva dialógica vive das relações entre o mundo interno e o mundo externo – “um inter-mundo”, naquilo que Linell (2007) chama de *relacionismo* (para o distinguir do *relativismo* associado aos construcionistas sociais).

Assumindo-se que a subjectividade e o mundo interno são fenómenos socialmente construídos, como todos os outros, a questão é que, uma vez instituída uma determinada *praxis* linguística, ela passa a constringer a vivência pessoal dos indivíduos que dela participam e, por isso, instaura estes fenómenos como objectos de estudo psicológico (potencialmente) interessantes. Hoje, no século XXI, as noções de *self*, identidade, interioridade são comuns nos nossos discursos, fazem parte das nossas grelhas de inteligibilidade. Assim, apesar de devermos, enquanto ciência, partir da aceitação de que estas noções se referem a entidades socialmente construídas (quanto todas as outras), devemos também assumir que, actuando e sentindo (colectivamente e individualmente) de acordo com estas noções, todos nós acabamos por “saber” (de alguma forma) o que elas *são* e agir de acordo com a sua existência (Shotter, 1997b). Aí, estas ilusões socialmente partilhadas adquirem algum tipo de existência, mesmo que seja apenas uma existência (teoricamente) consensual e pragmática relativamente ao seu significado (Shotter, 1997b).

No entanto, o dialogismo vai para além deste consenso na co-construção ontológica. Tal como Rommetveit (1992) salienta, os consensos em termos de significado são mais abstracções necessárias em termos pragmáticos – para vivermos uma inteligibilidade e um mundo com que todos estamos familiarizados – do que propriamente efectivas e absolutas (na medida em que a apropriação desse “mundo” é sempre subjectiva). O dialogismo vai para além da partilha, da reciprocidade, colocando ênfase no pressuposto de que a existência e a subjectividade emergem de uma posição de outridade (através do outro), pois “comunicar significa ser para um outro, e através do outro, para nós mesmos.” (Marková, 2003a, p.257).

Neste sentido, vale a pena a psicologia procurar entender como, nesta época histórica, se organizam subjectivamente (e no contraste com esta alteridade socialmente guiada) as pessoas que se dizem/sentem com mente, identidade, *self*, e como as suas experiências pessoais e privadas se vão relacionalmente organizando, sem necessitarmos de cair em ontologias realistas/idealistas ou na presunção da criação de conhecimento universal e incontestável.

De uma forma geral, nas últimas décadas, a psicologia tem respondido a este apelo e manifestado o interesse no acesso à riqueza subjectiva do Outro e atribuído maior importância à dimensão relacional da vida humana (em diferentes vertentes teóricas), algo que se aproxima daquilo que Kenneth Gergen (2006) recentemente intitulou de “uma arena de sensibilidade relacional em expansão” (p. 120). Também nas tentativas de compreensão dos processos de individuação e de desenvolvimento do *self* têm surgido algumas perspectivas relacionais interessantes, que dão indicações claras a favor de uma concepção da ontogénese individual como um processo essencialmente de carácter intersubjectivo e relacional (cf. Beebe, Knoblauch, Rustin & Sorter, 2005). Autores como Trevarthen e Aitken (2001), sugerem a existência de uma intersubjectividade inata nos bebés, relacionada com uma consciência social (*social awareness*) e uma orientação para o outro que permite o estabelecimento de relações desde a nascença, sendo estas vistas como poderosas ferramentas desenvolvimentais. Relativamente a este assunto, Alan Fogel (1993) considera que a interacção adulto-criança permite a criação de uma “zona de desenvolvimento proximal” (Vygotsky, 2001) num contexto relacional (*frame*), no qual os bebés claramente conseguem atingir um nível de actividade mais elevado do que quando isolados. Este autor chega a assumir que o facto irreduzível e comum relativamente a todos organismos vivos é a sua relação com o mundo: “a primeira forma de vida na Terra foi uma vida-no-mundo, e a sua identidade foi a sua relação particular com o mundo.” (Fogel, 1993, p. 60).

Em síntese, o argumento que temos construído até aqui é o de que toda a existência humana, nas suas dimensões ontológica e identitária, emerge do processo dialógico e relacional, enraizado sócio-histórico-culturalmente, no qual somos envolvidos desde o princípio até ao fim da nossa vida (Sampson, 1993).

Pretende-se, assim, com o Dialogismo, partir destes pressupostos e tentar uma psicologia de 1ª pessoa (por oposição a uma tradição psicológica de 3ª pessoa). Isto implica a tentativa sempre incompleta e inacabada de acesso ao Outro enquanto parceiro

dialógico e contrastante, mantendo um respeito por este enquanto pessoa muito mais rica e complexa do que as nossas descrições sobre o mesmo (numa relação *I/Thou*).

4. Identidade e *Self* Dialógico

A Teoria do *Self* Dialógico subscreve este enquadramento relacional, recorrendo à metáfora do diálogo para repensar o *self*. Caracterizaremos seguidamente esta teoria, dentro da qual inscrevemos este trabalho, partindo da nossa reflexão relativamente à sua evolução e desenvolvimento a partir do trabalho pioneiro de Hubert Hermans e seus colaboradores (cf. Hermans, Kempen & van Loon, 1992; Hermans & Kempen, 1993; Hermans, 1996).

As primeiras formulações da Teoria do *Self* Dialógico (Hermans & Kempen, 1992; Hermans & Kempen, 1993) assumem influências de base no desenvolvimento desta perspectiva alternativa sobre o *self* e a identidade. Destacam-se explicitamente três fontes de inspiração:

1. O trabalho de William James (particularmente a sua distinção entre *I* e *Me*);
2. A natureza metafórica e narrativa da cognição (salientada por autores como G. Lakoff e M. Johnson) e da vivência humanas (particularmente T. Sarbin e J. Bruner);
3. As abordagens que sublinham o carácter multifacetado e múltiplo do *self*;
4. O pensamento dialógico de Mikael Bakhtin (nos seus trabalhos de análise e crítica literária).

Em conjunto, a combinação destas três influências acaba por dar origem a uma noção de identidade como algo que se constrói a partir do jogo dialógico entre diferentes “vozes” ou posicionamentos. Deste modo, embora se reconheça o carácter multifacetado e narrativo da identidade, acaba-se por se afirmar algo mais ainda radical: de que não apenas construímos múltiplas auto-imagens ou múltiplas histórias onde desempenhamos diferentes papéis ou personagens – somos também múltiplos autores, envolvidos em processos dialógicos internos e externos.

Para chegar a esta concepção tão afastada da imagem monadal da identidade, tantas vezes propagada pela psicologia (cf. Gonçalves, 1995), Hermans, Kempen e van Loon (1992) partem da distinção clássica efectuada, ainda no século XIX, por William

James entre *I* (Eu) e *Me* (*Mim*). Para este autor, aquilo que é designado por *self* terá uma natureza dual. Por um lado, teremos o Eu – ou *self* enquanto sujeito cognoscente – termo com o qual James designa o agente responsável pelo processo de organização do fluxo da experiência e que garante a construção de um sentido de continuidade experiencial, distinção em relação aos outros e ao mundo, com o conseqüente sentido de volição e de autonomia (Hermans, 1996). Por outras palavras, segundo James, o Eu (*I*) está associado à construção de uma «mesmidade» e continuidade subjectiva ao longo do tempo, da qual emerge um sentido de identidade pessoal enquanto sujeito separado e distinto dos outros (Bertau, 2004; Hermans, 2001b). Por seu turno, o *Mim* – ou *self* enquanto objecto – está relacionado com a construção de uma imagem de si próprio e daquilo que faz parte de si, numa extensão daquilo que somos, que nos completa e que chamamos nosso (objectos, outros significativos, história passada), associados inclusive a uma extensão física e simbólica de nós próprios (Hermans, 1996; Hermans & Kempen, 1993). Através destas duas dimensões (Eu e *Mim*), o *self* conjuga duas propriedades simultâneas: a diferenciação entre si e o mundo e a construção de uma identidade ao longo do tempo.

Deste modo, para James (1890/1993), a identidade constitui-se simultaneamente a partir de pares de opostos mutuamente constitutivos: somos produtores de imagens de nós próprios (um dos vários produtos da nossa actividade), mas essas auto-imagens acabam por alimentar o próprio processo subjectivo. A imagem de mim no mundo (*Mim*) é a base para que Eu, enquanto sujeito, possa orientar-me na minha acção no mundo. De mais a mais, aquilo que penso de mim (produto/*Mim*), revela-me a mim próprio a minha própria reflexividade e subjectividade (o produtor/Eu) – ou seja, revela-me que existe um agente em *Mim*, a todo o momento...

Esta distinção original entre Eu e *Mim* foi, mais tarde, reformulada por Sarbin (1986) sob uma perspectiva narrativa. Para esta abordagem, fundamentar a identidade pessoal a partir da consciência e da autoconsciência acaba por criar inúmeros problemas epistémicos. De facto, a divisão entre sujeito e objecto efectuada por James, se bem que os una, acaba por levantar problemas típicos da modernidade (e.g. como sabemos se a imagem produzida corresponde à realidade ou verdade?). Na procura de uma alternativa, esta perspectiva procurou uma resposta na plena inserção relacional e social da pessoa (e.g. Gergen, 1994; M. Gonçalves, 1995). Deste modo, a nossa identidade passa a ser vista não apenas como uma forma de reflexividade, mas como a conquista que fazemos no acto de nos interpretar a nós mesmos enquanto seres socialmente

inseridos num dado contexto histórico e cultural. Como tal, na medida em que existimos num tempo, construir uma identidade consiste no cumprir um projecto narrativo, ou seja, organizar os eventos autobiográficos numa narrativa (Ó. Gonçalves, 2000) que possamos partilhar e co-construir com os outros. Como tal, o Eu de James poderá passar a ser lido como o autor – aquele que no seu percurso continuado ao longo do tempo pode organizar a experiência segundo uma estrutura narrativa co-construída na interacção social com os outros, episódios biográficos nos quais o *Mim* é o actor e protagonista (Sarbin, 1986).

Munidos desta abordagem, segundo Hermans e colaboradores (1992), poderemos conceber uma narrativa identitária como uma organização dos significados da experiência vivida numa sequência temporal historiada de episódios, eventos e acções. Por isso, segundo Gergen e Gergen (1988, citados por M. Gonçalves, 1994 e Hermans, 1996) as características fundamentais das narrativas identitárias são:

- a) o estabelecimento de uma finalidade desejada ou indesejada;
- b) uma selecção de eventos relevantes para essa finalidade;
- c) a ordenação temporal dos episódios;
- d) o estabelecimento de relações causais; e,
- e) a existência de signos de demarcação (do início e fim da narrativa).

Estas narrativas serão, assim, produtos subjectivos, mas simultaneamente sociais, já que usam recursos simbólicos, discursivos e materiais, disponíveis no meio sócio-cultural da pessoa. Estes recursos têm um carácter convencional, ou seja, são fruto de acordos entre seres humanos que convencionaram significados e usos de um modo particular e que instauraram aquilo que Biligg (1997) designa por “racionalidades locais”. Deste modo, estima-se que, na base do significado exista um acto ficcional instituidor que permite a relação e coordenação entre, pelo menos, dois seres humanos. Desse modo, poderemos afirmar que o movimento inicial da criação de significado é metafórico – na medida em que a metáfora utiliza algo para representar uma outra coisa – e relacional – já que só a sua partilha fará com que a metáfora passe a ser dotada de significação. Daí que a metaforização, pelo seu potencial de criação/condensação de significados, apareça como uma noção essencial na organização narrativa da experiência vivida, valorizada por Hermans e colaboradores (1992), salientando, sobretudo, os trabalhos pioneiros de Lakoff e Johnson na década de 80. Por seu turno, à imaginação é atribuído um papel fundamental na construção dos enredos narrativos identitários, na medida em que se encontra estreitamente unida à possibilidade de

comunicação e respectiva possibilidade de significação. Estas capacidades metafóricas e imaginativas permitem-nos não só compreender o nosso mundo, mas também projectar um mundo que não existe e, assim, construí-lo (Hermans, 2003; Ó. Gonçalves, 2000). Nas palavras de Ó. Gonçalves (2000), não somos apenas sujeito ou objecto, somos projecto em constante movimento.

Entretanto, diversos trabalhos de inspiração cognitiva da década de 80 enfatizavam a complexidade e o carácter multifacetado do *self*, contrariando a visão tradicional de uma entidade monadal, coerente e estável (por exemplo, Linville, 1987; Markus & Nurius, 1986; Khilstrom & Cantor, 1984), e acentuando a sua diferenciação consoante os papéis sociais e contextos. Por seu turno, na mesma altura, os movimentos dentro da “viragem discursiva” procuravam lidar com o fenómeno da multiplicidade do *self*. Desta forma, segundo o construcionismo social, o *self* resulta da produção de uma *multiplicidade* de narrativas que têm a sua origem nos diferentes desempenhos relacionais, resultantes de processos de negociação social e de interpretação das narrativas identitárias produzidas (M. Gonçalves, 1995).

Apesar dos trabalhos iniciais de apresentação do *self* dialógico mencionarem as influências cognitivas e narrativas relatadas (cf. Hermans, Kempen & van Loon, 1992; Hermans & Kempen, 1993; Hermans, 1996), esta referência foi-se tornando cada vez menos frequente em situações posteriores (cf. Hermans, 2001b, 2002, 2004a). A razão principal reside no facto de, para esta abordagem, a noção de narrativa ser, por si só, insuficiente. Assim, segundo Hermans (1996), as narrativas identitárias, enquanto propriedades do discurso e privilegiando a organização coerente e diacrónica dos episódios, não tomam em consideração o diálogo e as vozes que se fazem ouvir, diluindo-se o narrador na narrativa contada. Por outras palavras, mais importante do que ter em conta o conteúdo narrado é a relação entre autor e audiência que se estabelece a partir da narrativa.

Assim, segundo Hermans, Kempen e van Loon (1992), o modo mais adequado de dar conta da questão da multiplicidade passa pelo recurso à metáfora da polifonia, e à noção de co-construção – ou seja, de que a narrativa não deverá substituir o acto de narrar, que coloca um interlocutor perante uma determinada audiência (presente ou ausente, real ou imaginária). Nestas sugestões são notórias e assumidas as influências do pensamento bakhtiniano, que serão elaboradas seguidamente.

A nossa reflexão em torno da literatura sobre a Teoria do *Self* Dialógico (nos trabalhos de Hermans e seus colaboradores mais directos), permite-nos destacar algumas noções centrais que concedem a esta teoria o estatuto de uma abordagem independente e alternativa ao *self* e à identidade, e que a distinguem das influências mencionadas. Salientamos, assim:

1) A centralidade das metáforas do diálogo e da polifonia aplicadas ao *self* (inspiradas em Bakhtin, que permitem uma forma inovadora de olhar para a multiplicidade do *self*);

2) As noções dinâmicas de *posicionamento* e *reposicionamento* no tempo e no espaço e em relação a algo/alguém (nos diálogos externos e internos, que situam o interlocutor numa relação específica Eu-Outro e em relação a uma audiência);

3) O papel da imaginação no espaço dialógico interno; e,

4) As relações dialógicas tensionais (de diferencial de poder entre diferentes partes) na manutenção da estabilidade e criação de inovação e novidade.

As reflexões de M. Bakhtin em torno da análise literária de diferentes obras e escritores permitiu distinguir as novelas polifónicas como uma forma particular de escrita, presente em trabalhos como *Crime e Castigo* de Feodor Dostoevsky. A novela polifónica apresenta uma riqueza na tarefa autorial que se traduz na criação de personagens narrativas complexas e dotadas de uma voz que entra em conflito com a voz do narrador e com as vozes de outras personagens. Assim, no romance polifónico encontra-se aquilo que, mais tarde, passou a ser denominado nos círculos literários como “a queda do narrador onisciente” (Hermans, Kempen & van Loon, 1992), na medida em que a voz do narrador aparece como mais uma entre muitas vozes que entram em diálogo no decorrer do enredo narrativo veiculando e contrastando as suas particulares perspectivas sobre o mundo numa tensão dialógica. Na novela polifónica, o autor deixa de se apresentar como uma entidade coerente e unificada na produção literária, na qual um narrador onisciente seria o melhor indício. Apresenta-se, pelo contrário, como multifacetado e complexo, dotado de múltiplas perspectivas, mas mais do que múltiplo, este autor apresenta-se como multivocal, sendo habitado por diferentes vozes que veiculam diferentes perspectivas sobre o mundo, partindo de posições existenciais independentes e idiossincráticas (do ponto de vista do narrador, das diversas personagens) numa pluralidade de consciências. Dostoevsky, tentando ilustrar a coexistência e simultaneidade de perspectivas, coloca-as em jogo pela dramatização, num plano espacial, de diferentes vozes em contraste (Hermans, 2001b). Na opinião

crítica de Bakhtin, a novela polifónica traduz um enredo narrativo inovador que é bem mais complexo do que os clássicos pelo seu carácter dialógico e tensional, resultante de uma dissonância e desacordo entre múltiplas vozes veiculadas por personagens com uma riqueza subjectiva que não havia sido vista em obras literárias anteriores.

Estas noções de polifonia e espaço dialógico inspiraram Hermans, Kempen e van Loon (1992) a elaborar uma forma inovadora de pensar o *self* e a identidade. Segundo estes autores, o *self* e a identidade traduzem, mais do que uma multiplicidade interna resultante de vários papéis e contextos, uma polifonia dialógica, em que se contrastam várias vozes que traduzem posições existenciais múltiplas num encontro espacial de coexistência e simultaneidade. Deste modo, Hermans, Kempen e van Loon (1992) acabam por transformar a reformulação de Sarbin (1986), afirmando que além de desempenharmos múltiplas personagens ao longo das histórias (múltiplos Mim), também o autor não é um autor único, mas antes múltiplo (múltiplos Eu, ou na terminologia de Hermans, múltiplas posições do Eu). Ou seja, radicaliza-se a noção que vem desde James: não só as histórias são múltiplas, mas também os construtores dessas narrações são diversificados. Assim, mesmo que a narrativa funcione como uma forma de construir coerência, unidade e identidade num dado momento, neste enquadramento do problema, ela já não garantirá a unidade e continuidade pessoal sendo que somos povoados por múltiplos autores.

Como explicar, então, a identidade e permanência? A resposta será: através do diálogo entre as diferentes “vozes” que nos habitam – aqui entendidas como sinónimos de expressões de diferentes autores, ou seja, modos de assumir e exprimir uma dada posição do Eu. A noção de voz não remete somente para um papel ou conjunto de papéis que desempenhamos no dia-a-dia em diferentes situações, enquanto mantemos um “verdadeiro” *self* por detrás dessa variabilidade (Josephs, 2002). Estaremos já muito distantes de uma versão cartesiana e monádica do *self* enquanto totalidade dotada de uma centralidade inviolada (M. Gonçalves, 1995). Com efeito, o *self* está mais próximo de um narrador dialógico do que de um narrador onisciente, procurando mais do que uma coerência pela organização temporal dos eventos e acontecimentos, e emergindo desta multivocalidade complexa. A distinção de uma concepção dialógica do *self* e identidade relativamente às teorias anteriores sobre autocomplexidade ou multiplicidade narrativa reside, então, nas relações dialógicas que diferentes vozes estabelecem no espaço interno identitário (Hermans, 1996).

Além disso, as vozes traduzem diferentes pontos de vista resultantes de uma determinada posição existencial donde tudo é experienciado e percebido (Holquist, 1990). Neste sentido, há um domínio espacial que situa as interações. O *self* dialógico é concebido como esta multiplicidade dinâmica e tensional de posições que o Eu ocupa num espaço dialógico interno e que alimentam vozes distintas e independentes umas das outras, dentro da mesma pessoa:

“O *Eu* tem a possibilidade de se mover, como no espaço, de uma posição para outra de acordo com mudanças na situação e no tempo. O *Eu* flutua entre posições diferentes e mesmo opostas. O *Eu* tem a capacidade de dotar imaginariamente cada posição de uma voz para que as relações dialógicas entre posições possam ser estabelecidas. As vozes funcionam como personagens de uma história. Uma vez que uma personagem se inicia numa história, esta adquire uma vida própria e assume uma determinada necessidade narrativa. Cada personagem tem uma história diferente para contar acerca das experiências a partir da sua perspectiva. Como as diferentes vozes de diferentes personagens trocam informação acerca dos seus respectivos *Mim* e dos seus mundos, o resultado é um *self* complexo e estruturado narrativamente.” (Hermans, Kempen & van Loon, 1993, pp. 28-29).

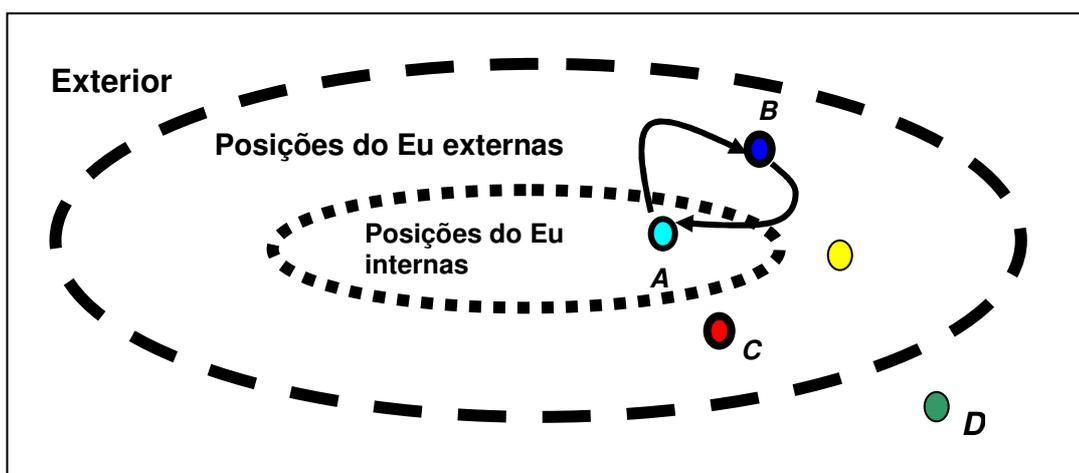
Deste modo, a noção de voz, que é central no *self* dialógico, está associada a uma posição do Eu (*I-position*), que tem uma localização espacial e temporal específica. De acordo com a “lei” do posicionamento de Bakhtin, o Eu está sempre envolvido num processo dinâmico de posicionamento e reposicionamento, expressando diferentes vozes associadas a posições espaciotemporais específicas donde emergem diferentes percepções acerca do mundo (Holquist, 1990). A noção de voz remete-nos para um foco de criação de significado sobre a experiência, com um enraizamento emocional, subjectivo (Josephs, 2002) e corporalizado (*embodied*) (Fogel, Koeyer, Bellagamba & Bell, 2002; Hermans, Kempen & van Loon, 1992). Tal como já foi referido anteriormente, o pronome “Eu” evoca a distinção entre um Eu que se situa num “aqui e agora” – enquanto centro experiencial – e um Outro diferente numa outra qualquer posição experiencial ou perceptiva possível. Por isso, mesmo que várias pessoas possam ter uma voz “*Eu enquanto psicóloga*”, isso nada nos diz acerca do seu significado e ressonância subjectiva (Josephs, 2002).

Quando falamos do movimento dinâmico entre vozes e posições do Eu, invocamos também a alteridade interna, no contraste com todas as outras posições e vozes possíveis mas que não são as do “Eu no Aqui e no Agora” que se expressa (Valsiner, 2002a). A voz que emerge de um determinado posicionamento, enquanto meio através do qual é possível o estabelecimento de relações dialógicas entre posições,

transporta a alteridade (sincrónica e diacrónica) para o âmago do diálogo (Ferreira, Salgado, Cunha, Meira & Konopka, 2005). E se falamos de diálogo (interno ou externo) convocamos imediatamente as noções simultâneas de um agente comunicacional (um “Eu no Aqui e no Agora”, Valsiner 2002a), que endereça um outro ou uma determinada audiência (uma outra parte de si ou outra/s pessoa/s) e que tornam esse diálogo possível. Estes outros podem assumir-se numa outridade interna ou externa, presente ou ausente neste momento, real ou imaginária.

O *self* dialógico não é uma entidade estanque, de fronteiras bem definidas com o exterior. De facto, o exterior (os outros, o mundo) também está dentro do *self*, podendo distinguir-se posições internas (como diferentes partes do Eu) e externas (como partes do mundo que são trazidas para dentro) (Hermans, 2001b). Deste modo, os outros significativos (a minha mãe, o meu pai) e os aspectos exteriores do mundo que também é meu (a minha casa, o meu clube, o meu país) também estão dentro de mim e poderão ocupar posições no espaço interno, envolvendo-se no diálogo (ver figura 1).

Figura 1: Um exemplo da localização de Posições do Eu no *Self* Dialógico



Adaptado de Valsiner (2004a)

Assim, uma determinada voz de uma posição interna (*Eu enquanto mulher independente* – posição A na figura 1) pode entrar em conflito directo com uma voz de uma posição externa (*Os meus pais* – posição B na figura 1) ou com uma voz colectiva ou cultural internamente persuasiva (“*Não fica bem a uma mulher viajar sozinha*” – posição C na figura 1).

Neste sentido, o *self* dialógico tenta ultrapassar algumas clássicas antinomias na psicologia inerentes à separação exclusiva dos pólos Eu–Outro, Indivíduo–

Sociedade/Cultura, surgindo como delimitado por fronteiras permeáveis que admitem trocas constantes entre o interior e o exterior (por exemplo, entre a voz D e a voz A na figura 1 anterior) e aceitando uma sociedade dentro da mente (Hermans, 2001b). Segundo Bertau (2004), é precisamente nesta paisagem sócio-cultural (enquanto pano de fundo para as trocas dialógicas) que iremos encontrar os constrangimentos aos movimentos e à multiplicidade do *self*: efectivamente, as potencialidades de movimento serão influenciadas pelas possibilidades admitidas na sociedade (quer num conformismo quer numa oposição relativamente ao domínio sócio-cultural). Assim, o *self* dialógico é um *self* relacionalmente e sócio-culturalmente baseado, já que parte do *estar com* ou *estar contra* o(s) outro(s) (Salgado & Hermans, 2005).

Estas sugestões criam então um espaço de negociação no qual se poderão dar diferentes formas de relação dialógica. De facto, a multiplicidade de perspectivas veiculadas por diferentes vozes cria uma dimensão tensional relevante na Teoria do *Self* Dialógico. Tais relações colocam em jogo forças centrípetas (de atracção) e centrífugas (de distanciamento) entre vozes que medeiam as relações estabelecidas ou a estabelecer. Uma voz expressa uma história motivada, enraizada emocionalmente e adquire propriedades de agente, como um centro de organização no *self* (Hermans, 1996). Por isso, diferentes vozes poderão entrar em conflito pela sua diferenciação e discordar, ignorar ou silenciar outras vozes, tornando-se monológicas e opressoras (Hermans, Kempen & van Loon, 1992; Josephs, 2002). Além disso, o estado tensional interno nunca será absolutamente ou definitivamente resolvido pois a alteridade é uma característica constante e necessária para o diálogo se manter em movimento. Este movimento poderá ser mais ou menos estável consoante o impacto de assimetrias de poder de umas vozes sobre as outras, na criação e manutenção de alguma estabilidade temporal (Hermans, 2001b).

Tendo já referido o domínio interno e externo (o enquadramento sócio-histórico-cultural) e sua importância nas relações estabelecidas no *self* dialógico, falta salientar o papel da imaginação que, segundo Hermans (2004b), terá uma importância fundamental no diálogo. Assim, a imaginação não só permite a “construção” de um espaço dialógico interno onde as posições se relacionam, mas também poderá estar implicada na criação de posições do Eu correspondentes a figuras imaginárias que desempenham algum tipo de função na vida do sujeito (Hermans, 2006).

À primeira vista, o contraste e divergência entre vozes pode assemelhar-se a uma *cacofonia* desorganizada (Hermans, Kempen & van Loon, 1992); no entanto, é desta

tensão e contraste que resulta a capacidade de auto-inovação e mudança pessoal. O *self* dialógico é, assim, um sistema aberto à transformação proveniente da heterogeneidade interna e externa (Hermans, 1996). Esta polifonia pode iniciar-se de uma forma desorganizada mas, após algumas interacções, as múltiplas perspectivas em diálogo poderão gerar novos significados tanto dentro como entre as pessoas (Hermans, 2003). O resultado pode ser uma síntese criativa com emergência de novas posições do Eu dotadas de novos recursos, a modificação de posições já existentes através da (re)criação de significados negociados ou a alteração do tipo de relação entre vozes (Hermans, 1996; Hermans & M. Gonçalves, 1999).

5. Repensando o *Self* Dialógico

Apesar dos desenvolvimentos a que se tem assistido dentro desta abordagem, também é necessário reconhecer que existem algumas questões que merecem uma atenção mais cuidada. Não pretendendo ser exaustivos, poderemos afirmar que, pelo menos, existem quatro domínios ou questões que poderão desencadear reformulações neste âmbito. Mais concretamente, referimo-nos aos seguintes aspectos da Teoria do *Self* Dialógico:

a) Dificuldade na descrição da acção pessoal (*agency*), já que o “Eu” surge pouco teorizado (quase sugerindo o seu esvaziamento);

A maior parte dos estudos efectuados dentro da Teoria do *Self* Dialógico têm demonstrado um interesse na concepção dos fenómenos e objectos de estudo como um produto de uma multiplicidade de posições do Eu implicadas em algum conflito, tensão e relações de domínio (e. g. Hermans & Hermans-Jansen, 2004). No entanto, a maior parte dos estudos não apresenta uma explicação clara de como a acção pessoal (*agency*) e a responsabilidade individual são atingidas no cerne de “uma montagem de fragmentos essencialmente não-relacionados” (Richardson, Rogers & MacCarrol, 1998, p. 513). Esta questão carece de uma maior atenção (Salgado, 2007).

b) Necessidade de aprofundar as implicações relacionais desta teoria, já que, apesar do apelo à primazia da relação, parece que ainda se cai nalguns dos aspectos

criticados (e.g. fundar o espaço interno na imaginação intrapsíquica; cf. Hermans, Kempen, & van Loon, 1992);

Não se trata de menosprezar o papel da imaginação na vida humana ou negar o papel atribuído por Hermans aos diálogos internos, mas antes tornar claro que esta competência está baseada na intersubjectividade e na relação com o mundo. É porque nos relacionamos que conseguimos imaginar, pelo que não deveremos falar de imaginação sem tomar a relação como a sua matriz de base (Cunha & Ferreira, 2006). Parece-nos que a Teoria do *Self* Dialógico se tem esquecido de fazer este reparo em vários momentos (e.g. Hermans & Kempen, 1993).

Além disso, tal como Salgado e M. Gonçalves (no prelo) argumentam, a insistência na multivocalidade faz-nos esquecer a dimensão relacional e o papel da outridade no desenvolvimento da subjectividade. Precisamos, então, de (re)configurar conceitos individuais como identidade e consciência, sob uma perspectiva relacional.

c) Ausência de uma perspectiva processual e microgenética, que permita perceber mais claramente as dinâmicas que têm lugar momento a momento;

A nosso ver, para se ser fiel aos princípios desta abordagem, que acentuam o carácter dinâmico da existência, torna-se necessário ser capaz de introduzir a dimensão temporal na descrição da psicologia humana. Deste modo, consideramos necessário descrever a identidade e a construção de um sentido de continuidade subjectiva ao longo de uma trajectória temporal irreversível, tendo em conta o constante confronto com a ambiguidade, a novidade e a mudança que a passagem do tempo acarreta.

Outros investigadores têm tentado desenvolver interessantes abordagens a esta questão (cf. Hermans, 2004b; Neimeyer, 2000), mas principalmente concentrados na análise de narrativas identitárias globais. Assim, focam-se em macronarrativas e usam metodologias de análise que não captam o processo de emergência de vozes e a sua transformação ou organização momento a momento. Além disso, focam-se mais na narrativa narrada, em vez de se focarem na narrativa vivida, que aqui se procura privilegiar. Do nosso ponto de vista, consideramos, assim, como necessário um foco desenvolvimental e microgenético para se atingir uma descrição dos processos dialógicos de organização, regulação, transformação e emergência de vozes.

d) Dificuldade em criar um modelo explicativo da auto-organização e do sentimento de unidade;

Como algumas vozes críticas dentro do *self* dialógico têm alertado (Valsiner, 2004a), a questão crucial deste enquadramento não é a reiteração da multivocalidade do *self*, mas a tentativa de descrever como este atinge a sua estrutura dinâmica, estabilidade e consequente acção pessoal (*agency*), dentro desta multiplicidade trazida como figura sob o pano de fundo do fluir da experiência vivida. Ou seja, é necessário descrever como, no âmago da nossa multiplicidade interna, conseguimos reconhecer-nos como indivíduos idênticos, *os mesmos no presente que no passado* sem cairmos num solipsismo (individual ou social).

Embora não tendo uma resposta cabal para estas questões, este trabalho procura contribuir para o desenvolvimento destes desafios teóricos e empíricos.

CAPÍTULO 2

O SELF EM MOVIMENTO

“Tudo está no todo que flui.”

Heraclito

O presente trabalho pretende subscrever uma abordagem desenvolvimental aos processos dialógicos de auto-organização e mudança no *self*. Será, conseqüentemente, pertinente caracterizar o estado actual do campo de estudos da ciência desenvolvimental, que assumimos como uma marcada influência neste trabalho, apresentando e discutindo algumas preocupações metodológicas e empíricas que partilhamos com diversos autores. Salientamos, especificamente, a necessidade de justificar três decisões empíricas neste estudo: 1) o nível de análise dos fenómenos considerados; 2) o desenvolvimento de metodologias de recolha e análise de dados específicas; e, 3) a determinação da unidade de análise.

Seguidamente, serão desenvolvidos alguns aspectos relativamente aos fenómenos de auto-organização e mudança identitária, privilegiando-se a discussão em torno dos processos dinâmicos do *self* dialógico implicados quer na manutenção da sua continuidade e unicidade temporal, quer na potenciação da mudança e reorganização identitária.

1. Desenvolvimento e *Self*

A Psicologia do Desenvolvimento sempre apresentou, ao longo da sua história, uma forte preocupação com questões metodológicas (Burman, 2006). Nos trabalhos de reflexão histórica e metodológica de Lerner, Wertlieb e Jacobs (2003), de Mey (2000) e de Valsiner (2006a), encontra-se uma convergência quanto à insatisfação com a tradição metodológica mais recente desta disciplina (na segunda metade do século XX) e com a (falta de) resposta que esta tem dado às questões que levanta.

Particularmente notórias são as críticas relativamente à natureza prescritiva de determinadas metodologias empíricas, habitualmente apresentadas como mais adequadas do que as restantes, mas que possuem o inconveniente de diminuir o acesso à riqueza complexa e dinâmica dos fenómenos (Burman, 2006; Mey, 2000; Valsiner, 2006a). Particularmente saliente nestas reflexões é a crítica relativa a uma tradição

quantitativa nesta disciplina que enfatiza o uso de métodos estandardizados como “melhores” e mais adequados, prescrevendo o seu uso como norma social. Isto culmina numa utilização irreflectida relativamente aos objectivos específicos dos estudos em causa (Valsiner, 2004c).

A noção de que para se poder obter resultados generalizáveis são necessárias grandes amostras (um grande N) faz com que o recurso a metodologias de rápida medição se torne norma, o que leva a que a riqueza dos dados seja menosprezada (Mey, 2000). Assim, corre-se o risco de produção de conhecimento somente aplicável a não-pessoas, isto é, de conhecimento que se aplica a populações mas não a indivíduos.

Podemos usar como exemplo o uso de escalas de Likert, já que se trata de uma metodologia frequentemente utilizada para a observação dos fenómenos de diversas áreas (particularmente usado no estudo dos processos psicológicos) e por ser considerado um método rápido e praticamente desprovido de problemas na recolha de dados com grandes amostras (Wagoner & Valsiner, 2005). Numa análise mais reflectida conclui-se rapidamente que este tipo de metodologia acaba por conduzir a uma objectivação simplista que impede o acesso do investigador aos fenómenos que supostamente pretende estudar, numa desconsideração pela complexidade psicológica (Valsiner, 2004c). Nesta situação, obtém-se aquilo que alguns autores denominam por “introspecção mutilada” (Wagoner & Valsiner, 2005). Esta tradição metodológica tende a implicar a fragmentação dos fenómenos pelo estudo dos seus elementos constituintes, e a perda da sua totalidade (*gestalt*), pela necessidade imperativa (e paradoxal) de se afirmar a Psicologia como uma ciência empírica⁵.

Além disso, na maior parte das situações, as investigações focam-se no estudo da mudança do ponto A para o ponto B, acedendo aos dois momentos de uma forma estática, sem compreender o que se transforma de A para B. Esta situação cria frustração nalguns investigadores, pela constatação de que a preferência pelas metodologias estatísticas/quantitativas faz com que a ciência desenvolvimental perca o seu objecto de estudo – a génese – ou os processos de transformação dos fenómenos (Mey, 2000). Assim, assistimos a um crescente (re)conhecimento da necessidade de desenvolver novos métodos ou recuperar as metodologias qualitativas contra uma tradição “moderna” de ênfase na medida, orientada para variáveis em vez de orientada para pessoas. O objectivo de qualquer ciência (no caso particular, da psicologia do

⁵ Note-se o paradoxo inerente à expressão «ciência empírica» - seria o equivalente a dizer uma «teoria teórica» (Valsiner, 2003).

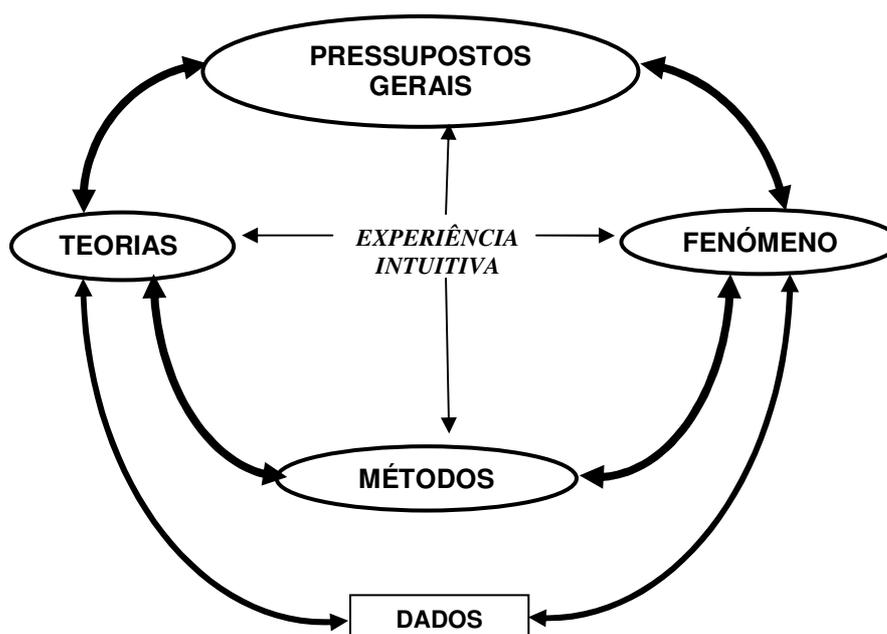
desenvolvimento) é a generalização de conhecimento – e isto implica o processo de abstracção da situação particular numa elaboração que transcende a especificidade que a originou. Ora, alguns autores consideram possível generalizar conhecimento mesmo a partir de estudos de caso único ou estudos idiográficos: o importante é reconhecer a riqueza única de cada espécimen, usando as diferenças entre eles para identificar ou explorar processos comuns (Moolenaar, 2003).

De acordo com Lerner, Wertlieb e Jacobs (2003) e Diriwachter e Valsiner (2006), as últimas décadas têm sido caracterizadas pelo (renovado) interesse da ciência psicológica na análise dos fenómenos sob uma perspectiva desenvolvimental aplicada, naquilo que estes autores denominam como Ciência Desenvolvimental. Esta forma de fazer investigação, que consiste numa marcada influência neste trabalho, congrega diferentes abordagens teóricas que se associam na mesma finalidade: o estudo dos processos de desenvolvimento humano sob uma perspectiva holística. Esta intenção implica a tentativa de revelar leis gerais de emergência de novidade ao longo das trajectórias de desenvolvimento de um sistema aberto (Diriwachter & Valsiner, 2006). Assim, pretende-se conceber e integrar, teoricamente e empiricamente, diferentes níveis de organização individual, ecológica e contextual numa perspectiva relacional e temporalmente irreversível (Lerner, Jacobs & Wertlieb, 2003; Valsiner, 2006a).

Obviamente que uma das dificuldades deste campo de estudo reside, logo à partida, na delimitação de um qualquer fenómeno a investigar, pois este será, por definição, complexo (Valsiner, 2006a). Isto remete-nos para a necessidade de tomar em consideração: a) o fenómeno como um todo; b) organizado em múltiplos níveis de hierarquia e complexidade; e c) levar em conta a forma como os níveis estão organizados (Valsiner, 2004c). Assim, o problema metodológico coloca-se precisamente na adequação das metodologias ao programa de investigação – na sua complexidade teórica e aplicada (Mey, 2000).

Valsiner (2006a) argumenta que a única forma de produzir conhecimento adequado nas ciências sociais é através de uma consistência vertical entre diferentes níveis de um ciclo metodológico ou epistémico composto por diferentes elementos: pressupostos, teorias, concepção dos fenómenos, métodos e produção de dados (ver figura 2 abaixo).

Figura 2: O ciclo epistémico ou metodológico



Fonte: Branco & Valsiner (1997), adaptado de Valsiner (2006a, p. 174)

De acordo com este ciclo, não há nenhuma preferência automática por um determinado conjunto de métodos em detrimento de outros – e.g. qualitativos ou quantitativos (Diriwachter, Valsiner & Sauck, 2005). Aquilo que será considerado como a metodologia empírica mais adequada reflecte uma convergência entre:

- i) uma dada concepção intuitiva acerca do fenómeno em estudo (resultante de uma série de pressupostos gerais inerentes, por exemplo, do senso comum ou de um determinado enquadramento conceptual original);
- ii) um conjunto de teorias prévias acerca do fenómeno; e,
- iii) as questões ou objectivos específicos em estudo.

Segundo Valsiner (2006a), cada novo estudo implica uma nova reflexão relativamente à interacção entre estas dimensões, na tentativa de encontrar uma consistência vertical entre elas. Isto compreende-se se se considerar que as teorias não são inertes; pelo contrário, constituem-se como ferramentas com que “olhamos” e “lemos” os fenómenos – isto é, com que os co-construímos (Valsiner, 2004c). Assim, a consistência vertical aqui defendida opõe-se a uma consistência horizontal (a standardização de um novo método com base noutra método anterior ou a prescrição de uma determinada “caixa” de ferramentas metodológicas independentemente do fenómeno em estudo).

Desta forma, se todos os fenómenos psicológicos, sociais e biológicos são *gestalts* complexas e auto-organizadas (sistemas abertos), os métodos terão de ter em conta também essas propriedades. Tal como Valsiner (2004c) recomenda:

“Claro que é possível concentrar o estudo em apenas um nível (de análise) do fenómeno – no entanto, tal investigação não pode resultar em soluções a problemas que requeiram uma compreensão das relações funcionais entre níveis. Na medida em que existe a necessidade de ‘ancorar’ o sistema funcional que opera a algum nível em qualquer enquadramento, a utilização de algum nível adjacente torna-se necessária. A questão que permanece é: qual deles? Uma resposta: o (nível) adjacente seguinte – e não um que seja distante do nível imediato de pesquisa.” (p. 13-14)

Qualquer estudo sobre um fenómeno em desenvolvimento tem de ter em conta os aspectos dinâmicos dos processos e as relações entre estes, numa estruturação hierárquica e temporal (pela constrição do desenvolvimento futuro; Shanahan, Valsiner & Gottlieb, 1997; Valsiner, 2004c). Importa perceber o processo de *tornar-se* (emergência) e *manter-se* (auto-organização) como interligados num movimento do fenómeno ao longo do tempo (Valsiner, 2006a). Isto remete-nos para a necessidade de ter em conta a noção de temporalidade e historicidade, descrevendo um determinado movimento que ocorre ao longo do tempo numa sequência de eventos. Por isso, a noção de trajectória aparece como particularmente interessante na descrição desenvolvimental (Shanahan, Valsiner & Gottlieb, 1997; Valsiner, 2002b). Consequentemente, a estabilidade dos fenómenos não provém de essências substanciais, mas antes da dinâmica que a constitui – é a sua forma cíclica e recorrente que mantém/constrói aquilo que nos parece uma forma estável, que permanece no tempo (Valsiner, 2003).

Ora, estas estruturas são fluidas – i.e., não só estão abertas à transformação, como estão constantemente no processo de transformar-se. Por isso, a construção de estabilidade não pode ser dissociada da sua (complementar) mudança e a novidade é detectada em comparação com as estruturas ou formas preexistentes (Diriwachter & Valsiner, 2006). Qualquer fenómeno psicológico em desenvolvimento (tal como qualquer sistema aberto) traduz um equilíbrio entre a estabilidade (manutenção de uma permanência temporal) e a mudança (transformação). De acordo com Shanahan, Valsiner e Gottlieb (1997), a mudança resulta sempre de tensões que rompem o equilíbrio (homeostasia inerente a uma estabilidade temporal). Por seu turno, as manifestações da mudança são probabilísticas e epigenéticas (ou seja, de alguma forma já prováveis de acordo com a história de desenvolvimento do fenómeno).

O desenvolvimento envolve sempre um constrangimento do futuro – e aqui, a mediação semiótica adquire um papel fundamental. Esta posição é bastante coerente com autores sócio-histórico-construtivistas, de linhagem vigotskiana (em muitos aspectos convergente com o dialogismo). Estes autores admitem que a maior fonte de tensão é o outro – o plano interpessoal – nas suas forças de constrangimento e desenvolvimento do plano intrapessoal (Valsiner, 2006a). Se o mundo desenvolvimental é, então, constituído por variabilidade – resultante da interacção social – é precisamente essa variabilidade que necessita de ser estudada empiricamente e não eliminada através de manipulação estatística dos dados (Diriwachter & Valsiner, 2006).

Deste ponto de vista, o *self*, enquanto objecto de estudo particular neste trabalho, é concebido simultaneamente como processo e produto dinâmico, em constante mutação na sua adaptação ao meio (relacional e contextual). Vai construindo, assim, a sua “similitude” na irreversibilidade do tempo e da experiência (Valsiner, 2002b). Consequentemente, a auto-organização e a auto-regulação da multiplicidade intrínseca à vivência humana surgem como tarefas adaptativas necessárias e inevitáveis na construção da identidade e do auto-reconhecimento (Cunha, no prelo; Valsiner, 2002b). Segundo esta perspectiva, a investigação psicológica sobre a identidade e o *self* tem de responder a duas questões simultâneas e interdependentes como duas faces da mesma moeda: 1) como mudamos? e 2) como permanecemos os *mesmos*?

De acordo com tudo o que foi dito relativamente às preocupações de um estudo desenvolvimental, e tendo em conta estas questões empíricas específicas, as metodologias qualitativas idiográficas surgem como mais adequadas para a compreensão ambicionada das dinâmicas identitárias, facilitando a observação atenta da riqueza dos processos dialógicos de auto-organização e mudança do *self*. Especificamente, a entrevista semi-estruturada, enquanto método particular, apresenta a vantagem de proporcionar uma abordagem mais naturalista na recolha de dados (Albarello, Digneffe, Hiernaux, Maroy, Ruquoy & Saint-Georges, 1995). Segundo Mey (2000), desde que se mantenha em mente que o próprio contexto também influencia os processos que se tentam observar, a entrevista surge como uma ferramenta metodológica muito interessante, pois permite ter em conta o que é narrado tanto como produto como processo (Mey, 2000) – a narrativa narrada e a narrativa vivida.

No entanto, tal como Valsiner (2004a) salienta, para além da decisão quanto ao tipo de metodologia mais adequado para os objectivos, cada estudo necessita de

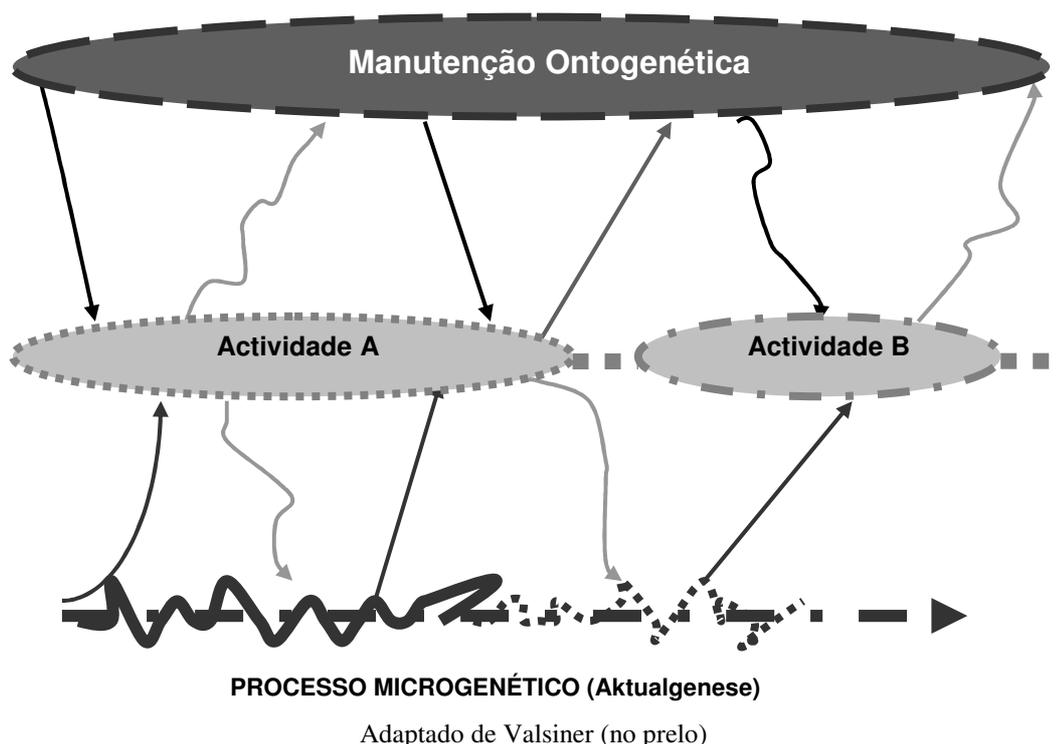
esclarecer também o nível de interesse na investigação do fenómeno e definir a sua unidade de análise. Todas estas decisões dependem das questões em investigação. O único requisito fundamental, segundo Valsiner (2004a), é tomar o seguinte conjunto como unidade mínima numa *gestalt* irreduzível: {partes **A**, **B**, e relação **A-R-B**}. Pela sua importância para o presente estudo, tais questões serão seguidamente alvo de uma discussão mais aprofundada.

1.1. Nível da microgênese desenvolvimental e método microgenético

Tal como foi referido, o desenvolvimento humano é um fenómeno complexo pela sua organização em múltiplos níveis de generalização e integração. Neste sentido, podemos destacar os seguintes níveis desenvolvimentais: *filogénese*, génese sócio-histórico-cultural, *ontogénese*, *mesogénese* e *microgénese* (Diriwachter & Valsiner, 2006).

Todos os níveis supracitados estão envolvidos simultaneamente em qualquer processo humano e implicam uma dimensão temporal específica relativamente aos processos de desenvolvimento em cada nível: ou seja, na sequência do nível *microgenético* para o nível *filogenético*, a mudança notada vai sendo progressivamente mais conservadora e rara. Assim, no caso da *filogénese*, a mudança será provavelmente “notada” em grandes intervalos temporais (que podem chegar aos milhares de anos); na génese sócio-histórico-cultural, a mudança poderá ser nítida ao fim de algumas décadas; na ontogénese, poderemos ter mudanças em intervalos de meses ou anos (ou ainda outras mais abruptas – como, por exemplo, os efeitos duradouros de uma experiência traumática única); no caso da mesogénese, podemos notar mudanças em intervalos de semanas ou horas; e, finalmente, na microgénese, as mudanças poderão ser notadas ao fim de alguns segundos. A integração de significados, padrões ou estruturas num nível de complexidade superior é cada vez mais restrita (Valsiner, no prelo). Apresentamos, em seguida, uma figura ilustrativa de diferentes níveis de hierarquização desenvolvimental e respectivas inter-relações (ver figura 3).

Figura 3: Relações entre ontogênese, mesogênese e microgênese



O nível microgenético (na nomenclatura de H. Werner, também denominado por *Aktualgenese*, segundo F. Sander; cf. Valsiner, no prelo) surge como particularmente interessante para o estudo dos processos dialógicos de auto-organização e mudança, ao longo de uma entrevista breve. Neste nível de análise, poderemos notar como a pessoa se organiza perante o confronto com a novidade do momento (temporal e experiencial) seguinte, situado num contexto relacional específico. Isto não significa, no entanto, que os métodos microgenéticos sejam uma panaceia que resolva todas as questões que se possam colocar no estudo da mudança, pelo se deverá analisar atentamente as suas características.

Mais concretamente, este nível diz respeito ao processo de transformação da experiência de algo difuso para algo (mais) definido e, por isso, está intimamente relacionado com a mediação semiótica e os processos de construção de significado (Diriwachter & Valsiner, 2006; Valsiner, no prelo). O nível microgenético congrega dois aspectos distintos: a emergência de novidade (novas formas ou estruturas – característico do trabalho de Sander; cf. Valsiner, no prelo) e o processo de desdobramento (*unfolding*) do fenómeno numa sequência desenvolvimental (organizada

segundo o princípio ortogenético⁶ – característico do trabalho de Werner). Dito de outro modo: para Valsiner (no prelo), o método microgenético permite uma análise, momento a momento, de como surge uma elaboração de algo novo (e.g, uma nova perspectiva sobre um determinado problema) e de como este se vai desenvolvendo numa sequência de progressiva diferenciação e integração, ou seja, de crescente complexidade (por exemplo, partindo de um sentimento vago, que depois de elaborado semioticamente acaba por ser clarificado e tornado mais abstracto, podendo finalmente culminar numa hipergeneralização para a qual o sujeito já não tem palavras; Valsiner, no prelo).

Assim, de forma a construir um sentido de continuidade temporal, a pessoa converte a ambiguidade e indeterminação da experiência nova em formas familiares de auto-organização. Segundo Valsiner (2004b, no prelo), estas formas de construção de familiaridade envolvem signos promotores (*promotor signs*; ver ponto 2.1 no Capítulo 2) ou campos semióticos, orientados para o futuro, que permitem reduzir a ambiguidade do caos experiencial a um leque de significados probabilísticos (note-se, na figura 2, as setas descendentes do nível mesogenético para o nível microgenético). Desta forma, o desenvolvimento (a qualquer nível e a qualquer momento) implica uma integração simultânea de indeterminação e determinação genética (Diriwachter & Valsiner, 2006).

Não existindo um isomorfismo (i.e. correspondência directa) entre os diferentes níveis de organização humana, não será possível determinar *a priori* condições que indiquem que tipo de experiências ou significados vão emergir para níveis superiores de organização e generalização (Valsiner, no prelo). No entanto, a multiplicidade experiencial e hiperprodução semiótica a um nível microgenético só emerge para um nível de organização superior (mesogenético) através da sua recorrência e/ou intensidade afectiva.

O estudo do desenvolvimento microgenético implica uma metodologia coerente com o acesso a este nível de análise. Segundo Diriwachter e Valsiner (2006), três preocupações têm de ser consideradas neste tipo de estudos:

“a) Um consistente questionamento acerca das mudanças desenvolvimentais que ocorrem;

⁶ O princípio ortogenético de Werner, salienta que o desenvolvimento ocorre partindo de um estado de maior globalidade para um estado de progressiva diferenciação, articulação e organização hierárquica (cf. Valsiner, 2000a).

- b) Como essas mudanças estão ligadas e integradas dinamicamente num todo uniforme com partes interactivas e diferentes; e,
- c) A consciência de uma 'orientação' global da totalidade numa determinada direcção, cujas mudanças são entendidas de forma desenvolvimental e cuja terminologia é baseada nas condições funcionais que levam a leis de ocorrências” (p. 42).

Actualmente o método microgenético está muito associado ao trabalho de R. Siegler, que estuda o desenvolvimento de estratégias aritméticas em crianças (Siegler & Crowley, 1991). Contudo, vários autores salientam um recente interesse na utilização destes métodos para estudar os processos de mudança (Flynn, Pine & Lewis, 2006). Podemos justificar esta renovada atenção salientando três propriedades fundamentais: 1) a possibilidade de uma observação intensiva dos fenómenos durante o seu período de transformação e mudança; 2) a recolha de informação detalhada durante o período de observação, e 3) a inferência de aspectos de mudança ou manutenção dinâmica de estabilidade – tanto a nível quantitativo como qualitativo (Flynn, Pine & Lewis, 2006; Siegler & Crowley, 1991). As diferentes metodologias microgenéticas, adaptadas ao fenómeno particular em estudo, poderão, assim, facilitar não só uma descrição dos processos de mudança mas também a inferência de regularidades envolvidas na manutenção de padrões de auto-organização e processos inerentes à emergência de novas estruturas/competências.

1.2. Um olhar mais de perto sobre a noção de Posição do Eu

Tendo justificado o nível de análise escolhido para o estudo dos processos de auto-organização e mudança no *Self* Dialógico, falta apresentar a conceptualização da unidade de análise – a Posição do Eu (*I-position*).

As noções de posição do Eu e de voz, enquanto conceitos centrais no *self* dialógico, têm sido trabalhadas pelos autores de diversas formas. Tal como alguns têm reflectido, existem múltiplas vozes acerca do que são as vozes (cf. Ferreira, Salgado, Cunha, Meira & Konopka, 2005). Isto faz com que o carácter polissémico da noção de voz ou de posição do Eu origine alguma ambiguidade que necessita de ser ultrapassada e clarificada em cada estudo. Por isso, a pergunta de Salgado (2007) faz todo o sentido: “... o que é exactamente uma voz neste contexto?” (p. 61).

Salgado (2007) chama a atenção para o facto de existirem algumas aplicações empíricas da noção de voz que nos remetem para uma conceptualização demasiado estática, como algo que não muda ao longo do tempo ou que é mais ou menos uniforme

entre as pessoas (aparecendo quase como um traço, um papel social ou um discurso colectivo uniforme). Em nítida oposição a essa concepção, neste trabalho, concordamos com Josephs (2002) relativamente à concepção de uma voz como um foco no aqui e no agora, em que um Eu – enquanto centro experiencial – expressa uma construção particular de significados, dependente do seu posicionamento actual e associado a uma carga afectiva específica. Desta forma, qualquer voz terá de ser analisada de acordo com uma natureza idiossincrásica e um significado pessoal que poderá variar ao longo do tempo.

Além disso, muitos estudos debruçam-se sobre metodologias de avaliação que, apesar de qualitativas e idiossincráticas, captam as posições do Eu através de macro-narrativas que são algo distanciadas da experiência subjectiva vivida e transformada momento a momento. M. Gonçalves e Salgado (2001) mencionam o Método de Auto-confrontação (MAC – *Self Confrontation Method*) e o Repertório de Posições Pessoais (*Personal Position Repertoire* – PPR) como os métodos mais utilizados neste campo de estudos. Estes métodos (da autoria de Hubert Hermans), apesar de serem capazes de suscitar narrativas pessoais de uma forma muito interessante para a Teoria do *Self* Dialógico, infelizmente só nos fornecem duas imagens de um antes e depois da mudança terapêutica ou reorganização do *self*, escapando-nos precisamente o que se passa durante esse processo. M. Gonçalves e Salgado (2001) salientam esta omissão relativamente aos processos recorrendo a uma metáfora: “Seria como tentar prever o clima através de uma única fotografia do céu, perdendo as mudanças que estão continuamente a ocorrer.” (p. 371). Estes autores realçam ainda a importância de conhecermos como as pessoas se vão organizando e de reconhecermos diferentes tipos de organização que nos permitam, enquanto psicólogos e particularmente psicoterapeutas, compreender melhor os nossos clientes de forma a intencionalizar a mudança terapêutica.

Deste modo, neste trabalho, assumimos explicitamente o movimento ao longo do tempo como um importante objectivo a ter em conta e a desenvolver (teoricamente e empiricamente) neste campo de estudos. Ora, este intuito conduz-nos para a necessidade de especificar a noção de posição do Eu a um nível que nos permita acompanhar a sua evolução no tempo. Assim, tal como Valsiner (2002a) defende o ponto de partida de uma posição subjectiva é o “Eu no Aqui e no Agora” (*Here-and-Now-I-System*), que une três vectores simultâneos: o espaço (aqui), o tempo (agora) e o agente comunicacional (Eu). A definição de uma posição específica implica imediatamente

uma relação com a alteridade: o *Outro* (que não Eu), o *ali* distinto do *aqui* e o *antes e o depois* distinto do *agora* (Valsiner, 2002a).

Por um lado, a *outridade* aparece como intrínseca aos processos dinâmicos do *self* na sua trajectória temporal e de organização de sentido (Salgado & Hermans, 2005) e tem de ser tomada em conta na análise do fenómeno. Por outro lado, captar o que o *self* é – i.e., a construção (inter)subjectiva de se ser/ter um *self* – implica uma centração no momento presente da experiência. Assim, consideramos necessário fazer uma aproximação fenomenológica à noção de posição do Eu e às micronarrativas veiculadas pelas vozes que se sucedem momento a momento na atribuição de sentido à experiência vivida e simbolizada.

Nesta procura do acesso psicológico ao outro – que é o objectivo da ciência psicológica – tentando seguir com o nosso olhar o seu movimento desenvolvimental, consideramos a noção de “*momento presente*” da experiência subjectiva, de Daniel Stern (2004), como particularmente interessante. Por isso, procuraremos reflectir no seu contributo para o presente trabalho.

Segundo Daniel Stern (2004), o “momento-presente” da experiência subjectiva corresponde ao sentimento do que *me* acontece num dado momento de consciência fenomenológica e experiencial – o sentimento de si, no agora (de acordo com a terminologia de A. Damásio, 1999). Esta consciência de uma determinada experiência presente implica o reconhecimento do *self* enquanto centro experiencial e o estarmos “cientes de” uma determinada experiência que acontece agora. A experiência subjectiva do “presente” corresponde a uma *gestalt*, uma experiência holística, que é usualmente breve na sua duração, mas sentida com um princípio, meio e fim, na medida em que é uma unidade de sentido e de significado. Esta unidade, enquanto experiência fenomenológica holística, faz-se acompanhar da dinâmica afectiva da nossa subjectividade e muda constantemente de acordo com o fluir da nossa experiência. O sujeito poderá estar mais ou menos envolvido no “momento-presente”, na medida em que se pode distanciar da experiência sentida e até avaliar e apreciar, no momento seguinte, o que está a acontecer num dado momento presente (iniciando um processo de auto-reflexão, que é já distinto do momento experiencial que é seu objecto de reflexão).

Uma razão adicional para o nosso interesse por esta conceptualização sobre a experiência humana prende-se com a ligação teórica que poderá ser realizada entre o conceito de “momento-presente”, a noção bakhtiniana de “posicionamento” e a noção dialógica de posição do Eu (Hermans, Kempen & van Loon, 1992). Na medida em que

tudo é experienciado e significado a partir de uma posição existencial específica e, sendo a existência humana uma existência de endereçamento a outros, o momento-presente da experiência concretiza-se, comunicacionalmente, na noção dialógica de *utterance* (traduzida por elocução ou fala) como unidade de sentido e significado – assumida neste estudo como a unidade de análise. Este conceito de elocução, já considerado por Bakhtin como a unidade linguística básica, tem suscitado interesse de vários autores numa aplicação à arena psicológica. Podemos mencionar, a esse respeito, a correspondência entre elocução (i.e. *utterance*) e: a) um evento do *self* (segundo Holquist, 1990); b) um estado do *self* (na terminologia de M. Leiman, 2004); e, c) um evento fenomenal (segundo Dop, 2000).

Por outras palavras, sendo a elocução a ponte entre o agente comunicacional e a sua audiência (real ou imaginária), é a partir da análise da própria elocução que seremos capazes de discernir o posicionamento do Eu momento a momento. “Uma elocução, um acto, um gesto – todos estes são exemplos das muitas formas que uma voz pode ter, pelo menos quando olhamos para as suas qualidades objectivas.” (Salgado, 2007, p. 61). Como tal, a elocução, enquanto unidade de análise, constitui-se como a voz de uma posição do Eu no aqui e no agora (momento-presente).

Deste modo, munidos do conceito de elocução e encarando-se a experiência do momento como endereçamento comunicacional, a fenomenologia do presente passa a ser lida como uma experiência de relação com o mundo e com os outros. Deste modo, no dialogismo, consciência passa a ser indissociável de outridade, ou seja, é lida como um epifenómeno relacional (Holquist, 1990). Conforme refere Jacques (1991), a consciência passa a ser considerada como um elemento ou habitante do processo comunicacional. Concebemos, assim, o momento-presente a partir desta leitura dialógica do experienciar humano enquanto elemento participante do endereçamento a outrém (por oposição a uma consciência fenomenológica idealista e enclausurada no sujeito).

Concretizando melhor o conceito de elocução, Shotter (1992) refere que esta noção, enquanto unidade responsiva–interactiva: a) marca os limites entre diferentes interlocutores no fluir da conversação; e, b) toma em consideração um contexto (social e linguístico) preexistente, posicionando-se perante este. Segundo este autor:

“... qualquer elocução real é uma ligação na cadeia de comunicação discursiva dentro de uma esfera particular, um grupo social particular, possível ou real, onde as fronteiras entre as elocuções são determinadas por uma mudança dos sujeitos discursivos. (...)

A elocução é assim uma verdadeira unidade psicológica e social no sentido de demarcar as fronteiras (ou hiatos) no fluir do discurso entre diferentes ‘vozes’, entre diferentes ‘posições semânticas’ – quer entre as pessoas quer dentro delas.” (Shotter, 1992, p. 14)

A elocução demarca, assim, um posicionamento (inter)subjectivo, na medida em que o agente comunicacional se vai posicionar simultaneamente perante o seu interlocutor e perante um enquadramento social que contrasta com o que diz. Este conceito corresponde àquilo que Bakhtin designava por dupla direccionalidade do acto comunicativo (ver capítulo 1, ponto 2.2). Assim, o autor comunicacional é um autor *multiposicionado*, na medida em que se vai transformando num movimento de posicionamento e reposicionamento ao longo do tempo (Leiman, 2004). Por isso, faz sentido perguntar, numa análise dialógica, momento a momento: *Quem fala?*

Por outro lado, o que o agente comunicacional diz é também território partilhado: é formatado tanto por aquele que diz como por aquele que escuta, um outro real ou imaginado (Shotter, 1997a). O acto de endereçamento revela-se, então, crucial e complexo, pois podemos ter múltiplos endereçamentos: “Qualquer posição do falante está intrinsecamente ligada ao receptor directo da elocução e aos mais ou menos implícitos endereçados adicionais para quem a elocução está a ser dirigida.” (Leiman, 2002, p. 228). Em qualquer acto comunicacional teremos sempre dois movimentos em simultâneo: um movimento hetero-referencial (em relação a um outro – real ou imaginado, presente ou ausente) e um movimento auto-referencial (também denominado como retro-referencial, segundo Jacques (1991): ou seja, de endereçamento a si próprio). Neste sentido, para responder à pergunta: *Quem está a ser endereçado?* teremos que tomar em conta, como Salgado e Ferreira (2005) acentuam, o interlocutor directo e as audiências internas e potenciais que possam ser imaginariamente convocadas.

Consideramos, também, numa convergência com a tradição narrativa e com a análise do discurso, o conteúdo referencial – *o que é dito* – como um dos parâmetros importantes de análise de uma posição do Eu. Assim, uma qualquer elocução veicula uma determinada mensagem discursiva ou uma imagem específica que o agente comunicacional pretende comunicar (Leiman, 2004). Além disso, implícita a esta imagem comunicada estará sempre uma intenção (relativamente a uma identificação ou uma oposição relativamente ao que está a ser dito) – o *porquê* de ser dito no aqui e

agora; e uma forma de comunicação que nos remete para modos específicos de apresentação da mensagem comunicacional – um *como* a mensagem está a ser apresentada.

Consideramos que este tipo de análise, ao ter em conta os diferentes parâmetros constituintes do diálogo, tenta ir mais longe que uma análise do conteúdo ou do discurso tradicional. A maior parte das análises de conteúdo ou temáticas não exploram este múltiplo endereçamento de um autor *poliposicionado* (Skinner, Valsiner & Holland, 2001). Ambicionamos, com esta conceptualização prévia, a tentativa de um acesso psicológico mais complexo ao sujeito dialógico no seu movimento temporal. Mais concretamente, pretende-se obter uma imagem que transcende o mero conteúdo narrado procurando ter sempre em perspectiva o *sujeito-em-relação*.

2. Auto-organização e mudança no *Self* Dialógico

Partindo, então, de uma autoria *poliposicionada*, o *self* apresenta-se como um fenómeno em desenvolvimento e transformação constante, no confronto com uma novidade que é trazida, momento a momento, pela irreversível passagem da experiência e do tempo. Não teremos dificuldade em reconhecer, neste sentido, a dimensão de multiplicidade, que foi sendo atribuída ao *self* nos anos mais recentes (tal como mencionámos anteriormente).

A abordagem dialógica do *self* enfatiza a multivocalidade e a *heteroglossia* de herança bakhtiniana (Salgado & Hermans, 2005). O *self*, enquanto sistema aberto, possui um carácter fluido e dinâmico, que requer uma adaptação constante num movimento de posicionamento e reposicionamento (d’Alte et. al., no prelo; Salgado & Gonçalves, 2006).

No entanto, uma das questões que se levanta à Teoria do *Self* Dialógico é o problema do auto-reconhecimento (Richardson et al., 1998). De facto, todos temos uma experiência de continuidade, uma sensação de familiaridade, por oposição a uma experiência fragmentada da nossa vivência identitária. Tal como argumenta Hermans (2003), o *self* dialógico incorpora simultaneamente continuidade e descontinuidade. Aliás, unidade e multiplicidade surgem como noções complementares (Salgado & Hermans, 2005).

Hermans (2003) salienta que, de acordo com Bakhtin, o outro aparece como alteridade, como diferença, experienciado como descontinuidade; no entanto, segundo James, a nossa experiência dos outros pode ser sentida como uma continuidade de mim (posições externas) – por isso, continuidade e descontinuidade são simultâneas no *self* dialógico. Poderão ser apontadas duas razões que justificam a simultaneidade e complementaridade destas duas dimensões (Salgado & Gonçalves, 2006). Por um lado, numa posição do Eu, o Eu surge sempre como o centro experiencial ao longo de uma trajetória de movimento e transformação ininterrupta – há uma união diacrónica e sincrónica no mesmo Eu, enquanto centro (Hermans, 2003). Por outro lado, não poderemos compreender este posicionamento, sem o enquadrar numa dimensão relacional instituidora da existência humana. O Eu mostra-se sempre nesta dependência do Outro, com quem está envolvido: a multiplicidade aparece como as múltiplas formas de *ser-estar-com* (Salgado & Hermans, 2005). Sendo assim, a subjectividade é o processo emergente e unificador da multiplicidade experiencial e simbólica, de matriz relacional (d’Alte, et al., no prelo). A subjectividade não se fecha somente em torno do Eu, contempla também os seus endereçados, as suas audiências (internas, externas, imaginárias ou potenciais) e cada posição experiencial nova cria a necessidade de sermos claros e criarmos distinções – simultaneamente para nós e para os outros – atribuindo sentido à ambiguidade experiencial (Salgado & Hermans, 2005). Note-se, aqui, o papel fundamental desempenhado pelos processos de mediação semiótica na construção de significado já enfatizado anteriormente.

Deste modo, estamos constantemente envolvidos numa novidade, momento a momento, que nos impele à negociação constante entre o presente, o passado, o futuro e o Outro, na perseguição de uma coerência e estabilidade ao longo do tempo (Salgado & Gonçalves, 2006; Salgado & Hermans, 2005). O *self* é um “solucionador de problemas preguiçoso” (“*a lazy problem solver*” – Valsiner, 2002a, p. 261) e, por isso, procura criar uma familiaridade no presente que permita estabelecer uma continuidade temporal e constringer as possibilidades do futuro. Por isso, se existem macro-regularidades na subjectividade, elas deverão estar presentes também no microdesenvolvimento, enquanto formas de auto-organização (Salgado & Gonçalves, 2006).

Segundo Salgado e M. Gonçalves (2006), o estudo do nível microgenético poderá ilustrar alguns aspectos interessantes para a inter-relação entre continuidade e descontinuidade mencionada anteriormente. Por um lado, o nível microgenético poderá evidenciar formas particulares e recorrentes de auto-organização e auto-regulação do

self, envolvidas na construção de um sentido de continuidade temporal. Por outro lado, este nível de análise poderá também ilustrar processos de reorganização do *self*, no confronto com “*a diferença que faz a diferença*” (Bateson, 1979).

A consciência da necessidade de um equilíbrio dinâmico entre estabilidade e mudança conduziu, nas últimas décadas (essencialmente desde os anos 80), a um crescente interesse da ciência psicológica nas teorias de auto-organização de sistemas dinâmicos (Barton, 1994).

As teorias de auto-organização são o resultado do trabalho de Prigogine e seus colaboradores na área da química durante a década de 70 (cf. Prigogine, 1976 referido por Caple, 1985). Em termos genéricos, as teorias de auto-organização referem-se ao fenómeno de emergência (aparecimento) de uma nova estrutura, forma ou padrão em sistemas abertos, sem que isso seja determinado pelo meio exterior (Barton, 1994). Este processo de emergência resulta, assim, da forma como os componentes do sistema interagem (van Geert, 2000). No sistemas humanos, a auto-organização está relacionada com a noção de *ordem através da flutuação* (Caple, 1985).

Alguns autores consideram que os sistemas auto-organizados envolvem um pouco mais do que o estabelecimento de ordem ou emergência de novidade. Assim, de acordo com Lewis (2000), além de permitirem a novidade, também se referem a um aumento de complexidade ao longo da evolução destes sistemas e a reorganizações globais que acontecem na transição de pontos de instabilidade e turbulência (com o desenvolvimento posterior de relações que se tornam mais coordenadas, sofisticadas e capazes de acomodar novidade). Durante os pontos de instabilidade, os sistemas auto-organizados possuem uma grande sensibilidade a pequenas diferenças “que fazem a diferença” (Bateson, 1979), originando grandes mudanças (um fenómeno metaforicamente referido como efeito borboleta). Pelo contrário, noutros momentos esses sistemas poderão ser relativamente conservadores à mudança, perpetuando-se no tempo através da recorrência de processos (Lewis, 2000).

Dentro da ciência psicológica, é a Psicologia do Desenvolvimento que se tem mostrado mais interessada nas teorias de auto-organização (Lewis, 2000; Lewis & Granic, 1999). Podemos mencionar os trabalhos de Fogel e Thelen (1987), Keating (1990), Molenaar (1986), van Geert (1991) e Thelen e Ulrich (1991) como trabalhos pioneiros na sua aplicação ao campo do desenvolvimento psicológico (referidos por Lewis & Granic, 1999). Para a psicologia, o conceito de auto-organização “é uma *ideia*,

(...) que promete uma explicação coerente para o estudo de padrões, mudança e novidade” (Lewis, 2000, p. 42), surgindo como um princípio genérico para a explicação da interdependência dinâmica entre novidade e estabilidade.

No entanto, Lewis e Granic (1999) encontram alguma confusão na literatura psicológica em torno deste conceito, por estar associada à expressão inglesa *self-organization*. Se nas ciências naturais, o prefixo *self* significa auto, na psicologia este conceito adquire um estatuto de objecto de estudo particular e independente. Assim, existe alguma ambiguidade na definição de auto-organização pois, para alguns autores, este conceito poderá significar aspectos distintos: a) emergência de ordem num sistema complexo (enfatizando-se a coerência do sistema); b) proliferação e integração do sistema (visando a sua adaptação); ou, c) auto-organização do *self* (enquanto objecto de estudo).

Apesar das distinções usadas pelos diferentes autores, consideramos que todos estes aspectos acima referidos deverão ser tomados em conta no estudo da auto-organização do *self* em desenvolvimento. De facto, a aplicação das teorias de auto-organização ao estudo do *self* é, para Lewis e Granic (1999), uma área de investigação que poderá ser muito interessante, particularmente na possibilidade de compreender a emergência do *self* na articulação com processos sociais e culturais. A visão do *self* como um sistema auto-organizado e emergente de um enquadramento sócio-cultural não contradiz noções como intencionalidade, acção pessoal (*agency*) ou autonomia – mas acentuam a necessidade de desenvolvimentos teóricos que permitam articular estes conceitos. Se tomarmos o *self* como um sistema auto-organizado, poderemos tentar compreender como este mantém a sua estabilidade através de processos dinâmicos e em tempo real, seleccionando informação ou reduzindo e ampliando determinados efeitos para manter a sua coerência e continuidade (Hermans & Kempen, 1993). De acordo com Barton (1994), o objectivo final do estudo de um fenómeno no seu processo de auto-organização será a criação de modelos e a análise dos processos implicados na sua perpetuação ou mudança. Assim, na investigação do *self* em desenvolvimento, será fundamental procurar descrever e inferir, por um lado, que processos de auto-regulação e auto-organização estão implicados na sua similitude; e, por outro, que processos estão inerentes à sua inovação e mudança.

Seguidamente, apresentaremos algumas reflexões mais detalhadas sobre a estabilidade e dinamismo entre vozes (ou posições do Eu) e o papel da imaginação e da diferença na mudança e reorganização do *self*.

2.1. Estabilidade, variabilidade e dinamismo entre vozes

Somente um número reduzido de autores tem reflectido sobre os processos dinâmicos de auto-regulação e auto-organização no *self* dialógico (e.g. Hermans & Kempen, 1993; Josephs, 2000; Valsiner, 2002b). Tal como foi dito anteriormente, Valsiner – uma das vozes críticas dentro desta área de estudos, considera que, mais do que enfatizar o tipo de elementos constituintes do *self* dialógico (as diferentes posições do Eu), uma abordagem desenvolvimental sobre o *self* dialógico terá que focar as relações dinâmicas estabelecidas entre as posições (cf. Valsiner, 2002b, 2004c). Neste sentido, ainda que exista uma multiplicidade microgenética, esta será organizada em formas recorrentes – que constituirão padrões de auto-organização – através do poder constritor dos processos de mediação semiótica.

Começemos por rever os contributos de Hermans e Kempen (1993) que, nos seus trabalhos pioneiros nesta abordagem, também já reconheciam a relação intrínseca entre dinamismo e estabilidade no *self* dialógico. Assim, no seu livro *The Dialogical Self* (1993) referem que a socialização da criança poderá constranger ou potenciar o poder de algumas posições do Eu, expressando vozes que se tornam de tal forma dominantes que criam regularidades no *self* dialógico. De acordo com Hermans (2001a), para compreendermos melhor o que se passa no diálogo, temos de ter em conta que as culturas e os indivíduos não são entidades estanques, mas sim em relação. Desta forma, determinados discursos sociais e culturais podem ser internalizados e tornarem-se posições do Eu ou vozes poderosas, que produzem uma desvalorização de vozes mais fracas. Assim, o diálogo é muitas vezes assimétrico, evidenciando relações diferenciais de poder – por exemplo, a voz de um grupo pode dominar vozes individuais (Hermans & Kempen, 1993). Algumas vozes específicas poderão ser apoiadas, desvalorizadas, ou até rejeitadas e excluídas do diálogo por outras vozes dominantes.

A manutenção temporal de assimetrias de poder entre vozes poderá criar uma estabilidade superficial do *self* dialógico conseguida por processos de monologização de vozes subjugadas. Considere-se monologização, aqui, como um conjunto de processos que envolvem a supressão da alteridade no espaço dialógico. Não passa, assim, a existir uma ausência real de dialogicalidade no *self* pois a existência humana será sempre de base dialógica. No entanto, na consequência de processos de monologização, essa dialogicalidade poderá ser (aparentemente) diminuída ou suprimida, obtendo-se aquilo que Valsiner (2004b) denomina de *dialogicalidade escondida*.

Salientam-se, como exemplos de processos de monologização de intensidades diferentes: a) a menor elaboração ou expressão de vozes dominadas; b) a rejeição de vozes relevadas ao silêncio; ou, c) a supressão/exclusão total de determinadas vozes do espaço dialógico. De facto, o poder de um determinado discurso pode ser tão nítido, que a voz do agente comunicacional pode ser confundida com uma voz cultural ou socialmente autoritária num processo de ventriloquismo de um *discurso internamente persuasivo* (Bakhtin, 1981).

Segundo Hermans (2001b), os diálogos específicos situados num microcontexto não podem ser dissociados da história do indivíduo (das experiências pessoais e de socialização prévias), da história conjunta dos intervenientes (se a têm ou não), das representações que medeiam a sua relação com o outro (o *Outro-em-Mim* como distinto do Outro real) e dos macrocontextos que envolvem a situação dialógica específica, pois todos estes factores poderão traduzir-se em assimetrias entre vozes. De acordo com Hermans e Kempen (1993):

“As relações de domínio não estão presentes somente no mundo externo mas, pelas intensas trocas entre os dois, organizam o mundo interno. Isto implica que o possível leque de posições imaginárias torna-se não só organizado mas também restrito pelo processo de institucionalização (e.g. na família, escola, igreja, serviço militar, vida comunitária).” (p. 78)

Outro exemplo particularmente interessante ilustrativo de um outro tipo de relação de poder entre vozes, mencionado por Hermans e Hermans-Jansen (2004), é o caso das coligações de poder entre posições do Eu (*coalition of positions*). Neste caso, o poder de monologização sobre outras vozes dentro do *self* dialógico resulta não do poder de uma voz, mas do poder conseguido pela relação entre duas (ou mais) vozes, que se alimentam reciprocamente e monologizam outras vozes diferentes (Hermans & Hermans-Jansen, 2004). Este efeito poderá ser perverso ou desadaptativo para o *self* dialógico, se as vozes dominantes coarctarem os contributos benéficos de outras vozes divergentes, mas poderá surtir efeitos positivos, se representarem uma integração de vozes que anteriormente apareciam dissociadas e excluídas. A literatura demonstra-nos algumas vantagens da construção de uma coligação entre vozes num caso de reorganização pessoal depois de um processo terapêutico bem sucedido (cf. Hermans & Hermans-Jansen, 2004).

Um outro processo referido por Hermans como desencadeador de inovação no *self* dialógico é o desenvolvimento de uma meta-posição como produto de um processo

dinâmico de reorganização do *self* (que pode ser facilitado em psicoterapia). Definindo este conceito, salienta:

“a expressão de uma meta-posição, uma perspectiva a partir da qual o cliente formula as ligações entre várias posições significativas numa forma auto-reflexiva. Alguns investigadores propuseram a noção de uma meta-posição ou posição observadora como uma contribuição bem-vinda para a teoria do *self* dialógico” (Hermans & Hermans-Jansen, 2004, p. 133)

Tal como referido, uma meta-posição diz respeito a um posicionamento assumido pelo Eu, a partir do qual se toma a si próprio como objecto de reflexão, na tentativa de criar sentido do seu movimento passado de posicionamento e reposicionamento, particularmente na inferência de regularidades ao longo do tempo. Neste sentido, esta (meta)posição resulta de um posicionamento específico do Eu no Aqui e no Agora, construindo significado sobre si. Por isso, na nossa interpretação, não se deverá confundir com uma espécie de *homúnculo* ou «olho interno» que permanentemente se auto-observa. Ou seja, a capacidade auto-reflexiva desta posição será, a nosso ver, melhor entendida como uma questão de organização semiótica do indivíduo perante a sugestão de uma tarefa de auto-análise por parte de outrem (ou do próprio) num diálogo interno ou externo.

Além dos processos anteriores, Hermans e Kempen (1993) apresentam também o processo de inversão do domínio (*dominance reversal*) referindo-se à possibilidade de uma posição do Eu, inicialmente dominada, poder momentaneamente fazer-se “ouvir” e tomar o palco dialógico, introduzindo novidade e diferença.

Uma outra autora particularmente interessada no dinamismo das relações entre vozes, particularmente a um nível microgenético de construção de significados, é Josephs (2000). Esta autora considera que a construção de significados expressos por uma voz traduzem uma emergência de sentido (e de organização), sócio-culturalmente guiada, a partir de um estado ambíguo. Esta estruturação emergente, que nos permite ultrapassar a ambiguidade experiencial, é conseguida através de signos (i.e. processos de mediação semiótica no seu sentido mais lato). Josephs, Valsiner e Surgan (1999) consideram que sempre que alguém atribui algum significado à sua experiência, uma série de outros significados potenciais emergem simultaneamente, organizando um campo semiótico (que contrasta com o significado numa relação figura-fundo). Este campo semiótico é contrastado com o universo de tudo o resto. Assim, juntamente com

o significado {A} (por exemplo, triste) emerge um campo semiótico de significados possíveis {não-A} (por exemplo, melancólico, zangado, aborrecido, alegre) que, pelo seu contraste com o significado escolhido, contribuem também para a definição mais clara de {A}. Simultaneamente, para o conjunto formado pelo significado e respectivo campo semiótico, o par {A} – {não-A}, temos também um universo contrastante, referido como {Anti-A} (do qual fazem parte todos os significados que não têm nenhuma relação com o significado referido ou o seu campo semiótico; numa continuação do exemplo acima, o nome dos países europeus.).

De acordo com Josephs (2000; cf. também Josephs, Valsiner & Surgan, 1999), em termos de processos dinâmicos que resultam numa transformação qualitativa dos significados, podemos salientar dois tipos: o crescimento do significado de A, pela sua diferenciação semiótica (por exemplo, perante o significado triste, a pessoa poderá dizer: *Lembro-me de uma vez em que era criança...* e começar a elaborar uma narrativa em torno da tristeza; ou então dizer: *Bem, não é somente triste o que eu sinto, é uma tristeza que, ao mesmo tempo é reconfortante...*); ou, então, a elaboração construtiva que opera sobre o campo semiótico não-A, produzindo uma maior definição deste (por exemplo, perante o significado triste, a pessoa pode dizer: *Sinto-me triste, não é melancólica... Melancolia foi o que senti uma vez quando era mais jovem...*).

Por seu turno, a noção de estratégias de circunção ou *bypass* semiótico (*circumvention strategies* – cf. Josephs, 2000; Josephs, Valsiner & Surgan, 1999) envolve uma regulação dos significados que entretanto se diferenciaram num retorno à posição de origem, através de um distanciamento do sujeito do significado em questão. Estas estratégias estão frequentemente envolvidas em tensões (internas ou vividas no plano inter/intrapessoal), geralmente evidenciadas por frases que contêm conjunções adversativas (como *mas, porém, no entanto*). Este tipo de estratégias evidencia o constrangimento que determinados signos, significados ou vozes poderão exercer nas diferentes posições do Eu (por exemplo, *Eu gostaria de ir dormir mas não posso ir enquanto não terminar esta explicação*). Consideramos que este tipo de conjunções adversativas evidencia, em termos psicológicos, um movimento de reposicionamento de uma posição para outra posição do Eu distinta numa mesma elocução. A forma como a pessoa lida com estas tensões poderá conduzir à manutenção da estabilidade ou à emergência de mudança; assim, estas situações poderão indiciar momentos de instabilidade no *self* particularmente vulneráveis à mudança. Estas estratégias apresentam-se, portanto, como particularmente ricas e de análise complexa.

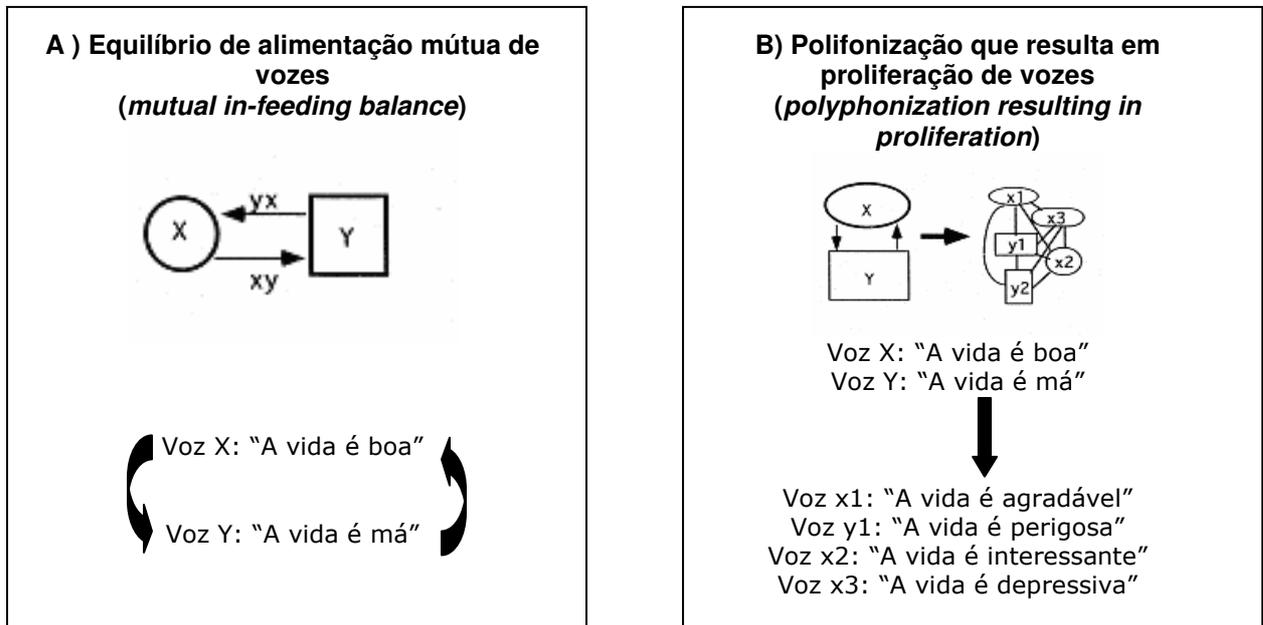
Seguindo uma lógica de apresentação progressiva dos processos dinâmicos do *self* dialógico, que estão envolvidos na sua variabilidade e estabilidade, concluímos com a apresentação do trabalho de Valsiner, que tem sido o mais sistematizado e complexo neste campo.

Tal como temos vindo a argumentar, a criação de sentido sobre a experiência pode ser regulada de forma poderosa através de signos ou símbolos sociais ou culturais abstractos e de generalização elevada que têm impacto na mediação semiótica momento a momento (Valsiner, 1999). Segundo Valsiner (2004b), os seres humanos estão constantemente orientados para o futuro, a tentar lidar com a ambiguidade do momento seguinte (trazida pela novidade experiencial), construindo familiaridade e continuidade. Por isso, em preparação desta ambiguidade futura, as pessoas organizam-se criando familiaridade de forma antecipada, preparando-se para o futuro através de um leque semiótico de significados prováveis (e previsíveis tendo em conta o passado e o presente). Desta forma, estes campos semióticos prováveis funcionam como *signos promotores* (*promotor signs*) que, na maior parte das vezes, constroem a novidade numa assimilação desta em estruturas familiares prévias (i. e. processo de assimilação; cf. Valsiner, 2004b). De acordo com Valsiner (2004a, 2006b), vivemos a maior parte do tempo num mundo ficcional, num mundo *como-se* (*as-if*) que acaba por se tornar *como-é* (*as-is*), influenciado pelas nossas expectativas e construções passadas.

Numa elaboração sobre a auto-regulação de vozes no *self* dialógico, Valsiner (2002a) refere que a síntese de novas posições do Eu (i.e. reorganização e emergência de novas estruturas) é um fenómeno raro quando comparado com a ocorrência de relações dialógicas que mantêm a estabilidade. As diferentes formas de relações dialógicas entre vozes podem ser divididas em dois tipos distintos: por um lado, podemos ter formas de estabilidade dialógica (ver figura 4); por outro, podemos ter formas que criam uma instabilidade dialógica (ver figura 5).

Figura 4: Tipos de relações implicadas na estabilidade dialógica

Fonte: Valsiner (2002a, p. 257)



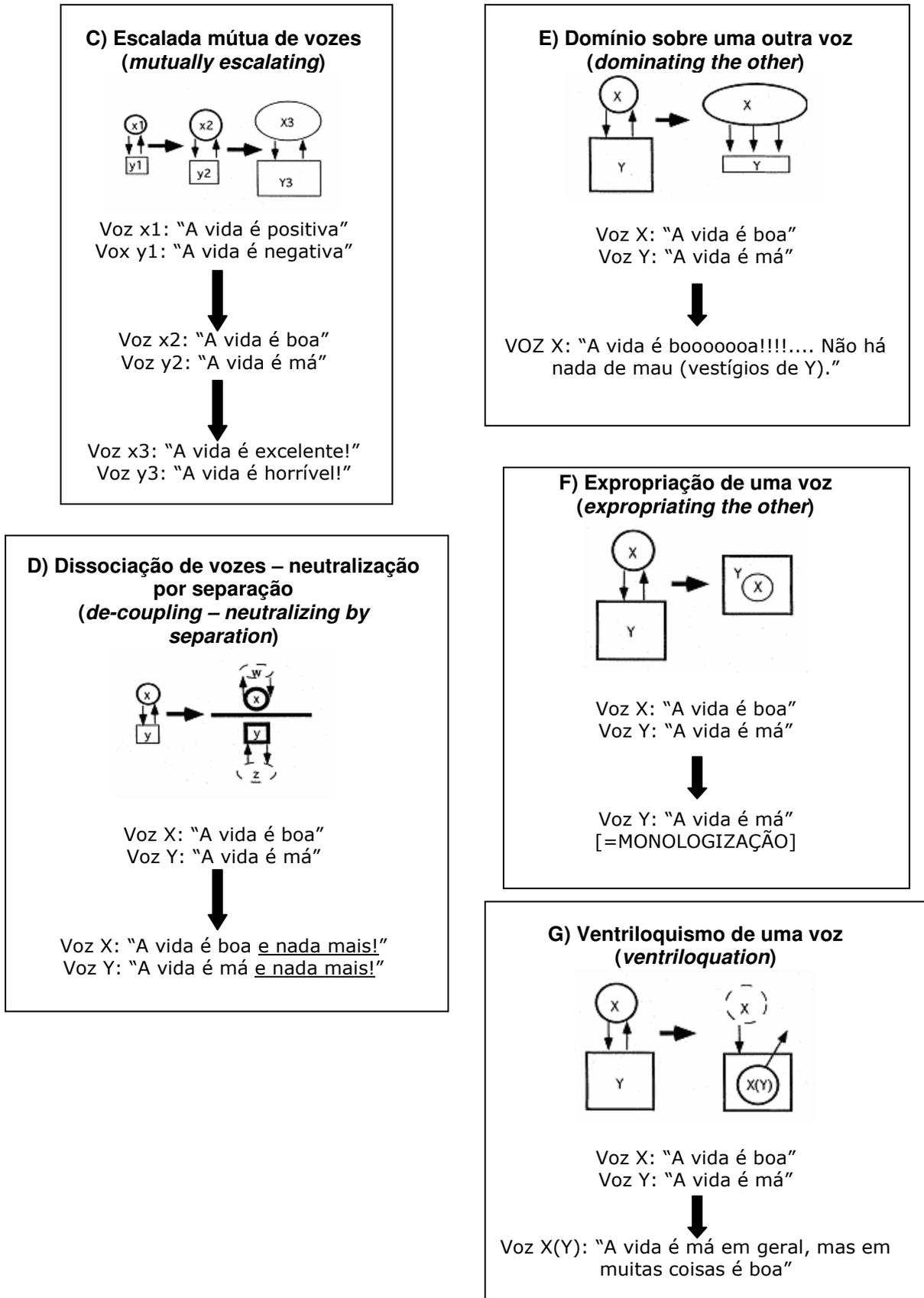
Por um lado, temos dois processos de manutenção da estabilidade dialógica:

A) Um equilíbrio de alimentação mútua de vozes (*mutual in-feeding balance*): em que se conquista uma estabilidade dinâmica e oscilatória entre duas (ou mais) vozes numa relação de dependência;

B) Um processo de polifonização que resulta em proliferação de vozes (*polyphonization resulting in proliferation*): aqui existe uma diferenciação dos significados veiculados pelas vozes mas, no entanto, o tipo de relação que as vozes mantêm permanece qualitativamente idêntica.

Figura 5: Tipos de relações implicadas na instabilidade dialógica

Fonte: Valsiner (2002a, p. 257-258)



Por outro lado, temos quatro formas de aumento da instabilidade dialógica:

C) Escalada mútua de vozes (*mutually escalating*): estas expandem-se em termos semióticos mas mantêm o mesmo tipo de relação estrutural ou funcional entre as vozes iniciais (por exemplo, oposição);

D) Dissociação de vozes – neutralização por separação (*de-coupling – neutralizing by separation*): neste caso, existe uma dissolução de uma relação prévia entre as vozes iniciais (o que traduz uma modificação da estrutura da relação entre elas), passando estas a fazer-se ouvir de forma independente uma da outra. Este processo assemelha-se àquilo que Lyzaker e Lysaker (2004) denominam de cacofonia e é particularmente frequente em situações de esquizofrenia (expressão de vozes de forma dissociada e desestruturada);

E) Domínio sobre uma outra voz: aqui a relação de uma voz sobre a outra torna-se diferente, pelo aparecimento de um diferencial de poder entre elas;

F) Expropriação de uma voz: traduz uma relação de domínio extrema de uma voz sobre a outra, suprimindo a expressão da dominada no espaço dialógico;

G) Ventriloquismo de uma voz: envolve uma relação parasitária de uma voz sobre a outra; ou seja, uma voz usa uma outra posição do Eu para se expressar.

Como podemos verificar, estas distinções englobam alguns dos processos mencionados anteriormente pelos outros autores (cf. Hermans e também Bakhtin). No entanto, por muito diversificado que o *self* possa ser, Valsiner (2002a) propõe-nos que a eventual hiper-abundância de significados veiculados pelas diferentes vozes tende a alimentar uma tipologia de relações relativamente reduzida.

Os processos acima mencionados serão, provavelmente, boas pistas para a compreensão dos processos de estabilidade pessoal. Contudo, poderão também estar envolvidos na emergência de diferença que, ocorrendo em momentos críticos, poderá criar «a diferença que faz a diferença» (Bateson, 1979) e proporcionar a mudança.

2.2. Diferença, imaginação e mudança

Ao longo deste trabalho já fomos referindo, em diversos momentos, a importância da alteridade no desenvolvimento humano. De acordo com Hermans (1999a), ao envolvermo-nos num processo de reflexão dialógica, podemos confrontar-nos com a diferença e alteridade inerente a posições do Eu com perspectivas independentes e, porventura, contraditórias. Hermans (2007) refere também o papel de figuras imaginárias como posições do Eu que introduzem diferença e alteridade,

mobilizando recursos que, muitas vezes, o sujeito não reconhece em si próprio. A confrontação com a diferença, se por um lado, poderá desencadear formas de autorregulação que mantêm a estabilidade (como referimos anteriormente), por outro lado, poderá criar oportunidades para a emergência de novos significados, soluções e estruturas. Por isso, “celebrar o outro como uma contra-posição no pensamento dialógico aumenta a experiência de novidade” (Hermans, 1999a, p. 82).

No entanto, segundo Lyra (1999), os conflitos entre posições do Eu são apenas uma das múltiplas formas de criação da diferença que poderão estar na base da reorganização. De acordo com Bakhtin (citado por Hermans, 1999a), é principalmente na relação Eu – Outro (real) que a novidade emerge, pois o contacto com a alteridade do outro cria uma necessidade de construir um território comum, partilhado. Este esforço para a co-construção de significados introduz uma zona de diferença tensional e de desenvolvimento potencial que não seria possível de atingir de forma isolada (Hermans, 1999b). Neste sentido, uma relação real com um outro é sempre mais produtiva que uma relação imaginária com um outro: a tensão da diferença é mais contrastante e mais radical e potencialmente mais inovadora.

Alguns exercícios utilizados em terapia recorrem precisamente a estes dois tipos de alteridade: uma alteridade interna, despoletada por processos de imaginação, e uma alteridade despoletada na relação presente com o terapeuta. Salientamos as questões de “experiência sobre a experiência” em terapia narrativa (White, 1992), que nos parecem uma ferramenta semiótica muito interessante para facilitar a mudança. Esta tarefa narrativa envolve a activação de diálogos imaginários com outros significativos no aqui e no agora contrastando as perspectivas deles com a perspectiva assumida pelo cliente. Assim, este confronto com a alteridade, potenciada pela deslocação para outras posições sociais pode criar uma flexibilização da perspectiva inicial e conduzir à emergência de mudança (Gonçalves & Cunha, 2006). Por seu turno, a “questão-milagre” na terapia centrada nas soluções (de Shazer, 1991) envolve processos de projecção e diálogo com um futuro imaginário em que a mudança já foi atingida, concretizando-se os aspectos dessa modificação e concebendo uma trajetória para gradualmente a atingir. Os seus efeitos são particularmente interessantes no abandono de uma atitude pessimista e na mobilização para as transformações desejadas.

De acordo com o que tem vindo a ser defendido, a imaginação parece ocupar um papel fundamental no desenvolvimento humano. Aliás, a importância da imaginação é um aspecto várias vezes salientado por Hermans (cf. Hermans, 2007; Hermans, Kempen

& van Loon, 1992). Se, por um lado, a imaginação fornece o enquadramento para o espaço dialógico do *self* onde os diálogos entre posições do Eu se processam: “O *Eu* tem a capacidade de imaginariamente dotar cada posição com uma voz...” (Hermans, Kempen & van Loon, 1992, p. 28); por outro lado, mesmo esse espaço imaginado cria uma zona de potencial desenvolvimento, por exemplo, entre aquilo que eu sou e aquilo que me quero tornar.

Os movimentos narrativos que enfatizam a natureza ficcional da vida humana (cf. Sarbin, 1986) conferem à imaginação um papel nunca atingido antes no estudo da *psique*, na construção de narrativas identitárias, na mudança terapêutica e nas dinâmicas relacionais (Cunha & Ferreira, 2006). Assim, é através da imaginação que se explora, se actualiza e se expande o que ainda não existe, mas que é tornado presente como desenvolvimento potencial (Gonçalves & Cunha, 2006). Por isso, por definição, a imaginação cria um campo de potencial mudança. Mas se partimos do pressuposto de que estamos em constante transformação, como podemos enquadrar os conceitos de variabilidade microgenética, mudança e reorganização do *self*?

Em resposta a esta questão, parece-nos particularmente interessante a conceptualização que Fogel, Garvey, Hsu e West-Stroming (2006) fazem da mudança em três níveis distintos. No nível 1, surge a noção de mudança como variabilidade no nível microgenético de análise. Ou seja, tal como já afirmámos em inúmeras ocasiões anteriores, no nível microgenético, a passagem do tempo cria uma variabilidade e novidade que constituem as dinâmicas em tempo real. No entanto, a variabilidade do micro-desenvolvimento tende a ser organizada em regularidades relacionadas com a construção de familiaridade (ou seja, padrões de auto-organização). Por seu turno, a mudança de nível 2 remete-nos para a emergência de inovação no padrão habitual de micro-regularidades. Uma inovação pode ser uma nova acção que aparece pela primeira vez tendo em conta a historicidade da relação específica ou uma nova posição do Eu que emerge no diálogo. Porém, o aparecimento deste novo posicionamento intersubjectivo ou dialógico poderá não ter impacto nos padrões de auto-organização previamente estabelecidos. A verdadeira mudança – no sentido de mudança desenvolvimental e reorganização do *self* – é considerada por estes autores como uma mudança de nível 3. É a este nível de transformação que se nota uma «diferença que faz a diferença» (Bateson, 1979) e que se torna recorrente posteriormente enquanto novo padrão de auto-organização e macro-regularidade.

CAPÍTULO 3

ESTUDO EMPÍRICO

1. METODOLOGIA

1.1. *Objectivos e questões de partida*

No presente trabalho tentamos responder a alguns dos desafios colocados actualmente à Teoria do *Self* Dialógico, tais como o problema da construção de uma continuidade subjectiva e auto-referencial no cerne de uma multiplicidade interna trazida pelo fluir da experiência e pela irreversibilidade do tempo. Tentamos, por isso, contribuir para um esforço teórico e empírico, que sentimos como necessário, de aproximação desenvolvimental e fenomenológica da Teoria do *Self* Dialógico relativamente à experiência de se ser/ter um *self* (inter)subjectivo.

De forma particular, assumimos o nosso interesse em estudar as características dinâmicas do *self* no seu movimento temporal. Este fluxo é organizado momento a momento que, no caso presente, ocorre em torno da reflexão sobre uma problemática pessoal escolhida pelo indivíduo. Consequentemente, as seguintes questões surgem como pertinentes e orientadoras neste trabalho exploratório:

A) Como poderemos detectar formas de auto-organização do *self* dialógico no fluir da experiência momento a momento?

B) Que padrões de auto-organização estarão envolvidos na perspectiva assumida relativamente a uma problemática pessoal?

C) Como lida o *self* dialógico com a diferença e auto-inovação emergente numa troca dialógica com um Outro?

D) Como e em que condições ocorre a mudança e a reorganização da perspectiva pessoal relativamente à problemática discutida?

Decorrem destas questões diferentes tipos de objectivos que gostaríamos de destacar seguidamente. A primeira questão referida remete-nos para um primeiro objectivo essencialmente de carácter metodológico que, embora se apresente como complementar aos objectivos empíricos, parece-nos absolutamente necessário ao cumprimento dos restantes propósitos deste estudo. Além disso, adquirindo este estudo um carácter exploratório a nível teórico, metodológico e empírico, consideramos os estudos de caso como a forma mais adequada de atingir os objectivos pretendidos. Alguns autores (cf. Kazdin, 2003) defendem que os estudos de caso servem uma importante função na investigação em psicologia clínica e psicoterapia, na orientação do

desenvolvimento teórico, empírico e da prática dos psicólogos. Outros autores (cf. Almeida & Freire, 2003) apontam-nos como particularmente úteis na “observação de fenómenos (...) ricos ou importantes do ponto de vista de informação contida para questionar uma dada teoria ou contrapor teorias, para explorar uma hipótese ou metodologia de análise.” (Almeida & Freire, 2003, p. 114), pelo que nos parece coerente a sua aplicação neste trabalho. Assim, salientam-se os seguintes objectivos para o presente estudo:

Objectivo 1. Desenvolver uma metodologia de análise teoricamente coerente que permita aceder e caracterizar formas de auto-organização do *self* dialógico;

Objectivo 2. Caracterizar os padrões de auto-organização do *self* dialógico activados momento a momento na perspectiva relativa a uma determinada problemática assumida pelo participante;

Objectivo 3. Detectar a emergência de diferença e auto-inovação na perspectiva pessoal assumida pelo participante face à problemática em discussão;

Objectivo 4. Descrever formas particulares e idiográficas de lidar com a diferença e a inovação na organização da perspectiva pessoal relativamente à problemática discutida;

Objectivo 5. Descrever formas particulares e idiográficas de reorganização do *self* dialógico envolvidos na problemática em discussão.

1.2. Participantes

Este estudo debruça-se sobre quatro participantes contactados indirectamente pela investigadora e recrutados para a sua participação neste estudo mediante aceitação voluntária (comprovada pela assinatura do consentimento informado relativamente aos objectivos do estudo e registo vídeo da entrevista – ver Anexo 1⁷). Debruça-se, assim, numa amostra de conveniência (Kazdin, 2003) que reúne participantes com idades compreendidas entre os 24 e os 32 anos.

No contacto inicial com os participantes foram tomadas algumas precauções relativas à sua inclusão neste estudo, de acordo com a intenção de explorar a vivência de uma problemática subjectiva relativamente comum, não entendida pelos intervenientes

⁷ Os anexos serão encontrados em formato digital, no cd que acompanha a tese.

como algo que necessitasse de ajuda profissional. Deste modo, perguntou-se a cada um dos participantes se: a) consideravam necessário receber apoio profissional relativamente à problemática a ser discutida e b) se actualmente recebiam algum tipo de atendimento/apoio por técnicos de Psicologia ou Saúde Mental. Todos os participantes seleccionados responderam negativamente a cada uma destas condições (que, em caso de resposta afirmativa, implicariam a sua exclusão deste estudo).

1.3. Procedimentos de recolha de dados – A *Entrevista Posições de Identidade*

Guiados pelo interesse no estudo dos processos dialógicos de auto-organização e mudança, propusemo-nos a criar um contexto de avaliação interpessoal que facilitasse a descrição desenvolvimental de processos idiossincráticos de organização interna perante uma determinada problemática. Cientes de que tal intuito implicaria a utilização de uma metodologia empírica que permitisse o acesso, momento a momento, à observação e compreensão de 1) estratégias de auto-regulação no confronto com a diferença e a novidade e de 2) processos dialógicos de mudança e reorganização, foi desenvolvida uma entrevista semi-estruturada, para ser gravada em vídeo, como procedimento de recolha de dados especificamente para este estudo.

No contacto inicial com os participantes foram apresentados os objectivos do estudo e feito o pedido de autorização de gravação das entrevistas em formato vídeo, além de serem esclarecidas questões relativas à confidencialidade e divulgação dos materiais recolhidos, e um esclarecimento breve da problemática a ser discutida. Este procedimento culminou com a assinatura do Consentimento Informado (ver Anexo 1)

Seguidamente, cada um dos participantes foi submetido a uma entrevista semi-estruturada, desenvolvida pelos autores, a partir do *Exercício Posições de Identidade* (M. Gonçalves, 1999) que lhe serviu de base. O *Exercício Posições de Identidade* é um instrumento de preenchimento individual que, partindo da reflexão privada em torno de uma problemática pessoal definida pelo indivíduo no início do exercício, recorre posteriormente a tarefas inspiradas em técnicas terapêuticas como forma de introduzir flexibilidade e diversidade pessoal (como auto-inovação) na forma de perspectivar a problemática referida.

A adopção, para este estudo, de um formato metodológico diferente do original teve como intenção proporcionar, de uma forma mais naturalista e coerente com os objectivos empíricos, a observação do dinamismo da reflexão e diálogo em torno da problemática pessoal particular em cada uma das díades entrevistadora-participante e facilitar o acesso do investigador ao processo de desenvolvimento dos fenómenos em estudo. Deste modo, a utilização da *Entrevista Posições de Identidade* (Gonçalves & Cunha, 2006), enquanto ferramenta metodológica para este estudo, pretende proporcionar o acesso aos processos de auto-inovação e auto-organização que ocorrem momento a momento durante a troca dialógica entre os intervenientes (entrevistadora e participante), constantemente envolvidos numa actividade de co-construção e de negociação semiótica de significados (Hermans, 1999a; Valsiner, 2001), particularmente nítida em alguns momentos da entrevista.

Apresentamos, em seguida, uma descrição breve da entrevista (cf. quadro 1):

Quadro 1: Uma apresentação genérica da *Entrevista Posições de Identidade*

Fases da entrevista	Tipos de diálogos ocorridos e exemplos de questões suscitadoras
Primeira fase: Estabelecimento da Posição Inicial face à problemática	Abertura dos diálogos entrevistadora-participante relativamente ao problema pessoal escolhido: ex. <i>“Gostaria que falasse de um problema pessoal que seja significativo para si no presente.”</i> Suscitação de diálogos na interacção entrevistadora-participante: ex. <i>“Gostaria que o formulasse numa frase, do tipo «a minha vida está dominada pela indecisão». Como descreveria essa situação numa frase associada a uma dimensão emocional? Vamos denominar esta frase de Posição Inicial.”</i>
Segunda fase: Primeiro procedimento de avaliação	Suscitação de diálogos na interacção entrevistadora-participante: ex. <i>“Indique a importância que tem para si e na sua vida esta situação, numa escala de 0 a 10, sendo 10 o mais importante. Descreva o que significa para si x. ; Indique o grau de desconforto ou mal-estar que esta situação lhe traz no seu quotidiano. ; Gostaria que me descrevesse o que seria para si um 0 e um 10. Pode descrever-me os diferentes efeitos destes extremos relativamente à importância e grau de mal-estar na sua vida? ; Indique o grau de incerteza que tem acerca das avaliações que fez anteriormente. Descreva o que é para si um x.”</i>
Terceira fase: Posicionamento Social	Suscitação de diálogos na interacção entrevistadora-participante e activação de diálogos imaginários entre o <i>self</i> (participante) e outros significativos (ausentes na interacção real): ex. <i>“O que diria a sua mãe acerca do problema? ; O que responderia à sua mãe, do ponto de vista da Posição Inicial?”</i>
Quarta fase: Segundo procedimento de avaliação	Suscitação de diálogos na interacção entrevistadora-participante: ex. <i>“Indique a importância que tem para si esta situação no momento presente” Questões idênticas ao primeiro procedimento de avaliação, mas colocando a ênfase no momento presente.</i>
Quinta fase: Projecção no futuro 1	Suscitação de diálogos imaginários entre <i>self</i> no presente e <i>self</i> num futuro positivo: ex. <i>“Imagine que consegue ver-se no futuro e dialogar consigo no futuro, num momento em que a situação evoluiu de forma positiva. ; O que perguntaria ao futuro? ; O que responderia o futuro ao presente?”</i>
Sexta fase: Formulação da Posição Final	Suscitação de diálogos na interacção entrevistadora-participante: ex. <i>“Depois desta reflexão, não sei se gostaria de mudar a sua Posição Inicial... ; Como seria a sua formulação actual acerca do problema?”</i>
Sétima fase:	Suscitação de diálogos na interacção entrevistadora-participante: ex. <i>“Indique a</i>

Terceiro procedimento de avaliação	<i>importância que tem para si esta situação no momento presente” Questões idênticas ao segundo procedimento de avaliação, colocando a ênfase no momento presente.</i>
Oitava fase: Projecção no futuro²	Suscitação de diálogos na interacção entrevistadora-participante: ex. “ <i>Por favor, imagine outras posições alternativas que poderia assumir no presente relativamente à situação...</i> ” Activação de diálogos entre <i>self</i> no presente e <i>self</i> no futuro, partindo das alternativas no presente: ex. “ <i>Imagine que está nesta alternativa no presente. O que perguntaria ao futuro daqui a 10 anos? ; O que lhe responderia o futuro?</i> ”
Nona fase: Quarto procedimento de avaliação	Suscitação de diálogos na interacção entrevistadora-participante: ex. “ <i>Indique a importância que tem para si esta situação no momento presente” Questões idênticas ao segundo procedimento de avaliação, colocando a ênfase no momento presente.</i>

A *Entrevista Posições de Identidade* (guião apresentado no Anexo 2) começa com o pedido de selecção de uma problemática pessoal que vai ser alvo de reflexão e diálogo ao longo do procedimento, após ser escolhida e nomeada pelo participante. Depois de uma breve descrição do problema pessoal, entrevistadora e participante colaboram conjuntamente no sentido de encontrar uma formulação deste numa pequena frase, referida posteriormente ao longo da entrevista como Posição Inicial, que sintetiza a perspectiva pessoal face ao problema, contendo o tema e uma dimensão emocional associada à problemática. Nesta primeira fase da entrevista, o investigador deverá adoptar uma atitude de curiosidade e de instigação dos diálogos entrevistador-participante na exploração dos processos de construção de significado em torno da problemática escolhida e de generalização de pensamento que permita, no final, chegar à Posição Inicial.

Após a formulação da Posição Inicial, a entrevistadora solicita uma primeira tarefa de avaliação da perspectiva pessoal sobre a problemática, relativamente a três dimensões: 1) o grau de importância atribuída à problemática no quotidiano; 2) o grau de desconforto ou mal-estar suscitado pela situação no quotidiano; e 3) o grau de incerteza relativamente às avaliações efectuadas quanto à importância e desconforto sentido. Cada uma das avaliações é efectuada numa escala de 0 a 10 (sendo 10 o maior grau de importância/desconforto/incerteza atribuído). Após a avaliação quantitativa, é explorado não só o significado pessoal do grau atribuído, mas também o significado pessoal dos extremos (0 e 10) relativamente à importância e desconforto sentidos. A intenção da utilização deste procedimento de avaliação (e sua repetição em momentos seguintes da entrevista) não é tanto a obtenção de uma avaliação quantitativa (pela exploração dos valores objectivos atribuídos pelo participante), mas sim proporcionar uma oportunidade adicional de exploração qualitativa da experiência subjectiva e do seu

significado ao longo da entrevista. Assim, estes procedimentos de avaliação são concebidos como instrumentos semióticos que facilitam o acesso psicológico e expandem os processos de construção de significado e generalização de pensamento (estes procedimentos de avaliação foram inspirados no trabalho de Wagoner & Valsiner, 2005, acerca da utilização de escalas de Lickert como oportunidades de acesso, por parte do investigador, ao significado pessoal subjacente a uma determinada classificação). Esta segunda fase da entrevista envolve, igualmente, competências de suscitação de diálogos com o participante e de curiosidade face à perspectiva veiculada por este, focando-se, principalmente, no significado atribuído à situação.

A seguinte fase da entrevista é denominada pelos autores de Posicionamento Social. Nesta terceira fase, a entrevistadora pede ao participante que imagine vários diálogos com outros significativos (escolhidos pelo participante) em torno da problemática. Estes outros significativos podem ser não só familiares, amigos ou personagens presentes na vida actual do participante, mas também personagens ausentes ou imaginárias, como heróis e modelos da infância. Seguidamente, e para cada um dos outros significativos referidos, é pedido ao participante que elabore imaginariamente em torno 1) das possíveis reacções e questões destes perante a Posição Inicial e a sua perspectiva quanto ao problema e 2) da sua resposta a estes interlocutores na sequência da interacção imaginada. Estes outros sociais ausentes na presente interacção entrevistadora-participante, ao serem invocados como audiências ou interlocutores, tornam-se psicologicamente presentes no espaço comunicacional (inter)subjectivo e são, por isso, tidos em conta na análise da entrevista.

A fase do Posicionamento Social na entrevista implica, por parte do investigador, uma atenção aos diálogos ocorridos entre entrevistadora e participante e, principalmente, nos diálogos imaginados entre o *self* e outros interlocutores acerca do problema. Embora a suscitação deste tipo de diálogos (*self*/outros) seja preferencial nesta fase da entrevista, também poderá ocorrer a adopção, por parte do participante, de uma posição reflexiva acerca dos diálogos imaginados entre o Eu e outros, a partir da qual se comunica com o interlocutor fisicamente presente (a entrevistadora). Neste sentido, e enquanto o participante desempenha esta fase de Posicionamento Social na entrevista, consideramos que este pode assumir diferentes posições autorais quanto ao que é dito nos diálogos induzidos. Ou seja, o participante pode falar acerca das perspectivas de outros significativos quanto ao problema pessoal de duas formas possíveis: 1) nunca abandonando a sua posição comunicacional como autor do que é

dito na interação da díade participante-entrevistadora (adoptando, assim, uma posição reflexiva relativamente aos diálogos que imagina mas que não coloca em acção explícita durante a entrevista perante o seu interlocutor real) ou 2) agir *como se* assumisse a voz e a perspectiva do outro significativo, transmitindo-a através da sua boca. Neste segundo caso, entende-se que o agente comunicacional transfere a sua posição autorial para um Outro, adoptando e agindo explicitamente, no aqui e no agora, um diálogo imaginado entre o *self* e o Outro. Como exemplos ilustrativos destes diferentes posicionamentos do agente comunicacional relativamente à autoria do que é dito podemos apontar, no primeiro caso, um participante que diz: “A *minha mãe diria que eu não estou preocupado*”. Note-se aqui o uso de discurso auto-reflexivo enquanto o participante, nunca abandonando a sua posição como autor desta elocução específica, fala acerca de um Outro (a mãe), ausente, mas psicologicamente presente como audiência do que é dito acerca dela. No segundo caso, o participante poderia agir *como se* a sua mãe estivesse presente no diálogo real, assumindo a sua voz como um ventríloquo e dizendo “*Tu não estás preocupado com isto!*” dirigindo-se a si próprio como um Outro (note-se o uso de discurso directo).

Esta fase do Posicionamento Social, em que a emergência de diferença e novidade (que poderão potenciar a auto-inovação e mudança) surge pela contribuição de outros significativos na diversificação de vozes e multiplicidade de perspectivas relativamente à problemática, foi inspirada em técnicas terapêuticas que fazem apelo à perspectiva de outros significativos e de diferentes audiências como introdutores de diversidade, flexibilidade e mudança terapêutica perante o domínio de uma voz/perspectiva monológica desadaptativa sobre alternativas possíveis (e.g. as questões de “experiência da experiência” em terapia narrativa – cf. White, 1992).

No final do Posicionamento Social, o aparecimento de um segundo procedimento de avaliação (Quarta fase da entrevista) permite a exploração de diferenças a nível da construção de significados sobre o problema. Assim, a entrevistadora solicita novamente uma avaliação da perspectiva pessoal acerca da problemática relativamente às três dimensões (importância, desconforto/mal-estar e incerteza quanto às avaliações das dimensões anteriores), numa escala de 0 a 10, mas desta vez relativamente ao momento presente de avaliação (e não à vivência quotidiana como na primeira avaliação). A exploração da ressonância emocional associada à problemática e dos significados atribuídos no momento presente de avaliação permite

detectar e pontuar alguma diferença na perspectiva assumida pelo participante que possa ter surgido durante a fase anterior da entrevista.

O momento seguinte na entrevista (Quinta fase) é denominado pelos autores de Projecção no Futuro 1 e envolve (preferencialmente) a suscitação de diálogos entre o momento presente, dominado pela perspectiva assumida face ao problema (tal como formulada na Posição Inicial), e um momento temporal e existencial projectado no futuro em que a situação problemática evoluiu de forma positiva. Assim, a entrevistadora pede ao participante que, imaginando que é detentor de uma máquina que lhe permite viajar no tempo, especifique um momento da sua vida futura em que a situação teve uma evolução positiva. O participante é livre de localizar no tempo o destino da sua “viagem” e de descrever como imagina esse momento futuro. A entrevistadora foca-se não só na sua interacção com o participante (que necessita, por vezes, de esclarecimentos e/ou reformulações acerca do que é pretendido nesta fase), mas também na suscitação dos movimentos Presente – Futuro e correspondentes diálogos imaginados entre *self* presente e *self* futuro. Novamente, apesar da suscitação de diálogos ser preferencial, alguns participantes poderão envolver-se num discurso auto-reflexivo relativamente à sua evolução futura. Esta fase da entrevista foi também inspirada em técnicas terapêuticas que recorrem a projecções no futuro como uma estratégia motivacional facilitadora da mudança no presente (e.g. a “questão-milagre” na terapia centrada nas soluções; de Shazer, 1991).

A primeira tarefa de projecção no futuro é seguida de uma oportunidade de alteração ou reformulação da perspectiva assumida face à situação alvo de reflexão, através da síntese de uma nova Posição Final (Sexta fase da entrevista). A introdução de um terceiro momento de avaliação do grau de importância, desconforto/mal-estar e incerteza relativamente às dimensões prévias (Sétima fase idêntica à quarta fase da entrevista), permite notar, após a formulação da Posição Final, a existência de alguma diferença na ressonância emocional sentida face à problemática.

A seguinte fase da entrevista apresenta uma segunda tarefa de projecção no futuro, como um novo momento para introdução de novidade e inovação potenciadora de mudança na perspectiva pessoal face à situação problemática (Oitava fase). Especificamente recorrendo à elaboração de posições alternativas face ao problema no presente e à instigação de diálogos entre estas alternativas no presente e o momento futuro positivo, esta fase da entrevista apresenta outras ferramentas semióticas que visam, igualmente, proporcionar auto-inovação e mudança na construção de significado

e na vivência pessoal do problema. Esta fase requer também, por parte da entrevistadora, a sintonia com o participante no esclarecimento de dificuldades e a concentração na suscitação de movimentos Presente-Futuro e correspondentes diálogos imaginados entre as alternativas no presente e o *self* futuro.

Um quarto e último procedimento de avaliação (semelhante ao anterior) completa a *Entrevista Posições de Identidade* (Nona fase) e aparece como uma oportunidade final de exploração dos processos de construção de significado e generalização de pensamento sobre a vivência pessoal da situação problemática em discussão. Como conclusão do procedimento, a entrevistadora agradece ao participante a sua colaboração no estudo e procura uma pequena reflexão relativamente à experiência da entrevista.

1.4. Procedimentos de análise – A metodologia de Análise Microgenética Dialógico-Discursiva

A abordagem microgenética tem sido considerada como particularmente útil na sua adequação a objectivos empíricos que impliquem proporcionar uma descrição desenvolvimental e holística de fenómenos psicológicos de natureza fluida, irreversível e auto-organizada (Diriwachter & Valsiner, 2006; Lawrence & Valsiner, 2003). Deste modo, o nosso interesse em estudar os processos de auto-organização e auto-inovação no *self* dialógico, sob uma perspectiva desenvolvimental que acompanhasse a sua evolução momento a momento, direccionou este estudo para o nível de análise microgenético (Diriwachter & Valsiner, 2006). No nosso entendimento, somente este nível de análise permitiria aceder, observar e acompanhar a complexidade e interdependência dos fenómenos (inter)subjectivos focados no presente trabalho. Especificamente, compreendemos os dados em estudo como uma articulação complexa de diferentes dimensões interdependentes: 1) uma dimensão explicitamente interpessoal (referente ao envolvimento dialógico dos participantes na sua interacção com a entrevistadora); 2) uma dimensão pessoal de constituição relacional (relativa aos processos de auto-organização semiótica e de construção de significados sobre a experiência); e, por último, 3) uma dimensão relativa à articulação entre as dimensões anteriores – ou seja, a forma como aquilo que se passa ao nível da interacção afecta e é afectado pela subjectividade dos intervenientes (pelas potencialidades e pelos

constrangimentos inerentes à passagem de uma esfera privada para uma esfera intersubjectiva de comunicação com um Outro e movimento inverso). O nosso interesse neste estudo reside, principalmente, na tentativa de compreensão dos fenómenos em estudo ao nível da dimensão subjectiva relacionalmente constituída (segunda dimensão indicada).

Neste sentido, e de forma a corresponder aos propósitos empíricos orientadores deste trabalho e previamente referidos (nos Objectivos e Questões de Partida – ponto 1.1), desenvolvemos uma metodologia específica de análise dos dados, que permitisse estabelecer uma ponte entre as nossas grelhas teóricas de leitura dos fenómenos e os nossos objectivos empíricos. Este esforço de convergência teórica, empírica e metodológica resulta da convicção, já apresentada anteriormente (cf. Cunha, no prelo) e que partilhamos com Josephs (2000) e com Valsiner (2006a), de uma necessária consistência vertical entre os pressupostos axiomáticos, teorias, constructos, questões de estudo específicas, metodologias, dados recolhidos e descrições dos fenómenos, como a forma adequada de produzir conhecimento científico (especialmente nas ciências sociais).

Seguidamente, apresentaremos a descrição do procedimento de análise de dados desenvolvido para este estudo, que denominámos de *Análise Microgenética Dialógico-Discursiva*, discutindo detalhadamente cada uma das suas fases de desenvolvimento metodológico e aplicação.

1.4.1. Primeira fase – A elocução como unidade de análise

A primeira fase da metodologia microgenética desenvolvida envolve a observação sistemática das entrevistas gravadas em vídeo e a sua transcrição, posteriormente dividida em unidades de análise. A elocução foi escolhida como a unidade de análise na medida em que a consideramos como teoricamente consistente quer com a noção bakhtiniana de posicionamento, quer com a tradicional noção de posição do Eu (*I-position*) na Teoria do *Self* Dialógico.

Uma posição do Eu é aqui conceptualizada, a um nível microgenético, como um “evento do *self*” (Holquist, 1990) ligado a um “momento-presente” da experiência vivida (Stern, 2004). Entendemos conceptualmente esta noção como uma convergência específica entre a experiência do *self* sentida no aqui e no agora (“*Here-and-Now-I-System*” – Valsiner, 2000b) e um enquadramento espacial, temporal e semiótico da

experiência subjectiva a partir da qual algo é dito e comunicado para um Outro, “ouvindo-se” uma determinada voz. Na medida em que tudo é experienciado e significado a partir de uma posição existencial específica que está a ser apreendida por aquele interlocutor, o significado de um evento experiencial do *self* e o seu iminente endereçamento a um Outro é sempre influenciado por este posicionamento e concretiza-se, comunicacionalmente, na noção de elocução (*utterance*). Assumimos, assim, uma correspondência entre uma posição do Eu e uma elocução, como unidade básica de sentido e significado auto-referencial que se torna visível quando estamos em comunicação com um Outro. Consequentemente, dado este irrepitível posicionamento do *self* no fluir da experiência vivida, os processos identitários podem ser concebidos como um produto de uma polifonia de vozes de diferentes posições do Eu que contrastam umas com as outras e se regulam ao longo do tempo em diálogo “ – uma unidade simultânea de diferenças na interpenetração das elocuições.” (Baxter, 2004, p. 4).

A divisão das transcrições das respostas do participante em diferentes elocuições resulta de um critério linguístico que obedece à entoação utilizada pelo falante (este procedimento é, aliás, consistente com o procedimento habitual usado por diferentes autores; cf. House, 2003). As diferenças de entoação permitem pontuar um determinado contexto comunicacional na criação de sentido de acordo com o qual os interlocutores actuam e se compreendem. Assim, a visualização e audição das entrevistas permitiu a individualização de diferentes elocuições tendo em conta a diminuição da frequência sonora (na entoação) que consiste com a terminação de uma fala (assinalada nas transcrições com dois traços: //). Notando-se também a existência de diferenças na entoação que indicam uma pausa ou reorganização do discurso subsequente, resolveu-se assinalar estas situações (com um traço: /), sem implicações a nível da contabilização das unidades de análise (nomeadamente para o passo posterior da análise). Além do critério da entoação para a divisão das transcrições, adoptámos um outro critério: perante a existência de uma conjunção adversativa (*mas, porém, apesar de, no entanto, etc.*) individualizámos a elocução subsequente, por a entendermos como indicadora de um posicionamento experiencial e semiótico diferente (exemplo: “*A refeição estava muito agradável mas o serviço foi muito demorado. //*” – no nosso procedimento de divisão, teríamos duas unidades de análise nesta elocução, a segunda iniciada por *mas*, indicadora de um aspecto negativo da refeição que contrasta com a primeira parte da elocução).

Após a divisão das falas do participante em diferentes elocuições, procede-se a uma distinção entre as que se consideram relevantes para os objectivos deste estudo e as que não o são, excluindo-as de análises posteriores, por não se revelarem pertinentes ou não reunirem as características necessárias para a sua análise compreensiva. O quadro 2, seguidamente apresentado, sintetiza os critérios de selecção e exclusão aplicados às elocuições do participante.

Quadro 2: Critérios considerados para a selecção ou exclusão de elocuições

Tipos de elocuições	Critérios considerados
Elocuições seleccionadas para análise posterior	<ol style="list-style-type: none"> 1. Elocuições finalizadas⁸ explicitamente relativas à problemática pessoal em discussão na entrevista, pela sua definição ou caracterização; 2. Elocuições finalizadas que incluam referências indirectas à problemática, na sua definição ou caracterização; 3. Elocuições finalizadas que traduzam auto-caracterizações do participante relativamente à problemática discutida; 4. Elocuições finalizadas relativas às reacções dos outros à problemática, tal como imaginadas pelo participante (hetero-caracterizações); 5. Elocuições não finalizadas do participante, mas entendidas no seu significado pelo investigador tendo em conta o seu contexto no decorrer do diálogo e cujo conteúdo nos remeta para os critérios anteriores; 6. Elocuições relativas à concordância ou discordância por parte do participante, na sua reacção a clarificações ou sumarizações da entrevistadora sobre a problemática.
Elocuições excluídas de análise posterior	<ol style="list-style-type: none"> 1. Elocuições não finalizadas do participante das quais o investigador não consegue retirar sentido, mesmo tendo em conta o contexto do diálogo; 2. Elocuições relacionadas com clarificações da intenção da entrevistadora ou esclarecimentos acerca do que é pedido ao longo da entrevista e que não estejam relacionadas com a problemática em discussão (por exemplo, perguntar: “<i>Reformula só a pergunta...</i>”); 3. Elocuições relacionadas com a descrição de elementos globais das outras pessoas evocadas durante a entrevista ou do tipo de relação que o participante tem com elas, desde que não incluam referências ao problema ou não acrescentem novos elementos relativamente à sua caracterização (por exemplo, dizer: “<i>...recordo muito bem a maneira como (esse professor) nos leccionava aulas, / era qualquer coisa de extraordinário...</i>”).

1.4.2. Segunda fase – Análise microgenética das elocuições

De forma a compreender, momento a momento, a complexidade inerente à experiência dialógica interna do participante que é partilhada no contexto comunicacional, destacámos cinco parâmetros que considerámos relevantes. Assim, pareceu-nos importante distinguir e definir, para cada uma das elocuições seleccionadas:

⁸ A distinção que adoptámos entre elocuições finalizadas e não-finalizadas remete-nos para o estudo da pragmática da comunicação e do papel da entoação na facilitação da interpretação do significado (House, 2003). Frequentemente, a não finalização da elocução em termos do seu conteúdo ou entoação dificulta o entendimento do seu sentido, mesmo tendo em conta o seu enquadramento discursivo no esforço interpretativo. Neste sentido, a distinção criada refere-se apenas ao facto desta ser entendida pelo interlocutor (neste caso, o investigador aquando da sua análise).

- 1) O agente comunicacional – *Quem* fala? (de um ponto de vista do posicionamento específico do *self* nesse momento experiencial);
- 2) O/s endereçado/s – *A quem* se dirige o acto comunicacional? (sob a forma de interlocutores ou audiências presentes, ausentes ou imaginárias);
- 3) As imagens de si específicas que estão a ser veiculadas – *O quê?* (que surge através do conteúdo do discurso veiculado para o interlocutor);
- 4) A forma de comunicação – *Como* está a ser dito? (avaliada através de diferentes formas de caracterização ou de apresentação da mensagem);
- 5) A intencionalidade comunicacional do participante – *Por que algo está a ser dito?* (adoptada na apresentação dessas imagens de si perante o outro e que permite avaliar o significado e o enquadramento da elocução em termos da identificação ou contraste do eu perante o que está a ser dito).

Neste parâmetro final referente à intencionalidade da comunicação, pretendemos reflectir especificamente na manipulação efectuada no conteúdo da mensagem partilhada e que enquadra um determinado significado final⁹ a nível da pragmática da comunicação. Tendo em conta o carácter da linguagem enquanto ferramenta de construção de realidades partilhadas, consideramos que algo pode ser dito para expressar tanto uma identificação como uma oposição perante o conteúdo da mensagem (por exemplo, no caso da utilização da ironia).

Deste modo, a análise microgenética corresponde à classificação de cada elocução seleccionada de acordo com as seguintes questões: Quem?; Para quem?; O quê?; Como?; Porquê? Nesta fase do desenvolvimento da metodologia, estávamos ainda conscientes da ambiguidade dos parâmetros devida à possibilidade da sua interpretação subjectiva por diferentes investigadores. Assim, de forma a possibilitar uma interpretação rigorosa dos parâmetros dialógicos, foram elaboradas as seguintes categorias analíticas que apresentamos no quadro 3.

⁹ Isto remete-nos para a importância e a necessidade de ter em conta o enquadramento de uma mensagem para a interpretação do seu significado. De acordo com Goffman (1974) e Fogel (1993), a noção de enquadramento (*frame*) foi empregue inicialmente por Gregory Bateson em 1955 para descrever as pistas que um indivíduo transmite para facilitar a interpretação do significado de um determinado gesto pelo seu interlocutor. Esta noção, mais tarde elaborada por Erving Goffman (1974) na sua *Frame analysis: An essay on the organization of experience*, remete-nos para a necessidade de, a cada momento vivencial, responder à questão: *O que se passa aqui?*, para compreendermos algo que está a acontecer comunicacionalmente.

Quadro 3: Categorias analíticas desenvolvidas para os cinco parâmetros dialógicos

Parâmetros dialógicos	Categorias analíticas correspondentes
Quem	<ol style="list-style-type: none">1. Eu como Eu;2. Eu como um Outro (especificar este outro).
Para quem	<ol style="list-style-type: none">1. Entrevistadora;2. Eu próprio;3. Outro interlocutor/audiência evocado (especificar este outro).
O quê	Especificar a imagem apresentada (através de auto-descrições, conteúdo emocional, etc.)
Como	<ol style="list-style-type: none">1. Acto de auto-caracterização (descrição acerca de si, fornecimento de informação acerca da sua perspectiva);2. Acto de hetero-descrição (descrições acerca de outros, das perspectivas ou diálogos deles; incluir as descrições de mim como se fosse um outro – uso da externalização);3. Acto de projecção no futuro (o agente desloca-se imaginariamente para um ponto no futuro e endereça o presente explicitamente a partir daí);4. Tentativa de projecção no futuro (o agente desloca-se imaginariamente para um ponto no futuro mas refere-se a esta experiência nunca abandonando o seu aqui e agora presente em frente à entrevistadora).
Porquê	<ol style="list-style-type: none">1. Num gesto de identificação do <i>self</i> com a imagem falada;2. Num gesto de desidentificação do <i>self</i> com a imagem falada.

De acordo com a nossa conceptualização, estes parâmetros são relevantes na medida em que nos permitem especificar a comunicação humana e o discurso nos seus aspectos pragmáticos como uma actividade dialógica intencional e contextualmente situada entre interlocutores e audiências, que se relacionam através de símbolos e práticas sócio-culturais.

1.4.3. Terceira fase – Identificação de estados do self e dos padrões de auto-organização

A análise microgenética das elocuições permite, numa terceira fase, a inferência de uma sucessão de posicionamentos intersubjectivos apresentados, momento a momento, na interacção dialógica com um outro. A concepção de estados do *self* como posicionamentos intersubjectivos Eu – Outro resulta da nossa inspiração nos trabalhos de Stanton Whorham (2001), a nível da exploração da apresentação do agente comunicacional no “acto de contar a narrativa” – denominado como “*storytelling event*”; e de Mikael Leiman (2004), na identificação de “*self-states*” clinicamente significativos como descontinuidades na experiência identitária. A simultaneidade de movimentos de hetero-referencialidade e auto-referencialidade na comunicação humana permite-nos aceder a estes posicionamentos intersubjectivos concebendo-os como posições do Eu (*I-positions*) ou estados específicos do *self* do participante que vão pontuando o fluir da experiência vivida e comunicada com a criação de sentido. Neste

sentido, o investigador faz uma leitura “de fora para dentro” da pessoa; ou seja, o acto comunicacional explícito possibilita um movimento inferencial de acesso psicológico à subjectividade de um Outro.

Assim, a identificação de diferentes estados do *self* resulta do esforço dedutivo e interpretativo do significado (semiótico e experiencial) de cada uma das elocuições analisadas. Concretamente, a identificação de estados do *self* leva o investigador a inferir como o participante se apresenta em referência a algo. Esta referencialidade comunicacional prende-se, geralmente (mas nem sempre explicitamente), com uma determinada vivência emocional sentida pelo agente comunicacional no acto de criação de sentido da sua experiência e de comunicação com um outro. Sempre que possível o estado do *self* deverá explicitar esta referencialidade alimentada afectivamente (ex. *Eu como ansioso perante a vida profissional futura*); no entanto, alguns estados do *self* poderão não surgir explicitamente associados a uma carga emocional discernível pelo investigador (ex. *Eu como adulto*).

De acordo com a nossa conceptualização, uma repetição de estados do *self* similares constitui um padrão de auto-organização interna face à problemática pessoal apresentada. Este padrão de auto-organização geralmente começa a emergir durante a definição da problemática na fase inicial da entrevista por esta exploração evocar os estados do *self* mais familiares associados à perspectiva. Estes estados do *self* geralmente também continuam a ser apresentados no decorrer da entrevista apesar da volubilidade experiencial no decorrer da passagem do tempo.

1.4.4. Quarta fase – Foco na emergência de diferença, novidade e mudança

Geralmente, um (novo) encontro dialógico com um outro e a confrontação com as tarefas da entrevista tende a facilitar a auto-inovação na perspectiva habitual face ao problema. Esta quarta fase da análise adquire a sua importância pelo foco na diferença e novidade como ingredientes activos da mudança, numa perspectiva que partilhamos com outros autores (cf. Fogel, Garvey, Hsu & West-Stroming, 2006 – para uma discussão aprofundada acerca de como a inovação nos padrões de interacção na díade mãe-criança podem conduzir a mudanças desenvolvimentais). Se novas posições do Eu emergirem durante a entrevista e se tornarem mais elaboradas e diferenciadas ao longo do tempo, estas poderão criar processos semióticos inovadores que conduzam a uma reorganização interna na construção de significado sobre a experiência vivida através do desenvolvimento de novos padrões estáveis de auto-organização face à problemática.

Não esperamos, à partida, notar este tipo de desenvolvimentos no decurso deste estudo por se centrar numa única entrevista com o participante. No entanto, é isto que é ambicionado numa intervenção psicoterapêutica mais prolongada e bem sucedida: uma mudança desenvolvimental duradoura.

Deste modo, na quarta e última fase da análise, partimos da repetição dos estados do *self* relativamente ao problema para a ênfase na emergência de diferença e novidade ao longo da entrevista, na tentativa de atingir uma descrição desenvolvimental relativamente à forma como a novidade é gerida e regulada no *self* dialógico. Segundo a nossa perspectiva, atingir esta descrição implica um procedimento sistemático de:

- 1) Detecção de estados do *self* que não haviam sido apresentados anteriormente e que surgem como auto-inovações relativamente à auto-organização habitual;
- 2) Compreensão dos processos dinâmicos envolvidos na emergência de diferença e regulação dessa novidade (ou reorganização perante a novidade);
- 3) Criação de um modelo da trajectória desenvolvimental ilustrativo do desenvolvimento de cada um dos participantes ao longo da entrevista.

Como já referimos anteriormente, podemos deparar-nos com formas específicas de auto-regulação no *self* dialógico (resultantes da construção da continuidade do *self* ao longo do tempo – semelhantes a um processo de assimilação da novidade) ou com processos de reorganização dos padrões de auto-organização preexistentes (como uma acomodação da novidade numa reestruturação interna).

Relativamente à construção da continuidade temporal do *self* dialógico, recorreremos à descrição dos processos dialógicos de auto-regulação do *self* tal como apresentados por Valsiner (2002a) como formas particulares de obstruir e constranger a transformação e mudança ao longo do tempo.

2. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta fase da apresentação de resultados, optámos por expor a análise idiográfica da trajectórias de cada um dos participantes ao longo da “*Entrevista Posições de Identidade*”, centrando-nos numa análise compreensiva dos seus percursos individuais e, por último, numa análise comparativa dos quatro estudos de caso. A decisão de organizar a parte empírica consoante esta estrutura, anexando a informação completa sobre as entrevistas (ver as transcrições divididas no Anexo 3), e as correspondentes análises microgenéticas (ver Anexo 4) no final deste trabalho, prende-se essencialmente com a tentativa de evidenciar os aspectos que considerámos mais pertinentes e ilustrativos nos estudos de caso e, deste modo, facilitar a compreensão das análises guiando o leitor pelas nossas narrativas em torno dos procedimentos analíticos e interpretativos apresentados no ponto anterior. Os aspectos das transcrições ou da análise microgenética relevantes serão indicados ao longo do texto, remetendo o leitor para as páginas correspondentes nos anexos.

Os estudos de caso serão organizados segundo uma mesma estrutura, de forma a facilitar a análise comparativa posterior dos quatro casos (numa fase posterior à apresentação das trajectórias individuais). Para cada um dos estudos de caso, inicialmente será apresentada uma descrição genérica do participante e da problemática discutida ao longo da “*Entrevista Posições de Identidade*”, sucedendo-se a análise sumária da fase do Posicionamento Social e das Projecções no Futuro. Esta primeira parte das análises idiográficas focar-se-á essencialmente nos conteúdos das entrevistas. Posteriormente, serão apresentados os aspectos centrais da análise microgenética privilegiando-se uma compreensão processual e desenvolvimental, concluindo-se com um modelo ilustrativo da trajectória do participante.

2.1. Análise idiográfica da trajetória do participante A (Estudo de caso 1)

O participante A. é um estudante de 24 anos, do sexo masculino, finalista do curso de Educação Física. A sua entrevista teve uma duração total de 40 minutos. Quando lhe foi pedido que apontasse uma problemática pessoal significativa na sua vida quotidiana como foco de reflexão ao longo da entrevista, A. escolheu falar da sua transição para a vida profissional. Referindo-se a este acontecimento assume que “*Em termos profissionais, estou a transformar-me de um adolescente para adulto e sinto-me ansioso por isso.*” (Esta foi a sua posição inicial co-construída com a entrevistadora, ver pág. 169¹⁰). Na fase inicial da entrevista, a ansiedade relatada por A. relativamente à sua transição para a vida profissional estava associada a um significado ambíguo e mesmo polarizado. Assim, esta experiência de ansiedade referia-se a uma certa preocupação ou apreensão sentida simultaneamente ou em alternância com um forte desejo e anseio pelos desafios ainda por vir. Concretamente, a ambiguidade da ansiedade surge associada: 1) à tristeza pelo fim da vida académica sentida como divertida, confortável e bem sucedida (“... *mas ao mesmo tempo está-me a deixar um bocado triste porque vou largar a vida que até agora sempre soube bem e sempre correu... sempre foi boa! //*” (pág. 169); 2) a alguma apreensão relativamente ao futuro (“... *porque tenho algumas incertezas só em relação ao que o futuro me reserva, mais nada. //*”, pág. 171); e, 3) ao entusiasmo e desejo de abraçar os desafios profissionais antecipados e imaginados num futuro próximo (“*De resto, a vontade de ir para a frente é muito maior que as incertezas.*”, pág. 171). O próprio A. reconhece explicitamente esta ambiguidade: “*Sinto-me.../ é aquela mescla de ansioso com o saudoso, / mas, no fundo, a ansiedade é maior, «estou ansioso por isso». //*” (pág. 170).

Durante a primeira tarefa de avaliação, A. apresentou-se como muito focado nesta transição, ao conceder-lhe o máximo de atenção no seu quotidiano (atribuindo-lhe um 9 numa escala de 0 a 10 em termos de importância). Apresentou-se, também, como muito confortável perante a antecipação das mudanças futuras na sua vida, atribuindo um grau de desconforto mínimo à situação de transição referida (um 2 num máximo de 10 em termos de desconforto ou mal-estar no quotidiano). Finalmente, atribuiu um grau de incerteza mínimo (um 1 num máximo de 10) relativamente à sua posição nas

¹⁰ As páginas indicam a localização nos anexos (formato digital em cd).

avaliações anteriores, reservando apenas algum grau de incerteza relativamente ao que o futuro profissional possa trazer.

2.1.1 – Fase do Posicionamento Social no participante A.

Quando foi pedido a A. que imaginasse as perspectivas de outros significativos relativamente à sua posição inicial, o participante decidiu imaginar os diálogos com o seu pai e alguns dos seus amigos: B. (um amigo mais velho), L. (um amigo da escola secundária) e V. (também uma amiga da escola secundária).

Ao imaginar a reacção e o diálogo com o seu pai, A. apresenta-se como satisfeito por chegar a esta fase da sua vida e como uma fonte de satisfação para este membro da sua família (que A. considera como um modelo importante na sua vida). O participante enfatiza que o alcançar desta meta na sua vida académica (terminar a licenciatura) é um motivo de grande orgulho e aprovação por parte do seu pai, e que as duas vozes (a que verbaliza a perspectiva do seu pai e a que verbaliza a perspectiva da posição inicial) exprimem uma relação de apoio entre elas.

Quando imagina a reacção e o diálogo com o seu amigo B., A. apresenta-se também como uma fonte de satisfação aos olhos deste amigo e imagina que B. o iria encorajar quando falassem sobre esta transição da vida académica para a vida profissional. Além disso, A. também se apresenta como um privilegiado perante este seu amigo mais velho e mais experiente no campo profissional, ao antecipar uma transição e uma carreira profissional mais bem sucedida que no caso de B. – um profissional que não teve a oportunidade de completar uma formação no ensino superior.

A. também antecipa uma reacção muito positiva no diálogo imaginado com L., um amigo que o acompanhou na escola secundária mas que, tendo terminado a sua licenciatura no ano anterior, já se encontra inserido no mundo profissional. A. acrescenta que L. também viveu a mesma transição alguns meses antes e que, por isso, conseguiria compreender bem o que ele sente no momento presente. Deste modo, A. assume directamente a voz de L., dizendo *“Bem-vindo, eu cheguei há pouco tempo / mas estou agora a habituar-me e agora anda tu também para este novo mundo.// E vais ver que é uma coisa diferente, é diferente daquilo que eu há pouco tempo deixei de ter.”* (pág. 173-174).

Podemos constatar, neste diálogo, que A. menciona, indirectamente e superficialmente, que esta transição para o mundo profissional poderá acarretar alguns

aspectos negativos, como a perda de uma vivência académica que agora termina. No entanto, ele não elabora mais aprofundadamente esta perda, movendo imediatamente o diálogo seguinte para uma perspectiva mais positiva acerca desta mudança. Deste modo, A. diz que o seu amigo L. teria uma reacção de apoio para consigo, ficando muito contente por se terem tornado profissionais e levando a amizade que os une para uma nova fase da vida de ambos.

Ao referir-se à reacção da sua amiga V., A. imagina uma reacção muito similar à de L., apesar de ser uma perspectiva feminina. O participante explica considerar que V., também uma finalista do ensino superior, ficaria muito orgulhosa dele, apoiando-o nesta transição. Mais uma vez, A. assume directamente a voz de V., dizendo “*Vamos passar nisso os dois, porque eu também estou a passar por isso agora, vamos ver...*” (pág. 175). Seguidamente, A. acrescenta que a reacção de V. seria empática pois os dois experienciam os mesmos problemas. Como podemos notar, a voz imaginada de V. também suscita uma referência a possíveis dificuldades no futuro. No entanto, quando lhe foi perguntado, seguidamente, acerca da sua resposta a esta reacção de V., o participante, responde que “... *É evidente que também é gratificante chegar ao ponto / e ver que os meus amigos também vão chegar a esse ponto / e ver que vamos entrar os dois juntos num patamar novo da vida e isso tudo...!!*” (pág. 175). Assim, verificamos que, mais uma vez, A. não elabora explicitamente no seu discurso quaisquer dificuldades ou experiências negativas antecipadas relativamente ao seu futuro (procuraremos discutir mais aprofundadamente o evitamento sistemático dos aspectos negativos desta transição num momento posterior desta análise).

No segundo procedimento de avaliação, o participante A. assume esta situação como a mais importante na sua vida actual (atribuindo-lhe um 10 relativamente à importância no momento presente), apresentando-se ainda como muito focado nesta transição. Por sua vez, ao referir-se ao grau de desconforto associado a esta problemática, A. apresenta-se como muito confortável perante esta situação (atribuindo-lhe o grau de 1 em termos do desconforto no momento presente, numa escala de 0 a 10) e como muito confiante da sua posição (atribuindo um 0 ao grau de incerteza perante as avaliações anteriores).

2.1.2 – *Projecções no futuro durante a entrevista ao participante A.*

Quando foi pedido ao participante que imaginasse a possibilidade de viajar para um momento futuro em que todas as preocupações relativamente à problemática da

transição tivessem tido uma evolução positiva, A. leva-nos para uma projecção de 10 anos no seu futuro, retratando-se como casado e como pai. Referindo-se às questões que ele gostaria de ver respondidas pelo seu Eu-Futuro, A. pergunta se, afinal, todo o seu entusiasmo pela vida profissional o levou a encontrar uma estabilidade profissional e emocional ou, numa palavra, a sua felicidade. Sendo positivo acerca da resposta do seu futuro, A. imagina a confirmação das suas expectativas positivas e acrescenta que, nesses 10 anos de evolução positiva, a vivência de alguns momentos menos positivos só o fizeram orgulhar-se do sucesso atingido ao longo do tempo. Assim, durante a primeira tarefa de projecção, A. apresenta-se sucessivamente como um optimista relativamente ao futuro, como ambicioso relativamente ao seu desempenho profissional e confiante relativamente ao seu sucesso futuro confirmando, deste modo, a sua confiança e expectativas no presente previamente transmitidas durante a entrevista.

Neste momento da entrevista, foi perguntado a A. se ele gostaria de alterar a sua posição inicial, recriando uma nova posição acerca da problemática referida. O participante declina a sugestão da entrevistadora, declarando que mantém neste momento a mesma perspectiva e a mesma preocupação relativamente à transição referida, associando-a à mesma vivência emocional (*“Em termos profissionais, estou a entrar para um novo patamar no qual eu deixei de ser um adolescente e passarei a ser um adulto e estou ansioso por isso. //”* – Posição Final, pág. 178). Nesta fase da entrevista, notamos que o significado de “ansioso” se torna mais restrito, referindo-se ao anseio ou desejo de passar por essa experiência de vida.

Durante a terceira avaliação, A. apresenta-se novamente como muito focado nesta transição, atribuindo-lhe o máximo de importância (um 10), com uma ausência de desconforto (um 0) ou incerteza (também um 0) associados a esta vivência. Da terceira avaliação em diante, até ao último procedimento de avaliação na entrevista, nota-se uma estabilização das avaliações quantitativas atribuídas à importância e desconforto associados à situação e relativamente à incerteza sentida durante as classificações anteriores e do significado lhes estava associado. Na medida em que o significado se mantém e já havia sido partilhado com a entrevistadora, nota-se uma redundância nas avaliações seguintes.

Quando lhe foi perguntado que imaginasse perspectivas alternativas relativamente à problemática da transição para a idade adulta a nível profissional, A. apresenta duas posições contrastantes e opostas relativamente ao presente, com as quais não se identifica actualmente. A primeira alternativa apresentada é referida como *“Uma*

acomodação à vida académica ou adolescente” (pág. 178). Esta imagem é apresentada por A. numa referência aos alunos que adiam a responsabilidade de terminar os estudos a tempo por abusarem das facilidades da vida académica e de um estilo de vida livre, divertido e despreocupado associado a este período. O participante descreve esta alternativa com uma forte conotação negativa dizendo que, se estivesse nessa situação no momento presente, não estaria a confrontar-se com o seu dever e responsabilidade de se tornar financeiramente autónomo da sua família, vivendo um estilo de vida que já não seria adequado para a sua idade e usufruindo de meios económicos provenientes de outros (como os pais). A segunda alternativa apresentada por A., também com uma forte conotação negativa, é aquilo que o participante denomina de uma “*Entrada no mercado precoce*” (pág. 178) sem as habilitações académicas ou preparação específica que ele possui agora e que ele considera como uma garantia de uma carreira profissional bem sucedida no futuro.

Quando lhe foi pedido que imaginasse um diálogo entre estas alternativas no presente e um momento com uma evolução positiva num futuro daqui a 10 anos, A. questiona se, entretanto, ele teria reconhecido que necessitava de terminar a sua formação superior de modo a desenvolver uma carreira profissional bem sucedida. O participante afirma ainda que, uma vez que o que se pretende na entrevista é que se assuma uma evolução positiva da situação, imagina que teria “corrigido” estes “erros vocacionais” ao longo dos 10 anos e teria encontrado a oportunidade de terminar a licenciatura. No entanto, A. envolve-se espontaneamente numa projecção no futuro que lhe parece mais realista descrevendo uma evolução negativa no futuro, caso estivesse a ocupar uma das alternativas rejeitadas no presente. Neste sentido, ao contrastar espontaneamente a sua perspectiva no presente com as alternativas rejeitadas e respectivas evoluções previstas, o participante conclui a entrevista mantendo-se como alguém que se apresenta bastante confiante e optimista relativamente ao seu sucesso no futuro e alguém que está satisfeito e orgulhoso com a conclusão da vida académica e a transição que virá a acontecer na sua vida imediata.

No último procedimento de avaliação, e tal como na terceira avaliação, A. apresenta-se como muito focado nesta transição, atribuindo-lhe o máximo de importância (um 10) e um mínimo de desconforto (um 0) ou incerteza (também um 0).

2.1.3 – *Um olhar microgenético sobre alguns momentos-chave da entrevista 1*

O participante A. geralmente ocupa uma posição auto-reflexiva enquanto agente comunicacional ao falar da transição na sua vida presente, das transformações vividas e antecipadas e das suas reacções a elas. Raramente fala *como se fosse um Outro* (um outro significativo ou um outro *self*-futuro), assumindo escassas vezes um discurso directo (que expresse outra voz que não a de uma perspectiva que é a sua), mesmo quando a entrevistadora explicitamente lhe pede que o faça (sugerindo a criação de diálogos). Neste sentido, ao não assumir-se como um Outro a falar, não vai dando uma voz autónoma e independente aos interlocutores evocados e, assim, não abandona a sua habitual posição auto-reflexiva omnisciente.

No início da entrevista observamos A. a expressar alguma ambiguidade relativamente à presente transição na sua vida, na medida em que esta experiência lhe suscita diferentes emoções: a) tristeza pelo final da vida académica e de um estilo de vida confortável, b) orgulho e satisfação pelo alcance de um objectivo importante na sua vida (concluir a licenciatura), c) ansiedade (como apreensão e preocupação) relativamente à inserção no mercado de trabalho e d) alguma incerteza relativamente às oportunidades profissionais futuras.

Apesar das nossas expectativas de que o desenvolvimento da entrevista fosse introduzir e proporcionar a emergência de diferença na perspectiva relativa à problemática da transição, facilitando a ocorrência de auto-inovação, o padrão oposto aparece. Deste modo, a fase de Posicionamento Social introduz nas perspectivas de outros significativos uma visão sistematicamente positiva e reforçadora da posição do participante, tal como se verifica na sucessão e repetição dos seguintes estados do *self*: *Eu como ansioso, desejoso pelo meu futuro profissional e Eu como orgulhoso e satisfeito relativamente à transição*. Neste sentido, estes Outros (psicologicamente presentes como audiências ou interlocutores) que são invocados não validam certas perspectivas (negativas) acerca da problemática da transição que haviam sido indirectamente apresentadas no início da entrevista e que se expressam, consequentemente, de forma cada vez menos frequente e menos elaborada ao longo do tempo. Também as diferentes fases de Projecção no Futuro introduzem uma visão muito positiva acerca da sua perspectiva no presente e as alternativas imaginadas, em vez de introduzirem inovação, têm o efeito reforçador do seu optimismo actual. Notemos, particularmente, a nomeação das alternativas no presente à posição pessoal: estas duas alternativas apresentadas por A. correspondem a extremos tipificados em categorias claramente negativas que, pelo seu menosprezo, conseguem legitimar ainda mais a

posição pessoal assumida pelo participante. Deparamo-nos, nesta situação, com uma *estratégia de polarização de alternativas* que produz um efeito reforçador da perspectiva habitual.

Socorrendo-nos da metáfora já utilizada por Bakhtin (1981), podemos dizer que estes Outros, em vez de serem introdutores de diversidade e auto-inovação, são manipulados como «marionetas» reforçando um ponto de vista positivo específico, ao expressarem um acordo generalizado com a perspectiva dominante do participante. Por seu turno, o participante, tal como um «ventríloquo», usa a voz dos seus interlocutores/personagens para a expressão do seu ponto de vista e estes raramente geram a emergência de diferença. Constatamos, então, a existência de uma monologização das vozes expressadas durante a entrevista. Esta situação poderá ser equiparada à acção de um narrador monológico surgindo em contraste com um narrador que permite que outros (personagens) se expressem de forma autónoma e divergente por intermédio da sua própria voz (tal como na novela polifónica).

Este estudo de caso apresenta, assim, uma ilustração de como o *self* se pode organizar, por vezes, de forma tão “monológica” e distante da metáfora da polifonia. Levando esta reflexão um pouco mais longe, confrontamo-nos inclusive com a questão acerca de quem vai falando ao longo da entrevista. Como esta análise tenta demonstrar, depois de uma fase inicial algo ambígua e diversificada, A. começa a apresentar-se consistentemente (e apresentando os outros através dele) como muito orgulhoso e animado com esta fase de mudança na sua vida, satisfeito com as metas académicas alcançadas e confiante e seguro relativamente à sua adaptação e desenvolvimento profissional. Na tentativa de criar algum sentido sobre esta diminuição de diversidade, parece-nos coerente concebê-la numa estreita ligação com um discurso socialmente esperado que constrange as apresentações do participante A. perante uma psicóloga (a entrevistadora) enquanto interlocutora na presente interacção (possivelmente percebida como uma avaliadora do seu ajustamento psicológico). Este discurso de glorificação da idade adulta, da autonomia e da independência individual conduz genericamente a uma depreciação dos sentimentos negativos e da experiência de perda do passado e de incerteza relativamente ao futuro, como situações que não são reconhecidas abertamente apesar de possivelmente também estarem implicadas na constituição da vivência presente. Deste modo, ficamos com a impressão de que o agente comunicacional vocaliza um discurso socialmente dominante e positivo (como

um *discurso autoritário*; Bakhtin, 1981, p. 342) que poderá não reconhecer ou expressar a riqueza e ambiguidade da experiência vivida e sentida.

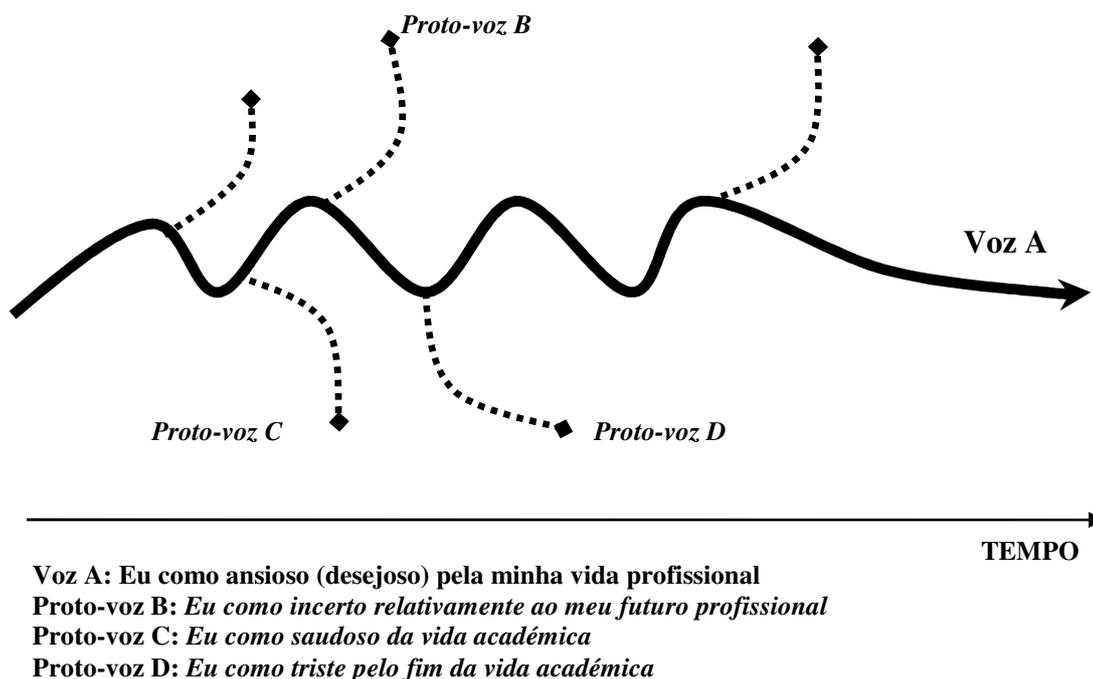
Encontramos, no entanto, alguns momentos interessantes de emergência de diferença no discurso positivo verbalizado por A. e na sua trajetória ao longo da entrevista que gostaríamos de elaborar mais detalhadamente. O nosso interesse nestes momentos de emergência prende-se com o facto destes evidenciarem algumas formas específicas de auto-regulação da diferença e da multiplicidade na construção da similaridade e da estabilidade na apresentação do *self* relativamente ao outro. Como iremos argumentar, estas interessantes formas de auto-regulação estão usualmente associadas a uma expressão breve e indirecta de vozes divergentes ou opostas relativamente à transição para o mundo profissional, que não se encaixam numa visão positiva dominante e num discurso socialmente esperado relativamente às mudanças referidas que é genericamente assumido pelo participante ao longo da entrevista.

Tal como assinalámos anteriormente, enquanto o participante clarificava, no início da entrevista, a problemática pessoal que queria discutir reconheceu que iria ter saudades da sua vida académica que agora chegava a um fim e que isso, por vezes, lhe causava alguma tristeza. No entanto, seguidamente, A. minimizou a importância desses sentimentos negativos na medida em que o seu desejo de prosseguir em frente na busca de novos desafios é muito mais intenso. Nesta sequência do diálogo, A. apresenta dois tipos de apresentação intersubjectiva (estados do *self*) que raramente aparecem posteriormente: *Eu como triste por abandonar a vida académica* (pág. 229) e *Eu como saudoso da vida académica* (pág. 229). Estes estados do *self* são imediatamente silenciados no decorrer do diálogo, uma vez que o participante deixa de os elaborar e termina a clarificação sobre estas perspectivas de uma forma abrupta, dizendo: “*Portanto, de resto é isso. //*” (pág. 170). A própria entrevistadora, detectando a complexidade associada à problemática escolhida tenta, em diferentes momentos da entrevista, explorar significados e suscitar maior elaboração semiótica relativamente à riqueza da experiência vivida por A., referindo-se à dimensão emocional evocada pela situação. Consequentemente, A. responde: “*Sinto-me... / é aquela mescla de ansioso com o saudoso, / mas no fundo a ansiedade é maior, «estou ansioso por isso». //*” (pág. 169). Como podemos ver, o participante apresenta perante o outro dois estados do *self*: *Eu como saudoso da vida académica* e *Eu como ansioso (desejoso) pelo meu futuro profissional* (pág. 229), com a última posição do Eu (que exprime uma voz mais positiva) a dominar e a constringer a expressão da primeira posição (que vocaliza uma

voz mais negativa). De acordo com as diferentes formas de auto-regulação apresentadas por Valsiner (2002a), isto ilustra uma relação de monologização por expropriação de uma voz, em que a voz dominante exclui uma outra voz da possibilidade de se expressar e de comunicar diferença no *self* dialógico (esta forma de monologização de vozes também tem vindo a ser referida como produtora de um *dialogismo escondido* no *self* dialógico, por Valsiner, 2004b, e por Gonçalves, Matos & Santos, no prelo). A apresentação intersubjectiva de A. enquanto *Eu como incerto relativamente ao meu futuro profissional* volta a surgir durante o segundo procedimento de avaliação, na classificação relativamente ao grau de desconforto associado à situação de transição para a vida profissional. A. declara que “*Não me provoca desconforto nenhum, / é só mesmo a incerteza de poder ter esta vontade toda de entrar num mundo e não haver oportunidades, / apesar de já saber que tenho algumas, por isso o desconforto é mínimo, é 0 ou 1. //*” (pág. 175). Novamente, o participante reconhece brevemente a possibilidade de ocorrência de experiências negativas no futuro, mas move-se imediatamente para um estado do *self* mais positivo (*Eu como confiante relativamente ao futuro*, pág. 238), minimizando explicitamente a expressão de uma voz negativa acerca do seu futuro.

Consideramos, então, que a problemática pessoal do participante A, referente à transição para a vida profissional (para uma idade mais adulta em termos de exigências e responsabilidades), envolve um *dialogismo escondido* entre diversas vozes dentro do *self* dialógico. A dinâmica que se vai construindo entre as diferentes vozes cria um padrão de auto-organização ao longo do tempo que se mantém através de processos de monologização específicos. Neste caso em particular, observamos os efeitos de uma voz positiva dominante a exercer o seu poder sobre a expressão de outras vozes divergentes (menos optimistas), regulando-as por expropriação do diálogo interno e remetendo-as ao silêncio dentro do *self* dialógico. Apresentamos, seguidamente uma ilustração da trajectória de diferentes vozes ao longo da entrevista (ver figura 6).

Figura 6: Ilustração da trajetória de diferentes vozes ao longo da entrevista do participante A.



Nesta ilustração (figura 6) a linha a negrito representa a voz dominante (Voz A: *Eu como ansioso (desejoso) pela minha vida profissional*) que se torna mais elaborada e recorrente ao longo da entrevista, como um posicionamento repetido do *self*. A recorrência deste estado do *self* e da expressão desta voz aparece associada a um padrão de auto-organização que se traduz numa regulação pelo constrangimento da expressão de outras vozes (que denominamos de proto-vozes). É a relação de dominância desta voz A sobre todas as outras vozes que permite a construção da similitude e da continuidade ao longo do tempo. Outras vozes (proto-vozes B, C e D), que estão relacionadas com diferentes posições do Eu face ao outro e que expressam multiplicidade e divergência de perspectivas relativamente à problemática discutida (representadas por uma linha descontínua e com um remate interrompido na figura 6) não se tornam tão frequentes ou elaboradas e são silenciadas ao longo da entrevista sempre que começam a emergir. Denominámo-las de proto-vozes na ilustração (em contraste com a noção de voz), precisamente pela falta de diferenciação e expressão, comparativamente à voz dominante.

Este estudo de caso da entrevista do participante A. representa, para nós, uma ilustração da construção de estabilidade e continuidade no cerne de uma multiplicidade

microgenética ao longo do tempo, que permite a criação da unidade do *self* dialógico através do poder dominante de uma voz sobre as outras.

2.2. Análise idiográfica da trajetória da participante B (Estudo de caso 2)

A participante B. é uma jovem profissional de 24 anos de idade, licenciada em Psicologia, que escolheu falar acerca do impacto da doença do seu pai na sua vivência quotidiana, declarando “*Sinto-me impotente e sobressaltada relativamente à saúde do meu pai.*” (Esta foi a sua posição inicial co-construída com a entrevistadora, pág. 184-185). A sua entrevista durou 80 minutos. A situação de saúde do seu pai que a preocupa no presente está relacionada com uma história de vários acidentes vasculares cerebrais (AVC) ao longo dos últimos anos que afectaram marcadamente a sua capacidade motora e autonomia individual sem, no entanto, causarem prejuízo a nível das funções cognitivas. Apesar da sua condição de saúde se ter mantido estável ao longo dos 2 últimos anos (depois do último AVC), B. descreve esta situação como uma preocupação diária a que não consegue escapar no seu quotidiano.

No primeiro procedimento de avaliação, a participante B. classifica esta problemática como a situação mais importante na sua vida (atribuindo-lhe um 10 numa escala de 0 a 10 em termos de importância), na medida em que se apresenta como constantemente focada na possibilidade de um novo AVC futuro e na tentativa de o evitar, induzindo mudanças comportamentais no estilo de vida do pai. Ela refere-se à sua reacção dizendo que “*É uma necessidade constante de controlar a vida dele / para eu conseguir controlar a minha. //*” (pág. 182). B. atribui um elevado nível de desconforto ou mal-estar associado a esta problemática (atribuindo-lhe um 8 numa escala de 0 a 10), apesar de admitir uma diminuição do mal-estar à medida que o tempo se distancia do último episódio. B. indica também um grau de incerteza mínimo relativamente às avaliações anteriores de importância e desconforto (atribuindo-lhe um 3 ou um 4 numa escala de 0 a 10).

2.2.1 – Fase do Posicionamento Social na participante B.

Quando foi pedido à participante que imaginasse a perspectiva de outros significativos relativamente à sua posição inicial e se envolvesse em diálogo com eles, B. indica cinco pessoas: o seu pai, a sua mãe, a “rapariga dos cabelos ruivos da casa na pradaria” (referindo-se à personagem Laura Ingalls na série de TV “A pequena casa na pradaria”, assumindo-a como um modelo de infância), o seu primeiro namorado (na sua adolescência) e a sua primeira paixão (da sua infância).

Ao imaginar a reacção do seu pai perante a impotência e sobressalto da filha relativamente ao seu estado de saúde (a posição inicial de B.), a participante assume directamente a voz do seu pai (usando o discurso directo) na tentativa de a acalmar, dizendo que “*Não te preocupes. // Não há problema. //*” (pág. 185). Assim, a participante apresenta-se como excessivamente preocupada aos olhos do seu pai. No entanto, na sua resposta ao seu pai, percebendo que a sua reacção não estava a ser levada a sério ou legitimada pelo seu interlocutor, B. apresenta-se como ainda mais sobressaltada e impotente. A participante reflecte posteriormente nesta interacção imaginada, admitindo que, de facto, não conseguirá nunca controlar a vida do seu pai ao tentar diminuir as actividades de uma pessoa tão dinâmica quanto ele sempre foi. Neste sentido, as suas tentativas de controlo no quotidiano estão destinadas ao fracasso.

Imaginando a reacção da “Ruiva da casa na pradaria”, B. refere que esta personagem não se sentiria tão impotente e sobressaltada quanto ela nesta situação pois arranjará maneira de, no mundo da fantasia, resolver a doença do seu pai ou lidar com a situação de forma mais positiva. Deste modo, a participante apresenta-se como dominada pela sua impotência e sobressalto no contraste com uma menina ruiva que surge como determinada e resoluta em encontrar alguma solução para o problema. Na sua reflexão relativamente à reacção imaginada, B. conclui “*Que é uma situação que não.../ que é quase impossível de ser resolvida, / por mais calma, por mais decidida que uma pessoa seja.*” (pág. 187).

Ao imaginar a reacção do seu primeiro namorado (da adolescência), B. apresenta-se como apoiada por ele, enquanto este reconhece a legitimidade das suas razões e reacções de impotência e sobressalto relativamente à situação de saúde do seu pai. No entanto, a percepção de uma completa sintonia e compreensão relativamente à vivência emocional da problemática só surge com a imaginação da reacção da mãe à posição inicial pois, para B., somente duas pessoas intimamente envolvidas na situação e implicadas no problema conseguem partilhar o mesmo tipo de emoções (como ela e a sua mãe). Assumindo a voz de um outro (em discurso directo), B. endereça-se a si própria como se fosse a sua mãe dizendo “*... Digo o mesmo, / que há razões para isso...*” (pág. 189). B. explica ainda que este tipo de sintonia e apoio está relacionado não só com a confrontação com a doença de alguém muito próximo e que as duas amam muito, mas também com a antecipação mútua da possibilidade da perda deste ente querido e da inevitabilidade da mudança nas suas vidas decorrente da iminência da morte ou do agravamento da doença. Assim, B. apresenta-se como alguém que é

forçada a confrontar-se com a mudança contra a sua própria vontade e que se recusa a adaptar-se ou a preparar-se para a possibilidade deste evento negativo (a perda do pai) no seu futuro.

No último diálogo imaginado na fase do Posicionamento Social, interagindo com a sua primeira paixão da infância, B. percepção o seu interlocutor com uma reacção de apoio. A participante assume também a voz do outro (usando o discurso directo), dizendo “... *Acalma-te, porque é uma estupidez / estares a tentar prever uma coisa que pode até nem acontecer num futuro próximo... (...) E não podes levar a tua vida tão guiada por essa iminência, / a pensar que é hoje, ou é amanhã, ou depois de amanhã...*” (pág. 190). Seguidamente, neste momento da entrevista, B. delinea uma distinção entre o tipo de apoio imaginado por parte da mãe e por parte dos outros: apesar de expressar um apreço pelas boas intenções dos seus amigos e personagens preferidos, cria também um claro contraste com estes interlocutores, dizendo que “*Tudo o que estas pessoas me dizem, / eu já sei, não é... // O que é, é que eu não consigo, / nem elas próprias o sabem fazer...//*” (pág. 190) E ainda dirigindo-se a eles, acrescenta depois: “*Tudo o que me dizes... / é impossível de realizar porque ninguém se conforma com a iminência de uma morte ou de uma doença...//*” (pág. 190). Estas elocuições, carregadas afectivamente de forma intensa, ilustram no espaço dialógico partilhado com a entrevistadora todo o impacto emocional que a problemática desencadeia na participante até esta fase da entrevista.

No segundo procedimento de avaliação, a participante mantém esta situação como o mais importante para si no momento presente (atribuindo-lhe um grau de 10); no entanto, B. atribui uma pequena diferença em termos do desconforto sentido no momento presente (atribuindo um 7 em contraste com o 8 anterior relativamente ao grau de desconforto). Notando esta diferença, a entrevistadora procura suscitar uma maior elaboração em torno do significado da experiência de desconforto sentida, questionando-a acerca do que mudou desde a primeira avaliação. Em resposta, B. justifica que a diferença relativamente ao grau de desconforto atribuído está relacionada com um certo alívio que ela sente no presente à medida que vai falando da situação. Quanto ao grau de incerteza, B. apresenta-se como cada vez mais segura das suas avaliações (atribuindo um 1 ao grau de incerteza).

2.2.2 – *Projectções no futuro durante a entrevista à participante B.*

Quando foi pedido à participante que imaginasse a possibilidade de viajar no tempo para um momento no futuro em que a posição inicial já tivesse evoluído de forma positiva, B. conduz-nos a dois momentos possíveis projectados em 10 anos no seu futuro. Na primeira projecção, denominada de “*Futuro Mais-Mais*”, B. imagina-se uma mãe realizada profissionalmente, com um filho que tem um avô vivo. Na segunda projecção, denominada de “*Futuro Mais-Menos*”, B. imagina-se uma mãe que lidou de forma positiva com a perda do seu pai. Na sequência desta caracterização, entrevistadora e participante concordam em efectuar duas vezes a primeira fase de projecção no futuro, com dois “destinos” diferentes.

A participante inicia o seu diálogo com o “*Futuro Mais-Mais*” perguntando se, nestes 10 anos, iria conseguir tornar-se menos sobressaltada e alarmada perante a situação de saúde do seu pai; seguidamente, imaginando a resposta do seu Eu-Futuro, B. refere que a sua impotência iria diminuir a partir do momento em que ela deixasse de se focar no controlo das situações vividas e da vida do seu pai. O diálogo seguinte questiona o “*Futuro Mais-Menos*” acerca da reacção de B. no momento futuro da perda do pai e do tipo de pessoa que se tornou depois desta experiência. Esta pergunta não é, de facto, respondida pelo diálogo; no entanto, ela admite, ao imaginar-se no futuro, a inutilidade dos sentimentos de impotência e sobressalto no presente pois, afinal, não permitem prevenir ou excluir a perda do pai e a mudança no futuro. Além disso, B. acrescenta que “*Tentar controlar e andar sobressaltada não mudam o futuro! //*” (pág. 194) e que isto a leva a reconhecer “*E saber que a impotência é quase uma condição humana...*” (pág. 194). Assim, esta projecção leva-a a questionar-se na sua necessidade de controlar o presente e excluir a sua impotência perante a situação, emergindo novas formas de se posicionar perante o outro e perante a sua própria experiência: *Eu a reconhecer que a impotência faz parte da vida e Eu a reconhecer a inutilidade de tentar controlar o incontrolável* (pág. 255)

Nesta fase da entrevista, a entrevistadora pergunta a B. se ela gostaria de alterar a sua posição inicial relativamente à problemática. A participante aceita o convite de formulação de uma nova posição (Posição Final) e começa a elaborar uma nova perspectiva, explicando que tem feito um esforço para ser menos controladora relativamente à situação de saúde do seu pai e que tem sido bem sucedida, notando algumas diferenças na sua atitude. Clarifica posteriormente isto dizendo que à medida que o tempo passa, “*Me sinto menos.../ Sinto-me ou tento.../ Tento e acho que estou a*

conseguir / ser uma pessoa menos controlada... // Menos controladora, / não é controlada / é menos controladora... // (pág. 194). Assim, como corolário da sua reflexão, a participante formula uma nova perspectiva adoptada perante a problemática da situação de saúde do seu pai, expressando que *“Sinto-me e tenho conseguido ser mais descontraída e menos obsessiva em relação ao futuro”* (Posição Final co-construída com a entrevistadora, pág. 195).

No terceiro procedimento de avaliação, a participante assume novamente esta situação como o mais importante da sua vida no presente (atribuindo-lhe um 10), associada a um elevado grau de desconforto (um 9 em 10). Ao elaborar sobre o significado deste número, B. expressa uma ambiguidade de alguém que tenta mudar, mas que ainda não vislumbra a (possibilidade de) mudança, explicando: *“... porque há uma consciência de que tenho que ser menos obsessiva e mais descontraída; / e, por outro lado, há uma sensação de que é impossível o conseguir realizar. //* (pág. 195). A sua incerteza perante este terceiro procedimento de avaliação foi considerada inexistente (classificado como 0).

Quando lhe foi pedido que pensasse em perspectivas alternativas relativamente à problemática, B. apresentou diferentes reacções que poderia adoptar no presente de saúde do pai face à saúde do pai. As seguintes alternativas foram, então, enunciadas: uma posição de Descontracção, no sentido de se apresentar mais *“... descontraída, despreocupada em relação à situação. //* (Posição Alternativa 1, pág. 196); uma posição de *“Não tenho medo da mudança. //* (Posição Alternativa 2, pág. 196); e uma última perspectiva, *“... / Que me tornei uma pessoa menos obsessiva e excessivamente preocupada com tudo... //* (Posição Alternativa 3, pág. 196). Nota-se que as alternativas enunciadas correspondem a perspectivas desejadas pela participante, mas com as quais não se identifica no presente, tal como se verifica na seguinte expressão de B.: *“E já era muito bom! //* (pág. 196)

Quando a entrevistadora lhe pediu que imaginasse um diálogo entre cada uma destas alternativas no presente e um momento positivo num futuro daqui a 10 anos (segunda tarefa de projecção no futuro da entrevista), a participante questiona o seu Eu-Futuro se, realmente, perdeu o medo da mudança (em consequência do falecimento do seu pai). Endereçando-se a si própria numa resposta do futuro, B. começa a ligar as perspectivas alternativas explicando espontaneamente um percurso de desenvolvimento e mudança pessoal ao longo desses 10 anos: de forma a tornar-se menos receosa da mudança (Posição Alternativa 2), inicialmente havia conseguido ser menos obsessiva e

preocupada com tudo na sua vida (Posição Alternativa 3), tornando-se posteriormente mais relaxada relativamente à condição de saúde do seu pai (Posição Alternativa 1), chegando finalmente a um estágio em que deixou de ter medo da mudança ou, nas suas próprias palavras, “... adaptei-me a ela... //” (pág. 197). Porém, na continuação do diálogo entre uma posição menos obsessiva no presente (Posição Alternativa 3) e o seu Eu-Futuro, a participante questiona-se se tal evolução será, efectivamente, possível. Na resposta imaginada do Futuro num endereçamento a si própria, B. move-se novamente para uma posição mais conservadora, dizendo “... acho que o futuro me vai responder que a vida, / e a vida com tudo o que ela traz / me vai tornar uma pessoa mais descontraída e mais despreocupada. //” (pág. 198). Assim, B. sugere implicitamente que só um confronto real com a perda do pai poderá concluir um processo de transformação conducente a uma mudança estável e duradoura.

No procedimento de avaliação final, a participante mantém novamente esta situação como a mais valorizada na sua vida (atribuindo-lhe um 10 em termos da importância) associando-a, no entanto, a um nível mais reduzido de desconforto (um 6) e a um mínimo de incerteza na sua posição pessoal (um 0). Na conclusão da entrevista, ao ser-lhe pedida uma pequena reflexão sobre a experiência, B. acrescentou sentir que falar acerca da situação a ajuda a lidar com ela na sua vida presente e ter sido particularmente benéfica uma antecipação positiva do futuro.

2.2.3 – Um olhar microgenético sobre alguns momentos-chave da entrevista 2

A participante B. inicia a entrevista expressando a sua perspectiva perante a situação de saúde do pai e associando-a à vivência intensa de sobressalto e alarme constantes no seu quotidiano. A antecipação de um novo AVC futuro ou da perda do pai confronta a participante com uma experiência negativa que ela não quer aceitar ou enfrentar, tentando evitá-la ou preveni-la induzindo alterações no estilo de vida do seu pai. Neste sentido, a problemática apresentada por B. estrutura-se numa relação dinâmica entre dois estados do *self*: *Eu a tentar controlar a situação de saúde do meu pai* versus *Eu como impotente e sobressaltada perante a situação* (ver Anexo 4). A relação entre estas duas posições do Eu mantém-se ao longo do tempo através de um equilíbrio dinâmico produzido por uma alimentação mútua das duas vozes envolvidas (*a mutual in-feeding balance*; Valsiner, 2002a), ou por processos de *feedback* positivo (quanto maior a tentativa de controlar, maior a impotência produzida e maior o investimento no controlo). A recorrência e circularidade observadas entre estas duas

vozes, leva-nos a inferir este equilíbrio como constituinte do padrão de auto-organização habitualmente adoptado face à problemática. Este equilíbrio auto-organizado mantém-se estável e duradouro dentro do *self* dialógico por um processo de monologização produzido por uma coligação de poder dominante entre estas vozes (Hermans & Hermans-Jansen, 2004), na medida em que estas acabam por ser as únicas a ter oportunidade de se expressar relativamente no espaço dialógico (inter)subjectivo, durante a exploração do problema.

Olhando para a fase do Posicionamento Social, podemos dizer que a formulação inicial do problema (que traduz um equilíbrio dinâmico entre as duas vozes referidas) é mantida através da supressão e rejeição de vozes alternativas divergentes que começam a surgir durante este momento da entrevista, através das perspectivas contrastantes de outros sociais. Neste sentido, durante esta fase da entrevista, testemunhamos não só uma clarificação do dialogismo escondido sobre esta coligação dominante (Valsiner, 2004b) mas também, simultaneamente, uma exploração de um campo semiótico negativo (nomeadamente, o facto de explorar uma posição que expressa a perda do medo da mudança, a adaptação a esta ou uma atitude mais relaxada) e contrastante com a perspectiva assumida pela participante perante o problema. Ou seja, assistimos à exploração e elaboração de uma contraposição relativamente à posição inicial (o que, na relação entre um campo semiótico – A – e o seu oposto em termos de significado – campo semiótico Anti-A – corresponde a uma elaboração construtiva deste último, segundo Josephs, Valsiner & Surgan, 1999). Apesar da participante rejeitar explicitamente estas perspectivas divergentes da sua e, no final desta fase, expressar com veemência a sua oposição perante outros pontos de vista, (*“Tudo o que tu me dizes... / é impossível de realizar porque ninguém se conforma com a iminência de uma morte ou de uma doença... //”*, pág. 190), sugerimos ser desta exploração da diferença (ainda que inicialmente rejeitada e colocada de parte) que surgem os ingredientes da posterior auto-inovação e mudança pessoal.

Assim, a fase de Posicionamento Social permite uma introdução da diferença e elaboração sobre a alteridade, principalmente porque estes interlocutores se expressam como autores independentes e com vozes autónomas da voz da participante verbalizando (em discurso directo) a sua divergência e diferença relativamente à perspectiva habitual face ao problema. Além disso, estes outros sociais são endereçados pela participante como interlocutores psicologicamente presentes e participantes no diálogo (também a participante se dirige a estes frequentemente em discurso directo),

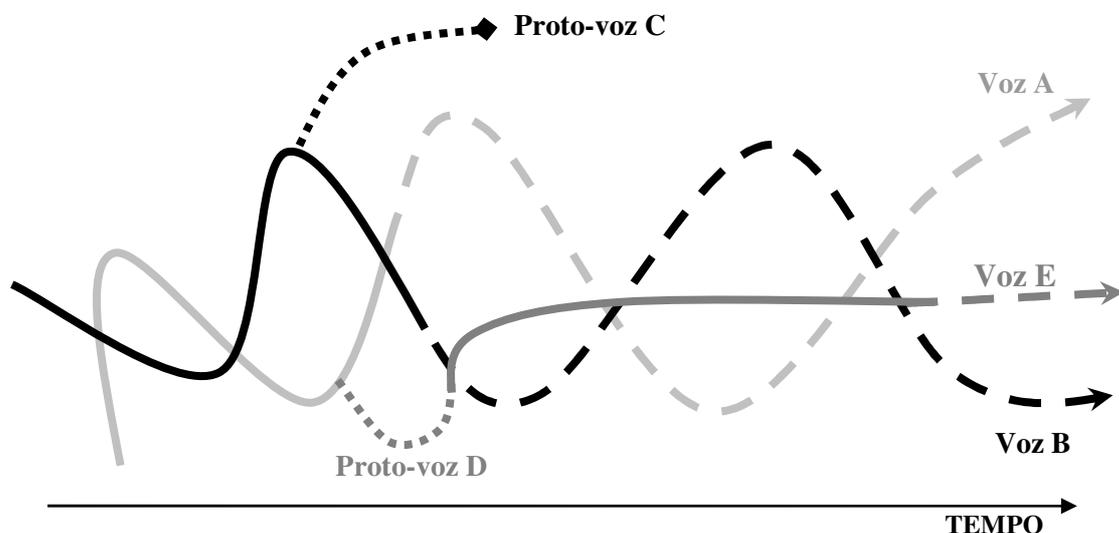
notando-se o impacto e a ressonância das suas vozes no espaço dialógico interno. Deste modo, consideramos que nestes diálogos existem sinais da dominância de uma perspectiva inicial sobre as outras vozes que expressam a sua divergência sobretudo pela defesa de uma atitude não-controladora face ao futuro. Porém, mesmo quando estas vozes são explicitamente rejeitadas por B., ao verbalizarem-se estes discursos através da sua boca emerge a novidade e a diferença e, simultaneamente, é explorada uma nova compreensão acerca de como a impotência sentida vai sendo alimentada pela sua atitude controladora. Assim, mais tarde na entrevista, B. expressa o reconhecimento, de forma autónoma, da alimentação mútua entre *Eu a tentar controlar a situação de saúde do meu pai* versus *Eu como impotente e sobressaltada perante a situação* (na fase de projecção no futuro).

Nas tarefas de projecção no futuro testemunhamos, na nossa perspectiva, um processo temporário de inversão do domínio de vozes (*dominance reversal*; Hermans & Kempen, 1993) pois B. assume que um futuro positivo estará necessariamente associado a uma atitude menos controladora e uma adaptação à mudança implicará uma aceitação da inevitabilidade da perda. Deste modo, ela dirige-se a si própria posicionando-se na contraposição perante a problemática e explorando como será assumir a perspectiva oposta (sendo a sua posição inicial A: *Eu como impotente e como controladora*, nesta fase ela posiciona-se em Anti-A: *Eu a reconhecer a inutilidade de tentar controlar o incontrolável*, pág. 255). Esta exploração da alteridade permite-lhe decidir reformular a sua perspectiva face ao problema (na construção de uma Posição Final), integrando alguns elementos da sua contraposição. Nomeadamente, ao dizer “*Sinto-me mais descontraída, / ou pelo menos tento... // ... E tenho conseguido ser mais descontraída e menos obsessiva em relação ao futuro. //*” (pág. 195), B. integra uma atitude menos controladora na sua perspectiva face ao problema, confrontando o seu medo da mudança e do futuro e a sua impotência na Posição Final. Além disso, ela parece mover-se de uma forma difusa e fragmentada na exploração das diferentes perspectivas alternativas na segunda tarefa de projecção no futuro com um aumento da dialogicalidade, até que estabiliza novamente num regresso à Posição Final (que enfatiza a tentativa de não ser tão controladora). Este caso parece exemplificar que: “Uma característica curiosa do *self* dialógico é o quanto estável ele pode ser – e como tão facilmente essa estabilidade pode ser transformada em momentos de extrema instabilidade.” (Valsiner, 2002a, p. 261).

Relativamente a este caso, não consideramos que tenha ocorrido uma verdadeira mudança desenvolvimental durante a entrevista (no sentido de uma re-organização interna duradoura), pelo menos no que diz respeito ao alcance de uma estabilidade na inversão do domínio das vozes iniciais; no entanto, existem diversos momentos que seriam considerados passos de um percurso nesse sentido (nomeadamente os diferentes momentos de síntese e emergência de novas vozes). A própria participante reflecte sobre isto, posicionando-se como alguém que só vai conseguir assumir verdadeiramente uma nova visão perante a impotência da vida humana após o confronto com a perda do pai no futuro – algo que ela não consegue assumir para já. Assim, ela recua na transformação da sua perspectiva, voltando para uma posição mais conservadora (e também mais familiar), apesar de concluir que “*As reacções que comandam a vida não têm fundamento! //*” (pág. 199, e apresentando-se como *Eu a reconhecer as minhas reacções como infundadas* numa referência à sua própria impotência e sobressalto).

Apresentamos, seguidamente, uma ilustração genérica da trajectória de B. ao longo da entrevista (ver figura 7).

Figura 7: Ilustração da trajectória de diferentes vozes ao longo da entrevista da participante B.



Voz A: Eu a tentar controlar a situação de saúde do meu pai

Voz B: Eu como impotente e sobressaltada perante a situação

Proto-voz C: *Eu a tentar lidar com a mudança*

Proto-voz D: *Eu como menos controladora*

Voz E: Eu como mais descontraída e despreocupada em relação ao futuro

Na figura 7, com as linhas contínuas de cor preta e cinzenta (vozes A e B), pretendemos representar a perspectiva dominante face ao problema apresentada pela participante no início da entrevista. Estas duas vozes que se alimentam mutuamente

expressam um equilíbrio inicial entre duas posições do Eu (ou estados do *self*), que domina sobre outras vozes, rejeitando as perspectivas divergentes que começam a emergir através das vozes dos outros significativos (note-se a linha descontínua da proto-voz C que termina de forma interrompida e a emergência da proto-voz D). No entanto, com as tarefas de projecção no futuro e o desenvolvimento da entrevista, algumas vozes tornam-se mais elaboradas e integradas numa renovada Posição Final relativamente ao problema, criando uma nova síntese (apesar de instável) de elementos inovadores que quebra com a coligação de vozes dominantes inicialmente (note-se a diferenciação da proto-voz D numa nova voz E, que é conseguida ao longo da entrevista). A síntese de uma nova voz (voz E: *Eu como mais descontraída e despreocupada em relação ao futuro*) indica alguma mudança no *self*. Esta mudança resulta de um processo temporário de inversão do domínio de vozes e da integração de elementos inovadores explorados previamente (nomeadamente de uma perspectiva diferente relativamente à própria experiência emocional sentida – *Eu a reconhecer as minhas reacções como infundadas*, pág. 261). No entanto, como já referimos anteriormente, esta mudança não denota uma verdadeira reorganização interna (com a estabilidade e continuidade temporal que nos permita falar de uma nova forma de auto-organização), na medida em que a participante recua para uma perspectiva mais conservadora e familiar (note-se a descontinuidade do percurso final da linha que representa a voz E).

2.3. Análise idiográfica da trajetória da participante C (Estudo de caso 3)

A participante C. é uma jovem profissional de 26 anos, do sexo feminino, licenciada em Comunicação Social. A sua entrevista teve uma duração de 65 minutos. Quando lhe foi pedido que escolhesse uma problemática da sua vida actual, que servisse de tópico de reflexão e exploração ao longo da entrevista, C. referiu o facto de ver a sua vida actual completamente dominada pelo seu trabalho. Explorando com maior detalhe esta problemática, C. declara que “*Preocupo-me actualmente com o ambiente de trabalho e o trabalho lá na empresa.*” (Esta foi a sua Posição Inicial co-construída com a entrevistadora, pág. 200).

Durante o primeiro procedimento de avaliação, surge a oportunidade de perceber melhor o significado e o impacto desta problemática no quotidiano da participante. Na avaliação do grau de importância da situação laboral, C. apresenta-se como alguém que valoriza bastante o seu trabalho, acabando este por dominar o seu quotidiano na medida em que o seu “... *objectivo de vida será a realização profissional acima de tudo. //*” (pág. 200). C. assume-se como uma apaixonada por tudo aquilo que faz (hoje o seu trabalho e anteriormente os seus estudos), sendo esta dimensão da sua vida secundarizada somente pela importância da sua família. Neste sentido, a situação laboral adquire uma importância elevada no seu quotidiano (atribuindo-lhe um grau de 9, sendo 10 a sua família). No entanto, reflectindo sobre o desconforto ou mal-estar associado à situação laboral, denota-se uma certa ambiguidade inerente à vivência desta situação. A própria C. explica que, relativamente a isso, temos aspectos concorrentes na construção da sua perspectiva: por um lado, o seu trabalho traz-lhe uma grande satisfação e um sentido de realização pessoal; por outro, o ambiente que se vive é sentido como muito prejudicial para a realização do trabalho em si, tanto no que diz respeito à relação com os superiores como com os colegas. Por isso, assume que determinados aspectos da sua situação profissional acabam por afectar o prazer retirado do trabalho e as restantes dimensões da sua vida. Porém, apesar de se sentir actualmente bastante insatisfeita e emocionalmente fragilizada, refere que ainda não atingiu um limite de mal-estar a partir do qual sentiria a situação como insuportável (atribuindo, assim, um grau 6 em termos do mal-estar sentido). Ao reflectir em torno da incerteza relativamente às avaliações anteriores, C. admite algum grau de dúvida pois “... *por vezes, desconfio de mim própria...*” (pág. 201). Deste modo, apesar de considerar genericamente a sua avaliação como legítima e fundamentada, a participante admite

ponderar, por vezes, a possibilidade de ser demasiado pessimista na sua visão de toda a situação.

2.3.1 – Fase do Posicionamento Social na participante C.

Quando foi pedido a C. que reflectisse sobre as perspectivas de outros significativos relativamente à problemática laboral, a participante escolheu cinco interlocutores para se pronunciarem sobre a sua posição inicial: J.C. (um amigo), o irmão J., o seu professor de História (durante o ensino secundário), S. (uma amiga) e os seus pais.

Ao imaginar a reacção e o diálogo com o seu amigo J.C., a participante surge como demasiado “politicamente correcta” aos olhos dele, na medida em que este gostaria que C. fosse mais frontal e directa na expressão da sua insatisfação com alguns aspectos do seu trabalho. Assim, a participante assume que o seu amigo desejaria que ela apresentasse uma postura de protesto mais activa perante tudo o que lhe desagrada no ambiente profissional. No entanto, reflectindo sobre esta proposta de J.C., C. contrapõe que não considera favorável adoptar uma expressão sincera da sua insatisfação e oposição, temendo prejudicar-se caso não adira a uma postura mais passiva no local de trabalho (algo que já constatou em situações passadas). Contudo, a percepção da participante sobre a relação entre a posição inicial e a perspectiva divergente do seu amigo é de apoio e inclusive de semelhança, por já terem vivido situações semelhantes e J.C. também ter adoptado uma postura mais passiva apesar de desejar agir de forma diferente.

Ao imaginar a perspectiva do seu irmão J., a participante surge como incentivada por este a reivindicar os seus direitos com moderação e com calma. No entanto, a participante rejeita este apelo à moderação e, em resposta à posição do seu irmão, assume-se como cansada de agir com ponderação, dizendo que “... *Eu quero uma solução para ontem!...*” (assumindo o discurso directo na sua resposta e dirigindo-se directamente ao seu interlocutor, pág. 203). Assim, rejeita também a perspectiva do seu irmão embora reflecta que esta tem muitos aspectos em comum com a sua posição inicial, ao considerar que ambos se entregam com grande envolvimento ao seu trabalho e que, frequentemente, surgem prejudicados no seu investimento.

Quando imagina a reacção e o diálogo com o seu professor de História, a participante refere que ele diria que o mais importante de tudo é gostar do trabalho pois, se esta paixão estiver presente, tudo o resto deixa de ser importante. Desta forma, na

reacção deste interlocutor, há uma desvalorização da relevância do ambiente profissional vivido e da relação com os superiores e colegas como aspectos secundários à realização do trabalho em si. Concluindo a exploração da perspectiva deste interlocutor, por quem desenvolveu uma admiração filial e especial enquanto professor e profissional, a participante endereça-se a si própria assumindo a voz dele (em discurso directo), dizendo “... *Apoia-te só naquilo que fazes, e o resto que está à tua volta é secundário. //*” (pág. 204). Contudo, ao partilhar a sua perspectiva sobre o que foi dito, numa resposta sua à reacção do professor, C. assume-se como incapaz de desvalorizar o ambiente que circunda a realização do trabalho por se sentir bastante prejudicada por ele, inclusive no desempenho das suas funções. Indica também alguma surpresa e perturbação ao expressar que, em vez de se ajudarem, alguns dos seus colegas distanciam-se ou tentam prejudicar-se activamente uns aos outros e acrescenta que a sua insatisfação com este tipo de ambiente interpessoal gera, ocasionalmente, um forte sentimento de rejeição do próprio trabalho que a costuma entusiasmar e apaixonar.

Ao imaginar a reacção da sua amiga S., a participante refere que esta defenderia um distanciamento e uma desvalorização da centralidade do trabalho na sua vida. Assim, S. propõe a adopção de uma atitude mais passiva e desprendida relativamente à actividade profissional, contrabalançada com um maior investimento na família, nos amigos, no namorado e noutras actividades que possam ser fonte de bem-estar fora do emprego. Deste modo, contrastando-se com a visão e reacção imaginada desta sua amiga, C. surge como excessivamente focada no trabalho e como radical na sua valorização desta dimensão da sua vida., algo que não é apoiado ou aceite por S.. No entanto, C. responde que não consegue, nem quer, deixar de ser tão radical na sua valorização do trabalho e no assumir da realização profissional como uma das motivações mais centrais na sua vida, na medida em que se sente extremamente recompensada e gratificada ao reconhecer interiormente que o seu trabalho foi bem feito. Apesar da rejeição inicial da perspectiva de S., a participante considera, no entanto, a existência de uma importante complementaridade entre as duas perspectivas que a motiva para a tentativa de atingir um equilíbrio que harmonize o trabalho com outras dimensões da sua vida.

Ao reflectir sobre a reacção imaginada dos seus pais relativamente à problemática laboral, C. refere que estes iriam enfatizar uma análise racional da situação, contemplando algumas vantagens e condicionantes da situação profissional ainda não abordadas anteriormente (nomeadamente a independência económica

proporcionada pela sua actividade profissional, o acesso às condições técnicas ideais para a realização do trabalho proporcionadas naquela empresa e a existência comum de aspectos negativos em qualquer instituição ou local de trabalho). Assim, C. percebe uma reacção de apoio por parte dos seus pais na pressão para a adopção de uma atitude mais racional e ponderada face à situação, contrastada com uma atitude impulsiva e de rejeição inicial da sua parte, de cada vez que falam sobre o assunto. Deste modo, C. admite envolver-se, frequentemente, em conflito com os pais por teimosamente rejeitar considerar as razões apontadas por eles e não querer assumir uma perspectiva mais ponderada sobre o assunto, exemplificando com algumas expressões habitualmente usadas no diálogo, como: “... *vou-me embora e não quero saber...*” (pág. 206), “*Que vou chegar lá e deitar tudo a perder, que não quero saber! //*” (pág. 207). No entanto, a participante admite que o diálogo com os seus pais, depois da rejeição ou conflito inicial, tende a facilitar a adopção de uma postura mais reflectida e ponderada relativamente à situação e proporcionar um novo alento para enfrentar as dificuldades sentidas.

Na fase de Posicionamento Social desta entrevista, verificamos de uma forma generalizada uma exploração de perspectivas divergentes e um movimento da participante para uma posição oposta nas suas reacções aos seus interlocutores (estes processos serão elaborados posteriormente).

No segundo procedimento de avaliação, C. apresenta-se novamente como muito focada na problemática profissional no momento presente (atribuindo-lhe um 9 em termos de importância). Acrescenta também que se sente actualmente muito fechada em torno do trabalho e talvez com uma dedicação excessiva a esta dimensão da sua vida, na medida em que o volume de trabalho no período actual a leva a ter de trabalhar em casa e prescindir dos momentos de repouso e descanso que lhe permitiriam reagir de uma forma mais positiva às dificuldades actuais. Neste segundo procedimento de avaliação, o desconforto é sentido como mais elevado (atribuindo-lhe um grau de 8 ou 9) e C. admite estar a atingir um nível de desconforto significativo resultante de uma acumulação das dificuldades e do cansaço ao longo do tempo que lhe não permitem reunir as mesmas forças que recuperava anteriormente. No entanto, C. apresenta-se como esperançada na possibilidade de readquirir novas forças num futuro próximo e recuperar o entusiasmo e envolvimento no trabalho que lhe são familiares. Relativamente ao grau de incerteza quanto às avaliações anteriores efectuadas, a participante assume-se novamente como incerta da constância da sua avaliação pois

espera mudar aquilo que sente brevemente (atribuindo-lhe um 7 em termos de incerteza).

2.3.2 – *Projeções no futuro durante a entrevista à participante C.*

Quando foi pedido à participante que imaginasse a possibilidade de viajar para um ponto no futuro em que a problemática laboral tivesse tido uma evolução positiva, C. leva-nos a uma projecção de quatro anos no futuro. Referindo-se às questões que gostaria de ver respondidas por parte do seu Eu-Futuro, C. pergunta se se fez justiça ao longo do tempo, não só relativamente a si mas também a outros colegas de trabalho cuja situação profissional também a preocupa. Para si, fazer-se justiça relativamente ao seu trabalho implicaria dar lugar a um reconhecimento e a uma valorização daquilo que se faz através de uma apreciação crítica dos aspectos a melhorar e reformular de forma a conseguir evoluir e aprender. C. expressa, assim, alguma angústia relativamente à ausência actual de crítica e avaliação do trabalho produzido que não lhe permite aferir a validade da sua própria auto-avaliação. Por isso, reflectindo sobre o seu futuro ao longo desses quatro anos, C. refere que vai procurar activamente criar oportunidades que lhe permitam obter a apreciação crítica de que tanto precisa e deseja.

Neste momento da entrevista, foi perguntado à participante C. se ela gostaria de alterar a sua posição inicial, recriando uma nova posição acerca da problemática profissional que vinha a ser discutida e reflectida em diálogo. Neste momento, C. conclui que aquilo que a preocupa acima de tudo não é o trabalho em si, mas o ambiente que é vivido na empresa e, por isso, excluiria essa parte do problema reformulando a sua perspectiva como “*Diariamente, sofro com o ambiente de trabalho... //*” (Posição Final, pág. 209).

No terceiro procedimento de avaliação, C. mantém a sua apresentação como muito focada no problema relacionado com o ambiente de trabalho (atribuindo-lhe um 9 em termos de importância). Esta problemática, associada a um nível elevado de desconforto (um grau de 7), é referida por C. como algo que necessitaria de resolução imediata, pois considera dramático viver diariamente uma situação laboral geradora de um stress constante que, por vezes, se manifesta em choro. O grau de incerteza nesta avaliação mantém-se com alguma ambiguidade tal como nas outras avaliações, pois C. continua a ver-se como inconstante e espera deparar-se com novas forças ou com a mudança num futuro próximo.

Quando lhe foi pedido que apresentasse perspectivas alternativas relativamente à problemática do ambiente de trabalho, C. apresenta duas posições complementares à perspectiva que tinha vindo a ser explorada ao longo da entrevista. A primeira alternativa denominada “*Adoro aquilo que faço... //*” (Posição alternativa 1, pág. 210) restaura a expressão da sua paixão e investimento no trabalho que está associada ao assumir da centralidade da realização profissional como motivação na sua vida. Na segunda alternativa, C. refere-se à sua dúvida relativamente à validade da avaliação que faz do seu trabalho expressando que “*Confio, mas por vezes não confio completamente (naquilo que faço)*” (Posição alternativa 2, co-construída com a entrevistadora, pág. 211). A participante fundamenta esta incerteza relativamente ao seu desempenho no facto de ser jovem, ter pouca experiência e nunca ter tido uma formação específica para aquelas funções, regendo-se pela sua intuição – e isto justifica a necessidade urgente e fundamental para si de ser avaliada e criticada por parte de outros mais experientes. Verifica-se, então, que as alternativas enunciadas pela participante C. correspondem a perspectivas já vivenciadas por ela relativamente ao problema no seu quotidiano e com as quais se identifica no presente, mas que nesta entrevista surgem desvalorizadas no contraste com a relevância atribuída aos problemas com o ambiente de trabalho.

Quando lhe foi pedido que imaginasse um diálogo entre estas alternativas no presente e um momento no futuro daqui a quatro anos em que a situação tivesse tido uma evolução positiva, a participante reflecte que espera, entretanto (e partindo da posição alternativa 2), ter desenvolvido um maior domínio no desempenho das suas funções profissionais e encontrar uma maior estabilidade que lhe permita confirmar e reconhecer inteiramente a sua paixão pelo trabalho. Quanto ao diálogo com o seu Eu-Futuro, partindo da posição alternativa 1 (“*Adoro aquilo que faço... //*”, pág. 210), C. reflecte sobre a evolução positiva conseguida ao longo destes quatro anos e reconceptualiza a situação actual como um processo de aprendizagem pessoal e profissional que lhe permitirá tornar-se, no futuro, uma pessoa mais paciente, moderada e experiente. Deste modo, C. vê-se no futuro como alguém que superou a situação de forma positiva e que, ao olhar para o passado (o presente de agora), lhe retira toda a carga dramática sentida actualmente, reenquadrando-o à luz de um sentido de crescimento e desenvolvimento criado em torno desta experiência.

No quarto e último procedimento de avaliação, C. relativiza a importância da situação no momento presente (atribuindo um grau de 6): apesar de continuar a sentir-se muito focada na situação profissional, assume que se a problemática se mantiver sem

possibilidade de mudança positiva poderá sempre optar por abandonar o emprego evitando que a situação se torne intolerável e irremediável para o seu próprio bem-estar psicológico. Nesta avaliação, C. mantém o mesmo grau de desconforto (elevado mas ainda dentro de limites suportáveis) atribuído nas avaliações anteriores (7) e um grau de incerteza quase ausente.

Numa reflexão final sobre a entrevista, a participante salienta como curioso o facto de ter começado por olhar para a situação laboral de forma negativa, tanto a nível da realização do trabalho quanto do ambiente de trabalho (tal como apresentado na sua Posição Inicial) e depois ter restringido a problemática ao último aspecto (o ambiente de trabalho), excluindo a realização do trabalho (tal como verificamos na sua Posição final). Deste modo, a própria participante considera que a entrevista conseguiu facilitar a restrição do problema na sua dimensão problemática central (o ambiente), permitindo uma reapreciação do trabalho. Conclui, então, a exemplificar uma situação em que esteve a trabalhar sozinha (num sábado de manhã) e sentiu prazer durante a realização do trabalho (“*Porque como o caso de hoje de manhã: fui trabalhar sozinha e estive muito bem. //*”, pág. 213).

2.3.3 – *Um olhar microgenético sobre alguns momentos-chave da entrevista 3*

Durante a fase inicial de selecção e descrição da problemática pessoal em foco durante a entrevista, a participante C. assume a sua preocupação com questões laborais como o problema mais significativo no seu quotidiano. Deste modo, surge o posicionamento intersubjectivo de *Eu como preocupada com o trabalho e o ambiente de trabalho* (pág. 262), perante a entrevistadora e perante o problema como o estado do *self* mais central associado à sua posição inicial. No entanto, já nesta fase inicial vão surgindo outros posicionamentos perante a problemática inicial, como *Eu a assumir a realização profissional como o mais importante para a minha vida* (pág. 262), *Eu como prejudicada pelo ambiente de trabalho* (pág. 262) e *Eu ainda a aguentar o desconforto no local de trabalho* (pág. 263) que representam vozes emergentes resultantes de diferentes configurações do problema e denotam a ambiguidade vivida em torno da situação, mas que são desvalorizados pela importância da posição inicial.

Na fase de Posicionamento Social, notamos uma exploração de perspectivas alternativas face à problemática que, por serem intencionalizadas na entrevista, acabam por gerar mais nitidamente uma multiplicidade de vozes perante o problema e

respectivas formas de actuação e também uma maior elaboração do impacto e vivência subjectiva do problema tal como é sentido pela participante.

Numa análise sincrónica da divergência de perspectivas, podemos aglomerar as vozes divergentes expressas nas reacções imaginadas dos outros em três tipos: 1) perspectivas que não legitimam a vivência emocional da participante, quase tratando toda a situação como um *não-problema*; 2) perspectivas que, reconhecendo o impacto emocional da situação, sugerem uma postura activa na tentativa de resolução da situação; e, 3) perspectivas que conjugam estas duas alternativas simultaneamente. Poderíamos incluir no primeiro tipo as perspectivas do professor de História e da amiga S. que, cada um de uma forma diferente, apontam para uma postura de neutralização da vivência emocional associada ao problema: o primeiro aponta para uma desvalorização da relevância atribuída a tudo o que não consiste no trabalho em si (nomeadamente da importância do ambiente), e a segunda aponta, contrariamente, para uma desvalorização da relevância do trabalho na vida da participante, sugerindo uma diversificação de actividades alternativas ao desempenho profissional. No segundo tipo de perspectivas que, reconhecendo a importância da situação, defendem uma postura activa de resolução, encontramos a perspectiva do amigo J.C., que sugere uma postura confrontativa na reivindicação dos direitos, e a perspectiva do irmão J., que sugere uma postura de reivindicação com moderação e calma. Por último, numa conjugação da tentativa de acção sobre o problema, ao mesmo tempo relativizando a sua importância, surge a perspectiva dos pais que enquadram as queixas actuais como versões particulares de aspectos negativos existentes em qualquer contexto laboral e que defendem uma postura ponderada, reflectida e moderada como forma de analisar e agir perante o problema. Observamos de forma particular nesta entrevista, uma rejeição de cada uma destas perspectivas que, se a tomarmos em termos sincrónicos, sugere a vivência simultânea de uma contradição interna (incoerente) relativamente a como se posicionar perante a situação problemática. Deste modo, vemos a participante nalguns momentos a defender uma postura impulsiva e explosiva de actuação e noutros momentos a defender uma postura passiva perante a situação, sendo que cada uma das perspectivas assumidas pela participante na sua resposta aos outros não corresponde a um retorno à sua posição inicial, mas sim a um movimento sistemático para uma oposição perante as sugestões dos seus interlocutores (que gera uma transformação constante da sua posição pessoal).

Porém, esta contradição interna ilustrada pela fase do Posicionamento Social, se analisada em termos diacrónicos de um trajecto temporal percorrido pela participante ao longo desta fase da entrevista perde, no entanto, a sua aparente incoerência que salientámos anteriormente. De facto, durante esta fase, a expressão de perspectivas alternativas perante a problemática laboral através das vozes dos outros, expressadas pela participante, proporciona uma exploração da alteridade e da multiplicidade do campo semiótico possível em torno da situação, como gerador de formas diversas de olhar para o problema e de agir perante ele. Consequentemente, perante cada uma das perspectivas alternativas e na sua rejeição destas quando confrontada com elas, a participante vai-se deslocando para o campo semiótico oposto em termos de significado, que assume como sua posição pessoal nessa resposta específica ao interlocutor imaginado, transformando a sua perspectiva pela integração dessa oposição. Em termos processuais, estes movimentos representam polifonização de vozes que resulta numa proliferação das posições assumidas pela participante (Valsiner, 2002a) através da exploração da oposição entre uma posição e a respectiva contra-posição (relação de oposição semiótica entre A e Anti-A, segundo Josephs, Valsiner & Surgan, 1999). Assim, a apresentação e exploração da alteridade veiculada pelas perspectivas divergentes dos outros significativos (que corresponde à exploração de um campo semiótico denominado de A) e a consequente rejeição destas perspectivas num movimento da participante que a situa numa diferenciação do campo semiótico oposto (denominado Anti-A), traduzem um processo de elaboração construtiva de contra-posições (organizadas em complexos polarizados de significado, que se vão transformando dialogicamente; Josephs, 2000). Numa ilustração destes processos salientaremos e comentaremos o diálogo imaginado entre o irmão J. e a participante. Segundo C., face à problemática profissional, J. diria “... *Que eu tivesse calma, que... // (...) Mas acho que me aconselharia a **ter calma**, e penso que / também me incentivaria a que eu reivindicasse um pouco os meus direitos e que fosse em frente, / mas sempre **com moderação**. //*” (pág. 203). Na sua resposta a J., C. acrescenta “... *Que estou **cansada de ter calma**, e que... / e que não é fácil...// (...) É mesmo isso, como ia apelar muito à paciência, ao passo a passo, e as coisas vão... // Acho que ia rebater e ia dizer que «**Eu quero uma solução para ontem!**», eu sou muito assim, portanto ia muito nesse sentido. //*” (pág. 204). Tal como se vê pelas expressões salientadas (a negrito), a exploração do campo semiótico associado aos significados calma e moderação suscita um movimento para os significados opostos, uma contra-posição, caracterizada pelo

assumir de um estado do *self* enquanto *Eu como cansada de ter calma* (pág. 265), que se manifesta de uma forma muito emotiva – note-se a resposta bastante enfática em discurso directo).

Tal como referimos, a fase do Posicionamento Social suscita uma proliferação de vozes que vão surgindo pela exploração de uma oposição assumida pela participante relativamente às perspectivas imaginadas dos outros significativos: o estado do *self* *Eu como preocupada com o trabalho e ambiente de trabalho* (inerente à posição inicial, pág. 262) desdobra-se numa multiplicidade de posições do *self* perante o outro e perante o problema como *Eu a desvalorizar a frontalidade como forma de agir* (pág. 265), *Eu como cansada de ter calma* (pág. 265), *Eu a rejeitar o trabalho* (pág. 267), *Eu como radical na valorização da realização profissional* (pág. 268), *Eu a rejeitar ser racional e moderada* (pág. 270), entre outras. Estes diferentes posicionamentos, que aparentemente parecem contraditórios, traduzem uma ambiguidade e multiplicidade que desestabilizam o problema e a perspectiva pessoal assumida perante este, tornando difícil uma decisão acerca de como agir, ficando a participante sem encontrar uma solução.

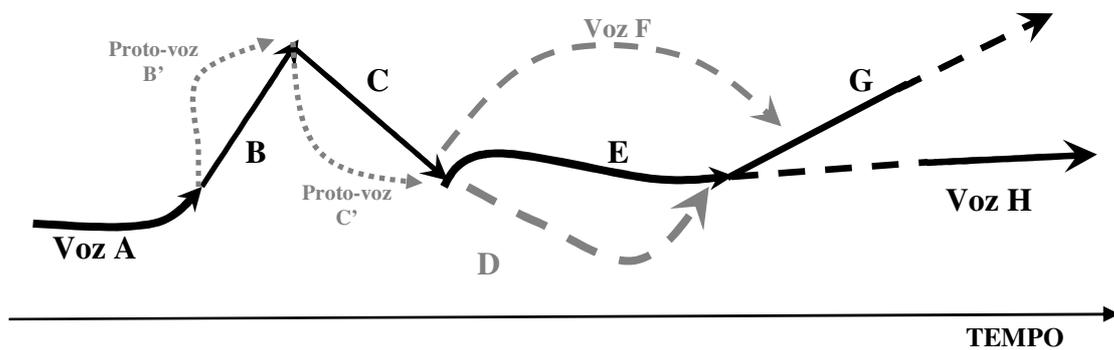
Posteriormente, durante a primeira tarefa de projecção no futuro, ocorre um desenvolvimento interessante no *status quo* relacionado com o problema. A interrogação relativa à existência de justiça numa evolução positiva no futuro conduz a participante a uma definição daquilo que ela necessita para a mudança. Assim, C. começa a expressar alguma insegurança relativamente ao desempenho do seu trabalho (*Eu a desejar a crítica relativamente ao trabalho desenvolvido*, pág. 274) e a perceber que pode fazer algo quanto a isso, através da procura activa de uma avaliação externa do seu trabalho. Deste modo, emerge uma postura mais proactiva por parte da participante, traduzida nos seguintes estados do *self*: *Eu a lutar por conseguir uma avaliação do trabalho no futuro* (pág. 274), *Eu a procurar activamente uma avaliação do meu trabalho no futuro* (pág. 275). Esta fase da projecção no futuro culmina, então, com a formulação da posição final que traduz uma restrição do problema pela exclusão do trabalho como dimensão problemática (assinalando-se somente o ambiente de trabalho).

A segunda tarefa de projecção no futuro também apresenta um aspecto interessante em termos processuais, nomeadamente na síntese de uma nova posição perante o outro e perante o problema. Assim, a apresentação de duas alternativas perante o problema que são assumidas pela participante como posições com que se identifica pessoalmente no presente (*Eu como apaixonada pelo trabalho*, pág. 275 e *Eu*

a duvidar da qualidade do meu trabalho, pág. 276), e a posterior projecção no futuro, permite uma síntese de uma nova posição que envolve uma reconceptualização das experiências profissionais sentidas no presente como *Eu a passar por um processo necessário de amadurecimento* (pág. 277), bem como uma esperança numa mudança positiva no futuro segundo *Eu como mais madura e moderada no futuro* (pág. 277) ou *Eu como mais moderada e satisfeita no futuro* (pág. 277). Note-se, no entanto, que como estas posições resultam de uma exploração hipotética do futuro, não originam uma reorganização interna face ao problema, na medida em que C. termina a entrevista recuperando uma posição mais conservadora relativamente ao problema: *Eu a ponderar soluções alternativas caso não consiga lidar com as dificuldades actuais* (pág. 278). Apesar de tudo, a nova perspectiva mais restrita face ao problema é também mais benigna por lhe permitir contemplar situações de excepção face ao problema; concluindo refere “*Porque como o caso de hoje de manhã: fui trabalhar sozinha e estive muito bem. //*” (pág. 213 – esta referência, segundo a terapia narrativa de re-autoria de White & Epston, 1990, consistiria num resultado único).

Seguidamente apresentaremos uma ilustração genérica da trajectória da participante C. ao longo da entrevista (ver figura 8).

Figura 8: Ilustração da trajetória de diferentes vozes ao longo da entrevista da participante C.



- Voz A:** Eu como preocupada com o trabalho e o ambiente de trabalho
Voz B: Eu a desvalorizar a frontalidade
Proto-voz B': *Eu como politicamente correcta segundo o J.C.*
Voz C: Eu como cansada de ter calma
Proto-voz C': *Eu como incentivada por J. a agir com calma*
Voz D: Eu como radical na valorização do trabalho
Voz E: Eu como preocupada com o ambiente de trabalho
Voz F: Eu como apaixonada pelo trabalho
Voz G: Eu como mais madura no futuro
Voz H: Eu a reduzir o problema ao ambiente de trabalho

Tal como podemos observar na figura 8, durante a fase do Posicionamento Social, ocorre uma proliferação de vozes que resulta de uma multiplicidade de perspectivas que se manifestam relativamente à problemática profissional. A participante movimenta-se para o significado oposto expressado pelos outros significativos (aqui indicados segundo as proto-vozes B' e C'), numa diferenciação do campo semiótico oposto, assumido na contra-posição adoptada pela participante (aqui denominada como Voz B e Voz C). Com a projecção no futuro, surgem outras vozes alternativas, restringindo-se o problema ao ambiente de trabalho (voz E) e a projecção de alternativas no futuro (por exemplo, a projecção da voz F que expressa uma configuração diferente da situação mas também assumida pela participante) permite a síntese de uma nova posição (voz G, que expressa uma reconceptualização mais positiva da problemática presente), mas que é abandonada por um retorno a uma posição mais familiar (voz H: *Eu a reduzir o problema ao ambiente de trabalho*).

A trajetória específica da participante C. permite-nos ilustrar na prática a asserção de Valsiner (2002a): “Na polifonia de vozes tenuemente relacionadas, o *self* dialógico pode parecer muito complexo, mas de facto não o é.” (p. 259). Neste sentido, o padrão de auto-organização inicial, caracterizado por uma instabilidade que desestabiliza a perspectiva inicial, evolui no sentido de uma maior estabilização da multivocalidade (que se organiza em torno da posição final – voz H).

2.4. Análise idiográfica da trajetória do participante D (Estudo de caso 4)

O participante D., de 32 anos de idade, trabalhava na área de comércio e serviços tendo recentemente ficado desempregado (as suas habilitações académicas correspondem ao ensino secundário). A sua entrevista teve uma duração total de 45 minutos e centrou-se na sua situação profissional actual. Quando lhe foi pedido que indicasse uma problemática pessoal significativa no seu quotidiano, como tópico de reflexão para a entrevista, D. escolheu falar sobre o seu futuro profissional, actualmente dominado pela incerteza. Referindo-se a isto, D. assume que “*A minha vida está «dominada» pela incerteza e sinto-me preocupado com o futuro.*” (Posição inicial, co-construída com a entrevistadora, pág. 214).

No primeiro procedimento de avaliação, o participante apresenta-se como moderadamente focado na problemática da incerteza associada ao futuro profissional, assumindo-se num ponto equilibrado entre a indiferença e uma excessiva preocupação com o assunto: “*O 5 acho que é um ponto equilibrado entre o 0 e o 10, / porque o 0 significaria que eu não me preocuparia nada com isto, não é...// E o 10 significaria que me preocupava demasiado, / estaria muito perto do caos, digamos assim.*” (pág. 214-215). D. também se apresenta num nível equilibrado relativamente ao desconforto ou mal-estar associados à situação (atribuindo um 5 entre 0 a 10), enquadrando os extremos como uma indiferença (0) ou um excessivo sofrimento (10) e, novamente, num nível equilibrado relativamente à sua incerteza nas avaliações anteriores (“*Eu penso que, se me sinto assim equilibrado, terei de estar também equilibrado no meu grau de incerteza...//*”, pág. 215). Deste modo, verificamos a recorrência e a ênfase de uma apresentação intersubjectiva em torno do “Eu como equilibrado”, que será elaborada posteriormente na discussão deste caso.

2.4.1 – Fase do Posicionamento Social no participante D.

Quando foi pedido ao participante que imaginasse as reacções de outros significativos à posição inicial e que entrasse em diálogo com estes, D. escolheu quatro interlocutores: a sua mãe E., o seu amigo R., a sua namorada A. e a sua irmã B.

Ao imaginar a reacção e o diálogo com a sua mãe, D. refere que esta diria estar mais preocupada que o filho com a sua situação profissional; conseqüentemente, o participante surge como pouco preocupado aos olhos da sua mãe, que desejaria uma atitude mais activa por parte dele. Na sua reacção à perspectiva da sua mãe E., o

participante D. replica não concordar com ela porque, apesar de se sentir preocupado, opta por não transmitir aos outros a sua inquietação com a sua situação profissional. Quando lhe foi pedido que reflectisse sobre o tipo de relação entre as duas perspectivas, D. não consegue criar sentido relativamente à questão colocada e os dois, participante e entrevistadora, decidem avançar para um outro diálogo imaginado.

Quando imagina a reacção do seu amigo R., o participante apresenta-se como apoiado por este, na medida em que “... *ele acha que eu estou no caminho certo! //*” (pág. 217) e este amigo, apesar de interessado e preocupado, não tenta interferir no seu ritmo e nas suas decisões relativamente ao seu futuro profissional.

Por sua vez, a sua namorada A., percebida também com uma relação de apoio, espera uma resolução ou uma solução rápida para a sua situação profissional actual. No entanto, na sua resposta à reacção de A., o participante rejeita o seu incentivo a uma postura mais activa enquadrando-o como precipitação e impulsividade.

Quando imagina a reacção da sua irmã B., novamente como um incentivo a uma atitude mais proactiva da sua parte, D. apresenta-a como alguém que num esforço para resolver a situação, acaba por indicar soluções que não são consideradas como válidas por si. Desta forma, em resposta à sua irmã e tal como observamos ao longo da fase do Posicionamento Social, o participante rejeita também esta perspectiva de incentivo à acção, permanecendo numa posição mais passiva e reflexiva sempre que alguém o tenta conduzir nesse sentido.

No segundo procedimento de avaliação, D. assume uma maior importância relativamente à problemática da incerteza do seu futuro profissional, atribuindo-lhe um nível mais elevado (um grau de 8). Quando lhe foi pedido que elaborasse um pouco mais em torno dessa diferença relativamente à primeira tarefa de avaliação, D. valoriza o impacto da problemática da incerteza profissional nas restantes dimensões da sua vida futura, referindo que “... *é um assunto que em termos de futuro tem tudo ali, quase toda a minha vida está relacionada com isso, não é?...//*” (pág. 218). Na avaliação do desconforto associado à problemática profissional, D. assume-se novamente num ponto equilibrado entre a indiferença e o excessivo sofrimento (atribuindo um 5 em termos de mal-estar vivido). Relativamente ao grau de incerteza, D. admite alguma ambivalência nas avaliações efectuadas, principalmente na possibilidade de reformulação ao longo do tempo; no entanto, no momento presente de realização da tarefa, assume a incerteza como nula.

2.4.2 – *Projecções no futuro durante a entrevista ao participante D.*

Quando foi pedido ao participante que imaginasse a possibilidade de viajar para um momento futuro em que a posição inicial tivesse tido uma evolução positiva, D. apresenta-nos uma projecção de cinco anos no futuro, retratando-se como alguém que já não estaria preocupado com a sua situação profissional. Quando a entrevistadora lhe pediu que imaginasse perguntas para fazer ao futuro e respectivas respostas do seu Eu-Futuro para si na actualidade, D. começa a questionar-se relativamente ao porquê de tanta preocupação no presente, uma vez que cinco anos mais tarde a sua situação profissional teve uma evolução positiva desejada. Neste diálogo, D. assume a voz do seu Eu-Futuro e começa endereçar-se a si próprio no presente (em discurso directo), dizendo “... *Porquê tanta preocupação? // Porque, afinal, tudo se resolveu, e tudo se resolve... //*” (pág. 220). Principia, então, uma reflexão sobre a importância da preocupação presente no contraste com uma evolução futura que ele confia como positiva. Deste modo, a possibilidade de manter ao longo do tempo a mesma perspectiva referente à situação aliada a uma confiança em si e numa resolução positiva da sua condição profissional, permite delinear uma reconceptualização da incerteza profissional no quotidiano e uma nova forma de posicionamento pessoal perante o interlocutor e perante o problema. Assim, o participante, assumindo um novo estado do *self* segundo *Eu como confiante e sem recear a incerteza do futuro profissional* (pág. 286), explica o seu optimismo relativamente ao futuro, dizendo “*Porque acho que, acreditando em mim próprio, não terei de ter medo do futuro, nem terei de me preocupar demasiado... //*” (pág. 220).

Seguidamente, a entrevistadora sugere a possibilidade de alterar a perspectiva relativamente à problemática, criando uma nova formulação. Reflectindo nesta proposta, constrói-se uma nova posição perante a situação problemática: “*A minha vida está dominada pela incerteza, mas estou menos preocupado com o futuro.*” (Posição final, co-construída com a entrevistadora, pág. 221).

No terceiro procedimento de avaliação, D. assume que a incerteza relativamente ao futuro é algo normal, comum a todas as pessoas atribuindo-lhe, no entanto, uma maior importância (8). Relativamente ao desconforto sentido, assume-o ao mesmo nível e com o mesmo significado (sente-se equilibrado no desconforto vivido, atribuindo-lhe um 5), com uma ausência de incerteza ou ambiguidade no momento presente da avaliação.

Na segunda tarefa de projecção no futuro, o participante enumera duas posições alternativas no presente, que correspondem a posições extremas no contraste com a sua posição pessoal e que ele imagina serem possíveis de adoptar pelo menos num plano hipotético ou imaginado, mas com as quais não se identifica actualmente. Assim, a primeira alternativa enunciada remete-nos para a hipótese da ausência de instabilidade e incerteza na vida: “*Podia dizer que a minha vida é a coisa mais certa do mundo, e eu não estou nada preocupado! //*” (Posição alternativa 1, pág. 222). Por seu turno, a segunda alternativa enunciada remete-nos para o extremo oposto, correspondente à instabilidade total: “*... a minha vida está um caos! // E não sei o que fazer... / O futuro é um ponto negro!...//*” (Posição alternativa 2, pág. 222). Nota-se que o participante adopta uma clara atitude de desidentificação com estas alternativas enunciadas que se deduz pela suscitação do riso quer na enunciação destas alternativas, quer na continuação da entrevista, com uma explicação satírica das implicações destas perspectivas na vivência pessoal (salientamos, como exemplo, a curta narração de um filme de Alfred Hitchcock, utilizada na projecção da primeira alternativa, como forma de D. ilustrar que a monotonia da perfeição na vida das pessoas seria conducente à loucura e à vivência de um inferno pessoal).

Na projecção destas alternativas para um futuro positivo, D. acrescenta não considerar possível uma qualquer evolução positiva se partirmos do estado de perfeição correspondente à primeira alternativa. Deste modo, assume-se como *Eu a considerar a exactidão como desesperante* (pág. 289) e acrescenta, satirizando, que teria que mudar alguma coisa nessa estabilidade para evitar um desfecho trágico: “*Acho que mudava alguma coisa, ou dava um tiro na cabeça. // (risos) ...Uma pessoa assim não pode viver, não é?... //*” (pág. 224). Na projecção da segunda alternativa D. refere que qualquer evolução positiva ao longo do tempo seria motivo de grande felicidade para qualquer pessoa que parta de uma situação de instabilidade total, dizendo “*Eu acho que seria a pessoa mais feliz do mundo, depois de passar de um estado de caos para qualquer estado mais positivo, / acho que seria felicíssimo... //*” (pág. 224).

Seguidamente, o participante D. procede a uma projecção no futuro partindo da posição final e refere que, mediante uma evolução positiva, deixaria de estar preocupado com o seu futuro profissional; pelo contrário, iria encarar cada novo dia como um novo desafio. Endereçando-se a si próprio no presente e perante a entrevistadora, D. expressa esta perspectiva positiva sobre a problemática (em discurso

directo), dizendo “... acho que iria acordar todos os dias com «*Ótimo! / Mais um dia! / E amanhã é que vai ser...!*” (pág. 224).

No último momento de avaliação, o participante atribui uma maior importância à problemática da incerteza profissional (classificando-a com o valor máximo) e, na explicação do seu significado, associa-a à possibilidade de ser feliz: “*Pelo que estivemos a ver, é mesmo muito importante. // Porque, se não a tiver, vou sofrer; se a tiver demasiado, vou sofrer; / se a tiver assim-assim, acho que vou sofrer o suficiente para ser feliz! //*” (pág. 225). Deste modo, conclui a entrevista assumindo um posicionamento do *self* perante o interlocutor e perante o problema de forma bastante diferente que no início da entrevista, apresentando-se como *Eu a valorizar a incerteza como uma necessidade para ser feliz* (pág. 291). Relativamente ao desconforto associado à situação, volta a posicionar-se num ponto equilibrado (atribuindo-lhe um 5), contrastando a sua posição presente com as alternativas enunciadas anteriormente e indicando uma ausência de incerteza na sua avaliação final da situação.

2.4.3 – Um olhar microgenético sobre alguns momentos-chave da entrevista 4

O participante D. geralmente ocupa uma posição auto-reflexiva enquanto agente comunicacional ao longo das suas intervenções na entrevista. Sucedem-se apenas três ocasiões em que o participante adopta um endereçamento explícito no aqui e no agora, em discurso directo, sempre falando para si próprio (e para a entrevistadora, enquanto interlocutora real). Na primeira ocasião, esta posição autorial mais participativa é usada para fortalecer a expressão prévia da sua dúvida e ambivalência relativamente à estabilidade das avaliações efectuadas durante o segundo procedimento de avaliação. Assim, num acto de projecção no futuro, D. pergunta a si próprio: “*Mas eu disse isto? / Isto é o que eu penso? //*” (pág. 219), seguido de risos do participante. Esta questão, levantada num movimento de diálogo entre Futuro e Presente, surge como um recurso retórico que fortalece a legitimidade da existência de alguma ambivalência por parte do participante na forma como avalia a sua situação no presente. Esta pergunta permite também, através de algum humor, expressar a dificuldade na compreensão desta tarefa de classificação da incerteza que, neste momento da entrevista, é colocada em causa num pedido de clarificação do que é pretendido.

No segundo momento de utilização do discurso directo, o participante D. novamente dirige-se a si próprio no futuro, perguntando “(...) *Porquê tanta preocupação? //*” (pág. 220). Esta pergunta, por ser em discurso directo, parece reforçar

melhor um posicionamento enquanto *Eu a desvalorizar a necessidade de me preocupar no presente com o meu futuro profissional* (pág. 286) e legitima a posição avançada na elocução anterior enquanto *Eu como despreocupado no futuro relativamente à incerteza profissional* (pág. 285) que surge como produto da indução de uma projecção positiva no futuro.

Por último, o terceiro momento de utilização do discurso directo vem culminar a expressão de uma perspectiva bastante mais positiva relativamente à problemática actual da incerteza no futuro, enquadrando-a como um desafio: “(...) *Ótimo! / Mais um dia! / E amanhã, então é que vai ser! //*” (pág. 224).

Deste modo, nota-se que o participante utiliza uma activação dos diálogos no aqui e agora da entrevista apenas como um recurso que lhe permite tornar o seu discurso mais convincente e não como uma forma de activar a expressão da alteridade e de vozes divergentes. Verificamos, assim, que o participante adopta sistematicamente ao longo da entrevista uma posição auto-reflexiva que lhe permite reflectir, de forma mais distanciada, nas interacções imaginadas e nos diálogos Eu-Outro e Presente-Futuro. Verifica-se também, de uma forma genérica, uma elaboração mínima das perspectivas/reacções dos outros significativos e respectivas respostas a estas, denotando-se uma atitude algo defensiva ao longo da fase do Posicionamento Social e ao longo da entrevista.

A entrevista com o participante D. parece-nos sistematicamente vaga e pouco elaborada, pontuada frequentemente com algum humor que entendemos como uma denúncia do desconforto do participante perante a elaboração de aspectos mais difíceis ou comprometedores face à problemática em discussão ou na compreensão das tarefas pedidas pela entrevistadora. Como exemplos ilustrativos desta nossa interpretação apresentamos o facto de, na discussão de uma situação profissional relacionada com o desemprego, não ter surgido nenhuma vez as palavras «desemprego» ou «desempregado» sabendo-se, no entanto, que é esta a situação profissional que alimenta a problemática da incerteza referida pelas informações prestadas antes do início da gravação da entrevista. Também o facto do participante expressar no início da entrevista uma posição segundo *Eu como preocupado e dominado pela incerteza no futuro* (pág. 280) e depois rapidamente passar a posicionar-se sistematicamente segundo *Eu como equilibrado...* (não só relativamente à preocupação sentida, à importância dada ao problema, ao desconforto associado a este, mas também em referência a outros aspectos que vão surgindo na evolução da entrevista) nos parece consistente com uma atitude

defensiva na exploração de uma problemática profissional na interacção com uma psicóloga (provavelmente percebida como uma possível avaliadora...).

Assim, denotamos alguma defesa não só na interacção com a entrevistadora, mas também na interacção (imaginada) com outros interlocutores no diálogo – nomeadamente, na reacção do participante face a todas as perspectivas (femininas) diferentes da sua e apresentadas durante a fase do Posicionamento Social. Em primeiro lugar, percebemos a oposição do participante relativamente à preocupação da sua mãe, posicionando-se como *Eu a rejeitar a necessidade de me apresentar como muito preocupado* (pág. 282). D. também se opõe ao incentivo da namorada A. para a procura de soluções para a situação, enquadrando-as como precipitadas e impulsivas, e às soluções propostas pela irmã B., que recusa por não as considerar soluções válidas, movimentando-se para uma posição de rejeição das perspectivas defendidas quer por uma quer por outra. Somente o seu amigo R., que não interfere e concorda com a sua actuação face à situação profissional, escapa a uma reacção de oposição/rejeição da parte de D.

O participante parece ir transmitindo nos posicionamentos que vai assumindo ao longo da entrevista que sente estar no caminho certo para lidar com a situação profissional, ponderando sabiamente as alternativas e rejeitando qualquer precipitação ou dramatização relativamente à problemática – são os outros que são apresentados como alarmados pela situação de desemprego e que, por isso, defendem freneticamente uma postura mais activa perante a situação actual. O participante, sentindo-se equilibrado na sua posição perante a situação, refere-se indirectamente a esta divergência de perspectivas a dado momento, dizendo “*Do ponto de vista de quem está de fora, não sei. //*” (pág. 215). Possivelmente tal atitude defensiva será justificada pela antecipação de posições divergentes da sua perspectiva por parte dos interlocutores com quem partilha este assunto (quer sejam a entrevistadora/psicóloga como potencial avaliadora, quer sejam a mãe, namorada ou irmã).

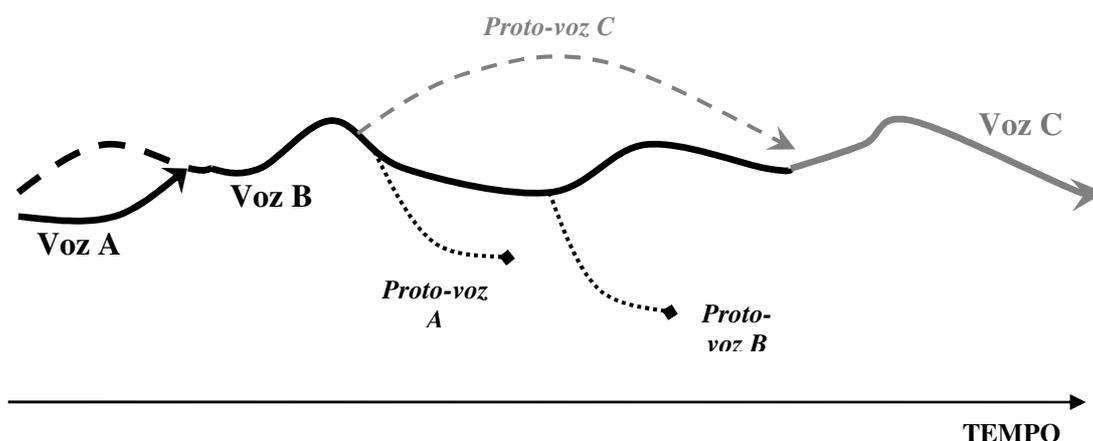
Detecta-se a sugestão implícita, ao longo da entrevista, de que o problema é tido como externo ao indivíduo, na medida em que são os outros que julgam negativamente a actuação de D., enquanto que ele próprio se apresenta sistematicamente como equilibrado na sua posição, calmo, ponderado e no caminho certo – algo que a maior parte dos outros significativos associam a passividade ou falta de preocupação. Além disso, não há expressão, directa ou indirecta, de qualquer sentimento de fracasso, tristeza ou desânimo face à instabilidade profissional, nem nenhuma voz de autocrítica

assumida por D. perante a problemática ao longo da entrevista. As únicas perspectivas divergentes da posição pessoal de D. surgem pelas vozes femininas convocadas como audiências na fase do Posicionamento Social mas que são rapidamente expropriadas pela perspectiva dominante defendida pelo participante. Processualmente observamos, então, um processo de monologização que ocorre na reacção de D. perante a emergência de diferença relativamente à sua perspectiva pessoal, sendo esta monologização conseguida por um processo de expropriação da expressão da alteridade no espaço (inter)subjectivo (Valsiner, 2002a).

As tarefas de Projecção no Futuro acabam por ser momentos da entrevista que reforçam a posição pessoal assumida por D., pois permitem a confirmação de uma evolução favorável da situação actual (coincidente com a expectativa assumida pelo participante relativamente ao seu futuro). A primeira tarefa de projecção consegue produzir uma desvalorização da necessidade de preocupação no presente e o reforço de um posicionamento do *self* mais benigno perante o problema, pela complexificação da elaboração semiótica em torno da posição *Eu como confiante no futuro* (pág. 286), depois da sua emergência incipiente no início da entrevista (cf. *Eu como confiante no futuro e em mim*, pág. 286). Na segunda tarefa de projecção no futuro, o participante utiliza uma *estratégia de polarização das alternativas* (numa nomeação de opostos hipoteticamente possíveis mas algo improváveis) que, pela sua redução ao absurdo, acaba por legitimar a posição pessoal assumida por D. (este processo de polarização de alternativas já havia sido ilustrado no primeiro estudo de caso). Deste modo, as projecções no futuro dão lugar a uma conotação positiva associada à incerteza profissional do participante, acabando a sua atitude de base por sair fortalecida, legitimada e associada a aspectos mais positivos (concebendo-a como desafio, assumindo-a como algo normal na vida de todas as pessoas e como parte do seu percurso para a felicidade pessoal). Verifica-se assim, na finalização da entrevista, que o posicionamento mais repetido se centra em *Eu a valorizar a incerteza* (pág. 291).

Seguidamente apresentaremos uma ilustração da trajectória de diferentes vozes ao longo da entrevista a este participante (ver figura 9).

Figura 9: Ilustração da trajetória de diferentes vozes ao longo da entrevista do participante D.



Voz A: Eu como preocupado e dominado pela incerteza do futuro
Voz B: Eu como equilibrado na minha preocupação
Proto-voz A: *Eu a tentar encontrar uma solução rápida*
Proto-voz B: *Eu a tentar executar soluções alternativas*
Proto-voz C: Eu como confiante no futuro e em mim
Voz C: Eu a valorizar a incerteza

Na figura 9, observamos como a voz A (*Eu como preocupado e dominado pela incerteza do futuro*), implicada na Posição Inicial, é rapidamente abandonada pela emergência da voz B (*Eu como equilibrado...*) com que nos deparamos sistematicamente ao longo da entrevista e, por isso, constitui a perspectiva dominante no espaço dialógico. Aliás, esta voz, na qual o participante se assume como equilibrado, não só domina como também expropria todas as outras (proto)vozes divergentes, mal estas se fazem ouvir. De facto, ele não chega a assumir qualquer uma das proto-vozes - ele apenas as descreve no acto de as rejeitar (numa oposição às perspectivas divergentes veiculadas pelos outros significativos femininos). Note-se, no entanto, a emergência incipiente no início da entrevista, de uma posição que é elaborada posteriormente com as tarefas de projecção no futuro e representada pela proto-voz C (*Eu como confiante no futuro e em mim*). Durante esta fase da entrevista, este posicionamento vai-se tornando mais frequente e complexo, alimentando substancialmente a reformulação do significado atribuído à problemática da incerteza – passando esta a ser valorizada pelo participante. No entanto, esta voz C final (*Eu a valorizar a incerteza*) não parece ser totalmente nova; ou seja, ela surge como o corolário do carácter adequado e equilibrado da sua posição habitual (representada graficamente numa linha contínua com a voz B dominante)

2.5. Discussão e síntese comparativa dos estudos de caso

Nesta fase pretendemos apresentar uma discussão sumária e comparativa dos quatro casos em estudo. Assim, seguidamente, vamos centrar a nossa discussão nos aspectos processuais observados a nível da manutenção dos padrões de auto-organização, nas formas de lidar com a diferença e as vozes divergentes que vão surgindo e, por ultimo, reflectir em torno dos tipos de mudança ocorridos.

Começaremos por apresentar um quadro-síntese com a comparação dos aspectos mais pertinentes das entrevistas (ver quadro 4).

Quadro 4: Semelhanças e diferenças nos quatro estudos de caso

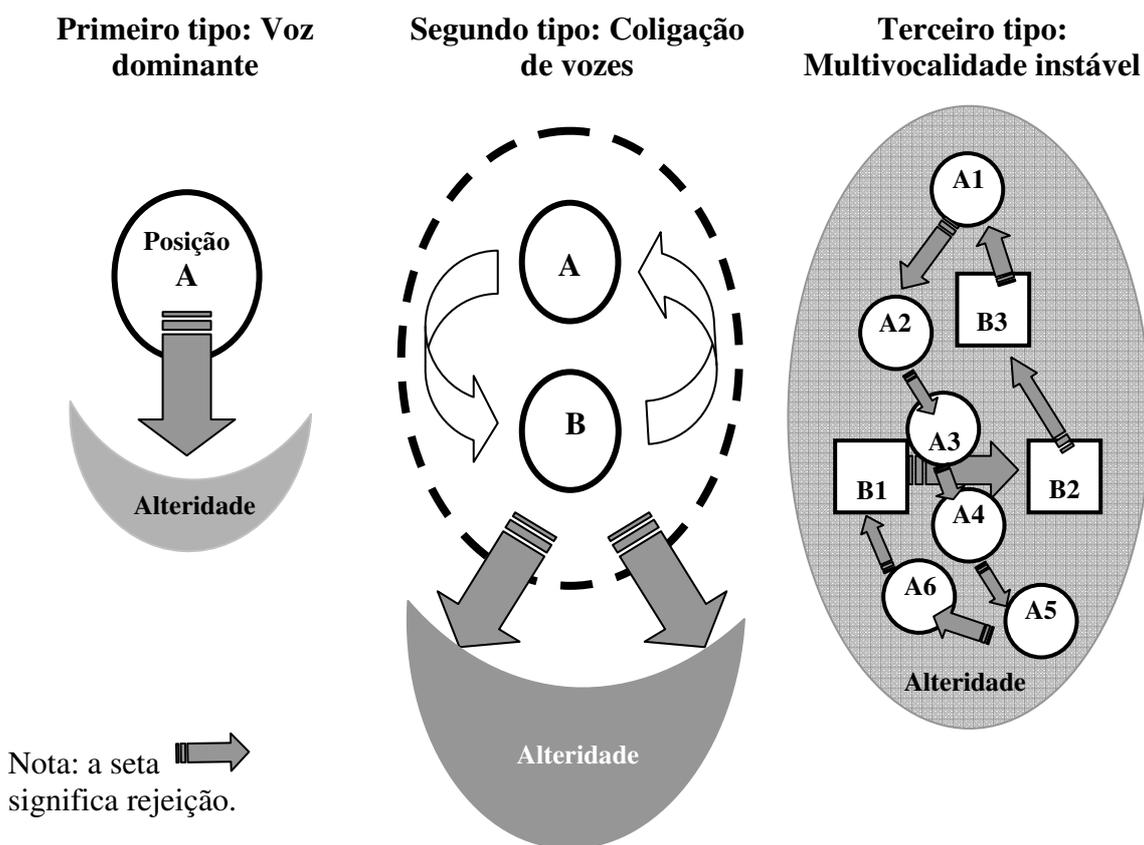
	<i>Caso 1</i>	<i>Caso 2</i>	<i>Caso 3</i>	<i>Caso 4</i>
Primeira (Posição Inicial) e Segunda Fases	Uma voz dominante	Uma coligação de (duas) vozes dominante	Multiplicidade e instabilidade (ambiguidade)	Uma voz dominante
Terceira (Posicionamento Social) e Quarta Fases	Monologização (expropriação de vozes divergentes)	Monologização (exploração da alteridade e sua rejeição)	Aumento da dialogicalidade (polifonização e proliferação de vozes)	Monologização (expropriação de vozes divergentes)
Quinta Fase (Projectão no Futuro 1)	Reforço da voz dominante	Inversão temporária do domínio de vozes e reconhecimento da circularidade constituinte da coligação inicial	Centração nas necessidades importantes e como as atingir	Diferenciação de significados mais positivos em torno da posição pessoal
Sexta (Posição Final) e Sétima Fases	Manutenção da posição inicial	Mudança da posição: definição mais benigna e integração de aspectos da contra-posição	Mudança da posição: definição mais clara e benigna (restrita) da posição pessoal	Mudança da posição: definição mais benigna
Oitava Fase (Projectão no Futuro 2)	Polarização de alternativas e legitimação da posição pessoal	Aumento da dialogicalidade (polifonização e proliferação de vozes)	Início de uma reconceptualização mais benigna da situação presente	Polarização de alternativas e legitimação da posição pessoal
Nona Fase e Reflexão Final	Reforço da posição inicial	Recuo para uma posição mais familiar	Recuo e estabilização na posição final	Diferenciação progressiva de significados positivos da posição pessoal

Assim, podemos verificar a existência de três padrões de auto-organização diferentes. O primeiro tipo, mais simples, resulta do poder exercido por uma voz dominante e monológica no *self* dialógico (casos 1 e 4) e que exerce o seu domínio pela supressão da multivocalidade, silenciando as vozes divergentes. O segundo tipo resulta

do poder dominante de uma coligação de vozes (caso 2) que suprime a dialogicalidade do *self*, por um processo de monologização exercido sobre as outras vozes. O terceiro tipo de auto-organização, caracterizado por uma aumentada dialogicalidade e instabilidade das vozes, imobiliza o indivíduo pela incapacidade de tomar uma posição coerente e consistente face à situação. No entanto, não pretendemos com este comentário associar estes tipos de auto-organização a um funcionamento desadaptativo. De facto, consideramos que algum tipo de monologização será necessário para um bom funcionamento, principalmente no que concerne à actuação mais rotineira no quotidiano.

Ilustramos os três tipos de auto-organização observados seguidamente (ver figura 10):

Figura 10: Tipos de auto-organização no *self* dialógico



Notemos, também, que o terceiro tipo de auto-organização (multivocalidade aumentada) também implica rejeição da diferença e, por isso, esta é tratada de forma monológica. Teremos que considerar os processos de monologização como um contínuo que vai desde um silenciamento total da diferença (como no caso 4) até a uma

dialogicalidade onde a diferença se pode expressar livremente apesar do poder instituído (como na novela polifónica de Bakhtin, 1984). Não temos nestes estudos de caso o exemplo deste extremo, mas temos aproximações a um narrador dialógico (os casos 2 e 3), que admitem uma expressão elaborada da diferença, até segundo uma autoria independente, apesar de a rejeitarem após a sua emergência.

Outro aspecto que consideramos importante é o grau de mudança que é evidenciado (ou não) nos diferentes casos. De facto, teremos que distinguir a mudança microgenética da mudança desenvolvimental (em termos da organização do *self* dialógico). Para esta discussão, vamos servir-nos principalmente da tipologia de mudança nos padrões relacionais apresentada por Fogel e colaboradores (2006), que distinguem mudanças de nível 1 (mudanças existentes a um nível microgenético); mudanças de nível 2 (definidas pela ocorrência de diferença e novidade dentro da dinâmica do padrão habitual de auto-organização); e mudanças de nível 3 (mudanças desenvolvimentais – correspondentes a mudanças estruturais, segundo Valsiner, 2002a).

Relativamente à mudança microgenética, podemos afirmar que todos os casos a apresentam (até porque esta está inerente à nossa concepção de *self* com que trabalhamos e à tarefa proposta) e, assim, a ausência completa de mudança é impossível. No entanto, relativamente aos outros níveis de mudança (como inovação ou desenvolvimento) já teremos graus diferentes.

Podemos dizer que o primeiro caso é o único que não apresenta qualquer mudança de nível 2 (note-se a ausência de reformulação da posição final e o reforço sistemático da posição dominante que a legitima ao longo da entrevista).

O quarto caso apresenta uma mudança de nível 2 – a mudança envolve a síntese de uma “nova” posição que consiste, no fundo, numa forma de inovação pela reconceptualização (reciclagem) da posição habitualmente assumida. No entanto, esta inovação não é tão nítida como noutros casos, pois implica uma legitimação da posição habitual dominante sem integração de aspectos resultantes de uma exploração da alteridade (que foi mínima). Porém, verifica-se que a projecção num futuro positivo já foi capaz, por si só, de criar inovações que conduziram a este nível de mudança.

No terceiro caso, partindo de uma multivocalidade instável como forma de organização perante o problema, a mudança surge por uma estabilização dessa multiplicidade, permitindo uma maior definição do problema e uma clarificação daquilo que é importante para a participante. Inicia-se também um processo de reconceptualização mas que não é mantido e que é abandonado durante a entrevista, por

um retorno à posição final (mais restrita, mais benigna e mais estável). De acordo com Fogel e colaboradores (2006): “Desde que os participantes percepcionem a mudança como substancialmente diferente daquilo que partilhavam antes, esta pode ser denominada de mudança de nível 2.” (p. 9) Assim, tendo em conta a surpresa da participante na sua reflexão final, quer segundo a nossa avaliação, temos uma mudança de nível 2 – pois consegue-se ir além da variabilidade habitual e fragmentada, conseguindo-se uma estabilização na auto-organização.

Consideramos que o segundo caso nos ilustra a maior amplitude de mudança de nível 2: temos uma exploração significativa da alteridade que, a dado momento, se concretiza numa inversão do padrão de vozes dominante com a adopção da contra-posição. Isto leva a uma síntese de uma nova posição (a posição final) que integra inclusive aspectos desta alteridade explorada (uma nova voz com novos recursos e potencialidades para apresentar face ao problema). A auto-inovação parece ainda poder ir mais longe, passando por um estado de dialogicalidade aumentada, até estabilizar novamente num retorno a uma posição mais familiar (e mais benigna).

Não pudemos observar mudanças de nível 3 – estruturais ou desenvolvimentais – em nenhum dos casos, na medida em que não observamos nenhuma reorganização do *self* que originasse um outro padrão de organização interna estável ao longo do tempo (note-se também que a entrevista, enquanto momento temporal único, não nos permite confirmar ou manter esta estabilidade). No entanto, estes estudos de caso ilustram aquilo que consideramos passos na direcção de uma nova estabilidade, de uma mudança desenvolvimental – e consideramos que a exploração da diferença e da alteridade desempenham aqui um papel fundamental.

Num certo sentido, é reconfortante constatar que o processo de mudança desenvolvimental não é tão plástico que permita ser conseguido numa entrevista tão breve quanto esta – assim, a nossa continuidade e identidade temporal parece-nos bem mais segura. Consideramos também ter sido possível constatar que, apesar de não ocorrer mudança, diferentes padrões de monologização ou dialogicalidade aumentada poderão estar subjacentes à manutenção da estabilidade. Ou seja, não só a monologização mas também uma dialogicalidade extrema poderão estar implicadas na manutenção de dimensões problemáticas das nossas vidas.

Além disso, esta entrevista permite ilustrar alguns dos passos de mudança com que também nos deparamos em psicoterapia e, aí sim, nesse contexto, “Existe qualquer coisa acerca dos momentos de descoberta – a sua ressonância emocional talvez – que

protagonizam um papel de amplificação da inovação em verdadeira mudança desenvolvimental.” (Fogel e colaboradores, 2006, p.11).

CONCLUSÃO

No âmbito deste trabalho, dois objectivos foram eleitos como primordiais. Por um lado, interessava analisar como os processos dialógicos poderão contribuir para a emergência de novidade/estabilidade. Por outro lado, procurou-se desenvolver para este domínio uma metodologia que, baseada num nível microgenético de análise, pudesse contribuir para este campo de investigação. Interessa analisar, agora, os resultados obtidos à luz desses dois grandes eixos orientadores.

Antes de mais, pelo que atrás foi dito, parece ser claro que o primeiro objectivo se prende com um dos mais sérios desafios que se colocam à Teoria do *Self* Dialógico. Com efeito, não bastará afirmar que o *self* é múltiplo e dinâmico: é necessário entender como se processa esse dinamismo e como se gere tal multiplicidade ao ponto de criar um sentido de unidade pessoal. Segundo Salgado e Hermans (2005), tal sentido de unidade prende-se com a capacidade de todos estarmos em relação connosco próprios. Mas, mesmo assim, ainda nos continuamos a interrogar: como se pode descrever tal relação? Que processos lhe subjazem?

A este nível, este trabalho procurou encontrar nas ciências do desenvolvimento uma eventual resposta, ou mais adequadamente, uma ferramenta para fazer com que a Teoria do *Self* Dialógico possa encontrar um caminho de solução para estas questões. Pelos resultados obtidos neste trabalho, pensamos que não será exagerado afirmar que estas duas orientações – dialógica e desenvolvimental – acabam não só por serem compatíveis, como provavelmente complementares.

Antes de mais, verifica-se ser possível compatibilizar a noção de desenvolvimento microgenético com as dinâmicas a que se assiste de posicionamento e reposicionamento. Além disso, a metodologia criada, com a qual se procurou responder ao segundo objectivo estabelecido, também nos permite trabalhar simultaneamente com o discurso do sujeito (a narrativa contada), e analisar o seu carácter responsivo (a narrativa vivida, o que o sujeito *faz* com o discurso). Finalmente, permitiu-nos detectar alguns padrões de organização/mudança que nos introduzem alguns elementos potencialmente interessantes no domínio da Teoria do *Self* Dialógico, como porventura no domínio da compreensão dos processos humanos de auto-organização em geral.

A este nível, verificamos que as entrevistas criaram a possibilidade de proporcionar alguma instabilidade inicial, introduzida pelos diferentes diálogos a que a

pessoa foi convidada a se envolver. Como tal, o que assistimos, posteriormente, foi a uma tentativa de lidar com a diferença e alteridade emergente neste processo, ao mesmo que se discutia um problema que teria algum impacto emocional e estabilidade temporal. Não seria de esperar que, perante tal cenário, numa entrevista tão breve ocorressem momentos de inovação capazes de criar uma mudança do tipo desenvolvimental (nível 3, de acordo com Fogel et al., 2006). Porém, estas condições permitiram-nos desenhar diferentes trajectórias desenvolvimentais para o evoluir da entrevista e que acabaram por ilustrar três tipos diferentes de organização:

- domínio de uma voz singular sobre as outras;
- domínio de uma coligação de vozes;
- multivocalidade instável e dispersa.

Isto parece sugerir que quando existe um processo em decurso que consideramos problemático, existem dois cenários possíveis, aparentemente opostos: por um lado, uma rigidificação em torno de uma voz (ou uma coligação de vozes) que estabelecem uma relação monológica com as restantes (internas e externas); por outro, temos uma expansão da dialogicalidade, que eventualmente poderá cair numa cacofonia de vozes. Em nenhum dos casos aqui observados podemos afirmar que exista uma desadaptação, ou seja, que estejam de tal modo generalizados que acabem por gerar psicopatologia. No entanto, estes microprocessos parecem sugerir a sua eventual implicação em processos de nível mais geral. Aliás, os dois primeiros padrões correspondem à forma mais habitual de Hermans e Hermans-Jansen (2004) analisarem casos clínicos, enquanto que a noção de cacofonia parece ser mais apelativa para os casos de esquizofrenia, tal como relatado por Lysaker e Lysaker (2004). No entanto, fica a sugestão, que poderá ser interessante, de que os processos de auto-organização que subjazem à manutenção dos problemas enquanto tal parecem resultar de extremos no continuum que vai da monologização à dialogização.

Obviamente que os resultados obtidos não serão generalizáveis a toda e qualquer pessoa, mas parecem evidenciar possíveis trajectórias de desenvolvimento. A nosso ver, levantam-se assim questões interessantes para eventuais estudos posteriores, nomeadamente relacionados com o tipo de processos dialógicos implicados em problemáticos de foro psicopatológico, ou alternativamente, no estudo da emergência de soluções para os problemas de vida em eventuais estudos longitudinais.

Finalmente, poder-se-á ainda salientar que, embora algumas destas sugestões estivessem já contidas nalgumas propostas teóricas ou no relato de casos clínicos, pensamos que o presente estudo fornece um contributo para este domínio ao dar apoio empírico, com observações detalhadas em tempo real de como alguns destes processos genéricos poderão estar a ter lugar momento a momento. Assim, para lá de todas as limitações e críticas relativamente às contribuições do movimento dialógico para a psicologia, parece-nos que os horizontes que se abrem são suficientemente interessantes para nos convidar a novos desafios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abbey, E., & Valsiner, J. (2005). Emergence of meanings through ambivalence. [58 paragraphs]. *Forum Qualitative Sozialforschung /Forum: Qualitative Social Research* [On-line Journal], 6,(1), Art. 23. Disponível em: <http://www.qualitative-research.net/fqs/fqs-texte/1-05-1-23-e.htm> [Data de acesso: 17 de Novembro de 2006].
- Albarello, L., Digneffe, F., Hiernaux, J.-P., Maroy, C., Ruquoy, D., & Saint-Georges, P. (1995). *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais* (L. Baptista, Trad.). Lisboa: Gradiva.
- Almeida, L. S., & Freire, T. (2003). *Metodologia da investigação em psicologia e educação* (3ª ed.) Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Anderson, H. (2003). Post modern social construction therapies. In G. Weeks, T. L. Sexton, & M. Robbins (Eds.), *Handbook of family therapy*. New York: Brunner-Routledge.
- Bakhtin, M. M. (1981). *The dialogic imagination: Four essays by M. M. Bakhtin* (C. Emerson & M. Holquist, Trad.). Austin, TX: University of Texas Press.
- Bakhtin, M. M. (1984). *Problems of Dostoevsky's poetics* (C. Emerson, Trad.). Minneapolis, MN: University of Minnesota Press. (original work published in 1929, revised in 1963)
- Bakhtin, M. M. (1993). *Toward a philosophy of the act* (V. Liapunov, Trad.) Austin, TX: University of Texas Press.
- Barton, S. (1994). Chaos, self-organization, and psychology. *American Psychologist*, 49, 5-14.
- Baxter, L. (2004). Relationships as dialogues. *Personal Relationships*, 11, 1-22.
- Beebe, B., Knoblauch, S., Rustin, J., & Sorter, D. (Eds.) (2005). *Forms of intersubjectivity in infant research and adult treatment*. New York: Other Press.
- Berger, P. L., & Luckmann, T. (1996). *A construção social da realidade: Um livro sobre sociologia do conhecimento* (2ª ed.). Lisboa: Dinalivro. (publicado originalmente em 1966)
- Bertau, M.-C. (2004). The theory of the dialogical self and a proposition for modelling. In M.-C. Bertau (Ed.), *Aspects of the dialogical self*. Berlin: Lehmanns Media.

- Billig, M. (1997). The dialogical unconscious: Psychoanalysis, discursive psychology, and the nature of repression. *European Journal of Social Psychology*, 36, 139-159.
- Burman, E. (2006). Engendering development: Some methodological perspective on child labour. [41 paragraphs]. *Forum Qualitative Sozialforschung /Forum: Qualitative Social Research* [On-line Journal], 7,(1), Art. 1. Disponível em: <http://www.qualitative-research.net/fqs/fqs-texte/1-06/06-1-1-e.htm> [Data de acesso: 17 de Dezembro de 2006].
- Caple, R. B. (1985). Counseling and the self-organization paradigm. *Journal of Counseling and Development*, 64, 173-178.
- Cooper, M. (2003). “I-I” and “I-Me”: Transposing Buber’s interpersonal attitudes to the intrapersonal plane. *Journal of Constructivist Psychology*, 16, 131-153.
- Cooper, M. (2004). Encountering self-otherness: ‘I-I’ and ‘I-Me’ modes of self-relating. In H. J. M. Hermans & G. Dimaggio (Eds.), *The dialogical self in psychotherapy* (pp. 60-73). New York: Bruner-Routledge.
- Cooper, M. & Hermans, H. J. M. (2007). Honoring self-otherness: Alterity and the intrapersonal. In L. M. Simão & J. Valsiner (Eds.), *Otherness in question: Labyrinths of the self* (pp. 305-315). Charlotte, North Caroline: IAP.
- Cromby, J., & Nightingale, D.J. (1999). What’s wrong with social constructionism? In D.J. Nightingale & J. Cromby (Eds.), *Social constructionist psychology: A critical analysis of theory and practice* (pp. 1–19). Buckingham: Open University Press.
- Crossley, N. (1996). *Intersubjectivity: The fabric of social becoming*. London: Sage Publications.
- Cunha, C. (2007). Intersubjectivity and the experience of otherness: A reflection upon relational accounts of subjectivity. In L. M. Simão & J. Valsiner (Eds.), *Otherness in question: Labyrinths of the self* (pp. 379-391). Charlotte, North Caroline: IAP.
- Cunha, C. (no prelo). Constructing organization through multiplicity: A microgenetic analysis of self-organization in the dialogical self. *International Journal of Dialogical Science*, 2.
- Cunha, C., & Ferreira, T. (2006). Behind and beyond imagination. Presentation at the IV International Conference on the Dialogical Self, Braga, Portugal.

- d'Alte, I., Petracchi, P., Ferreira, T., Cunha, C., & Salgado, J. (no prelo). Self dialógico: Um convite a uma abordagem alternativa ao problema da identidade pessoal. *Interacções*.
- Damásio, A. (1999). *The feeling of what happens: Body and emotion in the making of consciousness*. New York: Harcourt Brace & Co.
- de Shazer, S. (1991). *Putting differences to work*. New York: Norton.
- Diriwächter, R., & Valsiner, J. (2006). Qualitative developmental research methods in their historical and epistemological contexts. [53 paragraphs]. *Forum Qualitative Sozialforschung /Forum: Qualitative Social Research* [On-line Journal], 7,(1), Art. 8. Disponível em: <http://www.qualitative-research.net/fqs/fqs-eng.htm> [Data de acesso: 15 de Outubro de 2006].
- Diriwächter, R., Valsiner, J., & Sauck, C. (2006). Microgenesis in making sense of oneself: Constructive recycling of personality inventory items. [49 paragraphs]. *Forum Qualitative Sozialforschung /Forum: Qualitative Social Research* [On-line Journal], 6,(1), Art. 11. Disponível em: <http://www.qualitative-research.net/fqs/fqs-texte/1-11-e.htm> [Data de acesso: 17 de Outubro de 2006].
- Dop, E. (2000). A dialogic epistemology: Bakhtin on truth and meaning. *Dialogism*, 4, 7-33.
- Emerson, C., & Holquist, M. (1981). Glossary. In M. Holquist (Ed.), *The dialogic imagination by M. M. Bakhtin: Four essays*. Austin, TX: University of Texas Press.
- Ferreira, T., Salgado, J., & Cunha, C. (2006). Ambiguity and the dialogical self: In search for a dialogical psychology. *Estudios de Psicología*, 27, 19-32.
- Ferreira, T., Salgado, J., Cunha, Carla, Meira, L., & Konopka, A. (2005). Talking about voices: A critical reflection about levels of analysis on the dialogical self. In H. J. M. Hermans, H. J. M. & P. K. Olés (Eds.), *The dialogical self: Theory and research* (pp. 121-130). Lublin: Wydawnictwo KUL.
- Fisher, H. (1995). Whose right is it to define the self?. *Theory & Psychology*, 5, 323-352.
- Flynn, E., Pine, K., & Lewis, C. (2006). The microgenetic method: Time for change?. *The Psychologist*, 19, 12-155.
- Fogel, A. (1993). *Developing through relationships: Origins of communication, self and culture*. Chicago: University of Chicago Press.

- Fogel, A., Garvey, A., Hsu, H., & West-Stroming, D. (2006). *Change processes in relationships: A relational-historical research approach*. New York: Cambridge University Press.
- Fogel, A., de Koeyer, I., Bellagamba, F. & Bell, H. (2002). The dialogical self in the first two years of life: Embarking on a journey of discovery. *Theory and Psychology, 12*, 191-205.
- Gergen, K. (1985). The social constructivist movement in modern psychology. *American Psychologist, 40*, 266-275.
- Gergen, K. (1994). *Realities and relationships: Soundings in social construction*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Gergen, K. J. (1997). The place of the psyche in a constructed world. *Theory & Psychology, 7*, 723-746.
- Gergen, K. J. (2006). The relational self in historical context. *International Journal for Dialogical Science, 1*, 119-124.
- Goffman, E. (1974). *Frame analysis: An essay on the organization of experience*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Gonçalves, M. M. (1995). *Auto-conhecimento e acesso introspectivo: Do self reificado ao self narrativo*. Braga: Serviço de Publicações da Universidade do Minho.
- Gonçalves, M. M. (1999). *Exercício de posições de identidade*. Manuscrito não publicado, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Gonçalves, M. M., & Cunha, C. (2006). Re-autoria, imaginação e mudança. *Psychologica, 41*, 151-167.
- Gonçalves, M. M., & Gonçalves, Ó. F. (2001). A psicoterapia como construção conversacional. In Gonçalves, M. M. & Gonçalves, Ó. F. (Eds.), *Psicoterapia, discurso e narrativa: A construção conversacional da mudança* (pp. 7-25). Coimbra: Quarteto.
- Gonçalves, M. M., & Henriques, M. R. (2000). *Terapia narrativa da ansiedade: Manual terapêutico para crianças e adolescentes*. Coimbra: Quarteto.
- Gonçalves, M. M., Matos, M., & Santos, A. (no prelo). Narrative therapy and the nature of “unique outcomes” in the construction of change. *Journal of Constructivist Psychology*.
- Gonçalves, M. M., & Salgado, J. (2001). Mapping the multiplicity of the self. *Culture & Psychology, 7*, 367- 377.

- Gonçalves, Ó. (2000). *Viver narrativamente: A psicoterapia como adjetivação da experiência*. Coimbra: Quarteto.
- Gonçalves, O., Machado, P. P. P., Korman, Y., & Angus, L. (2002). *Assessing psychopathology: A narrative approach*. In L. E. Beutler & M. L. Malik (Eds.), *Rethinking the DSM: A psychological perspective*. Washington, DC: APA.
- Hermans, H. J. M. (1996). Voicing the self: From information processing to dialogical interchange. *Psychological Bulletin*, *119*, 31-50.
- Hermans, H. J. M. (1999a). Dialogical thinking and self-innovation. *Culture & Psychology*, *5*, 67-87.
- Hermans, H. J. M. (1999b). The innovative potentials of agreements and disagreements in dialogical history: Comment on Lyra. *Culture & Psychology*, *5*, 491-498.
- Hermans, H. J. M. (2001a). Mixing and moving cultures require a dialogical self. *Human Development*, *44*, 24-28.
- Hermans, H. J. M. (2001b). The dialogical self: Toward a theory of personal and cultural positioning. *Culture & Psychology*, *7*, 243-281.
- Hermans, H. J. M. (2003). The construction and reconstruction of a dialogical self. *Journal of Constructivist Psychology*, *16*, 89-130.
- Hermans, H. J. M. (2004). The innovation of self-narratives: A dialogical approach. In L. E. Angus & J. McLeod (Eds.), *The handbook of narrative and psychotherapy* (pp. 175-191). Thousand Oaks, CA: Sage
- Hermans, H. J. M. (2006). Moving through three paradigms, yet remaining the same thinker. *Counselling Psychology Quarterly*, *19*, 5-25.
- Hermans, H. J. M. & Dimaggio, G. (2004). The dialogical self psychotherapy: Introduction. In H. J. M. Hermans & G. Dimaggio (Eds.), *The dialogical self in psychotherapy* (pp. 1-10). Hove, East Sussex, UK: Brunner-Routledge.
- Hermans, H. J. M., & Gonçalves, M. M. (1999). Self-knowledge and self-complexity: A dialogical view. *Constructivism and the Human Sciences*, *4*, 178-197.
- Hermans, H. J. M., & Hermans-Jansen, E. (2004). The dialogical construction of coalitions in a personal position repertoire. In H. J. M. Hermans & G. Dimaggio (Eds.), *The dialogical self in psychotherapy* (pp. 124-137). New York: Bruner-Routledge.
- Hermans, H., & Kempen, H. (1993). *The dialogical self: Meaning as movement*. San Diego, CA: Academic Press.

- Hermans, H. J. M., Kempen, H., & van Loon, R. (1992). The dialogical self: Beyond individualism and rationalism. *American Psychologist*, *47*, 23-33.
- Holquist, M. (1990). *Dialogism: Bakhtin and his world*. London: Routledge.
- House, J. (2006). Constructing a context with intonation. *Journal of Pragmatics*, *38*, 1542-1558.
- Jacques, F. (1991). *Difference and subjectivity: Dialogue and personal identity* (A. Rothwell, Trad.). New Haven, CT: Yale University Press.
- James, W. (1993). *The principles of psychology* (4th print). Chicago: Enciclopædia Britannica. (publicado originalmente em 1890)
- Josephs, I. E. (2000). A psychological analysis of a psychological phenomenon: The dialogical construction of meaning. *Social Science Information*, *1*, 115-129.
- Josephs, I. E. (2002). "The 'Hopi in me': The construction of a voice in the dialogical self from a cultural psychological perspective. *Theory & Psychology*, *12*, 161-173.
- Josephs, I. E., Valsiner, J., & Surgan, S. E. (1999). The process of meaning construction: Dissecting the flow of semiotic activity. In J. Brandtstädter & R. M. Lerner (Eds.), *Action & self-development: Theory and research through the life span*. London: Sage Publications.
- Kazdin, A. E. (2003). *Clinical Psychology* (4th ed.). Boston : Allyn and Bacon.
- Kihlstrom, J. F., & Cantor, N. (1984). Mental representations of the self. *Advances in Experimental Social Psychology*, *17*, 1-47.
- Lawrence, J. A., & Valsiner, J. (2003). Making personal sense: An account of basic internalization and externalization processes. *Theory & Psychology*, *13*, 723-752.
- Lerner, R., Wertlieb, D., & Jacobs, F. (2003). Historical and theoretical bases of applied developmental science. In R. M. Lerner, F. Jacobs & D. Wertlieb (Eds.), *Handbook of applied developmental science: Promoting positive child, adolescent and family development through research, policies, and programs* (Vol. 1, pp. 1-28). Thousand Oaks, California: Sage.
- Lévinas, E. (1969). *Totality and infinity: An essay on exteriority* (A. Lingis, Trad.). Pittsburgh, PA: Duquesne University Press.
- Lewis, M. D. (2000). The promise of dynamics systems approaches for an integral account of human development. *Child Development*, *71*, 36-43.

- Lewis, M. D., & Granic, I. (1999). Who put the self in self-organization? A clarification of terms and concepts for developmental psychopathology. *Development and Psychopathology, 11*, 36-37.
- Leiman, M. (2004). Dialogical sequence analysis. In H. J. M. Hermans & G. Dimaggio (Eds.), *The dialogical self in psychotherapy* (pp. 255-269). Hove, East Sussex: Brunner-Routledge.
- Linell, P. (1998). *Approaching dialogue: Talk, interaction and contexts in dialogic perspectives*. Amsterdam: John Benjamins
- Linell, P. (2007, no prelo). Dialogicality in languages, minds and brains: is there a convergence between dialogism and neuro-biology?. *Language Sciences*, doi:10.1016/j.langsci.2007.01.001.
- Linell, P. (em preparação). *Essentials of dialogism: Aspects and elements of a dialogical approach to language, communication and cognition*.
- Linville, P. W. (1987). Self-complexity as a cognitive buffer against stress-related illness and depression. *Journal of Personality and Social Psychology, 4*, 663-676.
- Lyra, M. (1999). An excursion into the dynamics of dialogue: Elaborations upon the dialogical self. *Culture & Psychology, 5*, 477-489.
- Lysaker, P. H., & Lysaker, J. T. (2004). Dialogical transformation in the psychotherapy of schizophrenia. In H. J. M. Hermans & G. Dimaggio (Eds.), *The dialogical self in psychotherapy* (pp. 205-219). Hove, East Sussex, UK: Brunner-Routledge.
- Mahoney, M. (1991). *Human change processes*. New York: Basic Books.
- Marková, I. (2000a). Amédée or how to get rid of it: Social representations from a dialogical perspectives. *Culture & Psychology, 6*, 419-460.
- Marková, I. (2000b). The individual and society in psychological theory. *Theory & Psychology, 10*, 107-116.
- Marková, I. (2003a). Constitution of the self: Intersubjectivity and dialogicality. *Culture & Psychology, 9*, 249-259.
- Marková, I. (2003b). *Dialogicality and social representations: The dynamics of mind*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Markus, H., & Nurius, P. (1986). Possible selves. *American Psychologist, 41*, 954-969.
- Martin, J., & Sugarman, J. (2000). Between the modern and the postmodern: The possibility of self and progressive understanding in psychology. *American Psychologist, 55*, 397-406.

- Mead, G. H. (1992). *Mind, self, & society*. Chicago: The University of Chicago Press.
(publicado originalmente em 1934)
- Mey, G. (2000, June). Qualitative research and the analysis of processes. Considerations towards a “qualitative developmental psychology”. [35 paragraphs]. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research [On-line Journal]*,1(2). Disponível em: <http://www.qualitative-research.net/fqs/fqs-e/2-00inhalt.htm> [Data de acesso: 25 de Outubro de 2005].
- Molenaar, P. C. M. (2003). *A manifesto on psychology as idiographic science: Bringing the person back into scientific psychology – this time forever*. Comunicação apresentada na International Meeting of the Psychometric Society, Julho, Cagliari, Itália.
- Neimeyer, R. A. (2000). Narrative disruptions in the construction of the self. In R. A. Neimeyer, & J. D. Raskin (Eds.), *Constructions of disorder*. Washington, DC: APA.
- Richardson, F., Rogers, A., & McCarroll, J. (1998). Toward a dialogical self. *The American Behavioral Scientist*, 41, 496-515.
- Rommetveit, R. (1992). Outlines of a dialogically based social-cognitive approach to human cognition and communication. In A. Wold (Ed.), *The dialogical alternative: Towards a theory of language and mind*. Oslo: Scandinavian University Press.
- Salgado, J. (2003). *Psicologia narrativa: Um estudo sobre auto-engano e organização pessoal*. Maia: Publismai.
- Salgado, J. (2006). *Dialogism*. Comunicação apresentada na 4th International Conference on the Dialogical Self, Braga, Portugal.
- Salgado, J. (2007). The feeling of a dialogical self: Affectivity, agency, and otherness. In L. M. Simão & J. Valsiner (Eds.), *Otherness in question: Labyrinths of the self* (pp. 53-71). Charlotte, North Carolina: IAP.
- Salgado, J., & Ferreira, T. (2005). Dialogical relationships as triads: Implications for the dialogical self theory. In H. J. M. Hermans & P. K. Olés (Eds.), *The dialogical self: Theory and research* (pp. 141-152). Lublin: Wydawnictwo KUL.
- Salgado, J., & Gonçalves, M. (no prelo) The dialogical self: Social, personal, and (un) conscious. In A. Rosa & J. Valsiner (Eds.), *The Cambridge handbook of social cultural psychology*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Salgado, J., & Hermans, H. J. M. (2005). The return of subjectivity: From a multiplicity of selves to the dialogical self. *E-Journal of Applied Psychology: Clinical Section, 1*, 1-13. Disponível em: <http://www.swin.edu.au/lib/r/onlinejournals/ejap/>. [Data de acesso: 10 de Janeiro de 2006].
- Sampson, E. E. (1993). *Celebrating the other: A dialogic account of human nature*. London: Harvester Wheatsheaf.
- Sarbin, T. R. (1986). The narrative and the root metaphor for psychology. In T. R. Sarbin (Ed.), *Narrative psychology: The storied nature of human conduct* (pp. 3-21). New York: Praeger.
- Shanahan, M. J., Valsiner, J., & Gottlieb, G. (1997). Developmental concepts across disciplines. In J. Tudge, M. J. Shanahan & J. Valsiner (Eds.), *Comparisons in human development: Understanding time and context* (pp. 34-65). Mahwah, NJ., US: Lawrence Erlbaum Associates.
- Shotter, J. (1992). Bakhtin and Billing: Monological versus dialogical practices. *American Behavioural Scientist, 36*, 8-21.
- Shotter, J. (1993). *Conversational realities: The construction of life through language*. London: Sage Publications.
- Shotter, J. (1997a). Artificial intelligence and the dialogical. *American Behavioral Scientist, 40*, 813-828.
- Shotter, J. (1997b). The social construction of our 'inner lives'. *Journal of Constructivist Psychology, 10*, 7-24.
- Siegler, R., & Crowley, K. (1991). The microgenetic method: A direct for studying cognitive development. *American Psychologist, 46*, 606-620.
- Skinner, D., Valsiner, J., & Holland, D. (2001). Discerning the dialogical self: A theoretical and methodological examination of a Nepali adolescent's narrative. [34 paragraphs]. *Forum Qualitative Sozialforschung /Forum: Qualitative Social Research* [On-line Journal], 2. Disponível em: <http://www.qualitative-research.net/fqs/fqs-eng.htm> [Data de acesso: 10 de Outubro de 2006].
- Stern, D. N. (2004). *The present moment in psychotherapy and everyday life*. New York: W. W. Norton.
- Trevarthen, C., & Aitken, K. J. (2001). Infant intersubjectivity: Research, theory, and clinical applications. *Journal of Child Psychology & Psychiatry, 42*, 3-48.

- Valsiner, J. (1999). I create you to control me: A glimpse into basic processes of semiotic mediation. *Human Development*, 42, 26-30.
- Valsiner, J. (2000a). *Culture and human development*. London: Sage.
- Valsiner, J. (2000b). *Making meaning out of mind: Self-less and self-ful dialogicality*. Comunicação apresentada na 1st. International Conference in the Dialogical Self, Nijmegen, Holanda.
- Valsiner, J. (2001). Process structure of semiotic mediation in human development. *Human Development*, 44, 84-97.
- Valsiner, J. (2002a). Forms of dialogical relations and semiotic autoregulation within the self. *Theory & Psychology*, 12, 251-265.
- Valsiner, J. (2002b). *The concept o attractor: How dynamic systems theory deals with future*. Comunicação apresentada na 2nd International Conference on Dialogical Self, Ghent, Belgium.
- Valsiner, J. (2003). Enabling a theory of enablement: In search for a theory-method link. *Paper on Social Representations*, 12, 12.1-12.8.
- Valsiner, J. (2004a). *Semiotic autoregulation: Dynamic sign hierarchies constraining the stream of consciousness*. Seminar Presentation at the Seminar on Symbolic Forms. Paris: Ecole Normale Supérieure
- Valsiner, J. (2004b). *The promoter sign: Development transformation within the structure of dialogic self*. Paper presented at the Symposium on Developmental Aspects of the Dialogical Self, Gent, Bélgica.
- Valsiner, J. (2004c). Three years later: Culture in psychology: Between social positioning and producing new knowledge. *Culture and Psychology*, 10, 5-27.
- Valsiner, J. (2006a). Developmental epistemology and implications for methodology. In R Lerner (Ed.), *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development* (Vol. I – 6th ed.) (pp. 166-209). New York: Wiley.
- Valsiner, J. (2006b). *From double stars to dialogical self: Constructing new theoretical explanatory systems*. Invited presentation at the Conference Interaction et pensée: perspectives dialogiques, Lausanne.
- Valsiner, J. (no prelo). *Culture in minds and societies*. New Deli: Sage.
- Valsiner, J., & Van der Veer, R. (2000). *The social mind*. New York: Cambridge University Press.

- van Geert, P. (2000). The dynamics of general developmental mechanisms: From Piaget and Vygotsky to dynamic system models. *Current Directions In Psychological Science*, 9, 64-68.
- Vygotsky, L. (2001). *A construção do pensamento e da linguagem*. S. Paulo: Martins Fontes. (publicado originalmente em 1934)
- Wagoner, B., & Valsiner, J. (2005). Rating tasks in psychology: From static ontology to dialogical synthesis of meaning. In A. Gulerce, A. Hofmeister, I. Staeuble, G. Saunders & J. Kaye (Eds.), *Contemporary theorizing in psychology: Global perspectives* (pp. 197-213). Toronto: Captus Press.
- Watzlawick, P., Beavin, J. H., & Jackson, D. D. (2002). *Pragmática da comunicação humana: Um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação* (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Editora Cultrix . (publicado originalmente em 1967)
- White, M. (1992). Deconstruction and therapy. In D. Epston & M. White (Eds.). *Experience, contradiction, narrative and imagination* (pp. 109-151). Adelaide: Dulwich Centre Publications.
- White, M. & Epston, D. (1990). *Narrative means to therapeutic ends*. New York: Norton.
- Wortham, S. (2001). *The narratives in action: A strategy for research and analysis*. New York: Teachers College Press.

Citações originais

Capítulo 1

“The conversation of gestures is the beginning of communication.” (Mead, 1934, p. 141)

“Nobody exists alone – in fact, every human being is, from the very beginning, involved in a relational and communicational process” (Salgado & Hermans, 2005, p.8)

“a primeira forma de vida na Terra foi uma vida-no-mundo, e a sua identidade foi a sua relação particular com o mundo.” (Fogel, 1993, p. 60).

“The expanding arena of relational sensitivity” (Gergen, 2006, p. 120)

“Through tension, the *self* is not attempting to fuse with the other but, instead, to set his own position and to assimilate strangeness.” (Marková, 2003a, p. 257).

“the very capacity to have consciousness is based on *otherness*. (...) in dialogism consciousness is *otherness*.” (Holquist, 1990, p. 18)

“We migrate psychologically even in the middle of most mundane everyday activities” (Valsiner, 2007, p. 372).

“knowledge is not something people possess somewhere in their heads, but rather, something people do together.” (Gergen, 1985, p. 270)

“The system is as radical as Skinner’s” (Fisher, 1995, p.331).

“viewing linguistic expressions as possible but not essential components of actions that may require patterns of gesture, gaze, bodily orientation (and possibly physical artefacts or a locale) to achieve their intelligibility.” (Gergen, 1997, p. 741)

“To be means to communicate, and to communicate means to be for another, and through the other, for oneself.” (Marková, 2003a, p.257)

“The Expanding Arena of Relational Sensitivity” (Gergen, 2006, p. 120)

“The *I* has the possibility to move, as in space, from one position to the other, in accordance with changes in situation an time. The *I* fluctuates among different and even opposed position. The *I* has the capacity to imaginatively endow each position with a voice so that dialogical relations between positions can be established. The voices function like interacting characters in a story. Once a character is set in motion in a story, the character takes on a life of its own and thus assumes a certain narrative necessity. Each character has a story to tell about experiences from its own stance. As different voices these characters exchange information about their respective *Mes* and their worlds, resulting in a complex, narratively structured *self*.” (Hermans, Kempen & van Loon, 1992)

Capítulo 2

“Of course it is possible to concentrate on the study of only one level of the phenomena – yet such investigation cannot result in solutions to problems that require understanding of functional relations between levels. As long as there is a need to ‘anchor’ the functional system operating at some level in any framework, the use of some adjacent level becomes necessary. The question that remains is: which one? An answer: the next adjacent one – and not one far removed from the level of immediate research activity.” (Valsiner, 2004c, p. 13-14)

“a) A consistent questioning of the developmental changes that occur;

b) How these changes are dynamically linked and integrated in a uniform whole with qualitatively different, interactive parts;

c) The awareness of an overarching 'driveness' of the totality into a certain direction, whose changes are understood developmentally and whose terminology is based on functional conditions that lead to the laws of occurrences" (Diriwachter & Valsiner, 2006, p. 42).

"... what exactly is a voice in this context?" (Salgado, 2007, p. 61).

"It could be like predicting the weather using a unique photo of the sky, losing the changes that are continuously occurring." (M. Gonçalves & Salgado, 2001)

"An utterance, a deed, a gesture – all these are examples of the many forms that a voice can have, at least when we look for its objectified qualities." (Salgado, 2005, p. 61)

"... any actual utterance is a link in the chain of speech communication within a particular sphere, a particular social group, possible or actual, where the boundaries of utterances are determined by a change of speech subjects. (...)

The utterance is thus a real social psychological unit in that it marks out the boundaries (or the gaps) in the speech flow between different 'voices', between different 'semantic positions' – whether between people or within them." (Shotter, 1992, p. 14)

"an assemblage of essentially unrelated fragments" (Richardson, Rogers & MacCarroll, 1998, p. 513)

"Of course it is possible to concentrate on the study of only one level of the phenomena – yet such investigation cannot result in solutions to problems that require understanding of functional relations between levels. As long as there is a need to 'anchor' the functional system operating at some level in any framework, the use of some adjacent level becomes necessary. The question that remains is: which one? An answer: the next adjacent one – and not one far removed from the level of immediate research activity." (Valsiner, 2004c, pp. 13-14)

"it is an *idea*, (...) that promises coherent explanation in the study of pattern, change and novelty." (Lewis, 2000, p. 42)

"Dominance relations are not only present in the outside world but, by the intensive transactions between the two, organize also the inside world. This implies that the possible array of imaginal positions becomes not only organized but also restricted by the process of institutionalization (e.g. in family, school, church, military service, community life)." (Hermans & Kempen, 1993, p. 78)

"the expression of a meta-position, a perspective from which the client phrases the linkages between several significant positions in a self-reflective way. Several researchers have proposed to introduce the notion of a meta-position or observing position as a welcome theoretical contribution to dialogical self theory" (Hermans & Hermans-Jansen, 2004, p. 133)

"celebrating the other as a counter-position in dialogical thinking increases the experience of novelty" (Hermans, 1999a, p. 82)

Capítulo 3

"An amazing feature of the dialogical self is how stable it can be – and how easily that stability can be transformed into moments of extreme instability." (Valsiner, 2002a, p. 261)

"In the polyphony of loosely related 'voices', the dialogical self may look very complex, but actually it is not." (Valsiner, 2002a, p. 259)

"So long as the participants perceive the change as substantially different from what they shared before, it can be called level 2 change." (Fogel et. al., 2006, p. 9)

"There is something about the shared moments of discovery – their emotional resonance perhaps – that play a role amplifying the innovation into real developmental change." (Fogel et. al., 2006, p. 11)

Anexos

Anexo 1

Declaração de Consentimento Informado

AUTORIZAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO E GRAVAÇÃO AUDIO E VÍDEO DA ENTREVISTA

A investigadora Carla Cunha está a realizar um estudo orientado pelo Prof. Doutor Miguel M. Gonçalves, no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica na Universidade do Minho. Para tal, vão realizar-se uma série de entrevistas com jovens adultos.

Vimos, assim, pedir a sua colaboração neste estudo, através da participação nesta entrevista e gravação desses dados em vídeo e áudio, a que somente os autores do estudo terão acesso. Além disso, todos os elementos que possam identificar os participantes serão excluídos de futura divulgação pública dos resultados.

Obrigada pela sua colaboração.

Por favor, assinale com uma cruz:

Concordo participar neste estudo.

Autorizo a gravação áudio e vídeo da entrevista.

O/A Participante

A entrevistadora

Anexo 2

Guião da *Entrevista Posições de Identidade*

ENTREVISTA POSIÇÕES DE IDENTIDADE

Adaptado do “Exercício Posições de Identidade” (de M. Gonçalves, 1999)

Instruções iniciais:

O conteúdo desta entrevista é pessoal. Não vamos partilhar com mais ninguém o seu conteúdo, a não ser que nos conceda a sua autorização explícita e por escrito de que nos deixa fazê-lo.

O objectivo da investigação onde vai participar é reflectir acerca dos processos e “insights” sugeridos por esta entrevista acerca da forma como as pessoas funcionam no quotidiano. Para isso, vou colocar-lhe uma série de questões e pedir-lhe para pensar livremente em voz alta, enquanto gravo esta entrevista.

Se for necessário, ir encorajando o participante ao longo da entrevista para “pensar alto”.

1 – Formulação da Posição Inicial:

Gostaria que falasse e reflectisse acerca de algo significativo sobre si próprio, na actualidade. Gostaria que o formulasse numa frase, do tipo “a minha vida está dominada pela indecisão”. Esta formulação deve ser pessoal e conter uma dimensão emocional. Iremos designar essa frase por “Posição Inicial”.

Registrar a frase num cartão e entregar ao participante.

1.1 – No caso de não conseguir formular algo adequado na primeira tentativa, dizer: Tente optar por uma formulação que não seja muito vaga ou ambígua, evitando frases do tipo “a minha vida está..., mas...”. Este tipo de frases contêm mais do que uma significação; tente optar por frases com uma significação única.

2 – Avaliação I:

a) *Importância:* Indique a importância que tem para si e na sua vida esta situação, numa escala de 0 a 10, sendo 10 o mais importante. Descreva o que significa para si *x* (número atribuído);

b) *Desconforto/Mal-estar*: Indique o grau de mal-estar ou desconforto que esta situação lhe traz no seu cotidiano, numa escala de 0 a 10, sendo 10 o máximo de desconforto. Descreva o que significa para si um x (*número atribuído*);

c) *Caracterização dos extremos*: Gostaria que me descrevesse o que seria para si um 0 e um 10. Pode descrever-me os diferentes efeitos destes extremos relativamente à importância e grau de mal-estar na sua vida?

d) *Incerteza*: Indique o grau de incerteza que tem acerca das avaliações que fez anteriormente, numa escala de 0 a 10, sendo 10 o mais incerto. Descreva o que é para si um x (*número atribuído*).

3 – Posicionamento Social:

Indique um conjunto de pelo menos 4 pessoas significativas para si (ex.: amigos, familiares, até “heróis” ou pessoas que foram importantes para si em algum momento da sua vida). Procure diversificar essa lista e não escolha pessoas muito parecidas entre si.

Dar liberdade para escolher mais de 4 pessoas. Registrar os nomes em cartões individuais.

Gostaria que imaginasse agora o que cada uma destas pessoas diria acerca da sua posição inicial. Por qual quer começar?

Distribuir o cartão para a mão do participante.

3.1 – Imagine o que diria _____ da sua posição inicial.

3.2 – O que responderia a/o _____ da sua posição inicial?

3.3 – Procure agora reflectir sobre as relações existentes entre a sua posição e a posição de _____. Qual seria o tipo de relação existente (ex.: semelhança, oposição, apoio...)?

Vamos fazer o mesmo para outra pessoa da sua lista.

Fazer o mesmo para o resto da lista de pessoas.

4 – Avaliação II:

a) *Importância*: Indique a importância que tem para si esta situação, neste momento, numa escala de 0 a 10, sendo 10 o mais importante. Descreva o que significa para si x (*número atribuído*);

b) *Desconforto/Mal-estar*: Indique o grau de mal-estar ou desconforto que esta situação lhe traz esta situação, neste momento, numa escala de 0 a 10, sendo 10 o máximo de desconforto. Descreva o que significa para si um x (*número atribuído*);

c) *Incerteza*: Indique o grau de incerteza que tem acerca das avaliações que fez anteriormente, numa escala de 0 a 10, sendo 10 o mais incerto. Descreva o que é para si um x (*número atribuído*).

5 – Projecção no futuro 1:

Imagine agora que acabou de inventar uma “máquina do tempo” e que pode ver-se a si próprio daqui a alguns anos no futuro, num futuro em que a posição inicial evoluiu positivamente. Quantos anos gostaria de viajar no futuro?

Registrar “Eu daqui a x anos...” num cartão e entregar.

5.1 – Coloque questões ao seu futuro, a partir da posição inicial no presente e responda a partir do futuro. Estas respostas não têm que ser soluções para um “enigma” ou respostas necessariamente; pode ser algo que gostaria de dizer a si próprio se pudesse viajar no tempo.

5.2 – *Se surgirem dificuldades, dizer*: Se a posição inicial representar algo que se enraíza no passado, pode optar por pôr o passado a conversar com o futuro.

6 – Formulação da Posição Final:

Agora, depois desta reflexão, peço-lhe que reflecta se deseja reformular a sua posição inicial.

Escrever noutro cartão e entregar.

7 – Avaliação III:

a) *Importância*: Indique a importância que tem para si esta situação, neste momento, numa escala de 0 a 10, sendo 10 o mais importante. Descreva o que significa para si x (*número atribuído*);

b) *Desconforto/Mal-estar*: Indique o grau de mal-estar ou desconforto que esta situação lhe traz esta situação, neste momento, numa escala de 0 a 10, sendo 10 o máximo de desconforto. Descreva o que significa para si um x (*número atribuído*);

c) *Incerteza*: Indique o grau de incerteza que tem acerca das avaliações que fez anteriormente, numa escala de 0 a 10, sendo 10 o mais incerto. Descreva o que é para si um x (*número atribuído*).

8 – Projecção no futuro 2:

Por favor, imagine outras posições alternativas relativamente à posição inicial.

Registrar as posições alternativas noutros cartões.

Imagine agora que cada posição alternativa se tornava dominante sobre a posição inicial e que, através da sua “máquina do tempo”, podia consultar cada uma destas posições de um futuro positivo. A partir das alternativas no presente, que perguntas faria ao futuro e o que lhe diria o futuro?

9 – Avaliação IV:

a) *Importância:* Indique a importância que tem para si esta situação, neste momento, numa escala de 0 a 10, sendo 10 o mais importante. Descreva o que significa para si x (*número atribuído*);

b) *Desconforto/Mal-estar:* Indique o grau de mal-estar ou desconforto que esta situação lhe traz esta situação, neste momento, numa escala de 0 a 10, sendo 10 o máximo de desconforto. Descreva o que significa para si um x (*número atribuído*);

c) *Incerteza:* Indique o grau de incerteza que tem acerca das avaliações que fez anteriormente, numa escala de 0 a 10, sendo 10 o mais incerto. Descreva o que é para si um x (*número atribuído*).

Recolher os cartões.

Agradeço a sua participação.

Tentar reflectir um pouco acerca da experiência.

Anexo 3

Transcrições das entrevistas

(e divisão em elocuições seleccionadas e numeradas para análise)

Participante A, 24 anos, sexo masculino.

E – Obrigada por participares. O conteúdo desta entrevista é pessoal e não vamos partilhar com mais ninguém o seu conteúdo, a não ser que nos concedas a tua autorização explícita e por escrito de que nos deixas fazê-lo.

O objectivo da investigação em que vais participar é reflectir acerca dos processos e insights sugeridos por esta entrevista acerca da forma como as pessoas funcionam no quotidiano. Para isso, vou colocar-te uma série de questões e pedir-te para pensares livremente em voz alta enquanto gravo esta entrevista.

Agora, gostaria que me falasses e reflectisses acerca de algo significativo sobre ti próprio na actualidade, e gostaria que o formulasses numa frase do género, por exemplo: «a minha vida actual está dominada pela indecisão». Esta formulação deve ser pessoal e conter uma dimensão emocional associada a essa problemática. Iremos designar essa frase por posição inicial (PI).

P – Portanto, mas é.../ tanto no campo...//

*Tem de ser alguma coisa interior, alguma coisa sentimental, emocional, /
mas pode ser ligada com a vida profissional?//*

E – Exactamente, pode ser ligada com a vida profissional, etc. Um domínio qualquer que queiras.

- 1 *P – Começo por dizer se calhar que a minha vida realmente está... / Vou se calhar utilizar essa frase, / porque estou a chegar a um patamar em que está a acabar a minha vida académica e a iniciar a minha vida profissional propriamente dita e... //*
- 2 *É algo que me está, / por um lado, a deixar ansioso chegar à vida profissional, a chegar ao nível em que todas as pessoas chegam um dia, /*
- 3 *mas ao mesmo tempo está-me a deixar um bocado triste porque vou largar a vida que até agora sempre soube bem e sempre correu... sempre foi boa! //*

E – Portanto, se pudesses resumir, no fundo, tudo isso numa frase, qual seria?

- 4 *P – Hmm, / pronto... / A minha vida agora está... / a transformar... estou a transformar-me de um adolescente para um adulto... //*
- 5 *Adulto, não que já não o fosse, /*
- 6 *mas a nível profissional agora tenho outras responsabilidades que me tornam ainda mais adulto. //*

E – Portanto, seria qualquer coisa do género: Em termos profissionais estou a transformar-me de adolescente para adulto?

- 7 *P – Sim... //*

E – E vou escrever aqui... (escreve no papel) “Em termos profissionais estou a transformar-me de um adolescente para adulto...” E, se pudesses adicionar uma dimensão emocional, o que é que seria? E sinto-me... por exemplo...

- 8 *P – Sinto-me... / é aquela mescla de ansioso com o saudoso, /*
- 9 *mas no fundo a ansiedade é maior, “estou ansioso por isso”. //*

E – «E sinto-me ansioso?»

10 *P – Sinto-me ansioso... //*

E – É qualquer coisa assim? (A entrevistadora passa o cartão com a PI para a mão do participante)

P – Sim. //

11 *A única coisa que eu diria é aqui, no adolescente, que é aquela fase de estudante, / aquela fase académica que vai até aos 20 e pouco... / No fundo, ainda é adolescência.//*

12 *Portanto, de resto é isso. //*

E – Ok, podes ficar com o cartão. Agora, gostaria que me disseses qual é a importância que tem para ti neste momento esta situação, esta PI na tua vida, numa escala de 0 a 10; sendo 0 nada importante e 10 a máxima importância. Para ti, na tua vida.

13 *P – Dou quase a nota máxima, para não dar 10, dou o 9.//*

E – Um 9, e o que seria para ti um 9?

14 *P – 9 / é quase a atenção máxima que dou a isso tudo com alguma exceção a outras coisas exteriores, como nomeadamente amigos e isso tudo, /*

15 *mas é a atenção máxima que dou a isso. //*

E – Gostaria também que avaliasses o grau de desconforto ou de mau estar que essa situação te traz no quotidiano, numa escala de 0 a 10, sendo o 0 nada preocupado e 10 totalmente preocupado.

16 *P – Não, / lá está, dou o mínimo. / Dou para aí um 2, porque a única coisa que deixei para trás e, mesmo assim, algo que já vivi durante tanto tempo, uma vida mais livre, / o único senão do problema... //*

17 *E mesmo esse eu estou ansioso para acabar com essa liberdade... //*

E – Portanto, um 2 para ti seria?

18 *P – Seria, / no fundo, tudo o que disseste, / um desconforto mínimo... //*

E – Queria que me descrevesse o que seria para ti um 0 e um 10; no fundo os extremos. O que seriam os diferentes efeitos desses extremos em termos de importância e de grau de mau estar na tua vida. O efeito de um 0 e o efeito de um 10.

P – O 0, / neste caso de mau estar que não existe, / é um mal-estar inexistente. //
E o 10 é um mau estar mesmo em que é chegar ao ponto em que / sobrevalorizava qualquer coisa... / em que se tornava um problema a nível emocional //

E eu não conseguia pensar noutra coisa senão nisso e não conseguia viver a

minha vida normal senão a pensar nisso. //

E – Hmm, gostaria que me indicasses também o grau de incerteza que tens relativamente às avaliações que fizeste anteriormente, nomeadamente o 9 em termos de importância e o 2 em termos de desconforto. O grau de incerteza que tens relativamente a essas duas avaliações, numa escala de 0 a 10, sendo 0 totalmente certo e 10 totalmente incerto.

- 19** *P – Estou muito certo nisto por isso também... //*
O mais certo é o 10? //

E – Estamos a classificar isto em termos de grau de incerteza, portanto 10 seria a ausência de certeza.

- 20** *P – Também é 1, porque tenho algumas incertezas só em relação ao que o futuro me reserva, mais nada. //*
21 *De resto, a vontade de ir para a frente é muito maior que as incertezas. //*

E – Agora, gostaria que me indicasses um conjunto de pelo menos quatro pessoas que são significativas para ti (por exemplo amigos, familiares, também podem ser heróis ou pessoas que foram importantes para ti em algum momento da tua vida), e gostaria que me indicasses esse grupo de quatro pessoas e gostaria que me diversificasses essa lista não escolhendo pessoas muito parecidas entre si.

P – É sempre... / por acaso, um dos meus primeiros modelos acaba por ser sempre o pai... //
Dentro dos amigos há dois modelos especiais: / o B. e o L.// e uma amiga que é a V.

E – Mais alguém?

P – De resto... / Essas são as principais, depois as outras pessoas a seguir acabam por desempenhar os papéis dos outros / mas é um complemento final. //

E – Gostaria que imaginasses o que cada uma dessas pessoas diria acerca da posição inicial. Por qual queres começar?

P – O pai. //

E – Imagina o que é que o teu pai diria acerca da PI.

- 22** *P – Acho que no fundo é o que qualquer pai quer, / que um filho saia da alçada e siga a vida com os próprios... / Siga as passadas que ele seguiu como profissional, pelas próprias pernas. //*
23 *E é um motivo de orgulho, um motivo de... de saber que tudo o que fez ao longo da minha educação funcionou / e serviu para eu andar para a frente. //*

E – Agora, do ponto de vista da tua PI, o que é que essa PI responderia à reacção do teu pai? Qual seria a posição do teu pai?

P – Desculpa, não percebi! //

E – Por exemplo, podes utilizar os cartões. O que é que a PI responderia à posição que o teu pai tem perante esta situação.

24 *P – Responderia de forma positiva! //*
Mas, em grau? //

E – Imagina o que é que seria essa resposta.

P – Mas em termos de reacção mesmo física ou psicológica? //

E – Não, em termos de diálogo.

25 *P – Em diálogo, / é um diálogo à base de congratulações, no fundo... //*
26 *Um diálogo à base de / um cumprimentar-me por um trabalho finalizado e do início de uma nova fase, / e do desejado passar para uma nova fase, uma fase independente. //*

E – Portanto, isso seria o que o teu pai diria acerca desta situação.

P – Sim. //

E – E o que é que a PI responderia acerca desta reacção, desta postura do teu pai face a isso?

27 *P – ... Dar-me-ia forças para continuar, mais uma vez voltando a olhar para o modelo que tenho, que eu vejo do meu pai, / vendo que cheguei ao patamar em que ele outrora chegou e agora vou fazer de outra maneira e atingir o que ele atingiu //*
28 *E ultrapassá-los se possível. //*

E – Gostaria que procurasses reflectir acerca das relações existentes entre a posição do teu pai e a PI. Que tipo de relação é que existe? Como classificarias essa relação? Como uma relação de semelhança, de oposição, de apoio...

29 *P – De apoio. //*

E – Vamos fazer o mesmo com outra pessoa da lista?

P – Sim. //

E – Quem poderia ser agora? O B.?

P – O B. //

E – Imagina o que é que o B. diria acerca da PI.

30 *P – Hmm, / em relação... / Também ficaria bastante contente, porque é uma*

pessoa mais velha, uma pessoa que já está num campo profissional / apesar de ser uma pessoa que não tem um curso superior, não tem uma licenciatura, não tem um bacharelato. //

- 31 *No fundo, para ele era um tipo de alegria diferente, porque eu vou atingir um patamar que ele ainda não atingiu... //*
Optou por não atingir esse patamar... //
- 32 *Ou seja, ele iria ficar contente por mim, iria ficar bastante feliz por eu ter feito um voo mais alto do que ele fez. //*
- 33 *Mas, de resto, a reacção seria também uma reacção de ... (6 seg.) //*

E – De encorajamento?

- 34 *P – De encorajamento e de orgulho por eu chegar a um patamar em que ele também está. //*

E – Imagina agora o que responderia a PI à posição do B.

- 35 *P – À posição do B., / pronto lá está, / por ele não ter feito esse voo, por exemplo da licenciatura... / por ele não ter chegado a esse patamar e por serem campos diferentes onde a gente está, os cursos tirados e o mercado de trabalho serem diferentes, / o meu grau poderá me dar uma liberdade maior e um espólio maior dentro do mercado de trabalho. //*
- 36 *Coisa que a ele não dá muito porque está muito centrado a só uma parte do mercado e / em relação a ele pelo menos, eu fico... //*
- 37 *Vendo os erros que ele cometeu / não os cometerei, pelo menos em algumas coisas e a prender-me a alguns tipos de mercado em que depois fica mais difícil de sair / e a, por exemplo, a um sistema de pagamento que não seja... / como já ouvi «está numa situação assim». //*
- 38 *No fundo, eu aprendi com os erros dele também. //*

E – Gostaria que reflectisses acerca das relações existentes entre a posição do B. e a PI. Em termos de tipo de relação.

- 39 *P – Também vem sendo de apoio. //*

E – Vamos fazer o mesmo para outra pessoa? Imagina o que diria o L. acerca da posição inicial.

- 40 *P – Também ficaria contente porque / nós somos da mesma idade e somos... / e estudamos juntos durante muito tempo /*
- 41 *apesar de também ter sido em campos diferentes, e sempre alimentamos o sonho de acabar o curso ao mesmo tempo / e entrarmos no mercado ao mesmo tempo, e se possível até estarmos a trabalhar dentro das nossas áreas diferentes, na mesma empresa. //*
Ou uma situação semelhante. //
E numa situação destas a posição, / a reacção dele é de... e como ele acabou um ano mais cedo é de //
- 42 *“Bem-vindo, eu cheguei há pouco tempo /*
- 43 *mas estou agora a habituar e agora anda tu também para este novo mundo //*
- 44 *E vais ver que é uma coisa diferente, é diferente daquilo que eu há pouco*

tempo deixei de ter”. //

- 45** *No fundo, também passou pela mesma situação há pouco tempo, é uma reacção muito a fresco. //*

E – Portanto, ele de alguma maneira conseguia compreender, por exemplo, os aspectos emocionais associados a esta situação.

- 46** *P – Exacto, sem dúvida. //*

Ele, de todas as pessoas... //

Se calhar não, se calhar não é, / porque a próxima pessoa está a passar por essa fase também agora. //

Apesar de ser agora mesmo a fase final. //

Também tem tido algum contacto com o mundo profissional mais ao de leve. //

E – E o que é que o L. responderia a essas dimensões emocionais associadas a isso.

- 47** *P - ...Responderia, no fundo, / compreenderia essencialmente porque ele já tinha passado por umas reacções semelhantes //*

- 48** *E no fundo seria um apoio muito mais baseado naquilo que ele experienciou há pouco tempo //*

- 49** *E oferecia logo um conselho, uma resposta rápida, porque os problemas pelos quais... / os problemas entre aspas!... / pelos quais eu vou passar agora ele está a passar neste momento. //*

E – Imagina o que responderia a PI ao ponto de vista do L.

- 50** *P – ...A PI, lá está... / Agora fica contente porque cheguei, /*

- 51** *apesar de ter atrasado um ano em relação ao que combinamos... //*

- 52** *Estou contente por agora entrar naquele projecto de mais tarde fazermos algo juntos. //*

E continuar a relação de amizade mesmo a nível profissional. //

E – E procura agora reflectir acerca das relações existentes entre a posição do L. e a PI.

- 53** *P – É sempre de apoio, / essas pessoas vão sempre me apoiar incondicionalmente.//*

E – Agora a V. Imagina o que diria a V. acerca da PI.

P – ... Hmm, a V. no fundo /

apesar de ser de uma maneira, de ser uma pessoa que, como disseste há pouco, de serem pessoas diferentes... /

- 54** *Mas no fundo é assim, apesar de ser uma rapariga e de pensar de uma maneira completamente diferente do L., a posição da V. e do L. no fundo são muito semelhantes //*

Porque também estudei junto com a V. e /

apesar de termos seguido caminhos quase opostos mesmo em termos de áreas, sempre nos acompanhámos ao longo do curso e ao longo da fase da

adolescência e da fase académica... //

55 *E, no fundo, é chegar a este patamar, chegar ao mesmo tempo que ela, ela vai ficar também obviamente orgulhosa assim como eu fico dela. //*

56 *De resto, é uma situação muito semelhante ao do L. //*

E – E como é que ela reagiria relativamente à dimensão emocional associada a esta situação?

P – No fundo iria reagir de uma maneira do género/tipo: //

57 *“Vamos passar nisso os dois, porque eu também estou a passar por isso agora, vamos ver...” //*

58 *Era uma reacção no fundo igual aos problemas que ela estaria a passar neste momento. //*

E – Imagina o que responderia a PI à posição da V.

59 *P – ...É evidente que também é gratificante chegar ao ponto / e ver que os meus amigos também vão chegar a esse ponto / e ver que vamos entrar os dois juntos num patamar novo da vida e isso tudo... //*

É igual. //

E – O tipo de relação existente.

60 *P – É de apoio. //*

E – O que há bocado me disseste, referiste às pessoas da lista. Queres acrescentar mais algumas pessoas à lista?

P – Não, / no fundo depois começam a cair nos mesmos papéis que caem os meus amigos / a V. ou o L. //

O único que é diferente, no fundo, mais velho e, no fundo, representar uma figura de irmão mais velho / e apesar de ser só amigo / é o B. //

E – Agora gostaria que avaliasses neste momento a importância que tem para ti esta posição, esta situação na tua vida, numa escala de 0 a 10; sendo o 10 o mais importante.

61 *P – É o mais importante, / é 10 sem dúvida. //*

E – E o que seria para ti o 10?

62 *P – É o mais importante, / é aquilo em que eu agora tenho tudo focado. //*

E – Indica também o grau de desconforto que esta situação te traz no quotidiano, numa escala de 0 a 10 sendo o 10 o máximo do desconforto.

63 *P – Não me provoca desconforto nenhum, / é só mesmo a incerteza de poder ter esta vontade toda de entrar num mundo e não haver oportunidades, /*

64 *apesar de já saber que tenho algumas por isso o desconforto é mínimo, é 0 ou 1. //*

E – Indica agora o grau de incerteza que tens acerca destas últimas valorações: o 10 e o 1, numa escala de 0 a 10, sendo o 10 o mais incerto.

65 *P – É certo. //*

66 *O grau de incerteza é nulo, por isso é 0. //*

E – Agora gostaria que imaginasses que acabaste de inventar uma máquina do tempo, e com essa máquina do tempo poderias ver-te a ti próprio daqui a alguns anos. Poderias escolher fazer uma viagem no tempo para o futuro. Quantos anos gostarias de evoluir para o futuro?

P – ...

E – Numa situação, num futuro em que esta situação evoluiu positivamente.

P – Gostava de saltar assim uns... / 10 anos, / para ver como seria a vida num patamar que eu considero mais à frente. //

Assim uma vida já de casado, já com filhos... //

E – Ok. Portanto, um futuro daqui a 10 anos.

P – Sim. //

E – Um futuro em que a posição inicial evoluiu positivamente. Certo?

P – Sim. //

E – Gostaria que agora, tendo em conta a tua posição inicial, colocasses questões ao teu futuro a partir da posição inicial e que respondesses a partir do futuro.

P – (2s) ... Ora bem. //

Reformula só a pergunta... //

E – Gostaria que colocasses questões ao futuro e fizesses o futuro responder à posição inicial, num diálogo que não necessita de ser... poderiam ser apenas coisas que tu gostarias de perguntar ao futuro.

67 *P – Estando eu neste patamar e estando eu em vias de entrar para uma nova fase, / gostava de saber se daqui a 10 anos este entusiasmo todo que eu vou ter, vai já ter gerado frutos. //*

68 *Gostava de saber se esse entusiasmo a nível profissional depois vai fazer com que eu estabilize a nível profissional / e logo a seguir estabilize a nível emocional. //*

69 *Se irei estar bem emocionalmente e, no fundo, a minha grande preocupação é se daqui a 10 anos, independentemente de as coisas funcionarem ou não, se vou estar feliz ou não. //*

E – Agora poderias responder, o que gostarias de dizer a ti próprio do futuro para agora.

- 70 *P – Iria querer responder o máximo, o mais detalhadamente possível a mim no presente, dizendo que cometi ou não ao longo desses 10 anos alguns erros que não devia cometer; / que no fundo as coisas acabaram de uma maneira ou outra... //*
- 71 *É sempre bom quando as coisas correm bem /*
- 72 *mas passando por fases más, / não convém ser muito más, /*
- 73 *mas para depois saborear melhor as vitórias e isso tudo. //*
- 74 *Mas dizer que foram batalhas árduas, /*
- 75 *mas foram ganhas, / e a nível profissional, emocional está tudo bem e / daqui a 10 anos sou uma pessoa bem feliz. //*

E – Agora, depois desta reflexão gostaria que elaborasses outra vez a tua posição inicial. Que reflectisses se gostarias de modificar, neste momento, alguma coisa à maneira como formulaste a posição inicial.

- 76 *P – ...Não. // Acho que no fundo... não, acho que continuo exactamente da mesma maneira, a pensar da mesma forma. / A mesma preocupação, da mesma maneira... //*

E – Na mesma dimensão emocional?

- 77 *P – Na mesma dimensão, sim. //*

E – Ok. Podes escrever isso? (no papel)

P – Posso. //

E – Se fosses formular agora, como é que seria?

P – Posso formular, exacto por outra frase, não é? //

Agora que fez-me falar sobre isso, fez-me reformular a maneira de colocar este termo. // (escreve no papel)

- 78 *A mesma posição, também em relação à ansiedade... //*
No fundo, é //

- 79 *“Em termos profissionais, estou a entrar para um novo patamar no qual eu deixei de ser um adolescente e passarei a ser um adulto e estou ansioso por isso.” //* (Posição Final)

E – Indica-me agora a importância que tem esta situação para a tua vida, numa escala de 0 a 10.

- 80 *P – A importância disto? / 10. //*

E – 10, sendo o 10?

- 81 *P – O máximo. //*

E – Indica o grau de desconforto ou de mau estar que esta situação te traz no quotidiano, numa escala de 0 a 10.

82 *P – Nenhum, 0. //*

E – E o grau de incerteza, acerca destas avaliações.

83 *P – Nenhum, também 0. //*

E – Agora gostaria que, em relação à posição inicial, procurasses encontrar posições alternativas. Que posições alternativas poderia haver relativamente à posição inicial?

P - «Alternativar», exacto... //

84 *Poderia acomodar-me à vida que estava a ter até agora / e manter uma mudança das pessoas que se mantém a estudar. //*

85 *Nem é a questão de estudar, é a questão de viver a vida de estudante /*

86 *apesar de não terem idade para isso e usufruírem de meios que não são à base do trabalho deles; no fundo, é mesmo uma acomodação, ou então, outras alternativas... //*

E – Numa formulação, numa frase, o que seria.

87 *P – “Uma acomodação à vida académica ou adolescente”. //*

88 *E outra, no fundo, seria uma mais precoce porque poderia ser se eu tivesse tomado esta decisão numa fase mais precoce, / seria já uma fase em que eu já estaria há bastante tempo, já estaria no mercado de trabalho. //*

89 *Apesar de não ter as bases que tenho agora, já estaria no mercado de trabalho. //*

90 *Não sei como estaria agora, /*

91 *mas não estaria com tão boa formação, com certeza. //*

92 *Para formular isso, estou a pensar... / No fundo, já teria precocemente entrado no mercado de trabalho. //*

E – “Uma entrada no mercado de trabalho”?

93 *P – “Entrada no mercado precoce”. //*

E – Mais alguma alternativa?

P – Perante esta situação, acho que não há mais nenhuma. //

E – Agora gostaria que colocasses estas... imagina que estas posições alternativas que tens aí, à vez, cada uma delas se tornava dominante sobre a posição inicial e através da máquina do tempo poderias consultar cada uma destas posições, poderias fazer um diálogo com cada uma destas posições e o futuro. A partir da posição de cada uma delas o que é que perguntarias e o que é que o futuro responderia?

94 *P – No fundo, em relação à primeira, / “acomodação à vida académica”, / perguntaria se eu em 10 anos se sairia ou não dessa acomodação, se resolveria acordar. //*

- 95 *No fundo é mesmo o termo «acordar para a vida» e fazer-me ao mar. //*
96 *É realmente a minha maior preocupação nessa alternativa e na outra, a “entrada no mercado precoce” e no fundo se eu iria acabar, / no fundo, apesar de ter começado mais cedo, se iria depois arranjar tempo para me formar naquilo que eu gosto e naquilo que gostaria na altura, / de modo a poder fazer algo relacionado com algo que gostasse mesmo. //*

E – O que é que achas que o futuro responderia a cada uma destas posições alternativas?

- 97 *P – Lá está, sendo positivo, / tendo um pensamento positivo, / gostava que ele respondesse, se eu optasse por uma das alternativas, que, lá está, tomei uma decisão errada /*
98 *mas que mais a frente, antes de 10 anos, acabei por acertar. //*
99 *Sendo negativo, / o que neste caso não, / uma pessoa pensa às vezes, pensa sempre no revés da moeda, / era ainda no mercado de trabalho escolhido por ser uma opção precoce e estar a fazer algo que não gostava. //*

E – Relativamente à posição alternativa que tu encontraste, existem algumas modificações em termos do diálogo com o futuro?

- 100 *P – Existem, são mais incertas, quer dizer as incertezas são as mesmas, /*
101 *mas são umas incertezas mais... //*
102 *Em relação à minha posição inicial é algo que eu sei que daqui para a frente vou fazer e aquilo que vou fazer, gosto. //*
103 *As outras duas opções não seriam baseadas nesse princípio. //*

E – E, relativamente a esta posição (aponta para a PF), o futuro diria alguma coisa?

P – No fundo, é idêntica, é só a maneira como eu, ao fim de falar no assunto, / só uma terminologia diferente. //

E – Agora, gostaria que no final deste exercício indicasses a importância que tem para ti, esta situação, na tua vida, de 0 a 10.

P – A importância? / 10. //

E – O grau de desconforto que esta situação te traz no quotidiano.

- 104 *P – Nenhum, / é uma incerteza que nem está relacionada com a situação em si, é com consequências, / por isso é 0. //*

E – O grau de incerteza que tens nestas duas avaliações.

P – Nenhuma. //

E – Obrigada pela tua participação. Agora, gostaria que reflectisses acerca desta experiência, se houve... se achaste que falar sobre este assunto modificou alguma coisa, não modificou...

- 105 *P – Não, não, modifica, porque... / Modifica, num sentido em que me ajudou momentaneamente a pôr os meus pensamentos em ordem... //*
- 106 *Às vezes a ansiedade leva a baralhar as coisas temporariamente,*
- 107 *mas quando uma pessoa pára e senta-se um bocadinho assenta tudo logo. //*

E – Nesse aspecto, o que foi particularmente positivo, em termos de reflexão?

P – Ver as posições das pessoas mais perto de mim, em relação a isso, as posições que eu imagino que eles têm em relação a isso. //
E pensar num futuro daqui a 10 anos, acaba por não ser muito tempo mas até lá ainda falta muito. //

E – Houve algum aspecto menos positivo que tu achasses nesta situação?

P – Não. //
Quer dizer, imaginar como seriam os dois caminhos alternativos. //
Não seriam tragédias,
mas seriam opções em que não gostava de estar neste momento. //

E – E o que é que provocou em ti reflectir acerca dessas outras alternativas menos positivas.

- 108 *P – ... Para não cometer... Quero dizer, pelo menos estes dois erros, estes dois caminhos alternativos eu já não os tomo, não é? //*
- 109 *Mas no fundo tentar escolher os caminhos no futuro de modo a não criar situações alternativas assim, semelhantes. //*

E – Muito obrigada!

Fim de transcrição

Participante B, 24 anos, sexo feminino.

E – O conteúdo desta entrevista é pessoal, não vamos partilhar com mais ninguém o seu conteúdo, a não ser que nos concedas a tua autorização explícita e por escrito de que nos deixas fazê-lo. O objectivo da investigação em que vais participar é reflectir acerca dos processos e insights sugeridos por esta entrevista acerca da forma como as pessoas funcionam no quotidiano. Para isso, vou colocar-te uma série de questões e vou pedir-te para pensar livremente e em voz alta, enquanto gravo esta entrevista.

Em primeiro lugar, gostaria que falasses e reflectisses acerca de algo significativo sobre ti própria, na actualidade. Gostaria que o formulasses numa espécie de uma frase, do tipo “A minha vida actual está dominada pela indecisão” – seria um exemplo. Esta formulação inicial deve ser pessoal e conter uma dimensão emocional. Iremos designar essa frase mais à frente por Posição Inicial (PI).

P – Tem que ser mesmo significativa, não é? //

E – Sim, algo significativo.

P – Mesmo que não seja um conflito? //

E – Não, não é necessário que seja um conflito...

P – Mas, por exemplo, posso falar... //

De uma coisa que é a longo prazo, não é... //

- 1** *E que me deixa um bocado/ sem ter comportamentos a tomar, uma decisão... //*
- 2** *Vamos falar, portanto, / da saúde do meu pai, por exemplo. //*
- 3** *É uma questão que me deixa um bocadinho “tocada”, //*
- 4** *E não é só por isso... / porque há a sensação de não poder fazer nada... //*

E – Ok, se pudesses formular numa frase, como é que te colocarias perante esta situação?

- 5** *P – Impotência! //*

E – Portanto, numa frase, dirias “Sinto-me...”

- 6** *P – “Sinto-me impotente...” //*
- 7** *Não é propriamente no futuro, / é o meu próprio dia-a-dia...*
- 8** *Impotente e / sobressaltada! //*
- 9** *Sobressaltada é uma boa palavra. //*

E – “Sinto-me impotente e sobressaltada relativamente ao futuro...” (escreve no cartão)

- 10** *P – E ao próprio dia a dia, não é... //*

E – Relativamente ao futuro e ao próprio dia a dia, no que diz respeito...

- 11 *P – À saúde / ou à eventualidade de acontecer / outro problema como aconteceu. //*
- 12 *Portanto, porque foram vários, / vários “sustos”, não é... e uma pessoa está sempre à espera que um susto seja final. //*
- 13 *Portanto, a eventualidade de acontecer outra desgraça. //*

E – Portanto, “no que diz respeito à saúde do meu pai...”

- 14 *P – Isso é que é um problema diário, não é... //*
- 15 *Porque a esse não posso fugir, nem depende de mim. //*

E – Portanto, eu escrevi aqui (entrega o cartão). Seria qualquer coisa deste género? Parece-te bem? “Sinto-me impotente e sobressaltada relativamente à saúde do meu pai.” (Posição Inicial)

- 16 *P – Sim. //*

E – Gostaria que indicasses a importância que esta situação tem para ti, na tua vida, numa escala de 0 a 10, sendo 0, nada importante e 10, o mais importante.

- 17 *P – É o 10, sem dúvida nenhuma. //*

E – Que significa para ti o 10? Que implicações tem, na tua vida?

- 18 *P – ... O 10 significa a vida que muda radicalmente, não é... //*
- 19 *Porque foi uma coisa que, como tem sido ao longo dos anos, a última vez que houve um “susto” foi há 2 anos, /*
- 20 *mas é uma coisa tão presente, que parece que foi ontem, não é... //*
- 21 *E, portanto, é uma coisa que controla o dia-a-dia, porque é a sensação de... /*
- 22 *São os pais que nos tentam orientar; neste caso, fui eu que tentei orientar a vida do meu pai para que não lhe aconteça nada. //*
- 23 *Só falta cronometrar o tempo que ele demora a fazer isto ou a fazer aquilo... //*
- 24 *“Não faças isto; não andes ao sol; bebe água...” //*
- 25 *É uma necessidade constante de controlar a vida dele / para eu conseguir controlar a minha. //*
- 26 *E o 10 significa isto, é a impotência porque não consigo fazer nada, e sobressaltada porque é o dia todo em sobressalto. //*
- 27 *Não é 24h sobre 24h, /*
- 28 *mas o facto de quanto mais longe ele estiver pior... //*

E – Agora gostaria que indicasses, numa escala de 0 a 10, o grau de mal-estar ou desconforto que esta situação te traz, no dia-a-dia; sendo 0 – nenhum desconforto e 10 – o máximo de desconforto.

- 29 *P – ... É assim, eu não posso estar a colocar um 10 neste ponto da situação agora, que está tudo bem. //*
- 30 *Mas posso colocar 8, até porque aumentou, / quer dizer, vem diminuindo... //*
- 31 *Se há 2 anos foi um 10, no primeiro ano foi um 9, e agora é um 8. //*
- 32 *O que não quer dizer que daqui a 10 anos seja um 0, não é... //*
- 33 *Pronto, fica um 8. //*

E – Gostaria que me descrevesse o que seria por exemplo um 10 e um 0; tendo em conta que actualmente é um 8, o que seria um 10?

P – Um 10 era eu saber pelo médico, por exemplo, / que as tensões do meu pai estavam altas, / o açúcar dele estava alto e que ele não se conseguia mexer, / e que estava numa cama, por exemplo. //
Para mim, isso era um 10! //

E – Que efeitos é que teria essa situação, essas proporções...

P – Na minha vida?... (3s) //

- 34** *Eu acho que é assim... / tirando tudo o resto, / tristeza, a vida que muda radicalmente – a minha e saber que a vida da minha mãe – e não conseguir fazer nada por isso – / alterava e saber que a própria vida... //*
- 35** *E saber que, se acontecesse aquilo que estávamos todos à espera, que é o meu pai ficar acamado, para ele isso era a pior coisa da vida... //*
- 36** *Eu acho também muito importante saber que a minha vida vai mudar, se isso acontecer... / e que vai acontecer um dia, e é mais uma contagem decrescente para... / para saber que um dia isso vai acontecer, não é... //*
- 37** *Portanto, é o tentar / acomodar-me... não digo acomodar-me, /*
- 38** *mas tentar compreender / e aceitar... //*
Portanto, o 10 era isso... //

E – Gostaria que me indicasses o grau de incerteza que tens relativamente a estas duas avaliações que fizeste anteriormente: o 10 de importância e o 8 no mal-estar/desconforto; numa escala de 0 a 10 também, sendo 0 – nenhuma incerteza e 10 – totalmente incerta das 2 avaliações que fizeste anteriormente.

P – Incerta, mas em que sentido? //

E – Se, na altura em que deste um número, até que ponto é que esse número reflecte, com certeza...

P – Talvez o 8, eh... //

E – Portanto, o 8, sendo próximo do 10 – totalmente incerta...

P – É mais... //

Eu tenho que dar um grau, não é... //

- 39** *Portanto, a gravidade ou o sobressalto em que eu vivi e esta impotência / foi diminuindo, não é... //*
- 40** *Portanto, tem que haver aí um grau de diferença de um ano para o outro... //*

E – Exacto...

P – Mas o 8 é próximo do 10. //

E – E um 10 seria... em termos da incerteza destas avaliações...

P – (3s) ... *Essa não estou a perceber... //*

E – Ok, deixa-me dar-te um exemplo, então... Uma pessoa que estivesse bastante incerta relativamente às avaliações que fez; por exemplo, ao avaliar, o 10 em termos de importância, ao avaliar um 8 em termos de desconforto, estivesse bastante incerta... “Se calhar nem é um 8, é mais um 7, ou um 9... Não sei até que ponto é que o 9 ou o 8 é bem escolhido, ou o 10 bem escolhido...” Portanto, peço para classificar esse grau de incerteza, numa escala de 0 a 10, sendo 0 – totalmente certo e 10 – totalmente incerto.

P – *Ehh... Talvez um 4 ou um 3. //*
Um 4 ou um 3, não é... //

E – Um 4 ou um 3 seriam, relativamente à incerteza...

P – *Ehh... que, / se eu atribuí um 10, não é... //*

41 *Estou a dizer que a minha vida é dominada por isto, / quando eu própria tento que não seja assim, não é... //*

Portanto, tem que ser... / Não pode ser um 10, tem que ser um 8, neste caso. //

42 *E o grau de incerteza tem que ser mínimo, não é... //*

E – Ok. Agora, gostaria que indicasses um conjunto de, podem ser 4 ou mais pessoas, um conjunto de pessoas significativas para ti; por exemplo, amigos, familiares ou até heróis, ou pessoas que a dado momento na tua vida foram importantes para ti; e gostava que diversificasses esta lista procurando não incluir pessoas muito idênticas entre si.

P – *E que não tenham nada a ver com esta situação?... / Ou podem ter ou não ter?... //*

E – Podem ter ou podem não ter. O critério é, se são ou não pessoas significativas para ti. Gostaria que fosse uma lista de pessoas importantes.

P – *Podés pôr o meu pai, a minha mãe... //*
Agora, as 2 outras são um bocado difícil... //

E – Podem ser, por exemplo, heróis ou pessoas que tu admiras, ou amigos, também...

P – (3s) ... *É isso que estou a tentar procurar... //*
Eu não sei se tu te lembras... / havia uma série que era “Uma casa na pradaria”; agora, não me lembro do nome da “sardenta” e de tranças... //
Não me lembro do nome dela... //

E – Será J...?

P – *Era?!... //*

E – A que foi depois professora?

P – Exacto, e eu na altura tinha quê... / ainda andava na preparatória, e via com a minha colega, não perdíamos um episódio e quase que foi um modelo, não é... //

*Não é propriamente um modelo,
mas foi significativo. //*

E – Portanto, vamos colocar a “Ruiva da casa na pradaria”.

P – Pronto, exacto!... //

Agora outros... //

Tenho que começar a pensar em pessoas significativas, que isto... (ri) //

Olha, podes pôr o meu primeiro namorado... //

Podes pôr... //

E – Mais alguém?

*P – Podes pôr, não o meu primeiro namorado,
mas a minha primeira paixão... //*

Essa sim, também foi... até te digo que foi mais importante que o meu primeiro namorado. //

Pronto. //

E – Mais alguém?

P – Que eu me lembre não. //

E – Portanto, agora gostaria que imaginasses o que cada uma destas pessoas diria acerca da PI, que é esta formulação que nós fizemos. Vamos, então escolher uma pessoa para começar, primeiro.

P – Onde está o meu pai... // (procura o cartão relativo ao pai)

Uma frase que o meu pai diria perante esta situação? //

E – Uma frase ou mais, podes elaborar à tua vontade. Imagina o que diria o teu pai perante a PI.

P – Perante esta minha frase inicial... //

43 *“Não te preocupes”. //*

44 *“Não há problema...” //*

Imaginemos... //

45 *Eu dizia “Tira a cabeça do sol” e ele diria “Não há problema nenhum!”, não é... //*

46 *Portanto, é uma sensação... / Eu aqui até posso pôr uma sensação, que é, eu a mostrar preocupação / e o meu pai a não querer, a diminuir-me essa preocupação. //*

E – O que responderia a PI, do ponto de vista dela, à posição do teu pai, relativamente a essa situação. Qual seria a reacção perante o discurso do teu pai?

P – A minha reacção? //

E – A reacção da PI perante o discurso do teu pai.

- 47 *P – Mais sobressalto ainda, não é... //*
48 *Por ver que o meu sobressalto não estava a ser levado a sério, não é... //*
49 *O desconforto, mais impotência ainda... / quase tudo o que aqui está,*
50 *mas em maior grau. //*

E – Gostaria agora que procurasses reflectir acerca das relações existentes entre a PI e a posição do teu pai. Qual seria o tipo de relação existente na reacção de cada um dos 2? Dirias que é uma reacção de semelhança, de oposição, de apoio ou qualquer outra?...

P – Entre esta e esta? // (Aponta para dois cartões)

- 51 *São opostas, são opostas porque há... //*
52 *Eu não digo que não haja uma consciência de que não há... / imaginemos que o meu pai tem consciência de que existem razões para eu andar sobressaltada. //*
53 *Até pode ser que ele próprio me diga “Não te aflijas tanto!” para me tentar, a mim, acalmar; //*
54 *só que isso funciona no oposto, não é... /*
55 *E, por outro lado, eu própria não posso comandar a vida do meu pai e nem posso dizer a uma pessoa... /*
56 *nem podia dizer a uma pessoa que não fosse activa que não fosse activa, quanto mais dizer a uma pessoa activa //*
57 *“Está quieto, não vás para o sol e não te mexas! Deixa-te estar aí quietinho!” //*
58 *Não posso controlar a vida dessa pessoa. /*
59 *Portanto, estas duas posições são opostas, opostas... //*

E – Vamos fazer o mesmo com outra pessoa a seguir.

P – (escolhe um dos cartões)

E – Portanto, é a “Ruiva da casa na pradaria”. Imagina o que diria a “Ruiva da casa na pradaria” acerca da PI.

P – Que engraçado, / estou a ver se me lembro de algum episódio... //

E – Ou então, imagina...

P – Imagino o que é que ela diria... //

- 60 *A Ruiva diria que não há razões para sobressalto, / mas... //*
61 *Engraçado, se calhar, poderia não se considerar totalmente impotente. //*
62 *Porque ela era uma miúda muito... / conseguia levar a cabo as intenções dela; / portanto, ela não ficava impotente perante a situação. //*
63 *Se bem que a situação é de impotência. //*

E – Portanto, o que é que achas que ela diria acerca da PI do ponto de vista dela?

64 *P – Do ponto de vista dela, tentaria fazer qualquer coisa para remediar a situação, / tentaria conformar-se... //*

65 *E, se calhar, tentaria não guiar a vida dela de acordo com esta impotência ou sobressalto. //*

E – Imagina o que responderia a PI à posição da Ruiva. Do ponto de vista da PI, o que é que responderia a isto?

66 *P – Eu não digo totalmente opostas, não... //*

E – Mas imagina primeiro o que responderia, qual seria o diálogo entre... De resposta, no fundo, àquilo que a Ruiva disse.

67 *P – Portanto, a resposta seria... / o sobressalto é provisório, porque ela / não ficaria tão sobressaltada, é provisório. //*

68 *E a impotência, / se calhar, nem sentia impotência neste caso... //*

E – Portanto, no caso da Ruiva,,,

69 *P – Se calhar, para ela, não havia impotência... //*

E – E o que é que a PI responderia a esta reacção da Ruiva? Pronto, de ver as coisas de uma outra forma...

70 *P – Não totalmente contrárias, / mas... //*

71 *Eu acho que o que é importante é: a Ruiva / acharia maneira de resolver a situação, acho que isso é importante. //*

72 *Sem tentar controlar a pessoa em causa, / tentaria resolver a situação de outra maneira. //*

E – E o que é que responde a PI a isso? Por exemplo, à tentativa... Será que era possível, eventualmente, será que era possível tentar resolver... A postura da Ruiva...

73 *P – É... / na posição da Ruiva é uma situação perfeitamente capaz de se resolver. //*

E – E na PI, o que é que a PI acha dessa possibilidade?

P – A PI, ou seja, eu...//

E – Sim, neste estado (aponta para o cartão com a PI), neste momento... Nesta posição inicial.

P – O que é que acha? //

74 *Que é uma situação que não... / Que é quase impossível de ser resolvida, / por mais calma, por mais decidida que uma pessoa seja. //*

É isso que diria a PI. //

E – Muito bem. E como é que qualificarias a relação, a relação existente entre a posição de uma e de outra?

P – Destas duas? (Mostra os papéis)

E – Entre o discurso da Ruiva e o discurso da PI, a resposta...
Dirias que são posições, relações de semelhança, de oposição, de apoio...

75 *P – Meio-termo, talvez / o meio-termo. //*

E – Ok, vamos fazer o mesmo para outra pessoa... Imagina o que diria o teu primeiro namorado acerca da PI.

76 *P – O meu primeiro namorado / tentaria quebrar tudo isto. //*

77 *Portanto, tentaria acalmar-me, não é... / e diria que há razões para ser impotente e para estar sobressaltada, / só que, se calhar, tinha mais discurso que a Ruiva. //*

78 *Mas a Ruiva, eu acho-a capaz de tomar uma decisão neste momento, enquanto que o meu namorado, perante esta situação era impotente porque... era o meu pai e, portanto, ele pouco tinha a fazer. //*
Mas... //

E – Mas, o que é que achas que ele poderia dizer à PI?

79 *P – Talvez um bocadinho próximo da Ruiva.../ Que há razões para sobressaltos,*

80 *mas que também são provisórias... //*

81 *E enquanto que, na Ruiva, não havia impotência, no meu primeiro namorado, havia impotência, salvo seja! // (risos)*

E – (risos) O que é que a PI, ao ouvir essa reacção do teu primeiro namorado, o que é que lhe responderia? Do ponto de vista, a PI...

P – (4s) Que... //

82 *É assim, portanto, havia, se calhar, um consolo, um... / ou uma diminuição de tensão, /*

83 *mas eu responderia que “Eu não posso fazer nada”, basicamente seria isto. //*

84 *É... / Não podem fazer nada... e aqui podem // (aponta para os outros cartões)*

E – Que tipo de relação é que achas que existe entre a reacção do teu primeiro namorado e a reacção, depois, da PI ao ponto de vista dele? Apoio, semelhança, complementaridade...

85 *P – Apoio, / apoio seria uma boa palavra. //*

E – Ok. (dá a escolher os outros cartões)

P – Vamos aqui para a minha mãe. //

E – Imagina o que diria a tua mãe acerca da PI.

86 *P – Perfeitamente compreensiva. //*

E – O que é que diria, por exemplo.

87 *P – A minha mãe diria que “Digo o mesmo, / que há razões para isso”, / Eehh... / e havia uma tentativa de me causar a mim menos sobressalto e impotência, //*

88 *mas que, no fundo, é visível que ela, ao tentar fazer isso, está-se a ver perfeitamente nela, que ela própria está na mesma situação. //*

89 *Portanto, ela diria que há, / que é perfeitamente compreensível e normal, e que ela própria passa o mesmo, penso eu... //*

90 *Tenho a certeza. //*

E – O que é que responderia a PI a essa reacção?

91 *P – (3s) Que já somos duas... //*

92 *Ao menos não há um sentimento de... / não é de solidão, não é, /*

93 *mas de... pelo menos há um apoio... //*

94 *Quer para o bom, quer para o mau neste caso. //*

95 *Eu acho que apoio, apoio também. //*

E – Seria a relação... Achas que apoio seria a relação existente entre as duas posições.

96 *P – É, sem dúvida nenhuma. //*

97 *Apoio, mudança... //*

E – Como assim, mudança?

98 *P – Mudança no sentido de... //*

99 *Além da impotência e do sobressalto, / é quase como uma iminência de tu veres que a tua vida vai mudar. //*

100 *Como eu sinto isso depende, não é... //*

101 *Há momentos em que gosto de mudar, há momentos em que não gosto de mudar. //*

102 *Portanto, é quase como tu saberes que a tua vida vai ter de mudar, não é... //*

103 *E enquanto que, / nalguns momentos da minha vida eu nem sequer pus isso em causa, porque era uma coisa que nem sequer pensava; / neste caso, a mudança é iminente. //*

104 *E, em relação à minha mãe, há quase um apoio, porque sabemos que as duas vamos ter que mudar... //*

E – Por último, o que diria a tua primeira paixão acerca da PI?

105 *P – Diria o mesmo que me disse o meu primeiro namorado, / que há razões para sobressalto, / mas que também se sentiria... //*

106 *Tentaria, era apoio, apoio noutra nível... / noutra nível porque eram outras*

*idades,
mas... //*

E – Consegues imaginar o que, em que... qual seria o discurso?

*P – Consigo, //
O discurso talvez... //*

- 107 *Imaginemos... / um discurso que conseguisse acalmar, não é... //*
108 *Do género: / “Acalma-te, porque é uma estupidez / estares a tentar prever uma coisa que pode até nem acontecer num futuro próximo... / Vai acontecer porque acontece a todos nós, / porque pode não acontecer num futuro próximo! //*
109 *E não podes levar a tua vida tão guiada por essa iminência, / a pensar que é hoje, ou é amanhã, ou depois de amanhã...”, não é... //*

E – Imagina o que responderia a PI a essa reacção.

- 110 *P – Tudo o que respondeu às outras até aqui... //*
111 *Tirando à minha mãe, não é... //*

E – E o que seria, por exemplo, consegues imaginar?

P – A resposta? //

E – Hmm.

- 112 *P – É tentarem-me dizer uma coisa que eu já sei, /*
113 *mas com a qual eu não me consigo conformar, basicamente, é isso! //*
114 *Tudo o que estas pessoas me dizem, / eu já sei, não é... //*
115 *O que é, é que eu não consigo, / nem elas próprias o sabem fazer... //*
Portanto, realmente, é quase um... //
116 *Eu responderia, / quer dizer, eu não responderia, /*
117 *mas pensaria para mim própria que //*
118 *“Tudo o que tu me dizes... / é impossível de realizar porque ninguém se conforma com a iminência de uma morte ou de uma doença...” //*
119 *Ninguém se consegue conformar, /*
120 *mas se calhar algumas pessoas conseguem viver mais felizes do que outras em relação a isso. //*
121 *Mas eu responderia que / “Tens razão,*
122 *mas / eu sinto-me impotente ao tentar controlar a minha impotência e o meu sobressalto”. //*
Basicamente, é isso! //

E – Que tipo de relação existiria entre a posição da primeira paixão e a PI, tendo em conta esse diálogo? Dirias que foi algo de oposição, apoio, semelhança...

- 123 *P – Apoio, / apoio. //*
124 *Todas estas 3 são de apoio, / quase ao mesmo nível; //*
(aponta para os cartões da primeira paixão, primeiro namorado e Ruiva)
125 *Embora estes são de apoio*

- 126 *mas de / uma certa oposição porque não há nada que eles possam fazer. //*
127 *Portanto, a Ruiva, / eu diria que na Ruiva há apoio, /*
128 *mas há uma tentativa de resolução. //*
129 *Nestes não há uma tentativa de resolução porque nada podem fazer. //*
(aponta para os cartões da primeira paixão e primeiro namorado)
130 *Aqui a “Ruiva na Casa da Pradaria”, que vive no mundo da fantasia, / havia*
resolução! //
131 *E aqui é que há um verdadeiro apoio! //*
(aponta para o cartão da mãe)
132 *Portanto, / tentaria colocar a primeira paixão ao lado do primeiro namorado,*
nem 8 nem 80 / – de apoio,
133 *mas nada mais do que isso. //*

E – Talvez não havendo uma verdadeira compreensão, como existe na posição da mãe...

- 134 *P – Exacto. //*
135 *Até porque ninguém pode compreender tão bem quanto outra pessoa / que me*
é próxima e que está a passar pelo mesmo. //

E – Gostaria que neste momento me indicasses a importância que tem para ti, na tua vida, esta situação, numa escala de 0 a 10, sendo 10 o mais importante.

- 136 *P – É 10, / continua a ser 10. //*

E – Gostaria que indicasses também o grau de mal-estar que esta situação te traz, neste momento, numa escala de 0 a 10, sendo 10 o máximo de mal-estar.

P – (5s) Hmm, / um valor há bocadito... //

- 137 *Eu não sei se diria o 10 ou se diria o 8 que há bocadinho tinha dito... Ehhh... //*

E – Mas algo está diferente nesse aspecto?

P – Um bocadito... //

Está um bocadito... //

- 138 *Portanto, eu diria que... / que talvez um 7 //*
139 *Porque quando eu penso em mal-estar ou falo em mal-estar, / também tento*
pensar no mal-estar físico... //
140 *Porque, lá está, eu também sinto muito, / eu sinto muito mal-estar físico, eu*
tenho muitas reacções físicas... //
141 *Ehh, mas se calhar um 7. //*

E – E, para ti, o que seria um 7?

P – Em termos de mal-estar, não é... //

E – E de desconforto...

- 142 *P – Um 7 seria uma, / quase um comportamento obsessivo. //*

- 143 *Um mal-estar físico, / dores de barriga, / insónias, blá, blá, blá... //*
144 *E continua a ser o máximo de impotência, / e uma necessidade de controlo muito grande. //*

E – Qual seria a diferença entre um 7 e um 8?

- 145 *P – Ehh, / não digo uma maior aceitação,*
146 *mas uma melhor compreensão... //*

E – E um 7?

- 147 *P – Se calhar / – se calhar não, tenho quase a certeza – / o grau de... / o grau de desconforto, ao falar nisso vai diminuindo. //*
148 *Portanto, se na situação inicial havia quase um desconforto ao falar nisso, / um 7 é já um alívio, / um alívio a falar nisso. //*

E – Hmm. Gostaria que me indicasses o grau de incerteza que tens relativamente a cada uma destas avaliações que fizeste anteriormente, um 10 e um 7, numa escala de 0 a 10, sendo 10 totalmente incerta das avaliações que fizeste.

- 149 *P – Talvez, um 1 ou um 0. //*

E – Sendo um 1 ou um 0...

- 150 *P – Ehh... a certeza de que estou a ter um bom juízo, / ou de que estou a fazer uma boa avaliação em relação a isso. //*

E – Ok. Gostaria que imaginasses neste momento que conseguiste inventar uma máquina do tempo...

P – Hmm, que bom! //

E – E que te podes ver a ti própria daqui a alguns anos no futuro, num futuro em que a PI evoluiu positivamente. Quantos anos gostarias de viajar para o futuro?

P – É um bocado chato porque vejo duas visões... //
Podemos saltar uns 10 anos... //
E eu tenho duas situações; / uma delas é muito positiva, e outra delas é positiva numa perspectiva e negativa na outra, não é... //
Vamos imaginar que, daqui a 10 anos eu... tenho, não digo casada, mas pelo menos com um filho eu quero; / e uma coisa importante, que era o meu filho ter um avô... //
Isso era uma situação positiva e é isso que eu vejo no futuro. //
Realizada a todos os níveis, profissionais, principalmente, para depois ter aquilo que eu quero, / que é um filho, que é a minha prioridade... //
A outra visão que eu tenho daqui a 10 anos é... //
Essa tem 2 posições, / que é a negativa que é eu ver-me sem o meu pai / e, por outro lado, é eu ver-me sem o meu pai e conseguir ultrapassar essa situação, e ficar bem. //
É uma experiência de vida / – uma experiência de vida, não, porque é um

trauma! /

Mas funciona como uma experiência de vida porque, / se estiver em cima dos meus pilares nessa altura, / é positivo. //

E – Então, se não te importares... A maior parte das pessoas consegue encontrar um ponto positivo no futuro, e é apenas um ponto. Parece-me que, para ti, faz mais sentido avaliar dois pontos, dois momentos diferentes no futuro.

P – Ah, pode ser. //

E – Portanto, se não te importares, devolve-me este cartãozinho que diz “Futuro daqui a 10 anos” e, na primeira situação seria o mais positivo deles todos, com o teu pai bem. (Assinala no cartão Futuro Mais – Mais)

P – O mais positivo deles todos, com um filho, e o meu pai... //

E – E vou escrever neste papel aqui também, o futuro daqui a 10 anos, um aspecto positivo que é tens um filho e um aspecto negativo é o teu pai já não se encontrar entre nós. (Assinala no cartão Futuro Mais – Menos)

P – Mas que há uma luz... //

E – Que consegues ultrapassar a situação. Agora, talvez pudéssemos usar aqui a mesa (debruçam-se sobre a mesa), podíamos colocar aqui de cada lado as duas situações. E gostaria que, partindo da PI – o papel vermelho, talvez colocá-lo aqui – e gostaria que colocasses questões ao futuro, a cada uma das situações; portanto, vamos começar primeiro com uma situação... Que colocasses questões ao futuro a partir da PI que é o presente e que respondesses a partir do futuro, dessa situação. O que é que...

P – Diria ao futuro? //

E – Sim, o que é que dirias ao futuro, o que é que lhe perguntarias?

P – Ah! Perguntar... //

151 *Perguntava ao Futuro Mais – Mais se estaria menos sobressaltada / e se estaria com mais ou menos impotência. //*

Isso, acho que era fundamental perguntar... //

E – Que achas que responderia esse futuro relativamente ao presente?

152 *P – Menos sobressaltada, / evidente, não é... //*

153 *Diria que eu estava menos sobressaltada e que perderia / a sensação de estar, de querer controlar / porque sentir-se impotente é tentar controlar a situação! //*

154 *Portanto... o futuro responderia que eu estava menos, / considerar-me-ia uma pessoa menos impotente, exactamente porque não tentaria controlar tanto as situações... //*

É isso. //

E – O que é que perguntarias e o que responderia o Futuro daqui a 10 anos, no caso de teres um filho e conseguisses ter ultrapassado positivamente...

155 *P – Eu perguntaria... / como é que iria ser a reacção no momento em que isso acontecesse... //*

E – Qual teria sido a reacção, hmm...

156 *P – A reacção, / e perguntar-lhe-ia depois como é que eu estaria... //*

157 *Ou seja, que pessoa é que me tornei após essa experiência. //*

158 *Porque acho que isso é fundamental para mim, / é saber que tipo de pessoa é que eu me vou tornar após essa experiência. //*

Mas acredito que ... /

159 *E também queria perguntar ali ao Futuro Menos se / – é quase uma pergunta com uma resposta – / que o sobressalto e a impotência não levam a nada...//*

E – O que... o que achas que ele te responderia a essas duas questões?

160 *P – Responderia... / exactamente o que eu perguntei e que dei a resposta: / que a impotência e o sobressalto não servem para nada, porque não tornam a capacidade de mudar o futuro, //*

161 *Não mudam o futuro. //*

162 *Tentar controlar e andar sobressaltada não mudam o futuro! //*

163 *E acho que o futuro me diria, espero eu, / que após a situação negativa, / que essa situação negativa foi importante para eu me tornar uma pessoa mais calma e não tão sobressaltada //*

164 *E saber que a impotência é quase uma condição humana, não é... //*

165 *Portanto, não há nada a fazer / e não há necessidade constante de querer controlar. //*

E – Depois desta reflexão, não sei se neste momento mudarias alguma coisa nesta formulação inicial; se a formularias de uma forma diferente...

P – Formulava... / Aqui o futuro, reformulava... //

E – Então, como é que reformulavas esta PI no presente – o que é que dirias?

166 *P – (5s) Que me sinto menos... / Sinto-me ou tento... / Tento e acho que estou a conseguir / ser uma pessoa menos controlada... //*

167 *Menos controladora, / não é controlada / é menos controladora... //*

168 *Hmmm / e sinto-me, se calhar, menos sobressaltada em relação ao futuro. //*

169 *Porque... / Sobressaltada, aqui é que... //*

170 *É isso, sinto-me uma pessoa menos controladora, / e sem... //*

171 *Eu acho que é assim, / eu pretendo levar a vida como um rio, que vai, vai, vai, vai... / sem nada que o tente agarrar para trás... //*

172 *Sinto-me uma água que vai pelo tempo, devagarinho, lá vai ela, lá vai ela, lá vai ela... / calma, mas não tenho medo do futuro. //*

173 *Não tenho medo do futuro. //*

174 *Não tenho medo do Mais-Menos. //*

E – Portanto, numa frase, o que é que seria?

175 *P – Seria que tem havido uma tomada de consciência que o controlo não leva a nada / e que a impotência é condição humana. //*

176 *Portanto, se é condição humana, / mais vale esquecer que somos, que temos que controlar / porque nós não conseguimos controlar. //*

177 *Se não conseguirmos controlar, mais vale ser descontraído. //*

178 *Descontraído é a palavra-chave, portanto... //*

E – Se o dissesse numa frase, qual seria a frase?

179 *P – Sinto-me mais descontraída, / ou pelo menos tento... //*

E – “Sinto-me...” (escreve num cartão)

180 *P – “...E tenho conseguido ser mais descontraída / e menos obsessiva em relação ao futuro” //* (Posição Final)

E – É isto?

P – É. //

E – Ok. Gostava que indicasses, neste momento, a importância que tem para ti esta situação, esta nova reformulação que surgiu, não é... Indique a importância que tem para ti esta situação na tua vida, numa escala de 0 a 10.

181 *P – ... Para mim tem uma importância muito grande, um 10. //*

E – O 10 continuaria a ser a coisa mais importante para ti neste momento, certo?

182 *P – Certo. //*

E – Indica o grau de desconforto e de mal-estar que esta situação te traz actualmente? Dirias que esta é a situação, é actualmente a situação que mais tem a ver contigo?

183 *P – É a que mais mexe comigo, /*

184 *mas pode ser uma situação que aparentemente... Aparentemente são contraditórias, não é? //*

185 *Porque há aqui uma tentativa de reformular tudo aquilo, /*

186 *mas era mesmo uma situação desconfortável... //*

E – E, numa escala de 0 a 10, qual seria?

187 *P – O desconforto que esta situação me causa, talvez o 9, / porque há uma consciência de que tenho que ser menos obsessiva e mais descontraída; /*

188 *e, por outro lado, há uma sensação de que é impossível o conseguir realizar. //*

189 *Portanto, o mal-estar também é grande. //*

E – Qual o grau de incerteza relativamente a estas duas valorações, avaliações, o

10 e o 9?

190 *P – É 0, é mínima. //*

E – Absolutamente certa, então.

191 *P – Sim. //*

E – Agora, gostaria que, em relação à PI procurasses encontrar posições alternativas (PA) e que Posições Alternativas poderia haver relativamente a esta situação.

192 *P – A esta, / poderia haver a posição “Descontracção”. //*

E – “Sinto-me descontraída, despreocupada”...

193 *P – Sim, “descontraída, despreocupada em relação à situação” (PA1). //*

194 *Ehh... Não tenho medo da mudança... //*

E – Isto na mesma formulação ou numa posição alternativa diferente? Ainda nesta? (*Mostra o papel*)

P – Não, noutra. //

E – Ok, “Não tenho medo da mudança...”

195 *P – Isso é o que eu queria, não é?... //*

E – Sim, posições alternativas...

196 *P – “Não tenho medo da mudança” // (PA2).*

E – Hmm.

197 *P – Porque o meu lema de vida é que por detrás de uma coisa negativa, há sempre uma coisa positiva! // (6s)*

Mais alguma? //

E – Se quiseres.

198 *P – É uma posição menos obsessiva / – isso era muito importante para mim... //*

E – Como é que formularias isso?

199 *P – Formularia que... / (4s) “Que me tornei uma pessoa menos obsessiva e excessivamente preocupada, excessivamente preocupada com tudo...” // (PA3)*

E – Portanto, “Tornei-me uma pessoa menos obsessiva e excessivamente preocupada com tudo” (escreve e entrega o cartão). Mais alguma posição

alternativa?

P – Chega! //

200 *E já era muito bom! // (risos)*

E – Agora, gostaria que imaginasses que cada uma das Posições Alternativas se poderia tornar dominante relativamente à PI e que, através da máquina do tempo poderias consultar cada uma destas posições no futuro. A partir da PI, sendo dominada pelas diferentes posições, que perguntas farias e que respostas darias a estas Posições Alternativas que poderiam tornar-se dominantes a dado momento?

P – Ok. //

Eu perguntaria ao futuro... //

E – Partindo...

P – Do “Não tenho medo da mudança”, / se realmente não vou ter medo da mudança... //

E – Ao futuro que tem esse aspecto negativo.

P – Exactamente. //

201 *E o futuro responderia que sim. //*

E – Que tens medo?

202 *P – Não, que não tenho medo da mudança! //*

Porque já houve... //

Posso ligá-las? // (referindo-se aos cartões com as diferentes posições)

E – Podes.

203 *P – Porque já houve um, / já me “tinha tornado uma pessoa menos obsessiva e menos preocupada com tudo”; //*

204 *portanto, depois “tornei-me mais descontraída e despreocupada em relação a tudo”; //*

205 *e nisto conclui-se que eu acabei por “não ter medo da mudança”, / adaptei-me a ela... //*

206 *Era isto o que eu lhe perguntava. //*

E – Dentro desta posição...

P – Exactamente. //

E – E imaginando que uma destas outras alternativas, a dado momento, se tornava dominante, imagina qual seria o diálogo?

P – O diálogo seria / “Será...” //

Posso perguntar, não é?... //

E – Sim... A partir de qual posição vais perguntar?

207 *P – A partir do “Estou menos obsessiva e preocupada com tudo”, perguntei ao futuro se isso era possível... //*

208 *E acho que ele me vai responder que não, / é isso... //*

209 *Está, talvez, num grau diferente. //*

210 *Eu perguntaria ao futuro se eu me “Tornaria mais descontraída e despreocupada em relação às situações” e eu acho que o futuro me vai responder que a vida / e a vida com tudo o que ela traz / me vai tornar uma pessoa mais descontraída e mais despreocupada. //*

E – Ok. Gostaria que agora fizéssemos uma última avaliação da situação e gastava que, depois desta reflexão, me indicasses a importância que tem, neste momento na tua vida, esta situação, numa escala de 0 a 10.

211 *P – A importância continua a ser o 10. //*

E – E o grau de mal-estar ou desconforto, numa escala de 0 a 10.

212 *P – O desconforto diminui, / já podemos dar um 6, /*

213 *mas com uma consciência de que vai ter que haver um período negativo em que, / se calhar, com menos impotência. //*

E – E o grau de incerteza acerca do 10 e do 6?

214 *P – É 0. //*

E – Ok. Agradeço imenso a tua participação e gostaria que reflectisses um bocadinho agora acerca desta experiência.

215 *P – Hmm, é assim... / o que eu consigo dizer é que, quanto mais eu falo melhor é. //*

216 *Porque, / além de me acalmar um bocadinho fisicamente, / eu consigo ver-me no que é que eu era e no que é que eu sou, não é... //*

217 *Porque eu, há 2 anos, se falaria, não falava, não conseguiria falar, / e, pelo menos, são experiências boas porque há quase uma projecção no futuro, não é... //*

Mas há vários caminhos que se vão abrindo, não é... //

E a experiência foi boa, sem dúvida nenhuma! //

E – Há alguma parte mais interessante para ti?

P – O futuro, / muito mais!... //

E – É exactamente por causa dessa situação de te confrontares?...

P – Com essa eventual situação, mas também com um futuro que eu vejo como positivo e não vejo muito negativo, como o Futuro Mais – Menos. //

218 *Aquele menos é uma coisa que tem de acontecer, porque eu vejo positivo,*

positivo, positivo, / espero eu! //

219 *E, lá está, são experiências que nos levam sempre / a ver que as reacções que temos não têm fundamento. //*

Isso é que eu acho importante! //

220 *As reacções que comandam a vida não têm fundamento! //*

E – Hmm. Mais algum comentário?

P – *É tudo! //*

E – Obrigada!

Fim de transcrição

Participante C, 26 anos, sexo feminino.

E – O Conteúdo desta entrevista é pessoal e não vamos partilhar com mais ninguém este conteúdo, a não ser que nos concedas a tua autorização explícita e por escrito de que nos deixas fazê-lo. O objectivo desta investigação onde vais participar é reflectir acerca dos processos e insights sugeridos por esta entrevista, acerca da forma como as pessoas funcionam no quotidiano. Para isso, vou colocar-te uma série de questões e pedir-te para pensar livremente, em voz alta, enquanto gravo esta entrevista.

Gostaria que reflectisses acerca de algo significativo sobre ti própria, na actualidade, e gostaria que formulasses isto numa espécie de uma frase, do género, por exemplo, “A minha vida está dominada pela indecisão”. Portanto, uma formulação deste género deve ser pessoal e conter uma dimensão emocional, relativa aos sentimentos que esta situação despoleta. E vamos designar esta frase por Posição Inicial (PI). Eu vou registá-la aqui neste cartãozinho, que depois te entrego.

- 1** *P – A minha vida actual está dominada, completamente, pelo trabalho que faço.//*

E – E podes utilizar outro verbo, outro adjectivo...

- 2** *P – Em relação à minha vida, é isso que me preocupa... / talvez, o trabalho e o ambiente de trabalho que actualmente existe lá na empresa.//*

E – Portanto, numa frase, seria... “Preocupo-me actualmente com o ambiente de trabalho e o trabalho lá na empresa”? (escreve num cartão) Seria algo assim? (dá o cartão)

- 3** *P – Hmm.*

E – Vamos, então, chamar a isso a PI. Gostaria, agora, que indicasses o grau de importância que tem para ti, na tua vida, esta situação, numa escala de 0 a 10; sendo 0 – não tem importância nenhuma e 10 – a coisa mais importante na tua vida actual.

P – 9!//

E – E o que significa para ti um 9?

- 4** *P – Sempre foi bastante importante, sempre pus o trabalho à frente de tudo... / Quero dizer, antes os estudos. //*

- 5** *Quero dizer, o 10 seria a família, o 9 o trabalho e... //*

- 6** *Acho que é por isso que dava 9, porque sempre me entreguei com muita paixão àquilo que faço. //*

- 7** *O meu objectivo na vida será a realização profissional acima de tudo.//*

E – Ok, gostaria que me indicasses agora, numa escala de 0 a 10, o grau de

desconforto ou de mal-estar que esta situação te traz no cotidiano; sendo 0, o mínimo de desconforto e 10, a coisa que é mais desconfortável no cotidiano.

- 8 *P – Digamos que, assim, temos coisas diferentes, que é... / o trabalho dá-me muita satisfação, /*
9 *só que o ambiente que eu tenho ali prejudica-me bastante. //*
10 *E daria... / um 6, porque existem coisas que me estão a prejudicar tudo o que faço e tudo o que gosto de fazer... //*

E – Portanto, relativamente à questão do ambiente de trabalho, seria um 6. E o que é um 6, o que significa um 6, em termos de desconforto?

- 11 *P – Não sei... é muito... / Digamos que, para que o que eu dei anteriormente, o 6 denota que ainda não estou no limite. //*
12 *Ainda me vou levantando da cama e aguentando e indo para lá, e quero manter o trabalho, /*
13 *mas revela toda a insatisfação, todo o mal-estar que estar lá durante 9 horas por dia me provoca. //*

E – Ok. Agora, gostaria que me descrevesse o que seriam para ti os extremos, o que seriam para ti o 0 e o que seria um 10, em termos de, dos diferentes efeitos que este 0 e este 10 teriam no quotidiano, relativamente à importância da situação e ao grau de mal-estar ou desconforto no quotidiano.

P – O 0 seria mesmo a catástrofe total e o não aguentar psicologicamente estar lá, porque me derrotaria. //

- 14 *Emocionalmente, sinto-me já bastante fraca para aguentar; / portanto, o 0 seria a ruptura total. //*
15 *E um 10 seria um melhorar de tudo aquilo que é difícil fazer. / Mas, digamos, tenho de contar com as outras pessoas e de uma certa mudança de atitudes e de saber estar. //*

E – Agora, relativamente ao 9 que deste inicialmente e depois ao 6, gostaria que me classificasses o grau de incerteza que tens relativamente a essas avaliações, sendo 0 totalmente certa e 10 totalmente incerta, acerca do grau.

P – Portanto, nas votações que fiz... //
Digamos... //

E – O grau de incerteza que tens relativamente às avaliações.

P – Um 7! //

E – Ok. O que seria um 7?

- 16 *P – Um 7 porque, / por vezes, desconfio de mim própria (ri) e, digamos que... / gosto muito daquilo, mas... //*
17 *Gosto muito daquilo que faço,*
18 *mas vai de encontro, um pouco, à minha personalidade. //*
19 *É um trabalho muito fechado e eu sou uma pessoa que gosto de me relacionar*

com pessoas, gosto muito de falar, e ali não tenho essa oportunidade; / portanto, não seria o 10, seria por aí. //

- 20 *Quanto à insatisfação, o 7 seria dado porque... há dias como tudo... / e, se calhar, eu já tive dias bons e, às vezes, também penso que estou a ser demasiado pessimista / e, portanto, tenho... //*
- 21 *Mas mais, claro, a puxar para o “eu tenho razão”. //*

E – Agora gostaria que indicasses um conjunto de 4 – pelo menos 4, mas podem ser mais – um conjunto de pessoas significativas para ti. Podem ser, por exemplo, amigos, familiares, até heróis ou pessoas que foram importantes para ti ao longo da vida, e gostaria que listasses quem são essas pessoas, procurando diversificar a lista e não referir pessoas muito parecidas entre si.

P – ...Posso começar pelo meu irmão J. //
O meu professor de história do 9º ano, não, do 10º ao 12º ano. //
O J.C., um colega. //
E a S., uma amiga. //

E – Mais alguém?

P – E os meus pais, os dois. //

E – Ok, mais alguém?

P – Assim, com um peso, bastante importantes, acho que não... //

E – Agora, gostaria que imaginasses... vamos à vez, para cada uma destas pessoas, gostaria que imaginasses o que cada uma destas pessoas diria acerca da posição inicial. Portanto, vamos começar por qual delas? (2s) Por qual delas queres começar?

P – Posso começar pelo J.C. //

E – Ok. O que é que o J.C. diria acerca da PI?

- 22 *P – (ri) Diria para eu não ser politicamente correcta; / que, às vezes, não vale a pena, e que... (4s) //*
- 23 *Digamos que, não dramatize tanto a situação... porque as coisas irão melhorar; / que, se calhar, não é tão péssimo, tão mau quanto aquilo que eu vejo. //*
- 24 *Mas, acima de tudo, é isso, é que eu não esconda aquilo que sou, que mostre às pessoas aquilo que sou e que seja directa. //*
- 25 *Se não gosto daquilo que ouvir, que diga. //*

E – E o que é que a PI responderia à opinião do J.C.?

P – (3s) Como assim?

E – Portanto, o J.C. diz isto, não é? O que é que esta posição (aponta para o papel com a PI) responderia à opinião do J.C.?

- 26 *P – Ah... (2s) Que isso iria prejudicar, e que... //*
27 *Que já tentei, ou que / “não ser politicamente correcta”, / que já fui assim, e vi que me estava a prejudicar... //*
28 *E que, digamos, que era aquilo que... / digamos que, por eu não ser assim, actualmente / – ainda sou um pouquinho – / é isso também que faz com que eu deixe de gostar de certas atitudes que tomo e que tenha que fazer um pouco todo o papel que é exigido, pôr um pouco a máscara, ser um pouco hipócrita... //*
29 *É isso... / penso que isso não me iria levar... / começo a achar que a opinião que tem não me iria levar a mudar as coisas. //*
30 *Digamos, não iria ser positivo, / e já acreditei mais.*

E – Agora, gostaria que reflectisses acerca das relações existentes entre a PI e a posição do J.C. Como qualificarias o tipo de relação? Por exemplo, de semelhança, oposição, apoio, outras...

- 31 *P – De apoio... / e, por vezes, acho um pouco de semelhança, no sentido que ele já passou por situações muito idênticas / e, com certeza, contornou-as dessa forma. //*
32 *E, digamos, que ainda consegue estar porque agiu assim. //*
Portanto, é um pouco... //
33 *Ou, digamos, se não agiu, achava que devia ter agido dessa forma, / e que, se calhar, de alguma forma agradar-lhe-ia ter alguém que... / – é aquilo que eu vejo – / que assumisse um pouco o papel que ele também não conseguiu assumir a 100 % porque se calhar não teve forças para isso... //*
34 *E acha que isso vai ser possível... //*

E – Ok, vamos fazer o mesmo para outra pessoa? Quem é que escolherias?

P – O J. //

E – Imagina o que é que o J. diria acerca da PI.

- 35 *P – (4s) ... Que eu tivesse calma, que... (4s) //*
É complicado, porque é sempre tão diferente de situação para situação... (ri) //
36 *Mas acho que me aconselharia a ter calma, e penso que / também me incentivaria a que eu reivindicasse um pouco os meus direitos e que fosse em frente, /*
37 *mas sempre com moderação.*

E – O que é que a PI responderia à posição do J.?

- 38 *P – (2s) Que... (ri) /... Que estou cansada de ter calma (ri), e que... / e que não é fácil... //*
Acho que é mais ou menos à base disso que rola sempre... (4s) //
39 *É mesmo isso, como ia apelar muito à paciência, ao passo a passo, e as coisas vão... //*
40 *Acho que ia rebater e ia dizer que “Eu quero uma solução para ontem!”, eu sou muito assim; portanto ia muito nesse sentido. //*

E – Qual seria a relação existente entre a PI e a posição do J.? Que tipo de relação?

- 41 *P – (4s) Às vezes penso... / aqui, penso se calhar em termos de identidade... // Acho que de identidade, num sentido diferente do J.C. /*
42 *mas porque acho que damos... //*
43 *Às vezes damos muito para os frutos que colhemos, / e se calhar os que colhemos são maus. //*
Mas... é um pouco complicado. //

E – Agora outra pessoa.

P – O meu professor de História. //

E – O que é que ele diria acerca da PI?

- 44 *P – (4s) Que o que importava é que eu gostasse daquilo que fizesse e, / portanto, se de facto eu gosto daquilo que faço, que devia ter forças para superar o resto / e que o resto não era importante... //*
45 *Porque o que importa é que encontremos algo que nos faça sentir bem. //*
46 *Sempre me disse que, no trabalho... / digamos que, se conseguíssemos encontrar essa satisfação a realizar qualquer actividade, que isso seria muito bom. //*
Pelo menos, não é que tenha dito isso pessoalmente, / dessa forma, / mas recordo muito bem a maneira como nos leccionava as aulas, / era qualquer coisa de extraordinário, / e acho que isso reflectia todo o gosto que ele tinha por aquilo. //
47 *E acho que diria mesmo que o ambiente... / Iria tirar o peso, a carga que eu coloco no ambiente e iria tirar isso / e quase que “Apoia-te só naquilo que fazes, e o resto que está à tua volta é secundário.” //*

E – O que é que a PI diria acerca da posição do professor de História?

- 48 *P – Que, para eu realizar um bom trabalho, preciso de ter as condições mínimas reunidas à minha volta / e que é muito complicado... //*
49 *Quase passa por um processo inconsciente o eu acordar de manhã e não ter vontade de ir para lá, não é ter vontade de trabalhar e ir para o meu gabinete – é estranho e... digamos que não sou eu / – acho eu – /que vou a pensar durante a noite que não quero ir, / rejeição total, / e que eu precisava de ter isso. //*
50 *Até porque eu sempre fui uma pessoa que sempre ajudou com tudo aquilo que posso os outros / e não entendo porque é que as outras pessoas não ligam / – não digo que seja um exemplo para ninguém, tenho muitos defeitos – /*
51 *mas que, pelo menos saibam trabalhar em equipa e seria um pouco isso. //*
52 *O meu professor de História diria que encontrar aquilo que eu gosto no trabalho e não dar tanta importância àquilo que está à minha volta. //*

E – E qual seria a relação existente entre a posição do professor de História e a PI?

P – Eu não sei se posso dizer isto... que seria um pouco relação de pai – filha, porque, no fundo, sempre o vi assim. //
Digamos que, ao fim de 3 anos, foi uma pessoa que me marcou muito positivamente e não sei se pela idade / – porque era uma pessoa já com bastante idade – / em que eu me achei sempre sob a sua asa. //
Tinha uma relação muito próxima, até porque era delegada de turma e etc. / e, digamos que foram 3 anos muito bons na minha vida. //
A própria turma tinha relações com os professores que eram muito, era estranho, não era uma relação normal. //
Eu passei pela faculdade e não era essa a relação que eu tinha com os professores, / e aqui havia muito essa... nunca aconteceu, / mas eu não teria problema nenhum em, se tivesse um problema, lho comunicar, porque havia... //
Acho que até o próprio professor de História entendia quando os alunos não estavam bem. //
Portanto, era mesmo uma relação de pai – filha. //
Sempre me aconselhou quanto ao futuro, / apesar de achar que eu teria jeito para o direito, / mas sempre me deu, / falava comigo de uma forma que... //
Gosto muito do meu pai, mas ele se calhar nunca me disse que eu podia ir para isto... / e havia muito isso. //
Claro que também era um bom professor e, se calhar, percebia aquilo que eu podia estar apta para alguma coisa... //
Portanto, era nesse sentido, um professor com uma relação mais paterna. //

E – Ok, mais outra pessoa?

P – A S. //

E – O que é que a S. diria acerca da PI?

- 53** *P – Para eu relaxar muito, meditar muito em casa. //*
- 54** *Para eu fazer vários exercícios, / digamos que me fizessem fortalecer interiormente, / e que não dissesse nada, que deixasse as coisas andar, que... / o trabalho não é tudo. //*
É uma posição diferente porque quase que... //
- 55** *Acho que não entende e, ao mesmo tempo não compreende um pouco deste entusiasmo todo que eu tenho pelo trabalho. //*
- 56** *Acha que sou muito “ou tudo ou nada”, / que me vê um pouco assim, /*
- 57** *mas que, por ver esse “tudo ou nada”, tentaria conduzir-me a que reiterasse um pouco, não a importância, / ou o gosto do trabalho em si, /*
- 58** *mas este ambiente de trabalho e toda a série de situações, que eu não lhes desse também importância porque faz-me ver que há coisas mais importantes na vida e que, se calhar, não as conseguimos encontrar... //*
- 59** *Aquilo que não encontramos ali, encontramos noutras partes... / portanto, para eu não ser só para ali e tentar, digamos, repartir um pouco pela família, pelos amigos, pelo namorado, pelo que quer que seja, que encontre um bem-*

- estar aí e que não seja tudo para ali. //*
60 *Que eu não me dedique exclusivamente ao trabalho porque pode ser um banho de água fria. //*
Eu acho que é o que ela deve achar no fim. //

E – O que é que a PI responderia à posição de S.?

- 61 *P – Que eu sou bastante radical, / e sinto que sou / e que não consigo, por uma questão de maneira de ser, e não acho mal nenhum, que um dos meus objectivos principais sejam essa tal realização profissional e que passe tudo para aí, um pouco. //*
62 *Porque, no fundo, acho que realmente, mais do que nunca valorizo tudo o que se passa à minha volta e dou tanta importância / porque aquilo que nos faz sentir mesmo bem, é saber que posso ter um trabalho bem feito. //*
63 *Não tenho com certeza o reconhecimento, e não preciso de reconhecimento público*
64 *mas é interior, o saber que está ali uma boa coisa, para mim é gratificante. //*
65 *E, aí, somos... / ela é bastante moderada e eu sou bastante mais impulsiva, e – é para ali, é para ali! //*

E – Qual seria a relação entre a posição de S. e a PI? Que tipo de relação existiria?

- 66 *P – Seria um pouco complementar porque no fundo eu posso não fazer exactamente como ela me diz, /*
67 *mas há uma posição de equilíbrio. //*
68 *Porque de facto é assim, equilíbrio é mesmo... / digamos, tudo aquilo que eu tenho a mais, ela vem pôr essa relação. //*
69 *Se calhar não dá meio-termo, / porque eu não consigo chegar ao meio-termo,*
70 *mas ajuda-me a que não seja tão... acabe por ceder um pouco a tudo aquilo. //*
71 *Portanto, acho que é mesmo complementaridade. //*

E – Qual seria... O que diriam os teus pais acerca da posição inicial?

- 72 *P – (4s) ... Talvez em questão de trabalho...iriam, chamar-me à razão para um facto que se calhar que ainda não falei, / que é o facto monetário! //*
73 *E que tenho de ter juízo e ter muita calma porque hoje em dia está complicado e que, se calhar, não iria arranjar uma coisa tão boa / e que a longo prazo tudo se resolve. //*
74 *Mas acho que é muito, digamos... / é o apoio porque eles me apoiam, / é verdade,*
75 *mas também muito o pressionar que eu também preciso porque senão, se calhar, já teria cometido uma loucura e teria dito “vou-me embora e não quero saber”, /tinha batido a porta. //*
76 *Mas também me pressionam para isso, para notar que se calhar noutros lados também não é muito melhor e que... / se calhar não é o caso único, que há outros casos etc. //*
77 *E que se pelo menos não há da mesma forma, eu se calhar se fosse para outro lado chegaria a casa a queixar-me por outra coisa qualquer, pronto! //*
78 *E já que tenho uma coisa que gosto, e que de facto digamos em termos de, de*

local não poderia ter tido melhor, / de facto tenho as condições para o trabalho em si, não é... / digamos técnicas / ou realmente aí as ferramentas seriam as mais indicadas para o tipo de trabalho e tudo; / portanto, não seria de jogar fora essa oportunidade. //

E – O que é que a PI responderia à posição dos pais?

- 79 *P – Normalmente, que “Não estou para os aturar! // (ri)*
80 *Que vou chegar lá e vou deitar tudo a perder, que não quero saber!” //*
81 *Mas acho que depois, comigo, iria pensar naquilo e sabia que tinham razão / e que a tal pressão que fazem, também me fazem / e eu penso que se tivesse sido à um ano atrás seria muito mais fácil /*
82 *mas apesar de eu viver com eles, com os meus pais, etc., neste momento eu não conseguia começar a depender outra vez deles. //*
83 *Tenho já uma certa independência que agora andar para trás, também me iria fazer sentir mal. //*
84 *Portanto, também me faz pensar um pouco que não pode ser assim tão... não posso tomar atitudes tão drásticas porque também preciso, / é isso, porque também preciso.../*
85 *mas não reconhecia perante eles que isso de alguma forma me iria fazer sentir assim... //*

E – E qual seria o tipo de relação existente entre a posição dos pais e a PI?

- 86 *P – De conflito, (ri) de conflito porque... / é o que eu digo, eu iria, cada palavra que eles dissessem, eu ia rebater e gera sempre conflito com discussão; / portanto, acho que acabam sempre assim as nossas conversas e, portanto, ia ser de conflito*
87 *mas / ...um conflito atenuado sempre por um certo apoio que acho que todos os pais normalmente dão. //*
88 *E que como eu sou teimosa, demoro a reconhecer. //*

E – Agora gostaria que indicasses a importância que neste momento tem para ti esta problemática no quotidiano numa escala de 0 a 10; sendo 0 nada importante e 10 muito importante.

- 89 *P – Eu daria o 9 novamente a toda esta... //*
90 *Porque começa-me a afectar em todos os aspectos... //*
91 *Vivo muito para o trabalho, é verdade e... / e, como digamos, também tenho neste momento, tenho uma carga grande de trabalho e que me leva a ter que investigar em casa e trabalhar. //*
92 *O tempo que eu teria livre acabo por dedicá-lo a ele, porque acho que merece, que eu gosto, que não me preocupa... //*
93 *Mas noto que estou a ficar... / sinto que estou a ficar demasiado fechada para tudo e... ou até mais, se calhar não dou valor... //*
94 *Começo a ver que realmente aquilo para mim que é mesmo, que me dá alegria, e tudo que está à minha volta realmente não me agrada tanto... /*
95 *e apesar de, se calhar, fazer outras coisas que depois vejo que estou mais feliz durante aqueles momentos do que se tivesse estado em casa / – um pouco estranho, e... / pronto... digamos, que o ambiente depois lá... são muitas*

noites mal passadas, portanto... //

E – Gostaria que indicasses o grau de mau estar ou de desconforto que esta situação actual te traz, numa escala de 0 a 10, sendo 10 o máximo de desconforto.

P – ... Um 8 ou um 9. //

96 *Porque é mais ou menos a mesma coisa, aquele mau estar... //*

97 *Um 9... porque com certeza noto que estou a chegar aos limites, / é uma coisa que se vai acumulando há muito tempo. //*

98 *E eu conheço-me... e também sei que se calhar mais facilmente, se calhar daqui a um mês estou num 6 ou num 7, porque vou buscar forças sempre. //*

99 *Mas neste momento actual está complicado de gerir a situação. //*

E – O grau de incerteza, numa escala de 0 a 10, sendo 10 totalmente incerto, qual seria, relativamente às duas avaliações anteriores?

100 *P – Voltando ao aspecto inicial que era um pouco... daria o 7 também, porque estou mal agora /*

101 *mas sei que... agora realmente sinto que cada vez as forças... //*

102 *Quer dizer, há menos forças, /*

103 *mas sei que mais um mesito e a coisa com certeza até... //*

104 *Eu ganho outra força qualquer, porque com certeza o trabalho correu melhor ou porque vi qualquer coisa que fiz e achei que ficou muito bom / e porque o trabalho começa a ficar pronto e isso dá-me outra alegria... //*

105 *Portanto vou buscar forças aí e não onde as coisas estão más. //*

106 *Digamos que aquilo que me dá prazer e o que me dá mais forças / portanto daria um 7 porque ...não é assim tão drástico, porque sei que pode mudar. //*

E – Agora, vamos imaginar que acabaste de inventar a máquina do tempo, e que te podes ver a ti própria daqui a alguns anos no futuro, num futuro em que a PI evoluiu positivamente. Quantos anos achas que gostarias de viajar no futuro, num futuro em que a PI evoluiu positivamente?

P – 4 anos ... // (ri)

E – (escreve num papel) Portanto, vamos viajar então para um futuro daqui a 4 anos, e gostaria que colocasses questões a este futuro, a partir da posição inicial no presente, e que respondesses a partir do futuro.

P – ...

E – Portanto, estas questões não precisam de ser respostas ou soluções – podem ser, mas não precisam de ser – podem ser também coisas que gostarias de saber de ti própria do futuro ou gostarias de saber do futuro.

P – Coisas que eu gostaria de saber!?! / De um futuro daqui a 4 anos!?! //

E – Em que a situação evoluiu positivamente, partindo desta PI.

- 107 *P – Se se fez justiça?! //*
108 *Não só a mim,*
109 *mas... / a vários colegas de trabalho. //*
110 *Porque também me preocupo muito com os outros! //*
111 *Seria uma questão: se tinha feito justiça, e que se... / Se passasse a valorizar*
mais aquilo que faço, do modo que faço... //
112 *Que as pessoas tivessem mudado... / e que se passasse a fazer... que se*
passasse a reconhecer no exterior o trabalho que nós fazemos lá internamente,
porque não há, / não sei se posso falar disso assim, /
113 *mas não há crítica, não há... //*
114 *É uma coisa que eu ficaria muito contente, era que se passasse a ver de facto...*
/ nem que fosse crítica negativa do trabalho que eu exerço, para um
feedback... //
115 *Nunca sei se aquilo que fiz foi de facto, / eu posso achar que foi bom,*
116 *mas pode não ter sido assim tão bom, lá está, e eu gostava que houvesse*
feedback... //

E – E a posição do futuro consegue responder alguma coisa a isso?

P – Esta?... //

E – A isso que tu disseste do feedback exterior...

- 117 *P – ...Sim, porque eu vou lutar por isso... //*
118 *Porque é das coisas que ainda vou ter forças para fazer, diariamente e... / e*
acho que isso eu não vou perder. //
119 *Nem que tenha de ser eu a fazer, a provocar situações para que isso venha a*
acontecer. //
120 *E é o que eu digo, nem que fosse para prejudicar, nem que fosse para me*
dizerem que eu faço um mau trabalho, / precisava disso porque é importante. //

E – Agora, gostaria que pensasses se, após este pequeno exercício, se formulavas esta problemática de uma maneira diferente desta (aponta para a PI)?

P – ...

E – Se, eventualmente, alguma coisa mudou nesta formulação...

- 121 *P – Acho que o que me preocupa, acima de tudo, é o ambiente e não o trabalho*
lá... / reduzia a esse aspecto... //

E – Portanto, como é que formulavas isso numa frase?

- 122 *P – Diariamente, sofro com o ambiente de trabalho... // (ri)*

E – (escreve num papel) E qual a importância que tem para ti, neste momento, esta situação na tua vida, de 0 a 10?

P – Um 9. //

- E – E um 9, é? Uma coisa muito importante?
- 123** *P – Sim, que precisava de ser resolvida, por mim, já. //*
- E – E qual o grau de mau estar e de desconforto que esta situação te trás no quotidiano, numa escala de 0 a 10?
- P – (4s) Um 7. //*
- E – Um sete, muito próximo do máximo de desconforto...
- 124** *P – Sim, 7 porque, / é um processo catártico, e andar a chorar 10 minutos e vir outra vez fazer o trabalho, isso não é uma coisa normal! //*
- E – Portanto, seria 9 o desconforto ou um 7?
- 125** *P – Um 7, porque um 9 acho que é já mesmo... //*
- E – E o grau de incerteza que tens relativamente às avaliações que fizeste anteriormente, um 9 e um 7, numa escala de 0 a 10, sendo o 10 completamente certa das avaliações.
- 126** *P – Eu torno a votar o 7, / sou muito inconstante, sempre fui! //*
- E – Gostaria que agora em relação à posição inicial encontrasses alternativas, posições alternativas.
- P – Mas, soluções!?! //*
- E – Posições.
- P – Mas, a ver com o trabalho? //*
- E – Têm a ver com essa problemática, mas posições alternativas...
- 127** *P – “Adoro aquilo que faço...” //* (Posição Alternativa 1)
- E – (escreve) Mais alguma?
- P – ... Como é que hei-de dizer?... //*
Desconfio, / não é desconfio... agora falta-me a palavra... //
- 128** *Digamos que começo a ter dúvidas da minha autoconfiança... //*
- E – Falta de confiança?
- 129** *P – Às vezes falta-me confiança, relacionado com aquilo que eu disse... eu adoro aquilo que faço, / se calhar é um pouco por isso que eu peço tanta crítica,*
- 130** *mas como não tenho ninguém a avaliar-me... //*

E – «Adoro aquilo que faço mas por vezes desconfio daquilo que faço»?

131 *P – Não é o desconfiar, percebes? //*

132 *É demasiado pesado o “desconfiar”... sempre tive um pouco... é quase, como eu não sou avaliada... //*

E – “Confio, mas por vezes não confio completamente”. (Posição Alternativa 2)

133 *P – Exacto, porque não tenho... / digamos, não tenho uma formação específica para fazer aquilo que estou a fazer, é muito complicado, / porque às vezes estou a fazer por intuição. //*

134 *E não porque alguém me disse que era assim que se fazia, e acho que isso, / devido um pouco à minha idade e digamos a toda uma certa imaturidade que se calhar ainda existe, / como estou à pouco tempo a trabalhar nisto, por vezes sinto-me mesmo mal e tenho dúvidas se será assim. //*

E – Duvidas da tua intuição? Seria alguma coisa para escrever aqui?

P – Penso que não, / acho que é mesmo... //

E – Mais alguma posição alternativa?

P – (6s) ...Não, penso que não...

E – Agora, gostaria que imaginasses que cada posição alternativa se tornava dominante sobre a PI e que, através da máquina do tempo, conseguias colocar essa posição dominante a conversar com o futuro daqui a 4 anos em que evoluiu positivamente.

P – (4s) ...

E – Com qual começarias a conversar, esta?

P – Sim, podia ser. //

E – “Adoro aquilo que faço mas por vezes não confio naquilo que faço” - O que é que conversaria com o futuro?

135 *P – Acho que, acho que também no futuro talvez já confie mais e por isso... / acho que tinha valido a pena todo este esforço e que, no fundo, todo este caminho deu-me um conjunto de passos para... / digamos, encontrar um certo ponto da minha vida de estabilização. //*
Acho que era importante... //

E – Mais alguma coisa, desta posição?

136 *P – Acho que era um pouco o confirmar que afinal eu gostava muito de fazer aquilo... //*

E – Agora outro dialogo e outra posição qual seria? Esta talvez?...

P – ...

E – “Adoro aquilo que faço”, qual seria a conversa com o futuro? Um futuro que evoluiu positivamente.

137 P – (4s) ...*Que já me tinha aberto várias, muitos mais outros campos, porque gostando tanto disto... acaba por abrir depois, digamos, outros horizontes e outras coisas, / porque não é preciso ficar sempre atado só àquilo e teria muito mais onde pudesse navegar... //*

E – E, relativamente a esta posição? “Diariamente sofro com o ambiente de trabalho”, qual seria a conversa com um futuro que evoluiu positivamente?

138 P – ... *Que tudo isto não teria passado, digamos, de um processo ao qual eu estava sujeita e que precisava de passar por ele para aprender, se calhar, outras coisas / e saber lidar diariamente com certas situações. //*

139 *Porque, no fundo, isto também faz-nos crescer! //*

140 *E, portanto, acho que daqui a 4 anos talvez esteja / – 4 anos, digamos, positivos – / esteja a ver isto também de uma forma bastante positiva e a tirar-lhe toda a carga dramática que coloquei e talvez um pouco até... / não digo totalmente esquecê-lo, porque há coisas que nunca vou conseguir esquecer, /*

141 *mas se calhar entender o porquê... //*

142 *Eu preciso sempre muito disso, de achar que as coisas não estão lá por acaso / e nem que seja porque me tornei numa pessoa mais paciente e muito mais moderada... //*

143 *Portanto, daqui a 4 anos acho que estaria contente por ter ultrapassado esta fase toda e por achar que tinha aprendido com aquilo. //*

144 *Que não tinha sido, se calhar tão mau aquilo ter acontecido na minha vida, / se calhar eu até estava a precisar de levar assim um «baldezito» para responder aos outros de uma forma mais... //*

145 *Até mesmo para que o trabalho corra melhor, o ser muito impulsiva às vezes também não é nada positivo, e também se reflecte o mal-estar no trabalho. //*

146 *Portanto 4 anos bons era...daqui a 4 anos assim mesmo bons estar a tirar todo este mal-estar que eu sinto, daqui a 4 anos eu estaria a dizer que custou muito e... /*

147 *mas que valeu a pena, se calhar. //*

E – Agora uma ultima questão; qual a importância que tem para ti, neste momento, esta problemática na tua vida? De 0 a 10.

P - *É um 7 ... //*

E – Sendo o 7?

148 P – *É muito importante, ultrapassa de alguma forma o 6. //*

149 *É bastante importante, /*

150 *mas também se não aguentar, / se não tiver forças para acabar com este mau estar, há sempre outras soluções e portanto nem que seja uma solução mais drástica para acabar com ele, tomaria... //*

151 *Nunca chegaria ao 9 este mau estar, não! //*

E – E, relativamente ao grau de mau estar que esta situação actual tem na tua vida de 0 a 10, qual seria?

152 *P - Acho que seria o 7. //*

E - O grau de incerteza destas duas avaliações anteriores, de 0 a 10 também.

P – O grau de incerteza?! //

E – Incerteza. Sendo 10 o mais certo!

153 *P – É o 9, não é o 7 como na primeira vez. //*

E – Muito obrigada pela participação; gostaria que reflectisses agora acerca destas experiências, o que eventualmente foi mais positivo ou menos positivo...

P – Pessoalmente achei bastante... curioso, o facto de na posição inicial eu ter formulado esta frase assim deste modo, e depois ter ficado só com a ... digamos, a 2ª posição. //

E – A parte do ambiente...

P – Da primeira, exacto... //

154 *Acabei por primeiro dizer que era o trabalho lá na empresa, / porque no fundo acho que também estão associados o trabalho e a empresa... //*

155 *Mas, de facto, reduziu de facto aquilo que é de facto o ponto do mau estar, que é o ambiente que se vive lá! //*

156 *Porque como o caso de hoje de manha: fui trabalhar sozinha e estive muito bem. //*

Portanto, achei bastante curioso esta... //

E – Mudança...

P – Sim. //

E – Mais algum comentário relativamente a esta entrevista ou processo?

P – ... Acho que esta coisa de nós falarmos mais de nós ajuda-nos a clarificar um pouco aquilo que nós guardamos. //

E – Muito obrigada.

Fim de transcrição

Participante D, 32 anos, sexo masculino.

E (Entrevistadora) – O conteúdo desta entrevista é pessoal, não vamos partilhar com mais ninguém o seu conteúdo, a não ser que nos concedas a tua autorização explícita e por escrito de que nos deixas fazê-lo. O objectivo da investigação em que vais participar é reflectir acerca dos processos e insights sugeridos por esta entrevista acerca de como as pessoas funcionam no quotidiano. Para isso, vou colocar-te uma série de questões e vou pedir-te para pensar em voz alta, enquanto gravo esta entrevista.

Em primeiro lugar, gostaria que falasses e reflectisses acerca de algo significativo sobre ti próprio, na actualidade. Gostaria que o formulasses numa espécie de uma frase, do tipo “A minha vida actual está dominada pela indecisão” e esta formulação inicial deve ser pessoal e conter uma dimensão emocional. Vamos designar esta frase por Posição Inicial (PI).

1 P – Ok. (2s) Hmm. É como dizias nessa frase: A minha vida está... “dominada” pela incerteza, neste momento. //

2 Dominada entre aspas!!! (sorri)

E – (Escreve no papel) “A minha vida está “dominada” pela incerteza”. E... E se conseguisses adicionar uma dimensão emocional, o que é que seria? Como te sentes, relativamente a isto?

3 P – Preocupado!!!

E – E sinto-me preocupado?

4 P – Hmm... Ehh... Com o futuro da mesma, não é?//

E – A minha vida está dominada pela incerteza e sinto-me preocupado com o futuro (Posição Inicial - PI). Seria qualquer coisa assim? (entrega o papel ao participante)

5 P – Hmm, exacto. //

E – Ok, Agora, gostaria que me indicasses a importância que tem, na tua vida, esta situação, numa escala de 0 a 10. Que valor conseguias atribuir a esta situação?

6 P – Eu penso que atribuiria o valor de 5. //

E – Cinco...

P – Porquê? Porque... / Não sei se queres que eu fale sobre isso...//

E – Sim, o que significa um 5 para ti?

7 P – O 5 acho que é um ponto mais equilibrado entre o 0 e o 10, / porque o 0 significaria que eu não me preocuparia nada com isto, não é... //(2s)

8 E o 10 significaria que me preocupava demasiado, / estaria muito perto do

caos, digamos assim. //

- 9** *Portanto eu penso que o 5 denota uma certa preocupação que eu tenho;/
10 por outro lado, um acreditar, também, no futuro, / um acreditar em mim, digamos assim.//*

E – E qual seria o grau de mal-estar que esta situação te traz no quotidiano, numa escala de 0 a 10?

P – De mal-estar... (2s) //

- 11** *Eu penso que 5 também. / Porque, lá está, estou num ponto um pouco equilibrado. //*
12 *Nem estou demasiado preocupado - eu acho - nem estou demasiado indiferente. / Por isso, / 5 também.//*

E – Ok. Portanto, já me falaste um bocadinho do que seriam os extremos, o 0 e o 10... Em termos dos diferentes efeitos destes extremos relativamente ao mal-estar na tua vida e à importância no dia – a – dia, como poderias caracterizar o 0 e o 10?

P – Os extremos na importância no dia – a – dia? //

E – E o mal-estar.

- 13** *P – Bem, / o 0 seria então a indiferença e não causaria mal-estar nenhum! //*
14 *Estava, digamos, “na boa”; / (ri) não me preocupava nada com isso, vivia a minha vida / – o que denotava também que não me preocupava nada com o futuro, não é...//*
15 *Até porque a minha incerteza passa um pouco.../ passa mesmo, pela via profissional. //*
16 *E o 10 significaria que eu não ia a lado nenhum porque estava demasiado preocupado e o mais certo era correr para o médico! // (sorri)
Por isso...//*

E – Agora, gostaria que me disseses qual o grau de incerteza que tens relativamente às valorações, às avaliações que fizeste anteriormente; neste caso, o 5 de importância e o 5 de mal-estar.

P – Pois... Hmm (ri)//

E – Numa escala de 0 a 10, o grau de incerteza.

P – (risos) ...Ora bem, partindo do princípio que essa avaliação será só minha, não é... (tosse) //

- 17** *Eu penso que, se me sinto assim equilibrado, terei de estar também equilibrado no meu grau de incerteza... //*
18 *Do ponto de vista de quem está de fora, não sei.//*

E – Mas qual seria o número que tu atribuirias, de incerteza, de 0 a 10, sendo 0 – completamente certo e 10 – completamente incerto, relativamente às avaliações que fizeste anteriormente?

19 *P – Pois, teria que ser equilibrado, também, teria que ser um 5...//*

E – Ok. Agora gostaria que indicasses um conjunto de, pelo menos, 4 pessoas – podem ser mais – pessoas significativas para ti – por exemplo, amigos, familiares, ou até heróis ou pessoas que anteriormente, a determinado ponto da tua vida, foram importantes para ti e gostaria que... que me disseses, portanto, 4 nomes, então, para podermos falar um bocadinho acerca do que essas pessoas diriam sobre isso.

P – Quatro nomes... (4s)//

E – Ou mais...

P – Ou mais... (8s) //

Posso começar por uma pessoa que se chama E. ... – que é a minha mãe; / e queres que diga... o grau em que me preocupa?//

E – Não, neste momento vou só anotar esses nomes nestes papéis.

P – Hmm, (7s) A A., por exemplo. (8s)//

O R./ e, por exemplo, a B., minha irmã.//

E – Mais alguém?

P – Não, acho que está bem assim.//

E – Portanto, gostaria que agora imaginasses o que cada uma destas pessoas diria acerca da formulação inicial. (riem os 2) Por qual é que vamos começar?

P – (2s) Podemos começar pela minha mãe, por exemplo.//

E – Portanto, o que diria a tua mãe acerca da posição inicial, nesse cartãozinho laranja.

20 *P – Hmm... A minha mãe diria que está muito mais preocupada que eu. //(3s)*

21 *Consigno ver que me acharia demasiado despreocupado. //(4s)*

E – O que é que a PI responderia à tua mãe?

P – O que é que responderia a PI?//

E – O que é que tu, nesta situação, responderias à tua mãe sobre isso? (riem os 2)

22 *P – (risos) Responderia que não tem razão porque, não parecendo, estou preocupado e ...// (4s)*

23 *Não preciso de estar demasiado preocupado, de mostrar às pessoas que estou muito preocupado.//*

E – Agora gostaria que reflectisses entre as relações que existem entre a opinião

da tua mãe e a PI. Seria... Qual seria o tipo de relação existente, por exemplo, de apoio, de semelhança, de oposição... outras...

24 *P – De apoio?...//*

E – A posição da tua mãe relativamente à problemática inicial, à PI. Que tipo de relação é que existe entre a opinião dela e essa posição inicial?

P – (4s) Que relação existe... / é uma boa pergunta, porque... // (5s)

25 *Não sei que te responder... //*

E – (2s) Ok, não é preciso responder... Vamos então para outra pessoa da lista. Quem poderia ser?

P – Pode ser à sorte. // (escolhe um dos cartões)

E – O R. Imagina o que o R. diria acerca da PI.

26 *P – (2s) Acho que não se preocuparia muito. //*

27 *É um amigo, hmm... / bastante próximo/ hmmm, que se preocupa, apoia/*

28 *mas não – digamos, não interfere.//*

E – E qual seria a opinião dele acerca dessa situação?

P – A opinião dele!... //

É mesmo de... de quê, de... //

A opinião dele!... / Agora deixaste-me aqui a pensar...//

29 *Ehh,... Não, ele, ele acha que eu, estou no caminho certo!//*

E – Ok, o que é que responderia a PI ao Rui, tendo em conta a opinião dele?

30 *P – Acho que estaria de acordo, / acho que ele tem razão.//*

E – Ok, que relação é que existiria entre a posição do R.i e a PI?

P – Que relação existiria?...//

E – Entre estas 2 opiniões... seria uma relação de semelhança, de apoio, oposição, por exemplo...

31 *P – Sim, de apoio, como eu já tinha dito há pouco...//*

E – E o que diria a A. da PI?

32 *P – A A. da PI dizia que é uma posição complicada... //*

33 *E que espera uma solução ou uma resolução rápida, penso eu...//*

E – E o que é que a PI responderia à posição dela?

34 *P – Que as pessoas não se devem precipitar e que devem seguir o seu rumo*

com calma, com inteligência...//

E – Que relação existiria entre a posição da A. e a PI?

35 *P - ...De apoio...//*

E – Relativamente à B., o que é que a B. diria acerca da PI?

36 *P – A B. tenta indicar soluções à PI, hmm inúmeras (ri). //*

37 *Hmm,... Porque se preocupa com / com isso, não é...//*

38 *E, basicamente é isso – procura indicar soluções... //*

39 *Às vezes, quase mesmo, entregar algumas soluções...//*

E – Hmm, o que diria a PI à posição da B.?

40 *P – Ainda não optou por nenhuma dessas soluções, porque... / porque analisa essas hipóteses e não, ... / não as vê como soluções, se calhar...//*

E – Que relação existiria entre a posição da B. e a PI?

P – Relação, hmmm... //

41 *Também uma relação de apoio, principalmente e, se calhar uma relação de incentivo...//*

E – Ok, agora, relativamente à PI gostaria que indicasses, neste momento, a importância que tem para o teu quotidiano, numa escala de 0 a 10.

P – A importância que tem para o meu quotidiano... //

42 *Tem muita importância... / Ehh, oito!//*

E – E oito seria...

43 *P – Oito seria bastante importante... //*

44 *Hmm... Porque é um assunto que em termos de futuro tem tudo ali, quase toda a minha vida está relacionada com isso, não é?... //*

Ehh...

E – E, relativamente ao grau de mal-estar que essa PI neste momento coloca, numa escala de 0 a 10...

P – De mal-estar, neste momento?...//

E – Hmm, de desconforto...

45 *P – Os tais 5, não é...//*

E – E 5, também porque... tal como anteriormente, pelas mesmas razões...

46 *P – Sim, pelas mesmas razões...//*

E – E o grau de incerteza, neste momento, relativamente às valorações anteriores?

*P - (Risos)... Acho piada a essa pergunta... // (risos)
Ehhh, é... / incerteza acerca das valorações...//*

E – Se, eventualmente, aqueles números que deste são ou não precisos ou existe alguma ambivalência da tua parte relativamente ao número anterior ou a seguir...

- 47** *P – Existe sempre alguma ambivalência, embora... //*
48 *Naturalmente que eu penso que são esses os valores, senão não os diria...//*
49 *Mas... / Existe sempre a possibilidade de não ser exactamente assim, não é... //*
50 *Às vezes dizemos ou pensamos coisas agora que daqui a 5 minutos já não pensamos assim...//*

E – Exacto, por isso mesmo é que eu te peço, neste momento, qual seria o grau de incerteza relativamente às duas valorações anteriores, numa escala de 0 a 10...

- 51** *P – Neste momento, neste momento... / o grau de incerteza seria 0, seria nulo, tenho toda a certeza, /*
52 *mas... / daqui a 2 ou 3 minutos posso pensar /*
53 *“Mas eu disse isto? / Isto é o que eu penso?” // (risos)*

E – Neste momento seria 0 – muito bem... Vamos agora imaginar que acabaste de inventar uma máquina no tempo, do tempo... e que te podes ver a ti próprio, daqui a alguns anos, no futuro...

P – Hmmm. //

E – Num futuro em que a PI evoluiu de uma forma positiva.

P – Hmm. //

E – Portanto, se nós fossemos viajar para o futuro, quantos anos é que nós avançaríamos, mais ou menos? Que achas que poderíamos avançar para encontrar a PI a evoluir de forma positiva?... 5 anos, 10 anos?...

P – Eu penso que 5 anos... / Penso que 5 anos seriam perfeitamente suficientes...//

E – Portanto, daqui a 5 anos... vamos viajar até daqui a 5 anos, num futuro em que a PI evoluiu positivamente. E... portanto, vou escrever aqui (escreve num cartão) “Futuro, daqui a 5 anos”. Agora...

P – Azul, é bom... // (risos)

E - (risos) Azul, é bom ... Agora, gostaria que colocasses questões ao futuro, a partir da PI – portanto do papelinho laranja – e que respondesses a partir do futuro a essa PI.

P – Eu coloco as questões.../ eu respondo...//

E – O que é que a PI gostaria de perguntar ao futuro, daqui a 5 anos; e o que é que o futuro responderia à PI... E estas respostas ou perguntas não têm que ser soluções para um enigma, podem ser... nem precisam de ser respostas – podem ser respostas, mas não precisam de o ser... - podem ser também coisas que gostarias de dizer a ti próprio... se, se pudesses viajar no tempo... e se o futuro te pudesse responder...

P – Mas partindo sempre do princípio que o futuro foi positivo...//

E – Exacto... Daqui a 5 anos essa tua posição, essa tua preocupação, evoluiu de forma positiva.

54 *P – Então, já não estarei preocupado...//*

E – Eventualmente... (risos) Então, o que é que a PI, neste momento, que é preocupado, perguntaria ao futuro, e o que é que o futuro responderia...

55 *P – Se calhar, perguntaria / - “Porque tanta preocupação? //*

56 *Porque, afinal, tudo se resolveu, e tudo se resolve...” //*

57 *E, se calhar, a opinião que eu teria ou terei, no futuro, não andarà muito diferente da opinião que eu tenho agora... //*

58 *E, se calhar, as perguntas, continuarão a ser as mesmas... //*

59 *Porque, lá está, eu acredito no futuro, como acredito no presente. //*

60 *Porque acho que, acreditando em mim próprio, não terei que ter medo do futuro, nem terei que me preocupar demasiado... //*

61 *E, no fundo, quando chegar daqui a 5 anos, vou perguntar / – Porque é que há 5 anos atrás, eu estive com estes problemas? / Porque é que eu estive a fazer esta entrevista, não é? (risos) //*

62 *Ehh, portanto, a única pergunta que eu penso que faria é /– Porquê preocupar-me?...//*

E – E o que é que o futuro responderia a isso?

P – Que, realmente... / que... //

63 *Que, se não me tivesse preocupado, depois não estava no futuro, nesse momento, depois de 5 anos de evolução positiva, a perguntar-me o porquê de estar-me...// (risos)*

64 *Portanto, era uma pergunta com resposta! //*

65 *Ehh, uma pergunta de retórica, não é?...//*

E – Ok, agora, gostaria que elaborasses novamente a PI, depois desta, pronto, deste pequeno exercício que fomos fazendo... Não sei se gostarias de efectuar alguma alteração da PI. Portanto, formular novamente uma frase...

P – De volta dos 5 anos...//

E – Sim, actualmente... depois de termos feito este exercício, gostarias de formular a PI de uma forma diferente?

P – Depois deste exercício?...//

E – Hmm...

- 66 P – *Se calhar, poderia dizer que a minha vida está um pouco dominada pela incerteza /*
67 *ou, se calhar dominada, não é um pouco /*
68 *dominada pela incerteza, porque é normal que tenhamos incertezas... //*
69 *Ehhh, mas se calhar um pouco menos preocupado com o futuro...//*

E - (escreve num cartão) Portanto, a minha vida está dominada pela incerteza...

- 70 P – *Mas menos preocupado com o futuro...//*

E – Mas estou menos preocupado com o futuro – certo? (Posição Final) Seria assim? (entrega o cartão)

- 71 P – *Hmm... //*

E – Neste momento, qual seria a importância que tem para ti esta situação, numa escala de 0 a 10?

P – *Hmm (tosse).../ Voltamos ao mesmo ciclo...//*

E – Não, neste momento – esta situação, esta incerteza, esta problemática da incerteza, que importância é que tem para ti, no quotidiano?

- 72 P – *Esta incerteza, eu vejo-a como algo normal, que.../ que eu tenho, que toda a gente tem, penso eu...//*

E – E, numa escala de 0 a 10, a importância...

P – *Numa escala de 0 a 10, a importância...//*

E – Desta situação, no quotidiano...

- 73 P – *Daria mais importância... (tosse) / Se calhar, oito...//*

E – E o grau de desconforto que esta situação traz no quotidiano, actualmente...

- 74 P – *Desconforto / – eu penso ser do mesmo grau...//*

E – Cinco?

- 75 P – *Cinco...//*

E – E o grau de incerteza?

(risos dos 2)

E – Relativamente ao 8 e relativamente ao 5...

*P – Hmmm, o grau de incerteza, eu diria... //
10 seria.../ total incerteza?...//*

E – Exacto, completamente certo – 0, e 10...

76 *P – Nesse caso, diria 0 e daqui a 2 minutos, não sei... // (risos)*

E - (Risos) Agora, eu gostaria que, em relação à PI, procurasses encontrar posições alternativas – em relação a esse cartãozinho laranja... Se calhar, colocamos na mesa... Portanto, vamos tentar encontrar posições alternativas, posições alternativas aqui.

P – Posições alternativas... // (tosse)

E – E podemos escrevê-las aqui, por exemplo...

77 *P – Podia dizer que a vida é a coisa mais certa do mundo, e eu não estou nada preocupado!!! (ri) (Posição Alternativa 1)*

E - Ok (escreve)

78 *P – Ou mais exacta! //*

E - ... Mais exacta do mundo e não estou nada preocupado, ok. Vamos colocar aqui? (coloca ao lado da PI) Mais alguma posição alternativa a esta?

P – Ahhh.../ Mais alguma posição alternativa...//

Ehhh.../ Levemos isso para outro campo... / ou melhor, para o outro oposto... //

79 *Ehhh... / que será, então, a minha vida está um caos!!! (ri)*

80 *E não sei o que fazer.../ O futuro é um ponto negro! //(risos)*

81 *O outro lado...// (risos) (Posição Alternativa 2)*

E - (risos) Chega?

P – Hmm. //

E – Agora, vamos imaginar que cada posição alternativa... Neste momento, esta é a posição dominante, estas são posições alternativas, que não são muito realistas, actualmente, não é...

P – Sim...//

E – Mas vamos imaginar que cada uma destas, à vez, assumia uma posição dominante, na tua vida. E, através da máquina do tempo, podias consultar cada uma destas... a partir de cada uma destas posições, poderias consultar o futuro.

P – Hmm.//

E – Portanto, o futuro estava... creio eu que era o papel azul... Ok, o futuro... E, a partir de cada uma destas posições, que à sua vez podem ficar dominantes... a partir de cada uma destas posições, que perguntas é que farias e... qual seria a conversa com o futuro?

P - ... Acerca de cada uma...//

E – Hmm, vamos imaginar que assumias primeiro esta...

P – Imagina que eu viajava no tempo para 3 datas diferentes.../ Seria isso?//

E – Não 3 datas, mas... 3 estados de espírito diferentes!

P – Exacto. //

E – Partir de 3 estados de espírito diferentes, uma vez que já fizemos isto com esta (aponta para a PI), não é?

P – Hmm. //

E – Agora, se fossemos partir de 3 estados de espírito diferentes, qual seria o diálogo com o futuro... com um futuro daqui a 5 anos, em que a situação evoluiu positivamente...

P - ... Mas há uma coisa que eu não estou a perceber... //

Se a situação evoluiu positivamente, como é que eu poderia estar num destes estados? //

Não podia estar...//

E – Sim, actualmente... Vamos imaginar que, actualmente, “a minha vida está dominada pela incerteza”, que foi a formulação inicial... Há 30 minutos atrás...

P – Há 30 minutos atrás...//

E – ...Estávamos neste estado de espírito, digamos... que a minha vida está dominada pela incerteza e eu sinto-me preocupado com o futuro... E, relativamente a isso, imaginaste um futuro em que a situação evoluía positivamente daqui a 5 anos e estabeleceste um diálogo, a partir deste estado de espírito... Agora, neste momento, poderias assumir um estado de espírito diferente. E, por exemplo, este – “A minha vida é a coisa mais exacta do mundo e eu não estou nada preocupado”...

P – Ah! Isto é deste... / o meu estado de espírito, neste momento?//

E – Hmm.

P – E imaginava um diálogo deste estado de espírito, para uma evolução positiva, daqui a 5 anos...//

E – Exactamente!

- 82 *P – Ahhh!... Ehhh... / Pronto, deste estado de espírito era impossível haver uma evolução positiva, penso eu...//*
83 *O que será?... / tudo exacto, tudo óptimo, tudo... / parece-me uma grande seca... //*
84 *Acho que ou mudava alguma coisa, ou dava um tiro na cabeça. //*
Para aí... // (risos)

E - (risos)

- 85 *P - ... Uma pessoa assim, não pode viver, não é?... //*
86 *Acho eu... / digamos que, como uma série do Hitchcock – não sei se posso dizer isto agora...//*

E – Claro!

- P – Ehhh... havia a história de um indivíduo que morria... //*
87 *Ehhh, / e depois, acordava e pensava que estava no céu porque ele tinha tudo o que ele queria, ele tinha... //*
88 *Era óptimo,*
89 *mas só estive assim 2 ou 3 dias e depois começou a ficar completamente louco, porque estava tudo certo demais! //*
90 *Então, foi aí que ele descobriu que afinal ele estava no inferno! // (risos)*
91 *Portanto, a minha vida seria – um inferno!//*

E - (risos) Um inferno! Agora para este, esta diferente posição, não é? Se actualmente fosse este o estado de espírito a dominar – “A minha vida está um caos e eu não sei o que fazer, o futuro é um ponto negro!”, qual seria o dialogo com o futuro, evoluindo positivamente.

- 92 *P – Eu acho que seria a pessoa mais feliz do mundo, depois de passar de um estado de caos para qualquer estado mais positivo, acho que seria felicíssimo...//*

E – Ok, e relativamente a esta outra posição, que foi a posição final a que nós chegámos – “A minha vida está dominada pela incerteza, mas estou menos preocupado com o futuro”, o que é que... qual seria o diálogo?

- P – Com uma evolução positiva... //*
93 *Aí eu acho que a minha vida continuaria dominada pela incerteza,*
94 *mas aí já não estaria preocupado com o futuro. //*
95 *Aí, sim, acho que, em vez de me preocupar, acho que ia acordar todos os dias com um / “Óptimo! / Mais um dia! / E amanhã, então é que vai ser...”//*
Acho que é um bocado por aí...//

E - Ok. Pronto, chegámos ao fim...e eu queria só que fizéssemos uma última avaliação acerca da importância que a situação, a problemática da incerteza, no momento actual, numa escala de 0 a 10.

- P – A problemática da incerteza, numa escala de 0 a 10?... //*
96 *Acho que é especialmente importante! //*
97 *Pelo que estivemos a ver, é mesmo muito importante. //*
98 *Porque, se não a tiver, vou sofrer; se a tiver demasiado, vou sofrer; / se a tiver assim-assim, acho que vou sofrer o suficiente para ser feliz!//*

E – Ok (riem os 2)

P – Não é?...//

E – E isso, num número, qual seria?

- 99** *P – Acho que a incerteza atinge, na escala, atinge o grau 10!//*
Acho que sim...//

E – Ok, e agora o grau de desconforto que esta situação traz para o quotidiano, numa escala de 0 a 10, também...

P – Esta situação, ou a incerteza?//

E – Sim, esta situação, o que...

P – O grau de desconforto...//

E – Esta situação, a problemática da incerteza...

- 100** *P - ... Não traz muito desconforto... //*
101 *Ehhh, se tomar em conta que, se não estiver neste estado, se estiver num outro estado, que aí sim, estaria muito mais desconfortável, acho que não traz muito desconforto...//*
102 *Mas se tiver, se comparar com outro estado em que esteja mais... / não tenha preocupações, não tenha... / não tenha motivos para pensar nisso, não é.../ seria ideal, julgo eu...//*
103 *Aí isto não teria importância nenhuma, digo eu...//*
104 *Um ponto equilibrado, 5.//*

E - Cinco, ok. O grau de incerteza acerca do 5 e acerca do 10...

- 105** *P - (risos) Ehh, 0 agora, 10 daqui a 2 minutos...//*

(risos dos 2)

E – Ok, muito obrigada pela tua participação... Gostaria que reflectíssemos agora um bocadinho acerca desta experiência... o que é que foi particularmente interessante, ou menos interessante?

P – Em toda a experiência, a entrevista em si?...//

E – Sim...

P – O que foi mais interessante e menos interessante?//

E – Por exemplo, comentários acerca disto.

P – Eu acho que foi tudo interessante. //

Por 2 motivos: .../ primeiro porque me fez pensar sobre mim próprio, sobre a minha vida, sobre o futuro.../ e segundo, e se calhar mais importante ainda, foi ótimo porque eu adoro falar sobre isto.//

Acho que é muito importante as pessoas falarem sobre o que pensam... / o que lhes vai mal, o que as preocupa.../ ehhh, etc, etc, o futuro, acho que é muito importante.//

E – Hmm. Qual foi a parte que, se é que houve, que foi a mais importante? A mais importante, ou a mais interessante, em termos de reflexão, de resultados da reflexão, a mais produtiva... Se foi, eventualmente, o diálogo com as pessoas importantes, se foi o facto de estar a pensar no futuro e a fazer estes movimentos...

- 106** *P - ... Eu acho que... / de uma forma global, foi tudo importante,*
107 *mas principalmente a transposição de agora para o futuro e depois dos vários estados para o futuro...//*
108 *E o retrocesso, principalmente, o retrocesso... / depois de fazer uma análise ao futuro, ao fazermos o retrocesso, ehhh, acaba por nos dar uma imagem de agora que se calhar antes não tínhamos, não nos apercebíamos disso... //*
Acho que sim...//

E – Ok, muito obrigada!

Fim de transcrição

Anexo 4

Análise microgenética das elocuições

(e correspondentes posicionamentos do *self*)

Análise do caso 1: Participante A, 24 anos, sexo masculino		
Elocução	Análise microgenética (<i>Quem, Para quem, O quê, Como, Para Quê</i>)	Posicionamento do Self que surge
1	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém em transição da vida académica para a vida profissional, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu em transição</i>
2	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como ansioso por iniciar a vida profissional, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como ansioso (desejoso) perante a vida profissional</i>
3	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como triste por abandonar a vida académica, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como triste pelo fim da vida académica</i>
4	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como mais adulto agora, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como mais adulto</i>
5	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como adulto antes, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como adulto</i>
6	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como mais adulto agora mediante as responsabilidades profissionais futuras, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como mais adulto e responsável</i>
7	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, concordando com a entrevistadora e apresentando-se como adulto, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como adulto</i>
8	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me tanto como ansioso (desejoso) pela vida profissional e como saudoso pela vida académica, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essas imagens	<i>Eu como ansioso (desejoso) pela vida profissional + Eu como saudoso pela vida académica</i>
9	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me principalmente como ansioso (desejoso) pela vida profissional, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como ansioso (desejoso) pela vida profissional</i>
10	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como ansioso (desejoso), num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como ansioso (desejoso) pela vida profissional</i>
11	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que está a deixar de	<i>Eu a deixar de ser um adolescente</i>

	ser adolescente, num acto de auto-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	
12	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém resoluto e decidido perante a mudança e que não tem mais nada a acrescentar acerca das transformações presentes, num acto de auto-caracterização, desidentificando-me com essa imagem de adolescência	<i>Eu como decidido e em mudança</i>
13	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como focado na transição para a vida profissional, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como focado na transição actual</i>
14	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como muito focado na transição, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como muito focado na transição actual</i>
15	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como focado nesta transição, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como muito focado na transição actual</i>
16	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como confortável perante o abandono da liberdade da vida académica que termina, num acto de auto-caracterização, desidentificando-me com a imagem de estudante	<i>Eu como confortável perante o fim da vida académica</i>
17	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como ansioso (desejoso) pelo final da liberdade académica, num acto de auto-caracterização, desidentificando-me com a imagem de estudante	<i>Eu como ansioso (desejoso) do fim da vida académica</i>
18	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como confortável perante a transição, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como confortável perante a transição actual</i>
19	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como certo relativamente à minha posição actual, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como certo perante a transição actual</i>
20	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como incerto relativamente ao futuro, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como incerto relativamente ao futuro</i>
21	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como determinado perante o futuro, desidentificando-me com a imagem de insegurança	<i>Eu como determinado relativamente ao futuro</i>
22	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante o meu pai, a apresentar-me como fonte de satisfação aos olhos do meu pai, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa	<i>Eu como alvo de satisfação perante o meu pai</i>

imagem		
23	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante o meu pai, a apresentar-me como fonte de orgulho aos olhos do meu pai, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como alvo de orgulho perante o meu pai</i>
24	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante o meu pai, a apresentar-me como satisfeito perante a reacção do meu pai, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como satisfeito perante a transição actual</i>
25	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante o meu pai, a apresentar-me como fonte de satisfação aos olhos do meu pai, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como alvo de satisfação perante o meu pai</i>
26	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante o meu pai, a apresentar-me como fonte de satisfação pela transição actual aos olhos do meu pai, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como alvo de satisfação perante o meu pai</i>
27	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante o meu pai, a apresentar-me como semelhante ao meu pai apresentado como modelo, num acto de hetero-caracterização, simultaneamente identificando-me com essa imagem modelo	<i>Eu como semelhante ao meu Pai modelo</i>
28	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante os meus pais, a apresentar-me como ambicioso relativamente ao sucesso profissional, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como ambicioso relativamente ao futuro</i>
29	Eu, perante a entrevistadora e perante o meu pai, a apresentar-me como apoiado por este, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como apoiado perante a transição</i>
30	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante o meu amigo B., a apresentar-me como fonte de contentamento aos olhos de B., num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como alvo de contentamento perante B.</i>
31	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante o meu amigo B., a apresentar-me como fonte de contentamento aos olhos de B. apesar das diferenças profissionais, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com a reacção de B. mas desidentificando-me com a imagem profissional de B.	<i>Eu como fonte de contentamento perante B.</i>
32	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante o meu amigo B., a apresentar-me como fonte de contentamento aos olhos de B. e apresentando B. profissionalmente como diferente de mim, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com a reacção de B. e desidentificando-me com a	<i>Eu como fonte de contentamento perante B. + Eu como privilegiado</i>

	imagem profissional de B.	<i>perante B.</i>
33	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante o meu amigo B., a apresentar-me como encorajado por B., num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como encorajado por B.</i>
34	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante o meu amigo B., a apresentar-me como encorajado e fonte de orgulho aos olhos de B. ao chegar ao patamar de vida em que B. está, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como alvo de orgulho perante B.</i>
35	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante o meu amigo B., a apresentar-me como privilegiado perante a situação profissional de B., num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com a imagem profissional de B.	<i>Eu como privilegiado perante B.</i>
36	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante o meu amigo B., a apresentar-me como privilegiado perante a situação profissional de B., num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com a imagem profissional de B.	<i>Eu como privilegiado perante B.</i>
37	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante o meu amigo B., a apresentar-me como mais cauteloso que B. no seu percurso profissional, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com a imagem profissional de B.	<i>Eu como cauteloso perante o futuro</i>
38	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante o meu amigo B., a apresentar-se como mais experiente mediante as aprendizagens que fez com o percurso profissional de B., num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com a imagem profissional de B.	<i>Eu como experiente perante B. e perante a transição</i>
39	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante o meu amigo B., a apresentar-me como apoiado por B., num acto de hetero-caracterização, identificando-se com essa imagem	<i>Eu como apoiado por B.</i>
40	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante o meu amigo L., a apresentar-me como fonte de contentamento aos olhos de L., num acto de hetero-caracterização, identificando-se com essa imagem	<i>Eu como fonte de contentamento perante B.</i>
41	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante o meu amigo L., a apresentar-me como fonte de contentamento aos olhos de L., num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como fonte de contentamento perante B.</i>
42	Eu como se fosse o L. a falar, perante a entrevistadora e perante mim, a apresentar-me como bem-vindo e bem recebido a esta transição e aos olhos de L., num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como bem recebido por L.</i>
43	Eu como se fosse o L. a falar, perante a	<i>Eu em adaptação à</i>

	entrevistadora e perante mim, a apresentar-me em adaptação à vida profissional, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>transição</i>
44	Eu como se fosse o L. a falar, perante a entrevistadora e perante mim, a apresentar-me como produto de uma recente transição para a vida profissional diferente da vida passada, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem da transição	<i>Eu em transição como L.</i>
45	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante o meu amigo L., a apresentá-lo como protagonista de uma transição recente para a vida profissional, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu em transição como L.</i>
46	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante o meu amigo L., concordando com a entrevistadora relativamente à compreensão de L. relativamente à minha transição presente, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como compreendido por L. perante a transição</i>
47	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante o meu amigo L., apresentando-me como compreendido por L. nas suas reacções à transição actual, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como compreendido por L. perante a transição</i>
48	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante o meu amigo L., apresentando-me como apoiado por L. devido à sua experiência de transição recente, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como apoiado por L. perante a transição</i>
49	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante o meu amigo L., apresentando-me como apoiado por L. devido à sua recente experiência de transição, num acto de hetero-caracterização, identificando-se com a imagem de L. e desidentificando-se com a imagem da transição actual como geradora de problemas	<i>Eu como apoiado por L. perante a transição</i> + <i>Eu como tranquilo perante a transição</i>
50	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante o meu amigo L., a apresentar-me como contente por ter chegado a esta fase de transição, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como contente perante a transição</i>
51	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante o meu amigo L., a apresentar-me como atrasado relativamente às expectativas temporais iniciais de ingresso na vida profissional, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como atrasado para a transição</i>
52	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante o meu amigo L., a apresentar-me como contente por ingressar na vida profissional tal como o L., num acto de auto-caracterização, identificando-me	<i>Eu como contente perante a transição</i>

com essa imagem		
53	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante o meu amigo L., a apresentar-me como apoiado por L., num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como apoiado por L. perante a transição</i>
54	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante o meu amigo L. e a minha amiga V., a apresentar-me como apoiado por ambos, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como apoiado por L. e por V. perante a transição</i>
55	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante a minha amiga V., a apresentar-me como orgulhoso perante V. e como fonte de orgulho aos olhos de V., num acto de hetero e auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como orgulhoso perante a V. + Eu como fonte de orgulho perante V.</i>
56	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante a minha amiga V. e perante o meu amigo L., a apresentar-me como apoiado por V. tal como por L., num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como apoiado por V. e por L. perante a transição</i>
57	Eu como se fosse a V. a falar, para mim e perante a entrevistadora, a apresentá-la e a apresentar-me como em transição e em descoberta, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como em descoberta + Eu em transição</i>
58	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante a minha amiga V., a apresentar-me à semelhança de V. em transição para a vida profissional, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu em transição</i>
59	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante a minha amiga V., a apresentar-me com satisfeito e como fonte de satisfação aos olhos de V. relativamente à transição actual, num acto de hetero e auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como satisfeito perante V. e perante a transição</i>
60	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como muito focado na transição, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como muito focado na transição actual</i>
61	Eu, perante a entrevistadora, perante mim e perante a minha amiga V., a apresentar-me como apoiado por V., num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como apoiado por V.</i>
62	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como focado na transição actual, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como focado na transição</i>
63	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como confortável perante a transição e como algo incerto relativamente ao futuro	<i>Eu como confortável perante a transição</i>

	profissional, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	+ <i>Eu como incerto perante o futuro</i>
64	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como confiante relativamente ao futuro profissional, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem positiva acerca do futuro	<i>Eu como confiante perante o futuro</i>
65	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como certo relativamente às avaliações, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como certo perante o que disse</i>
66	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como certo relativamente às avaliações, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como certo perante o que disse</i>
67	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio no futuro, a apresentar-me em transição e entusiasmado no presente, num tentativa de projecção do futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como entusiasmado perante a transição</i>
68	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio no futuro, a apresentar-me como entusiasmado no presente, numa tentativa de projecção do futuro, identificando-me com uma imagem positiva acerca do futuro	<i>Eu como entusiasmado perante a transição</i>
69	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio no futuro, a interrogar-se se vai ser feliz no futuro, num acto de tentativa de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a interrogar o futuro</i>
70	Eu como Eu Futuro, perante a entrevistadora e perante eu próprio no presente, a apresentar-me como alguém que adverte o presente, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como cauteloso quanto ao futuro</i>
71	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio no presente, a apresentar-me como confiante e optimista relativamente ao seu futuro, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como confiante e optimista quanto ao futuro</i>
72	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio no presente, a apresentar-me como pessimista quanto ao futuro, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como pessimista quanto ao futuro</i>
73	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio no presente, a apresentar-me como alguém bastante optimista relativamente ao futuro e à resolução das fases menos boas, num acto de projecção no futuro, identificando-se com essa imagem	<i>Eu como optimista quanto ao futuro</i>
74	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio no	<i>Eu como lutador e</i>

	presente, a apresentar-me como um lutador perante a adversidade do futuro, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>determinado</i>
75	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio no presente, a apresentar-me como optimista, feliz e bem sucedido a nível profissional no futuro, num acto de projecção no futuro, identificando-se com essa imagem	<i>Eu como optimista perante o futuro</i>
76	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como em transição para a vida profissional, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu em transição</i>
77	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como ansioso (desejoso) pela vida profissional, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como ansioso (desejoso) quanto à vida profissional</i>
78	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como em transição e ansioso (desejoso) pela vida profissional, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu em transição + Eu como ansioso (desejoso) pela vida profissional</i>
79	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como adulto e ansioso (desejoso) por esta nova fase, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como ansioso (desejoso) por ser adulto e responsável</i>
80	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como muito focado na transição, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como muito focado na transição actual</i>
81	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como muito focado na transição, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como muito focado na transição actual</i>
82	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como ansioso (desejoso) pelo final da liberdade académica, num acto de auto-caracterização, desidentificando-me com a imagem de estudante	<i>Eu como ansioso (desejoso) do fim da vida académica</i>
83	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como certo relativamente às avaliações, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como certo perante o que disse</i>
84	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como acomodado à vida académica, num acto de auto-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu como responsável</i>
85	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como estudante, num acto de auto-caracterização, desidentificando-se com essa imagem	<i>Eu como adulto</i>

86	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar outros estudantes como irresponsáveis e acomodados à vida académica, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu como responsável</i>
87	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar a alternativa de acomodação à vida académica, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu como responsável e adulto</i>
88	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como um profissional precoce, num acto de auto-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu a rejeitar uma entrada precoce</i>
89	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como mais preparado actualmente do que numa transição precoce, num acto de auto-caracterização, desidentificando-se com essa imagem	<i>Eu como preparado para a transição actual</i>
90	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como desconfiado perante o meu sucesso profissional no caso de uma transição precoce, num acto de auto-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu a rejeitar a entrada precoce</i>
91	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como privilegiado e preparado actualmente para a vida profissional, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como preparado para a transição actual</i>
92	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar a alternativa de transição precoce para a vida profissional, num acto de auto-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu a rejeitar a entrada precoce</i>
93	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar a alternativa de transição precoce para a vida profissional, num acto de auto-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu a rejeitar a entrada precoce</i>
94	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar a alternativa de acomodação à vida académica como irresponsabilidade, numa tentativa de projecção no futuro, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu a rejeitar a acomodação à vida académica</i>
95	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar a acomodação à vida académica como passividade, numa tentativa de projecção do futuro, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu a rejeitar a acomodação à vida académica</i>
96	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que gosta da sua área profissional, num acto de auto-caracterização, desidentificando-me com as imagens alternativas no presente	<i>Eu como alguém que gosta do que vai fazer + Eu a rejeitar as alternativas</i>

97	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio no futuro, a apresentar-me como alguém que está a tomar as decisões certas relativamente à transição para a vida profissional, num acto de projecção no futuro, desidentificando-me com as outras alternativas	<i>Eu a rejeitar as alternativas + Eu a tomar as decisões certas no presente</i>
98	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio no futuro, a apresentar-me como optimista perante o seu futuro profissional se adoptasse uma das alternativas no presente, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como optimista perante o futuro</i>
99	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio no futuro, a apresentar-me como confiante na transição para a vida profissional partindo da sua situação actual, num acto de projecção no futuro, desidentificando-me com a alternativa de entrada precoce	<i>Eu como confiante perante o futuro</i>
100	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como incerto perante o futuro profissional, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como incerto perante o futuro</i>
101	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como mais certo perante o futuro profissional do que mediante as alternativas, num acto de projecção no futuro, desidentificando-me com as alternativas	<i>Eu como mais certo perante o futuro</i>
102	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como optimista e confiante perante a transição para a vida profissional, num acto de projecção, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como optimista e confiante perante o futuro</i>
103	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como desconfiado do sucesso no futuro das alternativas, num acto de auto-caracterização, desidentificando-me com as imagens alternativas	<i>Eu a rejeitar as alternativas</i>
104	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como incerto perante as consequências da transição para a vida profissional, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como incerto perante o futuro</i>
105	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como mais seguro da minha perspectiva acerca da situação, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como seguro quanto ao futuro</i>
106	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como ocasionalmente “baralhado” e confuso pela ansiedade inerente à situação de transição, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como confuso e ansioso quanto ao futuro</i>
107	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a	<i>Eu como tranquilo</i>

Análise microgenética das elocuições
Entrevista 1, Participante A

	apresentar-me como mais reflectido e tranquilo mediante a situação de transição, num acto de auto-caracterização, desidentificando-me com a imagem de confuso e ansioso	<i>perante o futuro</i>
108	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como mais seguro perante a transição para a vida profissional pelo facto de rejeitar as situações alternativas, num acto de auto-caracterização, desidentificando-me com as imagens alternativas	<i>Eu a rejeitar as alternativas</i>
109	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como cauteloso mediante o meu futuro profissional evitando decisões alternativas menos positivas, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como cauteloso perante ao futuro</i>

Análise do caso 2: Participante B, 24 anos, sexo feminino		
Elocução	Análise microgenética (<i>Quem, Para quem, O quê, Como, Para Quê</i>)	Posicionamento do Self que surge
1	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém perdido face à situação, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como perdida</i>
2	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como decidida a falar da situação de saúde do meu pai, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a decidir que vou falar do meu pai</i>
3	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como sensível perante a situação de saúde do pai, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como sensível perante a situação de saúde do meu pai</i>
4	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como impotente perante a situação, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como impotente perante a situação</i>
5	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como impotente perante a situação, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como impotente perante a situação</i>
6	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como impotente perante a situação, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como impotente perante a situação</i>
7	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como impotente no dia a dia, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como impotente diariamente</i>
8	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como impotente e sobressaltada perante a situação diária, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como impotente e sobressaltada diariamente</i>
9	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como sobressaltada perante a situação, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como sobressaltada</i>
10	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como impotente e sobressaltada perante a situação diária, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como impotente e sobressaltada</i>
11	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como impotente e sobressaltada perante eventuais futuras complicações de saúde, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como impotente e sobressaltada perante complicações futuras da situação</i>
12	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a	<i>Eu como</i>

	apresentar-me como sobressaltada perante uma eventual complicação fatal, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>sobressaltada perante a perda possível</i>
13	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como sobressaltada perante uma complicação futura, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como sobressaltada perante complicações futuras da situação</i>
14	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar o problema de saúde do pai como a situação diária que a preocupa, num acto de auto-caracterização, identificando-se com essa imagem	<i>Eu como preocupada perante a situação</i>
15	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-se como encurralada pelo problema, num acto de auto-caracterização, identificando-se com essa imagem	<i>Eu como impotente e sobressaltada perante a situação</i>
16	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como impotente e sobressaltada perante a situação de saúde do meu pai, num acto de auto-caracterização, identificando-se com essa imagem	<i>Eu como impotente e sobressaltada perante a situação</i>
17	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como muito focada na situação, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como muito focada na situação</i>
18	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar a sua vida como alvo de mudança, num acto de hetero-caracterização, identificando-se com essa imagem	<i>Eu na iminência da mudança devido à situação</i>
19	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar o problema como imprevisível e constante, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu em confronto com a imprevisibilidade da situação</i>
20	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar o impacto da situação como algo presente no quotidiano, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu em confronto constante com a imprevisibilidade da situação</i>
21	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como controlada pela situação, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como controlada pela situação</i>
22	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que tenta controlar a situação de saúde do pai, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a tentar controlar a situação</i>
23	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como controladora, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como controladora</i>
24	Eu como se estivesse a falar com o meu pai, a	<i>Eu como</i>

	apresentar-me como alguém que tenta controlar a situação de saúde do pai, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>controladora</i>
25	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me simultaneamente como controladora e controlada pela situação, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essas imagens	<i>Eu como controladora e como controlada pela situação</i>
26	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como impotente e sobressaltada diariamente, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como impotente e sobressaltada perante a situação</i>
27	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como impotente e sobressaltada de forma descontínua consoante os dias, num acto de auto-caracterização, desidentificando-me com uma imagem de constante preocupação	<i>Eu como impotente e sobressaltada de forma descontínua ao longo do dia</i>
28	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como mais preocupada se estiver distante do pai, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como mais impotente e sobressaltada se mais afastada do meu pai</i>
29	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como mais tranquila agora perante a situação actual, num acto de auto-caracterização, desidentificando-me com uma imagem de extremo mal-estar	<i>Eu como actualmente mais tranquila perante a situação</i>
30	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me apesar de tudo como muito desconfortável perante a situação, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como muito desconfortável perante a situação</i>
31	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar a situação como fonte de um mal-estar progressivamente menor, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como menos desconfortável ao longo do tempo com a situação</i>
32	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar a situação como fonte de um mal-estar considerável apesar de menor ao longo do tempo, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como menos desconfortável ao longo do tempo perante a situação</i>
33	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como bastante desconfortável perante a situação, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como desconfortável perante a situação</i>
34	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como confrontada com a mudança forçada perante um agravamento da situação, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como forçada a mudar perante um agravamento da situação</i>

35	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como impotente perante o terrível impacto no pai de um possível declínio na sua saúde, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como impotente perante o sofrimento do meu pai</i>
36	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como impotente perante a inevitabilidade da mudança da minha vida, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como impotente perante a mudança futura</i>
37	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como a tentar lidar com a mudança, num acto de projecção no futuro, desidentificando-me com uma imagem de acomodação à mudança	<i>Eu a tentar lidar com a mudança</i>
38	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como a tentar compreender e aceitar a mudança, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a tentar compreender e aceitar a mudança</i>
39	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como menos sobressaltada e menos impotente agora comparativamente a fases anteriores, num acto de auto-caracterização, identificando-se com essa imagem	<i>Eu como menos impotente e sobressaltada no presente</i>
40	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me numa fase diferente de anteriormente, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como diferente do passado</i>
41	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como a tentar não ser dominada por esta situação, num acto de auto-caracterização, desidentificando-me com a imagem de dominada	<i>Eu a tentar não ser dominada pela situação</i>
42	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como muito certa da sua posição perante a situação, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como muito certa da minha posição</i>
43	Eu como se fosse o meu pai a falar, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como excessivamente preocupada, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como excessivamente preocupada perante o meu pai</i>
44	Eu como se fosse o meu pai a falar, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como excessivamente alarmada com a situação, num acto de hetero-caracterização, identificando-se com essa imagem	<i>Eu como excessivamente alarmada perante o meu pai</i>
45	Eu como se falasse com o meu pai e como se fosse o meu pai a responder, perante a entrevistadora perante eu própria e perante o meu pai, a apresentar-me como alguém que tenta controlar o comportamento do meu pai e é contrariada por ele,	<i>Eu como contrariada pelo meu pai</i>

	num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	
46	Eu, perante a entrevistadora perante eu própria e perante o meu pai, a apresentar-me como alguém desnecessariamente preocupada aos olhos do meu pai e que é contrariada na expressão desta preocupação, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como contrariada pelo meu pai</i>
47	Eu, perante a entrevistadora perante eu própria e perante o meu pai, a apresentar-me como mais sobressaltada, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como mais sobressaltada</i>
48	Eu, perante a entrevistadora perante eu própria e perante o meu pai, a apresentar-me como excessivamente e ilegitimamente preocupada aos olhos do pai, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como excessivamente e inutilmente preocupada perante o meu pai</i>
49	Eu, perante a entrevistadora perante eu própria e perante o meu pai, a apresentar-me como mais desconfortável e mais impotente na sequência da reacção do pai, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como mais desconfortável e impotente face à situação</i>
50	Eu, perante a entrevistadora perante eu própria e perante o meu pai, a apresentar-me como mais desconfortável e mais impotente na sequência da reacção do pai, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como mais desconfortável e impotente perante o meu pai</i>
51	Eu, perante a entrevistadora perante eu própria e perante o meu pai, a apresentar-me com uma atitude oposta ao meu pai, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu em oposição ao meu pai</i>
52	Eu, perante a entrevistadora perante eu própria e perante o meu pai, a apresentar-me como em conflito com o meu pai relativamente às atitudes perante a situação, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu em conflito com o meu pai</i>
53	Eu, perante a entrevistadora perante eu própria e perante o meu pai, a apresentar-me como alguém que tenta compreender a atitude do pai como uma tentativa de tranquilização, num acto de hetero-caracterização, identificando-se com essa imagem	<i>Eu a tentar compreender a atitude do meu pai como tentativa tranquilizadora</i>
54	Eu, perante a entrevistadora perante eu própria e perante o meu pai, a apresentar-me como mais preocupada mediante a atitude do pai, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como mais preocupada perante o meu pai</i>
55	Eu, perante a entrevistadora perante eu própria e perante o meu pai, a apresentar-me como excessivamente controladora relativamente à situação de saúde do pai, num acto de auto-	<i>Eu como excessivamente controladora face à situação</i>

	caracterização, identificando-me com essa imagem	
56	Eu, perante a entrevistadora perante eu própria e perante o meu pai, a apresentar-me como impotente relativamente à possibilidade de controlar o comportamento do meu pai, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como impotente para controlar o meu pai</i>
57	Eu como se falasse com o meu pai, perante a entrevistadora e perante o meu pai, a apresentar-me como alguém que habitualmente a tenta controlar o comportamento do meu pai, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu a tentar controlar o meu pai</i>
58	Eu, perante a entrevistadora, perante o meu pai e perante eu própria, a apresentar-me como incapaz de controlar o comportamento do meu pai, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como incapaz de controlar o meu pai</i>
59	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como em conflito face à possibilidade de controlar o comportamento do meu pai, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu em conflito com o meu pai</i>
60	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a Ruiva, a apresentar-me como alguém desnecessariamente sobressaltada, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-se com essa imagem	<i>Eu como inutilmente sobressaltada perante a Ruiva</i>
61	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a Ruiva, a apresentar a Ruiva como alguém que não se sentiria impotente, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-se com essa imagem	<i>Eu como impotente em contraste com a Ruiva</i>
62	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a Ruiva, a apresentar a Ruiva como alguém que não se sentiria impotente, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-se com essa imagem	<i>Eu como impotente em contraste com a Ruiva</i>
63	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a Ruiva, a apresentar a situação como geradora de impotência, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu como impotente face à situação</i>
64	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a Ruiva, a apresentar a Ruiva como alguém que iria activamente tentar remediar ou conformar-se com a situação, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu como impotente em contraste com a Ruiva</i>
65	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a Ruiva, a apresentar a Ruiva como alguém que tenta não ser afectada na sua vida pela impotência e sobressalto da situação, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu como dominada pela impotência e sobressalto na minha vida em contraste com a Ruiva</i>
66	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a Ruiva, a	<i>Eu como algo</i>

	apresentar a ausência de oposição entre a sua perspectiva e a da Ruiva, num acto de hetero e auto-caracterização, desidentificando-me com uma imagem de completa mudança	<i>semelhante à Ruiva</i>
67	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a Ruiva, a apresentar a Ruiva como provisoriamente sobressaltada face à situação, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu como constantemente sobressaltada em contraste com a Ruiva</i>
68	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a Ruiva, a apresentar a Ruiva como alguém que não sente impotência face à situação, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu como impotente perante a situação em contraste com a Ruiva</i>
69	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a Ruiva, a apresentar a Ruiva como alguém que não sente impotência face à situação, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu como impotente perante a situação em contraste com a Ruiva</i>
70	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a Ruiva, a apresentar a ausência de total oposição entre a sua perspectiva e a perspectiva da Ruiva, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como algo semelhante à Ruiva</i>
71	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a Ruiva, a apresentar a Ruiva como alguém que encontra forma de resolver a situação, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu como incapaz de resolver a situação em contraste com a Ruiva</i>
72	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a Ruiva, a apresentar a Ruiva como alguém que tenta resolver a situação sem ser através da tentativa de controlar o comportamento do pai, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu a tentar controlar o meu pai em contraste com a Ruiva</i>
73	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a Ruiva, a apresentar a possibilidade de resolução da situação segundo a perspectiva da Ruiva, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu como incapaz de resolver a situação em contraste com a Ruiva</i>
74	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a Ruiva, a apresentar a situação como impossível de se resolver segundo a minha perspectiva, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como incapaz de resolver uma situação insolúvel</i>
75	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a Ruiva, a apresentar o reconhecimento de alguma semelhança entre a perspectiva da Ruiva e a sua perspectiva, num acto de hetero e auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como algo semelhante à Ruiva</i>

76	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o meu primeiro namorado, a apresentá-lo como alguém que tentaria diminuir as sensações de impotência e sobressalto, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu a ser tranquilizada pelo namorado</i>
77	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o meu primeiro namorado, a apresentar o primeiro namorado como alguém que a tenta acalmar, ao mesmo tempo que reconhece a legitimidade da impotência e sobressalto, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a ser tranquilizada e legitimada pelo namorado</i>
78	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o meu primeiro namorado, a apresentá-lo como alguém que também sentiria impotência face à situação, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu em sintonia com o namorado</i>
79	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o meu primeiro namorado, a apresentar o namorado como alguém que reconhece a legitimidade da reacção de sobressalto face à situação, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a ser legitimada pelo namorado</i>
80	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o meu primeiro namorado, a apresentar o namorado como alguém que considera o sobressalto como provisório, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu como excessivamente sobressaltada perante o namorado</i>
81	Eu, perante a entrevistadora, eu própria, o meu primeiro namorado e a Ruiva, a apresentar a posição do namorado como distinta da posição da Ruiva por se sentir impotente face à situação, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a contrastar os outros</i>
82	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o meu primeiro namorado, a apresentar-me como a ser consolada e compreendida pelo namorado, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como consolada e compreendida pelo namorado</i>
83	Eu como se falasse com o primeiro namorado, perante a entrevistadora, eu própria e o meu primeiro namorado, a apresentar-me como impotente face à situação e perante as tentativas de consolo do namorado, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como impotente face à situação e inconsolável perante o namorado</i>
84	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e os outros mencionados anteriormente, a apresentar alguns como impotentes e aos outros como activos face à situação, num acto de hetero-caracterização, identificando-se com a imagem de impotência	<i>Eu como impotente</i>
85	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o meu primeiro namorado, a apresentar-me como apoiada	<i>Eu como apoiada pelo namorado</i>

	por ele, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	
86	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a minha mãe, a apresentá-la como compreensiva perante a minha reacção face à situação, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como compreendida pela minha mãe</i>
87	Eu como se fosse a minha mãe a falar comigo, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentá-la como alguém que me compreende e que tenta diminuir o meu sobressalto e impotência, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como compreendida e consolada pela minha mãe</i>
88	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a minha mãe, a apresentar a mãe como alguém que está na mesma situação de sobressalto e impotência, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu em sintonia com a minha mãe</i>
89	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a minha mãe, a apresentar a minha reacção como normal e compreensível segundo a perspectiva da mãe, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como legitimada e compreendida pela minha mãe</i>
90	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a minha mãe, a apresentar-me como certa da compreensão da mãe face à sua reacção, num acto de auto-caracterização, identificando-se com essa imagem	<i>Eu como certa da compreensão da minha mãe</i>
91	Eu como se falasse com a minha mãe, perante a entrevistadora, eu própria e a minha mãe, a apresentar-me como na mesma posição que a mãe, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu em sintonia com a minha mãe</i>
92	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a minha mãe, a apresentar-me como em sintonia com a minha mãe, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu em sintonia com a minha mãe</i>
93	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a minha mãe, a apresentar-me como apoiada pela minha mãe, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como apoiada pela minha mãe</i>
94	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a minha mãe, a apresentar-me como apoiada pela mãe em todas as situações, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como apoiada incondicionalmente pela minha mãe</i>
95	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a minha mãe, a apresentar-me como apoiada pela mãe em todas as situações, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como apoiada incondicionalmente pela minha mãe</i>
96	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a minha mãe, a apresentar-me como apoiada pela mãe face à situação de saúde do pai, num acto de hetero-	<i>Eu como apoiada pela minha mãe</i>

	caracterização, identificando-me com essa imagem	
97	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a minha mãe, a apresentar-me como apoiada pela mãe nesta fase de mudança, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como apoiada pela minha mãe na mudança</i>
98	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como em mudança, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu em mudança</i>
99	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como confrontada com a mudança iminente por causa da situação de saúde do pai, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como confrontada com a mudança</i>
100	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como alguém que reage de forma diversa à mudança, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a tentar lidar com a mudança</i>
101	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como alguém que pode gostar ou desgostar da mudança, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a reagir à mudança</i>
102	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como pressionada pela mudança no momento actual, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como forçada a mudar face à situação</i>
103	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como descontente perante a mudança, por me sentir contrariada por esta no momento actual, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como contrariada pela mudança</i>
104	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a minha mãe, a apresentar-me como apoiada pela mãe relativamente à mudança forçada, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como apoiada pela minha mãe na mudança</i>
105	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a minha primeira paixão, a apresentá-la como apoiante e compreensiva perante a minha reacção de sobressalto, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a ser apoiada e compreendida pela minha mãe</i>
106	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a minha primeira paixão, a apresentá-la como alguém que me tentaria apoiar, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a ser apoiada pela primeira paixão</i>
107	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a minha primeira paixão, a apresentá-la como alguém com um discurso de apoio, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a ser apoiada pela primeira paixão</i>
108	Eu como se fosse a minha primeira paixão a falar	<i>Eu a ser acalmada</i>

	para mim, perante a entrevistadora, a apresentá-la como alguém que me tenta acalmar acentuando a possibilidade de não acontecer num futuro próximo o agravamento da doença do pai, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>pela primeira paixão</i>
109	Eu como se fosse a minha primeira paixão a falar para mim, perante a entrevistadora, a apresentá-la como alguém que me tenta acalmar acentuando o desgaste de estar constantemente à espera do pior, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a ser criticada pela primeira paixão</i>
110	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e os outros mencionados, a apresentar-me como incapaz de deixar de estar sobressaltada face à situação, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como incapaz de diminuir o sobressalto face à situação</i>
111	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a minha mãe, a apresentar-me como compreendida na minha reacção apenas pela minha mãe, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como somente compreendida pela minha mãe</i>
112	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e os outros mencionados, a apresentar-me como ciente dos argumentos dos outros, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-se com essa imagem	<i>Eu como ciente dos argumentos dos outros</i>
113	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e os outros mencionados, a apresentar-me como alguém que rejeita os argumentos dos outros sendo incapaz de se conformar com a situação de saúde do pai, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a rejeitar os argumentos dos outros + Eu como incapaz de me conformar com a situação</i>
114	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e os outros mencionados, a apresentar-me como ciente dos argumentos dos outros, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu como ciente dos argumentos dos outros</i>
115	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e os outros mencionados, a apresentar-me como incapaz de me conformar com a situação e a apresentar os outros também como incapazes de o fazerem na realidade, num acto de auto e hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como incapaz de me conformar com a situação</i>
116	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e os outros mencionados, a apresentar-me como incapaz de dialogar com fraqueza com eles, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como incapaz de ser franca com os outros</i>

117	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e os outros mencionados, a apresentar-me como alguém que não consegue comunicar-lhes com franqueza o que realmente pensa sobre a perspectiva que eles defendem, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a rejeitar a perspectiva dos outros</i>
118	Eu como se falasse com os outros, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentá-los como incapazes de fazerem na realidade aquilo que me pressionam a tentar, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como incapaz de me conformar</i>
119	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar a tentativa de se conformar com a morte ou a doença do pai como impossível para qualquer pessoa intimamente envolvida, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como incapaz de me conformar com a perda ou a doença</i>
120	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e os outros mencionados, a apresentar a possibilidade de algumas pessoas conseguirem lidar de forma mais positiva com a situação e a apresentar-me como incapaz de o fazer pessoalmente, num acto de hetero e auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como incapaz de lidar de forma mais positiva com a situação</i>
121	Eu como se falasse com os outros, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar o meu reconhecimento pelos argumentos defendidos pelos outros, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a reconhecer a legitimidade dos argumentos dos outros</i>
122	Eu como se falasse com os outros, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como impotente para diminuir o seu sobressalto e impotência tal como os outros a aconselham, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como incapaz de ficar menos sobressaltada e impotente face à situação</i>
123	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e os outros mencionados, a apresentar-me como apoiada por estes, num acto de hetero-caracterização, identificando-se com esta imagem	<i>Eu como apoiada pelos outros</i>
124	Eu, perante a entrevistadora, eu própria, a Ruiva, a primeira paixão e o primeiro namorado, a apresentar-me como apoiada por estes 3 ao mesmo nível, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como apoiada de forma diferente pelos outros</i>
125	Eu, perante a entrevistadora, eu própria, a Ruiva, a primeira paixão e o primeiro namorado, a apresentar-me como em certa medida apoiada por estes, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como algo apoiada pelos outros</i>
126	Eu, perante a entrevistadora, eu própria, a Ruiva, a primeira paixão e o primeiro namorado, a	<i>Eu a rejeitar a perspectiva dos</i>

	apresentar-me como a rejeitar a perspectiva deles relativamente à situação, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>outros</i>
127	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a Ruiva, a apresentar-me como apoiada por ela, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como algo apoiada pela Ruiva</i>
128	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a Ruiva, a apresentá-la como alguém que tenta resolver a situação, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu a rejeitar a perspectiva da Ruiva</i>
129	Eu, perante a entrevistadora, eu própria, a primeira paixão e o primeiro namorado, a apresentá-los alguém que não tenta resolver a situação por ser incapaz de o fazer, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu, como os outros, impotente perante a situação</i>
130	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a Ruiva, a apresentá-la como alguém que tenta resolver a situação porque vive no mundo da fantasia e não na realidade, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu, confrontada com a realidade, incapaz de resolver a situação</i>
131	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a minha mãe, a apresentar-me como apoiada verdadeiramente por esta, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como apoiada verdadeiramente pela mãe</i>
132	Eu, perante a entrevistadora, eu própria, a primeira paixão e o primeiro namorado, a apresentar-me como algo apoiada por estes, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como algo apoiada pelos outros</i>
133	Eu, perante a entrevistadora, eu própria, a primeira paixão e o primeiro namorado, a apresentar-me como pouco compreendida por estes, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como pouco compreendida pelos outros</i>
134	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a minha mãe, a apresentar-me como verdadeiramente compreendida por esta, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como verdadeiramente compreendida pela mãe</i>
135	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a minha mãe, a apresentar-me como verdadeiramente compreendida por esta pois ela está intimamente envolvida na situação e é semelhante a mim na sua reacção, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu em sintonia com a minha mãe</i>
136	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como muito focada na situação, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como muito focada na situação</i>
137	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar a situação como fonte de um desconforto	<i>Eu como muito desconfortável face</i>

	bastante significativo, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com esta imagem	<i>à situação</i>
138	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar a situação como fonte de um desconforto menor que anteriormente, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como menos desconfortável face à situação</i>
139	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me num desconforto despoletado pela situação que é não só psicológico mas também físico, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu em desconforto físico face à situação</i>
140	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me num desconforto físico significativo, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu em grande desconforto físico face à situação</i>
141	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar a situação como fonte de um desconforto menor que anteriormente, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu em menor desconforto face à situação no presente</i>
142	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar o meu desconforto como um comportamento obsessivo, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu em desconforto obsessivo face à situação</i>
143	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me num desconforto físico significativo exemplificando essas experiências, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu em grande desconforto físico face à situação</i>
144	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar o meu desconforto como consequência de grande impotência e gerador de uma necessidade de controlar a situação, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como impotente face à situação</i> + <i>Eu a tentar controlar a situação</i>
145	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que não aceita a situação de saúde do pai, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a não aceitar a situação</i>
146	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que já consegue compreender melhor a situação de saúde do pai, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a tentar compreender a situação</i>
147	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar a situação como fonte de um desconforto menor que anteriormente por conseguir falar mais disso, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu em menor desconforto face à situação</i>
148	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar a situação anteriormente como fonte de	<i>Eu como mais capaz de falar</i>

	um desconforto tão grande que impedia a sua expressão aos outros e a apresentar-me actualmente como aliviada depois de falar disso, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>sobre a situação</i> + <i>Eu como aliviada por falar da situação</i>
149	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como muito certa perante a minha avaliação da situação, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como muito certa da minha posição face à situação</i>
150	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como muito certa perante a minha avaliação da situação, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como muito certa da minha posição face à situação</i>
151	Eu, perante a entrevistadora, e perante eu própria num futuro muito positivo, a perguntar se estaria menos sobressaltada e com menor sensação de impotência, numa tentativa de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a interrogar o futuro acerca da impotência e sobressalto</i>
152	Eu como eu num futuro muito positivo a falar comigo no presente, perante a entrevistadora e eu própria no presente, a apresentar-me como menos impotente e sobressaltada nesse futuro muito positivo, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como menos sobressaltada e impotente no futuro</i>
153	Eu como eu num futuro muito positivo, perante a entrevistadora e eu própria no presente, a apresentar-me com menor necessidade de controlar a situação e conseqüentemente menos impotente face a ela, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como menos controladora no futuro</i> + <i>Eu como menos impotente no futuro</i>
154	Eu como eu num futuro muito positivo, perante a entrevistadora e eu própria no presente, a apresentar-me com menor necessidade de controlar a situação e conseqüentemente menos impotente face a ela, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como menos controladora no futuro</i> + <i>Eu como menos impotente no futuro</i>
155	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria num futuro menos positivo, a apresentar-me como alguém que questiona que reacção terá perante a possível perda do pai, numa tentativa de projecção no futuro, identificando-se com essa imagem	<i>Eu a interrogar o futuro acerca da perda do meu pai</i>
156	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria num futuro menos positivo, a apresentar-me como alguém que procura saber como estaria face à perda do pai, numa tentativa de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a interrogar-me sobre como serei no futuro</i>
157	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria num futuro menos positivo, a apresentar-me como alguém que procura saber que tipo de pessoa se vai tornar após a perda do pai, numa tentativa de	<i>Eu a interrogar-me sobre como serei no futuro</i>

	projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	
158	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém para quem é importante o tipo de pessoa que se vai tornar depois de experienciar a perda do pai, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a interrogar-me sobre como serei no futuro</i>
159	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e perante eu num futuro menos positivo, a apresentar-me como alguém que questiona e simultaneamente sabe que a impotência e o sobressalto são inúteis, numa tentativa de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como consciente da inutilidade da impotência e sobressalto face à situação</i>
160	Eu como se eu falasse de um futuro menos positivo, perante a entrevistadora e eu própria no presente, a apresentar a impotência e o sobressalto como inúteis por não mudarem a imprevisibilidade do futuro, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como consciente da inutilidade da impotência e sobressalto face à imprevisibilidade do futuro</i>
161	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como alguém que reconhece a imprevisibilidade do futuro, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu perante a imprevisibilidade do futuro</i>
162	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como alguém que reconhece que a tentativa de controlar e andar sobressaltada não mudam o futuro, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a reconhecer a imprevisibilidade do futuro</i>
163	Eu como eu num futuro menos positivo, perante a entrevistadora e eu própria no presente, a apresentar-me como alguém que reconhece que a perda do pai foi importante para que ela se tornasse uma pessoa mais calma, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como mais calma no futuro face à inevitável perda do pai</i>
164	Eu, como eu num futuro menos positivo, perante a entrevistadora e eu própria no presente, a apresentar-me como alguém que reconhece que a impotência perante o futuro faz parte da condição humana, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a reconhecer que a impotência faz parte da vida</i>
165	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que compreende que é inútil tentar ser controladora, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a reconhecer a inutilidade de tentar controlar o incontrolável</i>
166	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que tenta e que está a conseguir ser menos controladora, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como menos controladora</i>

167	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que tenta e que está a conseguir ser menos controladora, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como menos controladora</i>
168	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que se sente menos sobressaltada relativamente ao futuro, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como menos sobressaltada perante o futuro</i>
169	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que sente alguma dificuldade em controlar o sobressalto, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a demonstrar dificuldade em controlar o sobressalto</i>
170	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que tenta e que está a conseguir ser menos controladora, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como menos controladora</i>
171	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que tenta viver de forma mais tranquila, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a tentar viver com tranquilidade</i>
172	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que não tem medo do futuro, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a tentar viver sem medo do futuro</i>
173	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me sem medo do futuro, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu sem medo do futuro</i>
174	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me sem medo da perda que possa ocorrer no futuro, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu sem medo da perda futura</i>
175	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que tem percebido que é inútil tentar controlar a situação e que a impotência faz parte da nossa vida, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a tentar ser menos controladora</i>
176	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que tenta diminuir a sua necessidade de controlar, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a tentar ser menos controladora</i>
177	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que tenta ser mais descontraída, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a tentar ser mais descontraída</i>

178	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que tenta ser mais descontráida, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a tentar ser mais descontráida</i>
179	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que tenta sentir-se mais descontráida, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a tentar ser mais descontráida</i>
180	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que tenta e tem conseguido ser mais descontráida, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a tentar e a conseguir ser mais descontráida</i>
181	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que dá muita importância à situação, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como muito focada na situação</i>
182	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que dá o máximo de importância à situação, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como muito focada na situação</i>
183	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar a situação como fonte principal de desconforto na sua vida, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como muito desconfortável com a situação</i>
184	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar a situação como fonte de contradição, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu em contradição face à situação</i>
185	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que tenta reformular a sua perspectiva acerca da situação, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a tentar lidar com a situação de forma diferente</i>
186	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar a situação como fonte de grande desconforto anteriormente, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como menos desconfortável face à situação</i>
187	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar a situação como fonte de grande desconforto por tentar ser mais descontráida e menos obsessiva, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a tentar ser menos obsessiva e mais descontráida</i>
188	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que se sente incapaz de ser mais descontráida e menos obsessiva, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como incapaz de ser mais descontráida</i>
189	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar a situação como fonte de grande	<i>Eu como muito desconfortável face</i>

	desconforto actual, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>à situação no presente</i>
190	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como muito certa da sua avaliação da situação, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como muito certa da minha posição</i>
191	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como absolutamente certa da avaliação, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como muito certa da minha posição</i>
192	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar a alternativa de descontração perante a situação, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu como tensa face à situação</i>
193	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar a alternativa de ser descontraída e despreocupada relativamente à situação, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu como tensa e preocupada face à situação</i>
194	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar a alternativa de não ter medo da mudança, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu como receosa da mudança</i>
195	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que quer mas não consegue não ter medo da mudança, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a rejeitar a alternativa de não ter medo da mudança</i>
196	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar a alternativa de não ter medo da mudança, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu a rejeitar a alternativa de não ter medo de mudança</i>
197	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que tenta ser optimista perante a eventualidade de um acontecimento negativo, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como optimista perante a eventualidade da perda</i>
198	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que deseja ter uma posição menos obsessiva perante a situação, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a tentar ser menos obsessiva</i>
199	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar a alternativa de se tornar menos obsessiva e preocupada relativamente à situação, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu a rejeitar a alternativa de ser menos obsessiva e despreocupada</i>
200	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que tenta mas é incapaz de atingir essas posições alternativas, num	<i>Eu como incapaz de conseguir ser menos obsessiva e</i>

	acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>despreocupada</i>
201	Eu como um eu num futuro menos positivo, a falar para mim no presente e perante a entrevistadora, a apresentar-me como alguém que não tem medo da mudança, num acto de projecção no futuro, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu sem medo da mudança no futuro</i>
202	Eu como um eu num futuro menos positivo, a falar para mim no presente e perante a entrevistadora, a apresentar-me como alguém que não tem medo da mudança, num acto de projecção no futuro, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu sem medo da mudança no futuro</i>
203	Eu como um eu num futuro menos positivo, a falar para mim no presente e perante a entrevistadora, a apresentar-me como alguém que conseguiu tornar-se menos obsessiva e preocupada, num acto de projecção no futuro, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu como menos obsessiva e preocupada no futuro</i>
204	Eu como um eu num futuro menos positivo, a falar para mim no presente e perante a entrevistadora, a apresentar-me como alguém que se tornou mais descontraída e despreocupada, num acto de projecção no futuro, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu como mais descontraída e despreocupada no futuro</i>
205	Eu como um eu num futuro menos positivo, a falar para mim no presente e perante a entrevistadora, a apresentar-me como alguém que conseguiu não ter medo da mudança, num acto de projecção no futuro, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu como sem medo da mudança no futuro</i>
206	Eu, perante a entrevistadora, eu própria no presente e perante eu num futuro menos positivo, a perguntar se irei conseguir adaptar-me à perda da forma descrita antes, numa tentativa de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a interrogar-me sobre a possibilidade de uma adaptação futura à perda</i>
207	Eu, perante a entrevistadora, eu própria no presente e perante eu num futuro menos positivo, a perguntar se irei conseguir adaptar-me à perda da forma descrita antes, numa tentativa de projecção no futuro, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu a interrogar-me sobre a possibilidade de uma adaptação futura à perda</i>
208	Eu como um eu num futuro menos positivo, a falar para mim no presente e perante a entrevistadora, a apresentar-me como alguém que não conseguiu adaptar-se à perda, num acto de projecção no futuro, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu a prever a minha incapacidade de adaptação futura à perda</i>
209	Eu como um eu num futuro menos positivo, a falar para mim no presente e perante a entrevistadora, a apresentar-me como alguém que consegue apenas lidar de forma diferente com a perda, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a conseguir lidar melhor com a perda no futuro</i>

210	Eu como um eu num futuro menos positivo, a falar para mim no presente e perante a entrevistadora, a apresentar-me como alguém que pelas suas experiências e maturidade vai conseguir ser mais descontraída e despreocupada, num acto de projecção no futuro, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu a conseguir ser mais descontraída e madura no futuro</i>
211	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como alguém que dá a máxima importância à situação, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como muito focada na situação</i>
212	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como menos desconfortável que anteriormente perante a situação, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como menos desconfortável face à situação no presente</i>
213	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e perante eu no futuro, a apresentar-me como alguém que tem consciência de que a perda e o sofrimento que a acompanha vão ser inevitáveis, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como ciente da inevitabilidade da perda</i>
214	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como muito certa da minha avaliação da situação, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como muito certa da minha posição</i>
215	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me em menor sofrimento pela partilha da situação, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como mais confortável ao falar da situação no presente</i>
216	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me em menor sofrimento actual em contraste com o sofrimento passado, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como menos desconfortável face à situação no presente</i>
217	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me em menor sofrimento devido ao contraste entre momentos passados de grande sofrimento e a antecipação de um futuro com momentos bons, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu em menor sofrimento no presente no passado e com o futuro</i>
218	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como alguém que fantasia com um futuro extremamente positivo mas que simultaneamente tem consciência da inevitabilidade futura da perda, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a fantasiar com um futuro muito positivo em contraste com o reconhecimento da inevitabilidade da perda</i>
219	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como alguém que reconhece que algumas das suas reacções actuais à situação não	<i>Eu a reconhecer as minhas reacções como infundadas</i>

	têm fundamento, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	
220	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como alguém que reconhece que as suas reacções emocionais à situação não têm fundamento, num acto de auto-caracterização, identificando-me com esta imagem alternativa e a desidentificar-me com a PI	<i>Eu a reconhecer as minhas reacções como infundadas</i>

Análise do caso 3: Participante C, 26 anos, sexo feminino		
Elocução	Análise microgenética <i>(Quem, Para quem, O quê, Como, Para Quê)</i>	Posicionamento do Self que surge
1	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como alguém dominado pelo trabalho, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como dominada pelo trabalho</i>
2	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como preocupada com o trabalho e o ambiente no trabalho, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como preocupada com o trabalho e o ambiente de trabalho</i>
3	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como preocupada com o trabalho e o ambiente no trabalho, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como preocupada com o trabalho e o ambiente de trabalho</i>
4	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como alguém que valoriza o trabalho e anteriormente os estudos como prioridade face à maior parte das situações, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a valorizar o trabalho como prioridade na minha vida</i>
5	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como alguém que somente coloca a família como prioridade relativamente ao trabalho, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a indicar a família como prioridade relativamente ao trabalho</i>
6	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como alguém que valoriza o seu trabalho por se envolver apaixonadamente naquilo que faz, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como apaixonada pelo trabalho</i>
7	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como alguém que assume a realização profissional como o objectivo mais importante na vida, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a assumir a realização profissional como o mais importante para a minha vida</i>
8	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me numa situação ambivalente: como alguém muito satisfeita com o seu trabalho, num acto de hetero e auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu numa situação ambivalente relativamente ao trabalho</i>
9	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me numa situação ambivalente: como alguém que é prejudicada pelo ambiente de trabalho, num acto de hetero e auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como prejudicada pelo ambiente de trabalho</i>
10	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como desconfortável face à situação	<i>Eu como prejudicada por</i>

	laboral por estar a ser prejudicado seu trabalho e a satisfação que provém deste, num acto de hetero e auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>questões laborais</i>
11	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como alguém que ainda não está no limite do desconforto face à situação, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu ainda a conseguir aguentar o desconforto proveniente da situação profissional</i>
12	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como alguém que ainda está envolvida e motivada relativamente ao trabalho, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como motivada pelo trabalho</i>
13	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como insatisfeita e prejudicada durante o horário laboral, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como insatisfeita no local de trabalho</i>
14	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como alguém já emocionalmente fragilizada perante a situação laboral embora ainda não atingindo o limite de desconforto psicológico, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu ainda a conseguir aguentar o desconforto no trabalho</i>
15	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como alguém que sente algumas situações no trabalho como difíceis de realizar, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a sentir dificuldades na realização do trabalho</i>
16	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como desconfiada de mim própria na avaliação e valorização que faço da situação laboral, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como desconfiada relativamente à minha avaliação da situação</i>
17	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como numa situação ambivalente: como alguém que gosta muito do seu trabalho, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu numa situação ambivalente relativamente ao trabalho</i>
18	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como numa situação ambivalente: como alguém que se sente prejudicada pelo seu trabalho, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como prejudicada pelo trabalho</i>
19	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como alguém sociável que não tem oportunidade de experienciar uma relação com os outros no trabalho, num acto de hetero e auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a sentir falta de contacto com os outros no trabalho</i>

20	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como alguém que desconfia da sua avaliação da situação por ser pessimista em algumas ocasiões, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como desconfiada da minha avaliação da situação</i>
21	Eu, perante a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como mais certa do que incerta relativamente à sua avaliação da situação laboral, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a sentir legitimidade na minha avaliação da situação</i>
22	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o colega J.C., a apresentar-me como politicamente correcta perante a situação segundo a perspectiva do colega, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como politicamente correcta face à situação segundo o J.C.</i>
23	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o colega J.C., a apresentar-me como a dramatizar a minha avaliação da situação laboral segundo o J.C., num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a dramatizar as dificuldades sentidas no trabalho.</i>
24	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o colega J.C., a apresentar-me como alguém que não é frontal e que esconde aquilo que pensa acerca da situação segundo a perspectiva dele, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a esconder o que penso da situação profissional segundo o J.C.</i>
25	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o colega J.C., a apresentar-me como alguém que deve falar abertamente sobre o seu desagrado relativamente à situação laboral segundo a perspectiva dele, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu a esconder o meu desagrado com a situação profissional</i>
26	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o colega J.C., a apresentar-me como alguém que considera que a frontalidade e o confronto seria prejudicial, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a desvalorizar a frontalidade como forma de agir na situação profissional</i>
27	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o colega J.C., a apresentar-me como alguém que já tentou expressar o seu desagrado de forma genuína e que acabou por descobrir que estava a prejudicar-se com essa atitude, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como prejudicada anteriormente por ter sido frontal noutras situações</i>
28	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o colega J.C., a apresentar-me como alguém que por vezes age de uma forma um pouco hipócrita por não expressar abertamente aquilo que pensa e sente relativamente à situação laboral, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como hipócrita no trabalho segundo o J. C.</i>
29	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o colega	<i>Eu a rejeitar a</i>

	J.C., a apresentar-me em desacordo com ele por achar que a opinião dele não desencadearia uma mudança na situação laboral, num acto de hetero e auto-caracterização, identificando-me com uma imagem de descrença na perspectiva do J.C.	<i>frontalidade como facilitadora da mudança</i>
30	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o colega J.C., a apresentar-me como alguém que considera que seria prejudicial agir de forma frontal e franca relativamente à situação laboral, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a desvalorizar a frontalidade como forma de agir na situação profissional</i>
31	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o colega J.C., a apresentar-me como apoiada por J.C. por terem vivido ambos situações semelhantes, num acto de hetero e auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como apoiada pelo J.C. por viver algo semelhante a ele</i>
32	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o colega J.C., a apresentar o colega como alguém que provavelmente agiu de forma frontal e franca em situações semelhantes vividas por ele no passado, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a considerar o J.C. como frontal na situação vivida por ele</i>
33	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o colega J.C., a apresentar-me como alguém que duvida da atitude do colega perante a situação e questiona se ele deseja que alguém aja como ele não agiu e gostaria de ter agido, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a duvidar da frontalidade de J.C. na situação vivida por ele</i>
34	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o colega J.C., a apresentar-me como alguém que justifica a perspectiva do colega por considerar que é possível agir de outra forma perante a situação laboral, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu a contrastar-me com a esperança de que o confronto dê resultados positivos</i>
35	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o J., a apresentar-me como excessivamente agitada perante a situação segundo a perspectiva do J., num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como agitada perante a situação profissional segundo a perspectiva de J.</i>
36	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o J., a apresentar-me como incentivada pelo J. a reivindicar os meus direitos com calma, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como incentivada por J. a agir com calma</i>
37	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o J., a apresentar-me como incentivada a agir de forma moderada, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem de ponderação e calma	<i>Eu como incentivada a agir com moderação</i>
38	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o J., a apresentar-me como alguém que está cansada de ter	<i>Eu como cansada de ter calma</i>

	calma e que sente a situação como difícil, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem de dificuldade	
39	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o J., a apresentar-me como incentivada pelo J. a ter calma e paciência na forma de lidar com a situação laboral, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem de ponderação e calma	<i>Eu como incentivada a agir com moderação</i>
40	Eu como se falasse com o J., perante o J., a entrevistadora e eu própria, a apresentar-me como alguém que está saturada de ter calma e ponderação face à situação laboral e que reivindica uma mudança rápida, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como cansada de ter calma</i>
41	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o J., a apresentar-me como alguém que tem uma vivência idêntico ao J. e à sua situação laboral, num acto de hetero e auto-caracterização, identificando-me com essa imagem de identidade	<i>Eu como idêntica a J. na situação profissional vivida</i>
42	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o J., a apresentar uma tentativa de justificação da identificação percebida entre a minha situação e a situação laboral de J., num acto de hetero e auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a tentar explicar a identidade entre as duas situações profissionais, minha e de J.</i>
43	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o J., a apresentar-me como alguém que, tal como J., não vê o seu envolvimento e investimento no trabalho recompensado e apreciado, num acto de hetero e auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a sentir-me injustiçada, tal como J.</i>
44	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o meu professor de História, a apresentá-lo como alguém que defende que o gosto pelo trabalho permite superar todos os aspectos negativos associados à situação laboral, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu a ser incentivada a superar tudo em prol da valorização do trabalho, segundo a perspectiva do professor</i>
45	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o meu professor de História, a apresentá-lo como alguém que defende que o importante é que o trabalho seja fonte de satisfação, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a ser incentivada a valorizar o trabalho e não o resto, segundo a perspectiva do professor</i>
46	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o meu professor de História, a apresentá-lo como alguém que defende ser muito importante encontrar uma	<i>Eu a ser incentivada a valorizar a</i>

	fonte de satisfação significativa no trabalho, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>satisfação do trabalho e não o resto, segundo a perspectiva do professor</i>
47	Eu como se fosse o meu professor de História a falar, perante mim e perante a entrevistadora, a apresentá-lo como alguém que defende a satisfação retirada do trabalho como a prioridade sobre tudo o resto relativamente à situação laboral, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu a ser incentivada a menosprezar o ambiente de trabalho</i>
48	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o meu professor de História, a apresentar-me como alguém que defende serem necessárias algumas condições ambientais facilitadoras para se poder usufruir da satisfação retirada do trabalho que se faz, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a valorizar o ambiente como obstáculo à satisfação no trabalho</i>
49	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o meu professor de História, a apresentar-me como alguém que tem vindo a perder o entusiasmo e a motivação relativamente ao trabalho devido à situação laboral, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a rejeitar o trabalho</i>
50	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e os meus colegas de trabalho, a apresentar-me como alguém que, apesar dos seus defeitos, é prestável para os outros, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a apresentar-me como interessada e envolvida</i>
51	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e os meus colegas de trabalho, a apresentar-me como alguém que se queixa da ausência de trabalho em equipa, num acto de hetero e auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a denunciar a falta de espírito de equipa no trabalho</i>
52	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o meu professor de História, a apresentá-lo como alguém que defende a desvalorização do ambiente de trabalho se o trabalho em si for uma fonte de satisfação, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu a ser incentivada a menosprezar o ambiente de trabalho</i>
53	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a amiga S., a apresentá-la como alguém que defende uma atitude de relaxamento e meditação em casa para lidar com a insatisfação no trabalho, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como demasiado agitada e tensa no dia a dia segundo a perspectiva de S.</i>
54	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a amiga S., a apresentá-la como alguém que defende uma atitude mais passiva e uma tentativa de lidar com a	<i>Eu como demasiado focada e agitada no</i>

	situação laboral através da tranquilização e relaxamento e desvalorização da importância do trabalho, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>trabalho</i>
55	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a amiga S., a apresentar-me em oposição a ela ao justificar que ela não compreende o referido envolvimento e investimento no trabalho, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a rejeitar a perspectiva de S. para uma desvalorização da importância do trabalho</i>
56	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a amiga S., a apresentar-me como extremista e radical segundo a perspectiva de S., num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como radical segundo a perspectiva de S.</i>
57	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a amiga S., a apresentá-la como alguém que defende um envolvimento e uma valorização mais moderada da importância do trabalho, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu como incentivada a moderar a importância atribuída ao trabalho</i>
58	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a amiga S., a apresentá-la como alguém que tenta fazer com que eu valorize outras coisas na vida para além do trabalho, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como incentivada a explorar outras dimensões importantes na vida para além do trabalho</i>
59	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a amiga S., a apresentar-me como alguém que se foca demasiado no trabalho e deveria valorizar outras dimensões da vida segundo a perspectiva dela, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como incentivada a explorar outras dimensões importantes na vida para além do trabalho</i>
60	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a amiga S., a apresentá-la como alguém que defende que uma dedicação exclusiva ao trabalho pode conduzir a uma desilusão significativa, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como incentivada por S. a moderar a importância atribuída ao trabalho</i>
61	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a amiga S., a apresentar-me como radical na minha valorização do trabalho e realização profissional e a aceitar isso em mim, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como radical na valorização da realização profissional</i>
62	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a amiga S., a apresentar-me como alguém que justifica a sua valorização do trabalho por sentir muita satisfação quando tem um bom desempenho profissional, num acto de auto-caracterização, identificando-me com	<i>Eu como radical na valorização do trabalho por encontrar grande satisfação no</i>

	essa imagem	trabalho
63	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a amiga S., a apresentar-me como alguém que se contenta com a sua satisfação pessoal e não necessita do reconhecimento público pelo seu desempenho profissional, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a desvalorizar a necessidade de reconhecimento público no trabalho</i>
64	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a amiga S., a apresentar-me como alguém que se orgulha e fica satisfeita quanto ao trabalho produzido pessoalmente, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como muito orgulhosa e satisfeita perante o meu trabalho</i>
65	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a amiga S., a apresentar-me como impulsiva e muito focada no trabalho em contraste com S., num acto de auto e hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como impulsiva e focada no trabalho aos olhos de S.</i>
66	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a amiga S., a apresentar a posição de S. como divergente mas complementar à minha posição, num acto de hetero e auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a reconhecer uma relação de complementaridade entre as duas perspectivas</i>
67	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a amiga S., a apresentar a minha perspectiva e a perspectiva de S. como em equilíbrio uma com a outra complementando-se, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu em equilíbrio com S.</i>
68	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a amiga S., a apresentar a minha perspectiva e a perspectiva de S. como em equilíbrio uma com a outra, num acto de hetero e auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a ser complementada pela perspectiva de S.</i>
69	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a amiga S., a apresentar-me como alguém radical que não consegue atingir uma perspectiva moderada, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como tendo uma posição extremada perante a situação</i>
70	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a amiga S., a apresentá-la como alguém que consegue levar-me a moderar um pouco a minha perspectiva radical, num acto de hetero e auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a ficar mais moderada sob a influência de S.</i>
71	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e a amiga S., a apresentar as perspectivas como complementares, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu e S. numa relação de complementaridade</i>
72	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e os meus pais, a apresentá-los como defensores de uma perspectiva consciente da importância da independência económica, num acto de hetero-	<i>Eu a ser chamada à razão pelos meus pais</i>

	caracterização, identificando-me com essa imagem	
73	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e os meus pais, a apresentar-me como alguém que precisa de ter mais calma e tomar em conta as dificuldades actuais na procura de emprego e ter esperança na resolução futura dos problemas profissionais actuais, num acto de hetero e auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a ser incentivada a ser mais racional pelos meus pais</i>
74	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e os meus pais, a apresentá-los como apoiantes, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a ser apoiada pelos meus pais</i>
75	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e os meus pais, a apresentá-los a exercer pressão para ter mais calma e não me precipitar, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a ser pressionada para não me precipitar relativamente à situação profissional</i>
76	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e os meus pais, a apresentá-los a defender a perspectiva de que é comum em todos os empregos a existência de problemas laborais, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a ser pressionada para reconhecer a insatisfação como habitual</i>
77	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e os meus pais, a apresentá-los a defender a perspectiva de que é normal existirem motivos de queixa relativamente a qualquer emprego, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a ser pressionada para reconhecer a insatisfação como habitual</i>
78	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e os meus pais, a apresentá-los a chamarem-me à atenção o facto de eu gostar do que faço e de ter as melhores condições técnicas para a realização do trabalho, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a ser pressionada para reconhecer os aspectos positivos da situação profissional</i>
79	Eu como se falasse com os meus pais, perante a entrevistadora, eu própria e os meus pais, a apresentar-me a rejeitar a perspectiva deles, num acto de auto-caracterização, desidentificando-me com essa imagem de moderação	<i>Eu a rejeitar aceitar a perspectiva dos meus pais</i>
80	Eu como se falasse com os meus pais, perante os meus pais a entrevistadora, eu própria e, a apresentar-me com uma reacção impulsiva e despreocupada relativamente à possibilidade de perder o emprego, num acto de auto-caracterização, desidentificando-me com essa imagem de moderação	<i>Eu a rejeitar ser racional e moderada na situação profissional</i>
81	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e os meus pais, a apresentar-me como alguém que iria posteriormente reflectir melhor e reconhecer que a	<i>Eu a reconhecer a legitimidade da perspectiva dos</i>

	perspectiva deles é a mais correcta actualmente, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>meus pais</i>
82	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e os meus pais, a apresentar-me como alguém que necessita da independência económica proveniente do seu trabalho, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a reconhecer a satisfação proporcionada pela situação profissional de ser independente</i>
83	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e os meus pais, a apresentar-me como alguém que se sentiria desconfortável se perdesse o seu conforto económico proveniente do seu trabalho, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a não querer deixar de ser independente</i>
84	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e os meus pais, a apresentar-me como alguém que reconhece a razão e a legitimidade da perspectiva defendida pelos pais, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a reconhecer a legitimidade da perspectiva dos meus pais</i>
85	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e os meus pais, a apresentar-me como alguém demasiado orgulhosa para reconhecer perante os pais a legitimidade da perspectiva defendida por eles, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como demasiado orgulhosa para reconhecer a legitimidade da perspectiva dos pais perante eles</i>
86	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e os meus pais, a apresentar as perspectivas deles como em conflito e contraste com a minha, num acto de hetero e auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu em conflito com a perspectiva dos meus pais</i>
87	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e os meus pais, a apresentar o conflito entre perspectivas como atenuado pelo facto deles me apoiarem, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como apoiada pelos meus pais</i>
88	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e os meus pais, a apresentar-me como teimosa na dificuldade em reconhecer a razão na perspectiva deles, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como teimosa perante os meus pais</i>
89	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como muito focada na situação laboral, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como muito focada na situação profissional</i>
90	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como prejudicada pela situação laboral, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como prejudicada pela situação profissional</i>

91	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que foca muito a sua vida no trabalho e que actualmente se sente sobrecarregada por ele, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como sobrecarregada pelo trabalho</i>
92	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que ocupa o seu tempo livre a trabalhar e o faz com gosto, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a ocupar o meu tempo livre como o trabalho</i>
93	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que se sente demasiado fechada em torno do trabalho e por isso se sente mais afectada por este, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como demasiado fechada para outras dimensões da vida além do trabalho</i>
94	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que actualmente só tem encontrado prazer e satisfação no trabalho, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como algo diferente ao que anteriormente dava alegria</i>
95	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que apesar de tentar contrabalançar o mal-estar no trabalho realizando outras actividades se sente prejudicada pelo ambiente laboral, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como prejudicada pelo trabalho</i>
96	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como desconfortável relativamente à situação laboral, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como desconfortável relativamente à situação profissional</i>
97	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que está a chegar aos limites de desconforto relativamente à situação laboral acumulado ao longo do tempo, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a chegar ao limite de desconforto suportável inerente à situação profissional</i>
98	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como esperançada na possibilidade de encontrar recursos e forças futuras para lidar com a situação, numa tentativa de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como esperançada em encontrar recursos e forças no futuro</i>
99	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como actualmente muito esgotada e prejudicada devido à situação laboral, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a sentir-me muito desconfortável e prejudicada no presente</i>
100	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como algo incerta das minhas avaliações relativamente à sua estabilidade	<i>Eu como incerta da minha avaliação da situação</i>

	temporal do desconforto sentido, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>profissional</i>
101	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que reconhece ter vindo a perder as forças para lidar com a situação, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como progressivamente enfraquecida pela situação profissional</i>
102	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que tem menos forças para lidar com a situação, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a sentir-me enfraquecida no presente devido à situação profissional</i>
103	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me com esperança relativamente a recuperar num futuro próximo mais forças para lidar com a situação laboral, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como esperançada em encontrar recursos e forças no futuro</i>
104	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que vai encontrar mais forças logo que sentir novamente maior satisfação no trabalho realizado, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a encontrar forças na satisfação habitualmente proveniente do trabalho</i>
105	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que vai encontrar num futuro próximo mais forças no seu trabalho e não se focar tanto nos aspectos negativos, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a encontrar forças na satisfação habitualmente proveniente do trabalho</i>
106	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que brevemente se vai focar mais no prazer retirado do trabalho e não nos seus aspectos negativos, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como esperançada numa mudança positiva</i>
107	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o futuro daqui a 4 anos, a apresentar-me como alguém que questiona se se fez justiça entretanto relativamente aos problemas com o ambiente de trabalho, numa tentativa de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a questionar se se fará justiça no futuro</i>
108	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o futuro daqui a 4 anos, a apresentar-me como alguém que se preocupa com a justiça não só relativamente à sua situação, numa tentativa de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a questionar se se fará justiça no futuro relativamente a si</i>
109	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o futuro daqui a 4 anos, a apresentar-me como alguém que também se preocupa com a justiça relativamente aos colegas de trabalho, numa tentativa de projecção no futuro, identificando-me com essa	<i>Eu a questionar se se fará justiça no futuro relativamente aos outros</i>

imagem		
110	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que justifica o questionamento relativo à justiça comigo e com os outros devido à minha preocupação com os que me rodeiam, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como preocupada com os outros</i>
111	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o futuro daqui a 4 anos, a apresentar-me como alguém que questiona se se fez a justiça desejada com um valorizar do trabalho realizado, numa tentativa de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a questionar se se vai valorizar o trabalho desenvolvido no futuro</i>
112	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o futuro daqui a 4 anos, a apresentar-me como alguém que deseja que a mudança no futuro esteja associada a um reconhecimento do trabalho dos funcionários, numa tentativa de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a desejar um reconhecimento do trabalho realizado no futuro</i>
113	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que entende não existir crítica relativamente ao trabalho desenvolvido no contexto profissional, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a constatar a ausência de crítica na situação profissional presente</i>
114	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o futuro daqui a 4 anos, a apresentar-me como alguém que gostaria e deseja que o futuro traga uma apreciação crítica positiva ou negativa acerca do trabalho que é desenvolvido no contexto profissional, num acto de auto-caracterização e numa tentativa de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a desejar a crítica relativamente ao trabalho desenvolvido</i>
115	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que está incerta da qualidade do trabalho desenvolvido por si, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a duvidar da qualidade do trabalho produzido por mim</i>
116	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que está incerta da qualidade do seu trabalho e que gostaria de receber um feedback acerca dele, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a desejar a crítica relativamente ao trabalho desenvolvido</i>
117	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o futuro daqui a 4 anos, a apresentar-me como alguém que vai lutar por ter esse feedback acerca do seu trabalho, numa tentativa de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a lutar por conseguir uma avaliação do trabalho no futuro</i>
118	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o futuro daqui a 4 anos, a apresentar-me como alguém que vai não vai perder as forças para diariamente continuar a procurar ter um feedback acerca do seu	<i>Eu a desejar uma avaliação do meu trabalho no futuro</i>

	trabalho, numa tentativa de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	
119	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o futuro daqui a 4 anos, a apresentar-me como alguém que vai procurar activamente situações de feedback acerca do seu trabalho, numa tentativa de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a procurar activamente uma avaliação do meu trabalho no futuro</i>
120	Eu, perante a entrevistadora, eu própria e o futuro daqui a 4 anos, a apresentar-me como alguém que deseja e valoriza qualquer tipo de apreciação mesmo que seja negativa acerca do seu trabalho, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a desejar uma avaliação do meu trabalho</i>
121	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que se preocupa acima de tudo com o ambiente de trabalho e não com o trabalho em si, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como preocupada com o ambiente de trabalho e não com o trabalho em si</i>
122	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que sofre com o seu ambiente de trabalho, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a sofrer com o ambiente de trabalho</i>
123	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que valoriza bastante os problemas sentidos a nível do ambiente profissional e que necessita de resolver urgentemente esta situação, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a precisar de resolver os problemas relacionados com a situação profissional</i>
124	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que sente um grande nível de desconforto provocado pelo ambiente profissional e que chega ao extremo de chorar no local de trabalho, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como muito afectada psicologicamente pela situação profissional</i>
125	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que apesar de tudo ainda não chegou ao seu limite de desconforto sentido, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a sentir o nível de desconforto ainda como suportável</i>
126	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que está algo incerta da sua avaliação da situação em termos de importância e desconforto associado por se ver como muito inconstante, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como incerta da minha avaliação da situação profissional</i>
127	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar a alternativa de se referir ao problema como alguém que adora aquilo que faz, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como apaixonada pelo trabalho</i>

128	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que duvida da sua auto-confiança no seu trabalho, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a duvidar da qualidade do meu trabalho</i>
129	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que adora o seu trabalho e deseja a crítica para poder evoluir, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como apaixonada pelo meu trabalho</i>
130	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que duvida da qualidade do seu trabalho por não ter ninguém a avaliá-lo, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a duvidar da minha confiança na qualidade do meu trabalho</i>
131	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a rejeitar a percepção da entrevistadora dela sentir desconfiança no trabalho, num acto de auto-caracterização, desidentificando-me com uma imagem de desconfiança	<i>Eu a rejeitar uma desconfiança no meu trabalho</i>
132	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a rejeitar que seja uma pessoa desconfiada da qualidade do seu trabalho, num acto de auto-caracterização, desidentificando-me com uma imagem de desconfiança	<i>Eu a rejeitar uma desconfiança no meu trabalho</i>
133	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que não confia completamente na qualidade do seu trabalho por não ter uma formação específica ele e o seu desempenho ser intuitivo, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a agir por intuição na realização do meu trabalho</i>
134	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que ocasionalmente sofre com a ausência de feedback e duvida do seu desempenho por ser jovem e ter pouca experiência naquele trabalho, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a duvidar do meu trabalho devido à minha inexperiência</i>
135	Eu, perante a entrevistadora, perante eu própria e perante um futuro positivo, a apresentar-me como alguém que adquiriu experiência e se sente mais confiante no seu desempenho, num acto de projecção no futuro (ou numa tentativa), identificando-me com essa imagem	<i>Eu como mais experiente, confiante e estável no futuro</i>
136	Eu, perante a entrevistadora, perante eu própria e perante um futuro positivo, a apresentar-me como alguém que confirmou que afinal gosta muito daquilo que faz, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como positivamente envolvida com o trabalho no futuro</i>
137	Eu como se fosse um eu num futuro positivo, a falar para mim e perante a entrevistadora, a apresentar-me como alguém que desenvolveu os	<i>Eu com mais potencialidades e possibilidades no</i>

	seus interesses profissionais ao longo do tempo, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>futuro</i>
138	Eu como se fosse um eu num futuro positivo, a falar para mim e perante a entrevistadora, a apresentar-me como alguém que ficou mais experiente e mais madura para lidar com situações difíceis ao aprender com esse processo, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a passar por um processo de crescimento necessário</i>
139	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que reconhece que estas dificuldades no presente também são oportunidades de crescimento pessoal, num acto de hetero e auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como mais madura no futuro devido às dificuldades ultrapassadas</i>
140	Eu, perante a entrevistadora, perante eu própria daqui a 4 anos, a apresentar-me como alguém que, não esquecendo as dificuldades sentidas, retirou a carga dramática dos acontecimentos vividos, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como mais tranquila no futuro a olhar positivamente para as dificuldades passadas</i>
141	Eu, perante a entrevistadora, perante eu própria e perante um futuro positivo daqui a 4 anos, a apresentar-me como alguém que conseguiu entender as razões das dificuldades a nível do ambiente profissional, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu no futuro a entender melhor a situação profissional actual</i>
142	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-se como alguém que necessita bastante de conceber que as situações não acontecem por acaso e que, neste caso, a finalidade está relacionada com o desenvolvimento de maior maturidade e moderação, num acto de auto-caracterização e numa tentativa de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como mais madura e moderada no futuro</i>
143	Eu, perante a entrevistadora, perante eu própria e perante um futuro positivo daqui a 4 anos, a apresentar-me como alguém que aprendeu com a situação e se sente satisfeita, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como mais madura e satisfeita no futuro</i>
144	Eu, perante a entrevistadora, perante eu própria e perante um futuro positivo daqui a 4 anos, a apresentar-me como alguém que considera não ter sido negativo passar por tais dificuldades pois foi uma oportunidade de crescimento pessoal e desenvolvimento de maior moderação, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu no futuro a conceber as dificuldades profissionais presentes como oportunidades de crescimento pessoal</i>
145	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a	<i>Eu a reconhecer a</i>

	apresentar-me como alguém que reconhece que a impulsividade pode ser uma característica prejudicial e facilitar dificuldades laborais, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>impulsividade como prejudicial para o ambiente de trabalho</i>
146	Eu, perante a entrevistadora, perante eu própria e perante um futuro positivo daqui a 4 anos, a apresentar-me como alguém que tirou proveito e já não sente mal-estar profissional, numa tentativa de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como mais capaz de lidar com a situação laboral no futuro</i>
147	Eu, perante a entrevistadora, perante eu própria e perante um futuro positivo daqui a 4 anos, a apresentar-me como alguém que considera ter valido a pena ultrapassar essas dificuldades profissionais, numa tentativa de projecção no futuro	<i>Eu a reconhecer a importância de ultrapassar positivamente as dificuldades presentes</i>
148	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que atribui uma importância considerável à problemática da situação profissional vivida, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como muito focada na problemática pessoal</i>
149	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que considera bastante importante a problemática da situação profissional vivida, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como muito focada na problemática pessoal</i>
150	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que considera que se o grau de desconforto sentido chegar a um extremo prefere tentar outras soluções para lidar com a situação sendo o despedimento a última hipótese, numa tentativa de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a ponderar soluções alternativas caso não consiga lidar com as dificuldades actuais</i>
151	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que nunca manteria a situação profissional se sentisse que esta a estava a provocar um mal-estar insuportável, numa tentativa de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a rejeitar chegar a um nível extremo de mal-estar</i>
152	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que atribui um grau de desconforto elevado à problemática do ambiente profissional, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como bastante desconfortável relativamente à problemática profissional</i>
153	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que se sente certa da sua avaliação relativamente à situação profissional referida, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como bastante certa da minha avaliação da situação profissional</i>

Análise microgenética das elocuições
Entrevista 3, Participante C

154	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que inicialmente considerava tanto o trabalho como o ambiente laboral como partes da problemática profissional vivida, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a excluir o trabalho como parte da problemática</i>
155	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que no momento presente reduz a problemática ao ambiente profissional e não ao trabalho em si, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a reduzir a problemática profissional ao ambiente de trabalho vivido</i>
156	Eu, perante a entrevistadora e perante eu própria, a apresentar-me como alguém que sente o seu trabalho como fonte de grande satisfação quando consegue dissociá-lo do ambiente profissional vivido, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a excluir o trabalho como parte da problemática</i>

Análise do caso 4: Participante D, 32 anos, sexo masculino		
Elocução	Análise microgenética <i>(Quem, Para quem, O quê, Como, Para Quê)</i>	Posicionamento do Self que surge
1	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que sente que a sua vida está dominada pela incerteza, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como dominado pela incerteza</i>
2	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar uma tentativa de desdramatizar o significado da palavra dominado utilizada anteriormente, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a tentar desdramatizar a noção de “domínio”</i>
3	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que se sente preocupado actualmente, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como preocupado</i>
4	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que se sente preocupado com o futuro, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como preocupado com o futuro</i>
5	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que se sente dominado pela incerteza do futuro e está preocupado com isso, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como preocupado e dominado pela incerteza do futuro</i>
6	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que se sente moderadamente focado nesta problemática relacionada com a incerteza do futuro, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como moderadamente focado na incerteza relativamente ao futuro</i>
7	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que se sente equilibrado relativamente à sua preocupação com a incerteza do futuro, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como equilibrado na minha preocupação quanto à incerteza do futuro</i>
8	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar como dramática e caótica a atribuição de uma importância elevada à incerteza relativamente ao futuro, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu a rejeitar uma imagem (minha) de excessiva preocupação</i>
9	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como algo preocupado com a incerteza do futuro, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como algo preocupação com a incerteza do futuro</i>
10	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que tem esperança por acreditar em si e no futuro, num acto de auto-	<i>Eu a acreditar no futuro e em mim</i>

	caracterização, identificando-me com essa imagem	
11	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que está equilibrado na sensação de desconforto sentida e provocada pela situação discutida, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como equilibrado na minha preocupação</i>
12	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que está equilibrado no desconforto contrastando-o com uma excessiva preocupação e uma indiferença, num acto de auto e hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem de equilíbrio e desidentificando-me com uma imagem de excessiva preocupação ou indiferença	<i>Eu como moderadamente preocupado com a incerteza do futuro</i>
13	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar a ausência de desconforto relativamente à situação como indiferença, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a rejeitar uma imagem (minha) de excessiva indiferença</i>
14	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar a ausência de desconforto como satisfação no presente e como indiferença e despreocupação relativamente ao futuro, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu a rejeitar uma imagem (minha) de satisfação e indiferença</i>
15	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que sente alguma incerteza relativamente ao futuro profissional, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como preocupado com a incerteza do futuro profissional</i>
16	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar uma excessiva preocupação com a situação como associada à necessidade de ter ajuda médica, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu a rejeitar uma imagem (minha) de excessiva preocupação quanto ao futuro profissional</i>
17	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que está equilibrado no seu grau de incerteza relativamente ao futuro, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como equilibrado na preocupação e na incerteza</i>
18	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar a possibilidade de um observador externo avaliar a sua situação de uma forma diferente, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu a rejeitar uma avaliação de um outro que seja diferente da minha</i>
19	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que se sente equilibrado relativamente à sua incerteza na avaliação da situação discutida, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como equilibrado na minha incerteza</i>

20	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio e perante a minha mãe, a apresentá-la como mais preocupada do que eu, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem de excessiva preocupação	<i>Eu como pouco preocupado segundo a minha mãe</i>
21	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio e perante a minha mãe, a apresentá-la como alguém que o considera demasiado despreocupado relativamente ao seu futuro profissional, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu como despreocupado segundo a minha mãe</i>
22	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio e perante a minha mãe, a apresentar-me a discordar da perspectiva da mãe na medida em que ele está preocupado com o seu futuro profissional, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a rejeitar a perspectiva da minha mãe</i>
23	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio e perante a minha mãe, a apresentar-me como alguém que não necessita de se apresentar aos outros como demasiado preocupado relativamente ao seu futuro, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a rejeitar a necessidade de me apresentar como muito preocupado</i>
24	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio e perante a minha mãe, a questionar se a minha perspectiva e a perspectiva da minha mãe estariam numa relação de apoio uma com a outra, num acto de auto e hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a perceber algum apoio por parte da minha mãe</i>
25	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio e perante a minha mãe, a apresentar-me como incapaz de criar sentido acerca do tipo de relação entre a minha perspectiva e a perspectiva da minha mãe, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu sem saber como entender a relação entre a perspectiva da minha mãe e a minha</i>
26	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio e perante o amigo R., a apresentá-lo como alguém que não se preocuparia muito com a situação de incerteza profissional relativamente ao futuro, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a apresentar o R. como moderadamente preocupado face à situação da incerteza</i>
27	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio e perante o amigo R., a apresentá-lo como um amigo que me apoia e se preocupa comigo, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a apresentar o R. como um amigo próximo que se preocupa comigo</i>
28	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio e perante o amigo R., a apresentá-lo como alguém que não interfere relativamente à minha perspectiva quanto ao futuro profissional, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a apresentar o R. como alguém que não interfere</i>

29	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio e perante o amigo R., a apresentá-lo como alguém que considera que eu estou no caminho certo relativamente à forma como estou a lidar com a incerteza relativamente ao futuro profissional, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a ser apoiado e incentivado pelo R.</i>
30	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio e perante o amigo R., a apresentar-me como alguém que está de acordo com a perspectiva de R., num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a concordar com o R. quanto à preocupação moderada</i>
31	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio e perante o amigo R., a apresentar como uma relação de apoio a relação entre as duas perspectivas, num acto de hetero e auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a ser apoiado pelo R.</i>
32	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio e perante a namorada A., a apresentá-la como alguém que considera a situação de incerteza relativamente ao futuro profissional como uma situação complicada, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a apresentar a A. como preocupada com a situação</i>
33	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio e perante a namorada A., a apresentá-la como alguém que espera uma solução rápida para a situação de incerteza relativamente ao futuro profissional, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a ser incentivado pela A. para encontrar uma solução rápida relativamente ao futuro profissional</i>
34	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio e perante a namorada A., a apresentar-me como alguém que considera que não se deve precipitar na decisão e que deve lidar de forma calma e inteligente com a situação do seu futuro profissional, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a rejeitar a perspectiva de A. por ser uma decisão precipitada</i>
35	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio e perante a namorada A., a apresentar como uma relação de apoio a relação entre a sua perspectiva e a perspectiva de A., num acto de auto e hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a ser apoiado por A.</i>
36	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio e perante a irmã B., a apresentá-la como alguém que tenta indicar soluções para resolver a situação de incerteza relativamente ao futuro profissional, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a ser incentivado pela B. para encontrar soluções relativamente ao futuro profissional</i>
37	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio e perante a irmã B., a apresentá-la como alguém que se	<i>Eu como alvo da preocupação de B.</i>

	preocupa com a situação de incerteza relativamente ao futuro profissional, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	
38	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio e perante a irmã B., a apresentá-la como alguém que tenta indicar soluções para a resolução da situação profissional, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a ser confrontado com as soluções de B.</i>
39	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio e perante a irmã B., a apresentá-la como alguém que tenta entregar ou impingir algumas soluções, num acto de auto-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu a apresentar B como alguém que entrega soluções</i>
40	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio e perante a irmã B., a apresentar-me como alguém que ainda não optou por nenhuma das soluções sugeridas por B. por não as considerar hipóteses válidas de resolução da situação profissional, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a rejeitar as soluções de B.</i>
41	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio e perante a irmã B., a apresentar a relação entre a perspectiva da irmã B. e a perspectiva relacionada com a posição inicial como uma relação de incentivo e apoio, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a ser apoiado e incentivado por B.</i>
42	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que valoriza e atribui muita importância à situação da incerteza quanto ao futuro profissional, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como muito focado na incerteza quanto ao futuro profissional</i>
43	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que considera a situação da incerteza quanto ao futuro profissional como algo muito importante actualmente, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como muito focado actualmente na incerteza quanto ao futuro profissional</i>
44	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que considera que a situação de incerteza quanto ao futuro profissional traz implicações significativas relativamente à sua globalidade da sua vida futura, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a valorizar o impacto da problemática da incerteza profissional no rumo da minha vida futura</i>
45	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que sente um grau equilibrado de desconforto ou mal-estar relacionado com a situação de incerteza profissional, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como equilibrado no desconforto sentido relativamente à incerteza profissional</i>

46	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que sente um grau equilibrado de desconforto ou mal-estar relacionado com a situação de incerteza profissional tal como anteriormente havia mencionado, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como equilibrado no desconforto sentido relativamente à incerteza profissional</i>
47	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar a existência de alguma ambivalência normal relativamente à avaliação da situação em termos do grau de importância e desconforto sentido, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como normalmente ambivalente relativamente à avaliação da situação</i>
48	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que se sente seguro relativamente à sua avaliação, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como seguro da minha avaliação</i>
49	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que admite a possibilidade da existência de alguma incerteza relativamente à sua avaliação atribuída ao grau de importância e desconforto, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a admitir a possibilidade de não avaliar fielmente a situação</i>
50	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar como normal a existência de mudança da nossa opinião de um momento temporal para o momento seguinte, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a admitir a mudança da minha perspectiva no futuro como algo normal</i>
51	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que se sente completamente seguro relativamente à sua avaliação no momento presente, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como seguro da minha avaliação no presente</i>
52	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me a imaginar que daqui a 2 ou 3 minutos poderia ter uma avaliação diferente, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a admitir a mudança da minha perspectiva no futuro</i>
53	Eu como se fosse Eu com uma perspectiva diferente, perante a entrevistadora e perante eu próprio no presente, a questionar-me se disse ou pensei aquilo no momento anterior, num acto de projecção num futuro próximo, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a admitir a mudança da minha perspectiva no futuro</i>
54	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio no presente e perante eu próprio num futuro daqui a 5 anos, a apresentar-me como alguém que já não estará preocupado relativamente ao seu futuro profissional, numa tentativa de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como despreocupado no futuro relativamente à incerteza profissional</i>

55	Eu como se dialogasse com o futuro, perante a entrevistadora, eu próprio no presente e perante eu próprio num futuro daqui a 5 anos, a apresentar-me como alguém que perguntaria para quê tanta preocupação no passado, numa tentativa de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a desvalorizar a necessidade de me preocupar no presente com o meu futuro profissional</i>
56	Eu como se estivesse num futuro daqui a 5 anos, perante eu próprio no presente e perante a entrevistadora, a apresentar a situação profissional afinal como resolvida de forma positiva, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como tranquilo relativamente à situação profissional no futuro</i>
57	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio no presente e perante eu próprio num futuro daqui a 5 anos, a apresentar-me como alguém que imagina que no futuro não terá uma opinião muito diferente da opinião que tem no presente, numa tentativa de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a imaginar-me no futuro como idêntico ao presente</i>
58	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio no presente e perante eu próprio num futuro daqui a 5 anos, a apresentar-me como alguém que imagina que as perguntas no futuro permanecerão as mesmas, numa tentativa de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a imaginar-me no futuro com as mesmas interrogações que tenho no presente</i>
59	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio no presente e perante eu próprio num futuro daqui a 5 anos, a apresentar-me como alguém que tem esperança e acredita no futuro tal como acredita no presente, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como confiante no futuro tal como estou confiante no presente</i>
60	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio no presente e perante eu próprio num futuro daqui a 5 anos, a apresentar-me como alguém que considera que acreditando em si e no futuro não precisa de se preocupar demasiado com a sua vida, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como confiante sem recear a incerteza do futuro profissional</i>
61	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio no presente e perante eu próprio num futuro daqui a 5 anos, a apresentar-me como alguém que daqui a 5 anos vai questionar-se acerca da necessidade de reflectir sobre esta situação presente nesta entrevista, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a desvalorizar a minha preocupação presente com o futuro profissional</i>
62	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio no presente e perante eu próprio num futuro daqui a 5 anos, a apresentar-me como alguém que questiona a utilidade de se preocupar com a sua situação	<i>Eu a desvalorizar a minha preocupação presente com o futuro profissional</i>

	profissional presente se tudo se resolveu entretanto, numa tentativa de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	
63	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio no presente e perante eu próprio num futuro daqui a 5 anos, a apresentar-me como alguém que considera que caso não se tivesse preocupado no presente não teria 5 anos de evolução positiva a nível profissional, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a reconhecer a necessidade de me preocupar para garantir uma evolução positiva</i>
64	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio no presente e perante eu próprio num futuro daqui a 5 anos, a apresentar-me como alguém que colocou ao futuro uma pergunta à qual já sabe a resposta, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como conhecedor no presente das respostas que coloco ao futuro</i>
65	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio no presente e perante eu próprio num futuro daqui a 5 anos, a apresentar-me como alguém que colocou ao futuro uma pergunta de retórica, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como conhecedor das respostas às minhas perguntas</i>
66	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que poderia apresentar a sua vida como um pouco dominada pela incerteza, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a apresentar a minha vida como um pouco dominada pela incerteza</i>
67	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a reformular a sua apresentação como alguém que sente a sua vida como dominada pela incerteza, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a apresentar a minha vida como dominada pela incerteza</i>
68	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que apesar de sentir a sua vida como dominada pela incerteza considera normal e comum esta experiência, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a normalizar a problemática da incerteza</i>
69	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que apesar dessa incerteza se sente menos preocupado com o futuro, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como menos preocupado relativamente ao futuro profissional</i>
70	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que apesar dessa incerteza se sente menos preocupado com o futuro, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como menos preocupado relativamente ao futuro profissional</i>
71	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a confirmar que me sinto menos preocupado com o futuro, num acto de auto-caracterização,	<i>Eu como menos preocupado relativamente ao</i>

	identificando-me com essa imagem	<i>futuro profissional</i>
72	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que vê esta incerteza relativamente ao futuro como uma experiência normal e comum a toda a gente, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a normalizar a problemática da incerteza</i>
73	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que atribui uma grande importância à problemática da incerteza no momento presente, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como muito focado na minha incerteza quanto ao futuro profissional</i>
74	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que se sente equilibrado relativamente ao grau de desconforto sentido relativamente à problemática da incerteza quanto ao futuro, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como equilibrado no desconforto sentido relativamente à incerteza profissional</i>
75	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que se sente equilibrado relativamente ao grau de desconforto sentido relativamente à problemática da incerteza quanto ao futuro, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como equilibrado no desconforto sentido relativamente à incerteza profissional</i>
76	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como muito certo relativamente à minha avaliação da situação no momento presente e a apresentar a possibilidade de mudar de perspectiva no momento temporal seguinte, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como certo da minha avaliação da situação mas aberto à possibilidade de mudança de perspectiva no futuro</i>
77	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar a alternativa de considerar que a vida é a coisa mais certa do mundo não suscitando nenhuma preocupação, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu a rejeitar uma imagem de despreocupado relativamente ao meu futuro profissional</i>
78	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar a alternativa de considerar a sua vida como a coisa mais exacta no mundo, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu a rejeitar uma imagem de exactidão para a minha vida</i>
79	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar a alternativa de considerar a sua vida presente um caos, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu a rejeitar uma imagem de caos na minha vida</i>
80	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar a alternativa de não saber o que fazer perante tal caos e considerar o futuro como um	<i>Eu a rejeitar uma imagem de estar perdido e aflito</i>

	ponto negro obscuro, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>perante o futuro</i>
81	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar a alternativa da vida como caos como o reverso da alternativa da vida como exacta, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu a contrastar as alternativas</i>
82	Eu como se estivesse num futuro positivo, perante a entrevistadora e perante eu próprio numa posição alternativa no presente, a apresentar a impossibilidade de ter uma evolução positiva se partisse de uma posição de exactidão no presente, numa tentativa de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a desvalorizar a possibilidade de evolução positiva partindo de uma posição de exactidão no presente</i>
83	Eu, perante a entrevistadora, eu próprio e o futuro positivo, a apresentar a alternativa de exactidão no presente como uma monotonia, numa tentativa de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a considerar a exactidão como monotonia</i>
84 ?	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que ironiza a situação ao dizer que confrontado com a constante monotonia na sua vida tentaria mudar algo ou chegava ao desespero do suicídio, numa tentativa de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a considerar a exactidão como desesperante</i>
85	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a questionar essa possibilidade e a apresentar-me como alguém que não conseguiria lidar e viver uma vida constantemente monótona, numa tentativa de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a rejeitar viver com tal exactidão</i>
86	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar um paralelismo entre a alternativa da vida como exactidão e um filme de Hitchcock, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu a apresentar um paralelismo com a vida como exactidão</i>
87	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar um paralelismo entre a alternativa da vida como exactidão com a possibilidade de se sentir na perfeição do paraíso, num acto de hetero-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a contrastar a exactidão com uma perfeição inicial</i>
88	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar a alternativa da vida como exactidão como uma fonte de satisfação esperada, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu a contrastar a exactidão com uma satisfação inicial</i>
89	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar a alternativa da vida como exactidão	<i>Eu a corresponder a exactidão com o</i>

	como fonte de satisfação somente nos primeiros tempos e como uma situação desesperante e insuportável ao fim de algum tempo, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>desespero</i>
90	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar um paralelismo entre o inferno e a alternativa da vida como exactidão, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu a corresponder a exactidão com o inferno</i>
91	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que sentiria que estava a viver um inferno caso a sua vida fosse sentida como exactidão, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a viver um inferno caso a minha vida fosse exacta e previsível</i>
92	Eu como se estivesse num futuro positivo, perante a entrevistadora e perante eu próprio numa alternativa de caos no presente, a apresentar-me como a pessoa mais feliz do mundo caso passasse de um estado de caos para um estado positivo no futuro, num acto de hetero-caracterização, desidentificando-me com essa imagem	<i>Eu como felicíssimo pela possibilidade de evolução positiva partindo do caos no presente</i>
93	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio num futuro positivo, a apresentar-me como alguém continuaria a ver a sua vida como dominada pela incerteza caso evoluísse do caos no presente, numa tentativa de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a imaginar-me como dominado pela incerteza caso evoluísse do caos no presente</i>
94	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio num futuro positivo, a apresentar-me como alguém que apesar de continuar a ver a sua vida como dominada já não se encontra preocupado com o futuro, numa tentativa de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como despreocupado com o futuro</i>
95	Eu como se falasse para mim próprio, perante a entrevistadora e perante eu próprio num futuro positivo, a apresentar-me como alguém que em vez de se preocupar encara o dia a dia como um desafio, num acto de projecção no futuro, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a encarar a incerteza no futuro como desafio</i>
96	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que atribui uma especial importância à problemática da incerteza no momento presente, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como muito focado na problemática da incerteza</i>
97	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que atribui uma grande importância à problemática da incerteza por tudo o que foi discutido anteriormente, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como muito focado na problemática da incerteza</i>

98	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que precisa de alguma dose de incerteza na sua vida para poder ser feliz ao fazer uma evolução positiva no futuro, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a valorizar a incerteza como uma necessidade para se ser feliz</i>
99	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que atribui o máximo de importância à problemática da incerteza do futuro no momento presente, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a valorizar a problemática da incerteza</i>
100	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que não se sente muito desconfortável perante a problemática da incerteza relativamente ao futuro, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como moderadamente desconfortável perante a incerteza do futuro</i>
101	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que não se sente muito desconfortável particularmente se contrastar o seu estado presente com alternativas negativas, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como confortável com a incerteza no contraste com o negativo</i>
102	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que não se sente num estado ideal ao contrastar o estado presente com um outro estado ideal, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como mais desconfortável com a incerteza no contraste com uma situação positiva e ideal</i>
103	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que não considerava importante a problemática da incerteza profissional quanto ao futuro caso estivesse num estado em que não tivesse que se preocupar com as implicações dessa situação, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como mais desconfortável com a incerteza no contraste com uma situação positiva</i>
104	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que se sente equilibrado relativamente ao desconforto sentido no presente relativamente à problemática da incerteza quanto ao futuro profissional, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como equilibrado no desconforto sentido relativamente à incerteza profissional</i>
105	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que se sente seguro no momento presente quanto à sua avaliação da situação mas que coloca a possibilidade de pensar de forma diferente no momento temporal seguinte, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu como certo da minha avaliação da situação mas aberto à possibilidade de mudança de perspectiva no futuro</i>
106	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a	<i>Eu a valorizar o</i>

Análise microgenética das elocuições
Entrevista 4, Participante D

	apresentar-me como alguém que considerou importante todos os passos da entrevista, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>significado da entrevista</i>
107	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que valoriza principalmente os diálogos com o futuro, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a valorizar o diálogo com o futuro</i>
108	Eu, perante a entrevistadora e perante eu próprio, a apresentar-me como alguém que valoriza particularmente o retrocesso do futuro para o presente como forma de ilustrar algo no presente que não havia sido notado anteriormente, num acto de auto-caracterização, identificando-me com essa imagem	<i>Eu a mudar a visão de mim depois do confronto com o futuro</i>
